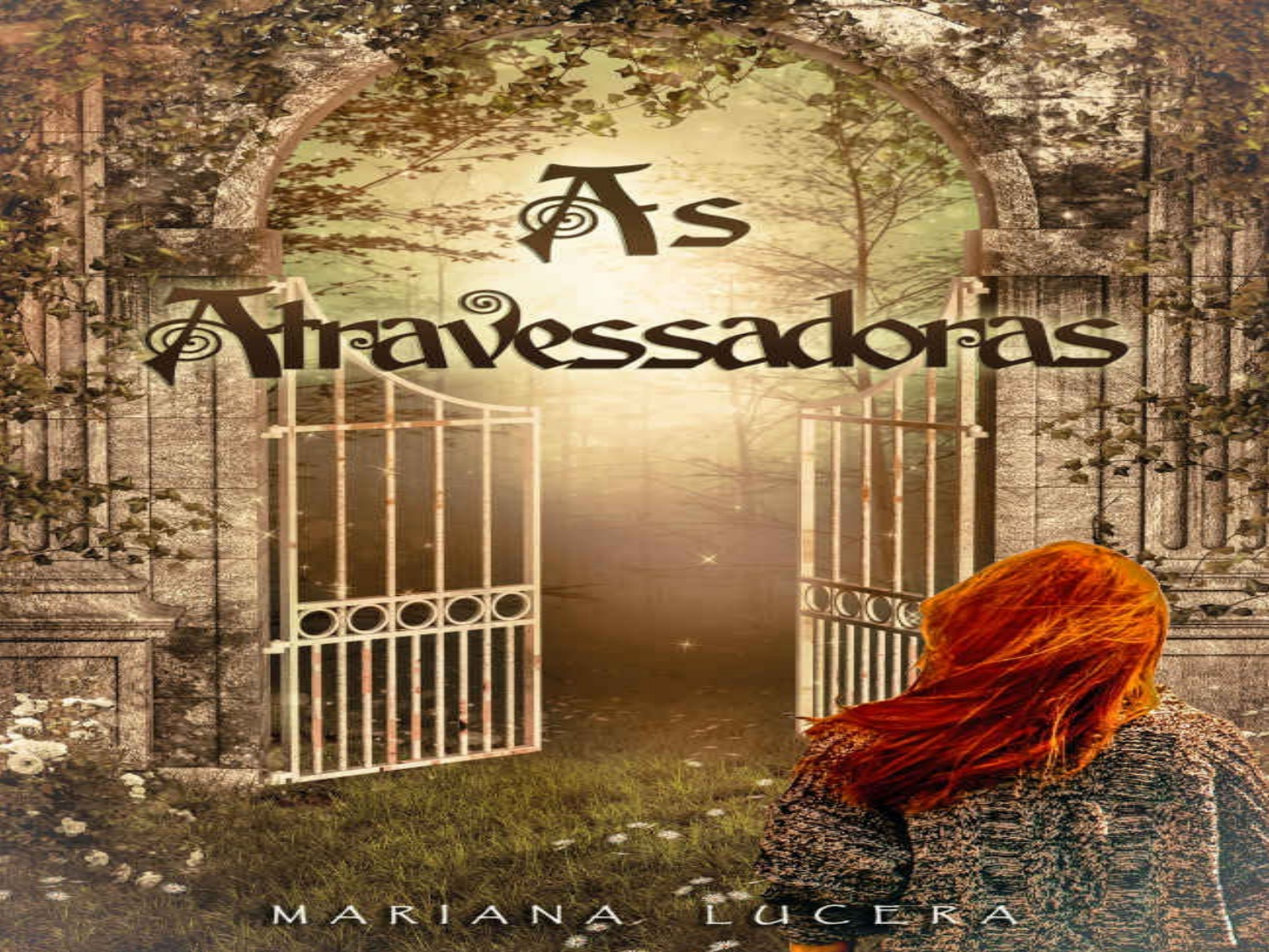


A woman with long, vibrant red hair is seen from behind, looking through a stone archway. The archway is made of rough-hewn stone and is flanked by ivy-covered walls. The ground is covered in green grass and small white flowers. The background is a misty, sunlit forest with tall trees and a warm, golden glow. The title 'As Atravessadoras' is written in a stylized, gothic font across the center of the image.

As Atravessadoras

MARIANA LUCERA



As
Atravessadoras

Mariana Lucera

2016

Direitos Autorais do texto original Mariana Lucera, 2016

Capa
Maju Raz

Revisão
Francine Estevão

**Para minha irmã, Gabriela, que divide um quarto
assombrado comigo durante todos esses anos.**

Índice

[Capítulo um](#)

[Herança de família](#)

[Capítulo dois](#)

[Visitas inesperadas](#)

[Capítulo três](#)

[Chá e conversa durante a tempestade](#)

[Capítulo quatro](#)

[As pinturas de Margareth](#)

[Capítulo cinco](#)

[Esperando madrugada adentro](#)

[Capítulo seis](#)

[O que Margareth deixou](#)

[Capítulo sete](#)

[Atravessadoras](#)

[Capítulo oito](#)

[Casa à venda](#)

[Capítulo nove](#)

[Abara](#)

[Capítulo dez](#)

[Noa](#)

[Capítulo onze](#)

[Tour de Permanência](#)

[Capítulo doze](#)

[Ciúmes](#)

[Capítulo treze](#)

[Brincando de detetive](#)

[Capítulo quatorze](#)

[Cecília Coolk](#)

[Capítulo quinze](#)

[Acontecimento sombrio](#)

[Capítulo dezesseis](#)

[Assombrada em público](#)

[Capítulo dezessete](#)

[Eu vejo gente morta](#)

[Capítulo dezoito:](#)

[Os diários de Margareth](#)

[Capítulo dezenove](#)

[Contra as regras](#)

[Capítulo vinte](#)

[Invocando os mortos](#)

[Capítulo vinte e um](#)

[Uma amarga verdade](#)

[Capítulo vinte e dois](#)

[Marcado para morrer](#)

[Capítulo vinte e três](#)

[Madrugada dos Mortos](#)

[Capítulo vinte e quatro](#)

[Promoção](#)

[Capítulo vinte e cinco](#)

[Um novo destino](#)

[Capítulo vinte e seis](#)

[Acerto de contas](#)

[Capítulo vinte e sete](#)

[Em casa](#)

[Capítulo vinte e oito](#)

[Tarefa difícil](#)

[Capítulo vinte e nove](#)

[Como eu cheguei aqui](#)

[Nota da Autora](#)

Capítulo um

Herança de família

Olivia espiou pelo buraco da fechadura do quarto que ficava em frente ao seu. Sua pupila esquerda, metade azul e metade dourada – culpa de uma anomalia genética chamada heterocromia, que afetava também sua irmã e sua mãe – contraiu-se ao máximo, mas ela só conseguiu ver escuridão e não entendia como isso era possível quando ela já tinha descoberto que as janelas do cômodo estavam abertas e estava claro lá fora.

Com o olho esquerdo grudado no pequeno espaço, ela se esforçou para enxergar o que quer que fosse. Algum contorno dos móveis já seria o bastante para aquietá-la, mas aquela escuridão e o mistério do que seria aquele quarto a deixavam maluca.

Ela se deitou no chão e tentou olhar pela fresta da porta. Havia quase um dedo de espaço e certamente era suficiente para que ela conseguisse enxergar qualquer coisa, no entanto, deparou-se novamente com aquela escuridão maciça e impenetrável, assim como aquela porta trancada pelo lado de dentro e sem que nenhuma das quinze chaves diferentes do chaveiro dos pais fosse capaz de abri-la.

Os longos cabelos ruivos, que chegavam a parecer laranja, de Olivia se espalharam em volta de seu rosto no chão. Ao colar o rosto ao piso de madeira, ela percebeu que uma brisa soprava seus fios desordenadamente.

Irritada, a garota se afastou da porta. Vinha tentando um meio de entrar no quarto fazia

dois dias, desde que ela, os pais e a irmã mais nova tinham se mudado para a velha casa, em Lakewood, no Colorado.

O imóvel de dois andares tinha sido herdado pela família Holly depois que a avó materna de Olivia tinha morrido. Todos os pertences de Margareth ainda estavam na casa, assim como o cachorro dela, um husky siberiano chamado Morgan de quatro anos, que não desgrudava de Olivia.

A menina desceu as escadas, atravessou a sala de estar, a de leitura, um amplo saguão onde havia um piano em um dos cantos, a sala de jantar e só depois a cozinha, onde a mãe estava.

— Você chamou o chaveiro? — perguntou à mãe, largando-se na cadeira e pegando um dos biscoitos que ela tinha acabado de tirar do forno. Morgan logo veio encostar o focinho na mão dela pedindo um pedaço.

— Chamei, mas ele só poderá vir no final da semana — respondeu Heloisa, enquanto misturava maionese à salada para o almoço.

Desde que tinham se mudado, a mãe tinha passado a maior parte do tempo naquela cozinha. Ela dizia que muita coisa precisava ser colocada no lugar, que precisava organizar os utensílios, acomodar o que já existia na cozinha de Margareth com seus eletrodomésticos novinhos e modernos que trouxera. Heloisa era dona de uma confeitaria em Aurora, por isso, ao receber a notícia de que tinha herdado a casa da mãe, quando ela sempre achou que o imóvel ficaria para o irmão mais velho, não tinha ficado muito feliz.

No primeiro mês, os pais de Olívia, Heloisa e Roger, tinham permanecido indecisos, depois, quando o pai perdeu o emprego na escola onde lecionava e a confeitaria estava em reforma, eles decidiram que podiam ficar um tempo na casa de Margareth até que

conseguissem vendê-la e, estando no casarão, era mais fácil receber os possíveis compradores.

— Não podemos arrombar a porta? — questionou Olivia, mastigando o cookie.

— Não, não vamos arrombar nada! É só o estúdio da minha mãe. Eu já disse isso para você. Não tem nada de diferente lá. Só muitas telas e bagunça — algo na voz de Heloisa a traiu. Ela parecia nervosa.

— Mas eu não consigo ver nada!

— Isso é porque você não usa os seus óculos!

Olivia bufou exasperada. Aos dezesseis anos tinha ficado míope, porém, não conseguia se acostumar a usar óculos, por mais modernos e descolados que eles fossem. Aos dezoito anos ela ainda vivia esquecendo-os em cima do criado-mudo quando se levantava.

— MORGAN!! — gritou Lauren, a irmã mais nova de Olivia, lá da sala. — Você comeu os meus sapatos! — Ela entrou na cozinha e sacudiu um par de *All Star* na cara do cachorro, que a encarou impassível. — Mãe, você disse que o Morgan já tinha passado da idade de comer sapatos!

— Você deixou o tênis na varanda, não pode reclamar.

— Odeio você, Morgan!

Lauren saiu da cozinha pisando duro. Pelo jeito, vir morar na casa de Margareth não estava sendo o paraíso para ninguém.

Olivia subiu até o quarto atrás da irmã. Lauren era quatro anos mais nova, tinha os mesmos cabelos muito ruivos de Olivia, mas acumulava o carma das sardas espalhadas pelo nariz e nas maçãs do rosto. Como sempre ocorria, Morgan foi atrás da garota.

— Deixa esse cachorro do lado de fora! Ele já destruiu o meu tênis! — disse ela,

asperamente, jogando o par comido dentro do armário, onde ela estava terminando de arrumar suas coisas trazidas com a mudança.

— Ele é um amor, não sei o porquê dessa implicância toda. Você largou o tênis lá fora.

— Odeio esse cachorro, odeio esse lugar!

Morgan ganiu deitando aos pés de Olivia, que coçou suas orelhas.

— Você tem sorte de poder se mandar logo daqui.

— Ainda não recebi nenhuma carta de admissão das faculdades — respondeu Olivia, demonstrando preocupação na voz, afinal, já era para ter começado a chegar alguma carta de aceitação. Ela era uma aluna aplicada, tinha as notas mais altas de toda a turma e se inscrevera no curso de medicina em quase todas as universidades do país.

— Os carteiros podem ter dificuldade em encontrar esse fim de mundo onde moramos. Eu não ficaria espantada.

Toda aquela revolta bem típica de adolescentes que beiravam os quinze anos só podia estar relacionada a uma coisa: garotos. Olivia não quis perguntar porque a irmã não era o tipo que falava abertamente com ela sobre aquele assunto, mas ela tinha certeza de que a mudança de cidade tinha resultado em um impacto bem negativo na vida de paixões platônicas de Lauren.

— Você não quer saber o que tem nesse quarto? — questionou Olivia, acariciando Morgan e mudando de assunto para tentar despertar a curiosidade da irmã.

— Não, é só um quarto, Olivia — mas o tom dela não demonstrava esse desinteresse todo.

— Um quarto trancado, com a janela do lado de fora aberta, mas completamente escuro. Poxa, Lauren, você já foi mais legal quando o assunto era um mistério.

— Eu já passei dessa idade, Liv, e você também!

Morgan ganiu, um som bem baixinho.

— O que foi, garoto? — Olivia continuava coçando sua cabeça.

— Se você quer tanto saber o que tem lá, por que não tenta entrar pela janela?

— Pela janela? — Olivia era um tanto quanto desastrada para pensar em algo daquele tipo.

— A sacada do quarto do papai e da mamãe fica ao lado desse outro quarto.

Olivia não tinha pensado nisso ainda. Os pais tinham ficado com o quarto que tinha pertencido à Margareth e ela podia tentar dar uma espiada no ateliê. Sem responder para a irmã, a garota deixou Morgan abandonado. O grande husky chegou a lançar um olhar pidão à Lauren para que ela assumisse a tarefa de coçar suas orelhas, mas ela olhou feio para ele.

— Nem pense nisso — disse a menina, levantando-se para ir atrás de Olivia.

Ela já tinha aberto a sacada do grande quarto que agora pertencia aos seus pais, mesmo que os velhos móveis de madeira escura de Margareth tornassem a presença da avó marcante na casa. A sacada terminava faltando um metro e meio para chegar até a janela do ateliê. O cômodo, por sua vez, não tinha sacada. Só as janelas abertas e um parapeito largo.

Olivia tirou as sapatilhas, subiu na borda da sacada e se equilibrou do lado de fora. Ela teria que atravessar uma fina ponte de tijolos sobressalentes que ligava uma parede à outra, formando um desenho do lado de fora da casa, se quisesse chegar até a janela do ateliê.

— Você está maluca, se cair daí vai quebrar o pescoço — disse Lauren, que não tinha imaginado que a irmã colocaria mesmo sua ideia em prática, mas ela agora se mostrava tão curiosa quanto Olivia.

— Eu consigo, só fica quieta e não me desconcentra!

Pacientemente, Olivia Holly colocou um pé na frente do outro. Com o braço esquerdo esticado ela conseguia se segurar na calha do telhado, mas os tijolos eram estreitos e não cabia a largura de seu pé. Gotas gordas de suor se formaram sobre seus lábios e escorriam de sua testa, molhando seu rosto e as costas de sua blusa.

Só quero ver o que tem lá dentro, pensava a garota. Uma eternidade depois, ela finalmente alcançou uma das laterais da janela de madeira que estava encostada na parede.

Olivia firmou a mão esquerda na calha, com a direita ela segurou a janela, colocou o pé direito em sua base e forçou seu corpo para cima, para poder espiar o que tinha no ateliê, mas como era de se esperar, a lateral da janela se moveu com o peso, tentando se fechar, e Olivia ficou pendurada a uns seis metros do chão, agarrada à janela.

Por incrível que pareça, a garota não gritou e Lauren tampouco emitiu qualquer som ao ver a irmã em apuros, temendo assustá-la ainda mais e terminar de derrubá-la.

Lauren abandonou as sandálias, subiu na borda da sacada e fez o caminho que a irmã tinha feito três vezes mais rápido, segurou a mão estendida de Olivia e a puxou, agarrada à janela, de volta à parede, onde ela apoiou os dois pés novamente na pequena ponte de tijolos e se agarrou como se nada mais existisse no mundo naquela calha velha.

As duas refizeram o percurso até a sacada do quarto dos pais e só quando estavam com os pés do lado de dentro é que se permitiram falar.

— Meu Deus, nunca pensei que pudesse morrer de forma tão imbecil — disse Olivia.

— Consegui ver o que tem lá?

A expressão no rosto da irmã se tornou sombria.

— Está escuro como se fosse noite, mesmo com as janelas abertas e com esse sol brilhante.

— Os vidros estão abertos?

Olivia balançou a cabeça de forma negativa.

— Então vai ver tem uma película para escurecê-los.

— Pode ser — disse Olivia, mas na verdade ela só não quis deixar a irmã assustada, porque ela tinha sido capaz de olhar dentro do cômodo, mesmo naquela situação, e não foi capaz de enxergar absolutamente nada. Aquela escuridão toda não era algo normal, muito pelo contrário, parecia uma escuridão palpável e feita exatamente para manter pessoas curiosas longe dali.

Depois do incidente com a janela, Olivia passou o dia terminando de organizar suas coisas na casa, tentando a todo custo manter sua mente longe do que poderia ter no ateliê de tão especial, mas parecia que quanto mais ela se esforçava para não pensar no assunto, era só isso que ela era capaz de imaginar enquanto dispunha seus livros nas estantes da sala de leitura de Margareth.

A avó tinha muitos livros, grande parte deles era de clássicos. Se estivesse organizando mesmo seus livros, Olivia já teria terminado, porque tinha uma quantidade modesta, era viciada em leitura, mas tinha economizado cada centavo para poder comprar os livros de medicina, por isso, tinha frequentado muito a biblioteca de sua escola.

Mas ali, na sala de leitura de Margareth, havia tesouros belíssimos. Um exemplar novinho de *Drácula*, de *Bran Stocker*, estava ao lado de *Frankstein*, de *Mary Shelley*. A menina folheou ambas as obras com certo fascínio, ela não tinha lido nenhuma das duas, mas já estava ansiosa para começá-las. Também havia uma coleção completa de *Jane Austen*, muitos livros velhos de história americana e todos os romances de *Agatha Christie* em capa

dura.

Olivia acomodou seus livros ali, em meio aos exemplares da avó, pensando em quanto Margareth e ela eram desconhecidas uma da outra. Heloisa visitara a mãe muitas vezes, a avó tinha mantido até uma relação próxima com as netas, assando biscoitos, fazendo chás da tarde maravilhosos e almoços para se ficar na memória, porém, a garota estava se perguntando o quanto da avó ela conhecia de verdade. Dizem que você é capaz de saber tudo sobre uma pessoa com base no seu gosto literário. Diante da coleção de Margareth, Olivia não podia traçar um perfil que combinasse com as lembranças que ela tinha da mulher forte e robusta que lhe dava biscoitos e bons presentes de Natal.

Não sabia nada sobre Margareth, não sabia que ela tinha aquela coleção linda de livros. Sempre que elas visitavam a avó, gastavam a maior parte de seu tempo no jardim dos fundos da casa, o qual abrigava um par de balanços feitos de pneus e amarrados a uma figueira larga, de grossas raízes.

Depois, quando estava na idade de preferir os livros às brincadeiras, as visitas à avó ficaram cada vez mais espaçadas até ela morrer.

Olivia respirou resignada. Sentou-se em uma das duas bergères com estampa de flores segurando *Drácula* no colo.

Quando ela estava prestes a abri-lo, um baque surdo vindo do andar de cima tirou sua concentração. Ela largou o volume na poltrona e subiu as escadas de madeira revestidas com um tapete felpudo e com cheiro de poeira.

Lauren estava arrastando uma caixa pesada para o quarto delas.

— Encontrei lá embaixo, mamãe está limpando a garagem. Vai jogar um monte de coisas fora, mas essa aqui está cheia de pertences de Margareth.

Sem dizer nada, Olivia ajudou a irmã a arrastar a caixa até o quarto que ambas iam dividir. Então elas se sentaram nas camas dispostas uma em frente à outra e ficaram olhando a caixa aberta, como se não soubessem o que fazer a partir dali, ou como se achassem que mexer nas coisas da avó fosse algum tipo de insulto.

Lauren puxou um lenço de seda verde azulado de dentro da caixa.

— Olha como é lindo.

Olivia se abaixou e começou a revirar o conteúdo da caixa com cuidado, foi depositando ao seu lado tudo o que tirava dali.

Um estojo de maquiagem com as sombras gastas e o espelho partido, uma escova de cabelos com as cerdas macias e vários fios de cabelos ruivos da avó enroscados, uma echarpe turquesa, uma agenda de 1970 cheia de anotações, um bloco de notas cheio de folhas em branco, uma caneta tinteiro e seu vidro de tinta já seca, um pote cheio de grampos dourados para os cabelos, um maço de cartas escritas em folhas de seda, um envelope cinza fechado, muitos lápis de colorir e o mais importante de todos os itens: uma chave de cobre descascada, grande e com um desenho floreado, presa a uma corrente prateada.

Lauren, que estivera esse tempo todo observando a irmã retirar item por item de dentro da caixa, encarou Olivia taciturna.

— Acha que é a chave do ateliê?

— Só vamos descobrir testando! — disse Olivia, atravessando o quarto até a porta da frente.

Ela encaixou a chave na fechadura, Lauren estava em seus calcanhares, buscando uma primeira visão do ateliê, assim como Olivia, mas quando a irmã abriu a porta, Lauren prendeu a respiração e Olivia soltou um gritinho esganiçado.

Elas não estavam olhando para o ateliê de pintura da avó, mas sim para uma densa floresta tão verde que os olhos chegavam a doer, árvores, cipós, flores, folhas, mato, vegetação e o cheiro de terra molhada eram tudo o que seus sentidos percebiam.

— Isso é real? — Lauren estava assombrada.

— É real se nós duas estamos vendo — respondeu Olivia.

— Mas... mas... não é possível!

Possível ou não, ali estavam as irmãs Holly encarando uma floresta que parecia querer escapar para fora do cômodo, enquanto as duas permaneciam grudadas no corredor.

Lauren fechou a porta de repente e a trancou. Estava arfando. Não sabia explicar, mas todos aqueles segundos em que passara espiando o que finalmente tinha do outro lado do cômodo tinham sido assustadores, pois ela sentia uma sensação de perigo crescer em seu peito.

— Por que você fechou?

— Porque é esquisito demais. Pelo amor de Deus! Tem uma floresta inteira saindo da porta do ateliê da vovó!

Olivia tornou a girar a chave, destrancando mais uma vez a porta e abrindo-a devagar, porém, a floresta havia desaparecido. No lugar de todo aquele verde existia agora um amplo pátio largo, com o chão de pedra e grossos pilares de concreto enegrecidos. Paredes caídas e uma escadaria pela metade também eram possíveis ser avistadas mais a frente.

— Mas o que é isso? — questionou Olivia, dessa vez sendo ela dominada pelo assombro com essa nova visão, ainda mais do que tinha ficado com a primeira.

— Onde é que nós estamos? Isso aí é *Nárnia*?

— É claro que não é *Nárnia*, deixa de ser boba! E a pergunta não é onde nós estamos,

mas que lugar é esse?

Olivia deu dois passos em direção à porta, mas Lauren foi mais rápida e a fechou com um puxão, tornando a girar a chave.

— Você ficou maluca? Não vamos entrar aí dentro!

— Você é que ficou maluca. Acha que eu não vou entrar aí e descobrir o que está acontecendo? — Olivia destrancou a porta uma terceira vez, mas ao reabri-la, as ruínas tinham desaparecido, assim como a floresta. Elas podiam ver agora um lamaçal encoberto por neblina. Olivia recuou instintivamente.

— Ué, você não queria entrar?

— Sim, mas não nesse lugar — Dessa vez foi Olivia quem bateu a porta, girou a chave para trancá-la e depois tornou a destrancá-la.

Agora as irmãs Holly encaravam uma praia de areia muito branca, mas era só, não havia mais nada, só a praia e o mar ao longe.

— Ei, vocês duas? Será que podiam vir aqui embaixo me dar uma mão? — pediu Heloisa, na base da escada.

Olivia e Lauren se olharam alertas e amedrontadas.

— Claro, já estamos indo — disse Olivia, trancando a porta novamente e carregando a chave presa pela corrente. — Aliás, pode cancelar o chaveiro, achamos a chave do ateliê.

— Ah, é? E o que acharam de interessante lá? — O tom de voz da mãe estava só levemente mais interessado do que deveria.

— Nada, só várias telas em branco e tinta seca — apressou-se em responder Lauren, porque contar a mãe a verdade parecia insano demais.

Capítulo dois

Visitas inesperadas

Olivia e Lauren passaram o restante do dia ajudando a mãe a encher um caminhão com móveis quebrados e toda a tralha inútil que elas tinham encontrado na garagem da velha casa de Margareth Holly. As irmãs tinham aproveitado a tarefa para inspecionar cada uma das coisas que a mãe julgava que não iria servir, procurando algo que pudesse estar relacionado àquele cômodo estranho da casa.

No entanto, não havia nada de anormal ali e elas acabaram ficando entediadas em poucas horas, o que fez com que as duas voltassem o pensamento ao que tinham descoberto. Enquanto Olivia achava tudo fascinante e misterioso, Lauren sabia que elas tinham se metido em uma encrenca bem maior do que quando deixaram a banheira transbordar e inundar o banheiro durante uma brincadeira de naufrágio muitos anos atrás. Ou quando jogaram presunto no ventilador da sala. Aquilo era diferente e elas não faziam a menor ideia do que poderia acontecer da próxima vez que abrissem aquela porta. O espírito livre e aventureiro de Olivia dizia que ela estava diante de uma aventura. O de Lauren lhe dizia que só encontrariam problemas naquela casa.

No fim do dia, Heloisa preparou um jantar rápido: lanche e suco de laranja. Roger tinha passado o dia todo cuidando do matagal nos fundos da casa. Ele ainda tinha um trabalho duro a fazer no dia seguinte, pois o jardim da frente estava coberto de ervas daninhas, a

grama estava alta e as trepadeiras que se enroscavam nos pilares da varanda da frente estavam tão secas que talvez ele precisasse arrancá-las.

A família jantou em meio a um silêncio preguiçoso. Cada um tinha suas próprias preocupações. As meninas estavam impressionadas e muito ansiosas sobre o ateliê. Roger se angustiava com a falta de um emprego e Heloisa pensava em como gerenciaria sua confeitaria e aquela casa enorme. Ela já tinha até colocado um anúncio no jornal para tentar vender a residência, mas seria difícil encontrar quem aceitasse gastar um único dólar em uma casa caindo aos pedaços, cheia de problemas.

Como a televisão ainda não tinha sido instalada, Margareth vivia sem TV, eles foram para a cama cedo, o casal estava exausto, mas Lauren e Olivia tinham energia de sobra para conversarem com a luz acesa e a porta fechada.

— Vamos esperar eles dormirem e dessa vez vamos entrar — disse Olivia.

— Você está maluca? Não sabemos nada sobre aquilo. — Lauren apontou dramaticamente para a porta do quarto fechada. — Tem alguma coisa bem sinistra no quarto em frente ao nosso e você está querendo entrar lá?

— Não tem nada de sinistro ali, Lauren. Pelo contrário, é maravilhoso — Olivia estava sendo sincera, para ela o que o ateliê escondia era um lugar cheio de possibilidades e místico. Ela mal podia acreditar que havia algo assim no mundo, melhor ainda, ela mal podia acreditar que atrás daquela porta, bem perto delas, se escondia um mistério daquela magnitude.

— Olivia, preste atenção. A gente não sabe o que pode sair dali.

Olivia considerou a afirmação, alisando a colcha de sua cama. Se fosse perigoso ela teria pressentido, não teria? Não, ela nem teria notado. Estava entusiasmada demais com a

descoberta para ponderar sensatamente sobre o assunto.

— O que a vovó sabia sobre o ateliê? — Era a primeira vez que a pergunta passava pela cabeça de Olivia. Certamente sua avó saberia que o que acontecia quando o cômodo era destrancado.

— Com certeza muito mais do que a gente. Estive pensando enquanto ajudávamos a mamãe a jogar as coisas dela fora. Margareth foi encontrada morta por um vizinho, mas nós não temos vizinhos num raio de uns bons quilômetros. Ninguém veio nos dar as boas vindas desde que nos mudamos, ou seja, vovó também não tinha muitos amigos pelas redondezas. Além do mais, ouvi mamãe dizendo ao papai que eles encontraram vovó no ateliê.

— M.E.N.T.I.R.A.! — Olivia não gritou, mas pontuou bem a palavra. — Você só está dizendo isso para que a gente nunca mais abra aquela porta.

— Estou falando sério, Olivia. Encontraram a vovó no ateliê, mas, quando a mamãe chegou, a funerária já tinha cuidado de quase tudo.

— Bem, isso significa que alguém trancou o ateliê depois de tirá-la de lá e jogou a chave naquela caixa cheia de coisas.

— Exatamente. Mas quem foi essa pessoa?

— Não faço a menor ideia.

As duas ficaram em silêncio. Olivia se perguntava se essa pessoa sabia o que realmente havia naquele ateliê, mas Lauren tinha levado os pensamentos para um local mais sombrio. Considerava a hipótese de que alguém poderia ter assassinado sua avó.

— Como ela pôde morrer e não deixar nada escrito explicando o que existe ali? — Foi a vez de Olivia apontar dramaticamente em direção à porta do quarto.

— Não sabemos se ela pretendia morrer.

— Lauren, para com isso. Ninguém matou a vovó.

— A gente também não sabe disso.

— A gente sabe sim, ela morreu do coração. Eu vi o atestado de óbito. — Como futura médica, Olivia tinha se interessado pelo histórico de saúde da avó, que sofria do coração e teve um infarto. Ela tinha mesmo visto a certidão de óbito e não havia nada de especial nela. A morte tinha sido uma fatalidade, ou poderia até ser chamada de causas naturais na idade de Margareth.

— Só prometa que não vai abrir essa porta de novo essa noite — pediu Lauren, enquanto se ajeitava sob os lençóis.

Lá fora, Morgan latiu algumas vezes, depois emitiu um choro que mais se parecia com um uivo.

— Ele quer entrar. Acho que vovó não o deixava dormindo do lado de fora.

— Mamãe disse que o lugar dele é lá fora. Não traga aquele cachorro pra cá.

— Você é a adolescente mais chata que eu conheço.

— Obrigada — respondeu Lauren, dando as costas à irmã.

Olivia gostava de Morgan e mais do que nunca estava precisando de uma companhia. A conversa com Lauren a tinha deixado agitada. Era incrível como a irmã caçula tinha o dom de fazer as perguntas certas e deixá-la com cara de boba.

A garota desceu as escadas, o som dos passos perfeitamente abafados pelo grosso carpete. De repente, no meio da escada, Olivia percebeu o quanto aquilo não era legal. Assim como ela podia descer sem fazer o menor barulho, alguém também podia subir sem que ninguém ouvisse.

Descartou a ideia de imediato. Estava ficando paranoica feito Lauren.

Ela cruzou a sala de leitura e a sala de jantar, então passou pela cozinha e destrancou a porta dos fundos, permitindo que Morgan entrasse.

O husky estava meio úmido, pelo jeito estava garoando do lado de fora.

— Você também não quer ficar sozinho, não é? — Olivia tinha se abaixado e afagava o grande cão com cara de lobo que tinha se sentado nas patas traseiras. — Vamos, eu tenho umas guloseimas para você.

A garota abriu a geladeira, serviu um copo de leite e pegou uma pilha de biscoitos do pote em cima do armário. Eram de manteiga com gotas de chocolate e iam servir muito bem para controlar aquela ansiedade que começava a crescer dentro dela, chegando a fazê-la sentir-se agitada.

Olivia voltou para a sala de leitura. As pesadas cortinas que cobriam duas amplas janelas de vidro que iam do chão até quase o teto estavam fechadas. A garota abriu as cortinas. Tinha uma visão perfeita do jardim e até de uma parte da rua. Se a grama estivesse bem cortada e aquele mato fosse arrancado, ela percebeu que poderia ver perfeitamente a rua em frente à casa.

Estava chovendo, mas assim que ela se acomodou na bergère e pegou o exemplar de *Drácula* que ela tinha deixado ali mais cedo, a chuva aumentou e agora ela podia até ouvir trovões ao longe.

— Vamos nos acalmar com biscoitos, não é mesmo? — Ela ofereceu um deles a Morgan e abriu o livro. *Drácula* não era bem uma leitura para se acalmar, mas só o fato de seguir as linhas da narrativa já era o suficiente para fazer Olivia se esquecer do mundo.

Morgan sentou-se aos pés da poltrona e ficou olhando para fora, a chuva agora escorria em gordas gotas pelas janelas da sala de leitura.

De vez em quando, Olivia coçava as orelhas do husky com os dedos dos pés. Ela virava as páginas do livro devagar, bebericava o leite e mordida um biscoito, sempre oferecendo a metade final a Morgan.

Ela já nem fazia ideia de que horas eram quando faltou energia e a luz da sala se apagou.

— Mas que droga! — Xingou, pensando que não fazia ideia de onde poderia encontrar velas naquela casa. Estava prestes a se levantar da bergère, quando um rosnado bem baixo de Morgan a fez olhar para o lado de fora da casa.

Um grupo de três pessoas se aproximava na chuva. Eles vinham cruzando a trilha de pedras brancas que levava até a porta da frente da casa. Olivia sentiu um arrepio estranho.

Os desconhecidos pretendiam mesmo tocar a campainha àquela hora da noite?

Eles chegaram até a porta. Olivia levantou-se depressa, Morgan a seguia de perto e ela mantinha o cachorro colado às suas pernas, segurando-o pela coleira.

As pessoas estavam forçando a maçaneta.

Olivia engoliu em seco.

— Ela trancou a porta? — Uma voz de homem disse, espantada.

— Mas é claro que não, ela nunca nos deixaria aqui fora nessa chuva — disse outra voz, mais rouca, também de homem.

— Saíam da frente vocês dois. Deve estar só emperrada — a terceira voz era de mulher.
— Não acredito, está mesmo trancada.

— Será que ela se zangou da última vez?

— Como poderia, nós não fizemos nada de errado.

— É que não fomos muito educados.

— Estávamos com pressa. Ela nos entendeu perfeitamente.

As vozes estavam se afastando e Olivia conseguiu respirar um pouco aliviada. Porém, ainda estava assustada e totalmente confusa com o que tinha ouvido. Sua avó deixava a porta aberta para as pessoas entrarem em sua casa no meio da noite? Não, ela devia ter entendido errado.

Acariciou o pescoço de Morgan e o beijou no topo da cabeça.

— Desculpe se arranquei alguns pelos seus. Mas eu estava nervosa. — A garota tinha se agarrado ao cão esperando que ele a protegesse dos intrusos, mas Morgan tinha ficado imóvel e não havia emitido um rosnado sequer.

Olivia já se dirigia para a escada, de volta ao quarto, pensando que o dia tinha sido cheio de surpresas estranhas demais, quando ouviu a porta dos fundos ranger.

Droga, droga, droga, droga!

Ela tinha deixado a porta destrancada quando foi colocar Morgan para dentro.

— A culpa é toda sua — ela sibilou baixinho para o cachorro, que ergueu as orelhas atento, mas não saiu do lado dela.

Ótimo, ela tinha um husky com cara de mau, mas pelo jeito o cachorro não servia nem para espantar intrusos.

Olivia olhou ao redor, perguntando-se o que poderia usar de arma. Não havia nada, apenas livros...

Ela puxou o exemplar grosso de um dos seus livros favoritos, *A tormenta de espadas* da estante e o segurava como uma pedra.

Foi atravessando devagar a sala de leitura, esperando que a qualquer momento as pessoas a encontrassem, mas só ouvia as vozes baixas e surpresas vindas da cozinha.

— Acabou a energia. Estamos sem luz — disse uma das vozes masculinas.

— Acenda o fogão — disse a mulher.

De repente, sombras encheram a sala de jantar, Olivia estava parada atrás da parede, imóvel com Morgan bem atrás dela.

— Vamos, coloque todos eles para correr daqui! Morda as canelas deles! — ela mandou aos sussurros, mas o cachorro olhou para ela com aquela cara de quem não compreendia.

Olivia bufou e continuou prestando atenção na conversa.

— Não temos nem chá. Ela nos abandonou completamente.

— Alguma coisa aconteceu. Margareth não faria isso conosco. Ela nos adora.

— Será que a casa está vazia?

— É claro que não. Se estivesse, não teríamos recebido o comunicado.

Como se finalmente tivesse resolvido agir como um cão de guarda, Morgan passou correndo entre as pernas de Olivia, derrubando-a no caminho e entrou na cozinha todo afoito.

A garota estava estatelada no chão, pensando nos gritos de dor e nos rosnados que logo começaria a ouvir, que certamente acordariam a casa toda, mas tudo o que ouviu foram dois ganidos felizes do husky e as vozes se tornarem animadas.

— Olá, Morgan, querido, estávamos nos perguntando onde você estaria.

— Onde está aquela sua velha dona rabugenta que nem preparou um chá para nos receber?

Um homem alto, forte, com longos cabelos castanhos desgrenhados e usando roupas muito estranhas surgiu no hall da porta da sala de jantar e encontrou Olivia ainda esparramada no chão.

A garota pensou em gritar, ela deveria ter gritado, pensando bem. Afinal, havia um

estranho muito grande dentro de sua casa e ele estava olhando diretamente para ela, mas por algum motivo ela não conseguiu emitir som algum.

Agora, pensando com mais calma, ela tinha certeza de que não havia gritado por causa das roupas. As roupas do homem eram muito estranhas. Ele vestia calças de montaria, uma camisa folgada e uma manta cinza jogada sobre os ombros. Usava botas de couro cru, tinha a barba por fazer e um grande par de olhos escuros como piche.

Ele a levantou do chão com cuidado.

— Julia, tem uma moça aqui — disse ele, curiosamente espantado.

— Uma moça? — A mulher surgiu ao lado dele. Era quase tão alta quanto o homem, tinha longos cabelos negros presos em uma trança que ia até sua cintura. Os olhos dela também eram escuros como a noite e ela usava um vestido branco de cetim com uma capa de viagem de veludo verde por cima dos ombros. Não dava para ver os sapatos que ela usava.

— Quem é você? — perguntou a mulher, assustada.

— Eu é que pergunto quem são vocês? — disse Olivia, reencontrando sua voz. Suas pernas pareciam feitas de gelatina, ela foi conduzida até a mesa da cozinha e se sentou ali automaticamente ou acabaria caindo outra vez.

— Onde está Margareth? — perguntou o homem, preocupado.

— Morta, minha avó está morta. Quem diabos são vocês?

Olivia devia ter sido mais educada. A expressão no rosto dos três ao dizer que Margareth Holly estava morta foi de dar pena. Todos eles ficaram chocados, depois extremamente pesarosos. Eles começaram a falar rápido em uma língua estranha, o tom era de indignação, mas podiam estar falando qualquer coisa, pois Olivia não era capaz de entender uma única palavra.

Ela se deu conta de que Morgan estava muito quieto, sentado aos pés do terceiro homem, mais baixo do que o outro quase uma cabeça. Ele estava muito quieto e parecia que tudo o que os outros dois diziam precisava de uma palavra de encorajamento ou permissão dele.

— Quando Margareth morreu? — perguntou a mulher, Julia, à Olivia.

— Há quase dois meses.

Eles voltaram a conversar entre eles, o que Olivia já estava achando exasperante.

— E você é neta dela? — perguntou o homem alto.

— Sou. Se não se importa, vocês invadiram a minha casa no meio da noite, estão fazendo carinho no meu cachorro, podem, por favor, responder a minha pergunta?

— Claro, desculpe a nossa grosseria. Eu sou Tactare, essa é Julia e este é Set. Somos amigos de sua avó.

— Amigos da onde? — perguntou Olivia, questionando-se de onde teriam vindo aquelas pessoas.

— Bom, isso depende. O que você sabe sobre a passagem?

— A passagem...

Olivia não precisou que eles explicassem mais para que ela entendesse que eles estavam falando do ateliê e dos lugares estranhos para o qual a porta se abria.

Pelo jeito, aquela seria uma longa noite.

Capítulo três

Chá e conversa durante a tempestade

Julia, Tactare e Set sentaram-se à mesa da cozinha como se já tivessem feito aquilo dezenas de vezes e já fossem de casa. Pelo que Olivia sabia, eles bem podiam ser. A garota esquentou água em uma chaleira e resolveu demonstrar a hospitalidade esperada, já que aqueles três estranhos poderiam lhe dar algumas respostas. Apesar de formais na presença de Olivia, ela estava com a sensação de que se fosse Margareth que estivesse servindo o chá com os biscoitos de manteiga eles já estariam rindo e contando histórias divertidas na madrugada.

Porém, por mais que se esforçasse para ser gentil, Olivia não conseguia se forçar a sorrir quando estava sentada entre desconhecidos no escuro, no meio da madrugada e enquanto trovões ribombavam do lado de fora.

— Sentimos muito pela morte de sua avó. Margareth era uma amiga há muitas décadas — disse Julia, bebericando o chá, enquanto Morgan descansava a cabeça em suas pernas.

— Bem, eu não posso dizer que estava esperando uma visita dessas. Eu e minha irmã descobrimos sobre a passagem ontem. Quer dizer, na verdade, descobrimos apenas que cada vez que a porta é aberta ela mostra um lugar diferente, mas não sabemos mais nada a respeito — contou Olivia. — Margareth nunca mencionou que algo assim acontecia dentro desta casa, então...

Tactare assentiu solene. Os três trocaram um olhar de cumplicidade e a garota percebeu que nenhum deles tinha certeza se deveria contar o que sabia a ela.

— Achamos muito curioso que Margareth não tenha contado nada sobre a passagem a vocês. Só uma Holly pode abri-la nesta casa. Esperávamos que a esta altura da vida ela já estivesse preparando uma substituta — disse Tactare, parando apenas tempo suficiente para mastigar o biscoito. — Mas é claro também que nenhum de nós esperava que ela partisse tão cedo.

— Margareth foi uma boa alma para nós — atalhou Set. — Era realmente uma amiga. Apreciávamos muito sua companhia, além do serviço que ela nos prestava.

— E o que era exatamente esse serviço? — Se alguém dissesse a Olivia que ela estaria tendo aquele tipo de conversa com três pessoas vestidas de forma caricata, ela teria dado risada há bem menos de 24 horas, mas pelo barulho da chuva e o chá quente que segurava entre as mãos, ela não estava sonhando e muito menos imaginando nada daquilo.

— Margareth cuidava da abertura dos portais. Ela nasceu pronta para ver o que outros nunca conseguiriam enxergar, por causa da anomalia dos olhos. Vejo que você também a possui — respondeu Julia, cheia de incertezas sobre o que mais dizer. — Tenho certeza de que ela deve ter comentado algo com você, ou sua irmã...

— Bom, tenho certeza de que me lembraria se ela dissesse que o ateliê dela não era bem um ateliê de verdade, ou que meu olho de duas cores fosse algo a mais do que uma mera anomalia genética.

O tom de Olivia saiu um pouco mais ríspido do que ela pretendia e logo se arrependeu. Afinal, os três poderiam lhe esclarecer dúvidas e ajudá-la a entender o que estava acontecendo naquela casa esquisita.

— Entenda, Olivia. Não podemos lhe contar exatamente o que sua avó fazia. Mas Margareth era uma alma muito valiosa. Ela ajudava pessoas como nós a voltar para casa. Era mais como uma espécie de guia. Quando ela não podia abrir a passagem, se nós de alguma forma não estivéssemos prontos, ela nos acolhia de bom grado enquanto precisássemos ficar — continuou Julia.

— E essa passagem leva vocês até onde?

— Cada um de nós tem sua própria história. Portanto, para cada um a passagem é única.

Olivia engoliu o resto do chá de uma só vez queimando a língua, do contrário, ela teria soltado uma exclamação exasperada pela resposta evasiva que tinha ganhado da mulher.

— Vamos entender perfeitamente se você não estiver pronta para abrir a passagem. Podemos voltar outra noite — disse Set, mas algo em sua expressão indicava que ele não desejava nem um pouco ir embora sem fazer a tal passagem para onde quer que fosse.

— Não sei se poderei ajudá-los, não tenho ideia de como minha avó fazia isso e continuo sem entender exatamente quem são vocês. — Olivia estava insistindo em pressioná-los a ser mais específicos, porém, não conseguiu arrancar mais nada daquele trio estranho.

— Você nos disse que viu vários locais diferentes quando abriu a porta — começou Julia. — Então quer dizer que você é capaz de abrir a passagem, pelo simples fato de ser herdeira da casa. Importa-se de fazer isso mais uma vez essa noite para nós? Logo o dia estará amanhecendo e não poderemos ficar.

A mulher olhava para o relógio de pilha na parede preocupada. Se Olivia tivesse prestado bem atenção, teria notado que os três estavam bem nervosos. A própria garota não tinha percebido que as horas tinham se passado tão rapidamente.

— Como vou saber se estarei mandando vocês para o lugar certo? Como eu disse, cada

vez que abri a porta o quarto mostrava um lugar diferente. Não tenho certeza se poderei ajudar. Sério, vocês deveriam procurar outra pessoa. Deve haver alguém mais que possa fazer isso por vocês.

— Ninguém mais que conhecemos nessa região. Margareth Holly era bem famosa por ser a atravessadora.

Ficaram os três a encarando como se ela fosse o ser mais incrível do mundo. Ela podia sentir a esperança deles se impregnando em cada poro de sua pele e, no fim, começou a se sentir terrivelmente mal por ter rejeitado ajudá-los. Ela tinha prometido a Lauren que não iria abrir aquela porta outra vez, mas podia fazer uma tentativa.

— Tudo bem, posso tentar, mas se não funcionar, bem... pode acontecer algo ruim se não funcionar? — A voz de Lauren dizendo *bem que eu avisei* não parava de soar em sua mente.

— Muitas coisas ruins podem acontecer quando se é a guardiã de um portal, mas a nós, nada de pior pode acontecer — respondeu Tactare.

— Certo, então acho que vou abrir aquela porta outra vez.

Olivia subiu as escadas com o trio em seus calcanhares. Morgan tinha subido na frente dela e já esperava todos eles bem em frente ao que deveria ser o ateliê de Margareth, mas pelo jeito era muito mais.

A garota pediu um segundinho ao grupo, abriu a porta de seu próprio quarto e desapareceu lá dentro. A chave do ateliê estava dentro da gaveta de seu criado-mudo. Lauren dormia profundamente. Era possível ouvir sua respiração compassada e ritmada. Ao voltar para o corredor, ela se pegou pensando no que os pais diriam se acordassem para ir ao banheiro e dessem de cara com três estranhos no meio do corredor, horas antes do

amanhecer.

Ela espantou a ideia da mente. Já tinha coisas demais para pensar sem que ficasse imaginando situações ainda mais embaraçosas do que aquela.

— Como vocês querem fazer isso? Tenho só que destrancar a porta e vocês entram ou preciso ir com vocês?

— Não!!

— De forma alguma!

— Nunca pense nisso!

— Nem de brincadeira, entendeu? Não precisa nos acompanhar.

— É só destrancar a porta.

— Nós ficaremos bem depois daqui.

— Nós ficaremos perfeitamente bem!

— Você entendeu, Olivia? Não queremos que você atravesse a porta, ouviu?

Os três tinham dito aquilo de forma muito rápida e enfática. Eles estavam falando tão alto que a menina precisou interrompê-los, levando o dedo aos lábios pedindo silêncio.

— Okay, okay! Já entendi que não posso ir com vocês. Preciso abrir a passagem uma vez só e vocês vão todos para o mesmo lugar, ou o quê?

— Na verdade você vai precisar abrir a porta três vezes — disse Tactare, colocando-se em frente à ela, deixando espaço apenas para que Olivia pudesse girar a chave.

A menina assim o fez. Não sentiu nenhum frio na barriga ou arrepio incomum assomar seu corpo. Na verdade, teve até menos graça do que quando abriu a porta pela primeira vez junto a Lauren.

Para Tactare, a passagem do outro lado da porta se mostrou um belo campo de capim

alto. Ao contrário de onde estavam, era dia, o sol estava alto no céu, muito azul e com poucas nuvens. Também era possível sentir o cheiro de flores do campo e a brisa fresca do vento varreu os cabelos laranja de Olivia para longe do rosto.

No horizonte, ela podia enxergar uma pequena casa, toda construída de madeira, de dois andares, assim como a sua, e com janelas estreitas, mas altas. Havia uma varanda coberta na frente da casa e uma mulher estendia roupas limpas em um varal. Duas árvores ladeavam a residência e suas copas se juntavam formando um arco de sombra que encobria o telhado da casa.

Tactare respirou maravilhado ainda ao lado de Olivia. Ele se virou para ela com os olhos cheios de lágrimas.

— Obrigado. Finalmente estou pronto para voltar para casa. Serei eternamente grato a você, Olivia Holly. E à sua avó Margareth também.

— Tudo bem, não precisa agradecer — disse Olivia, encabulada e confusa. Ela podia sentir a emoção que emanava dele, mas não era capaz de compreender a enormidade do que havia acabado de fazer.

O grande homem secou os olhos com as costas das mãos e deu um passo em direção à linda paisagem que se estendia. Quando ele já estava girando a mulher, que antes estivera estendendo roupas, nos braços, Set fechou a porta do quarto sorrindo.

— Fez um ótimo trabalho para uma primeira vez.

— Bem, eu só destranquei a porta. Nada demais. — A garota estava ainda mais embaraçada do que antes.

— Vamos lá. Agora é a minha vez. Tranque e destranque a porta — pediu Set, seu tom de voz parecia significar que ele estava pronto para encarar uma batalha e não para fazer uma

simples travessia para um outro lugar, fosse lá o que esse lugar fosse.

Olivia assentiu. Deu uma volta na chave para trancar a porta. Em seguida, girou a chave no sentido contrário para destrancá-la.

Set se encarregou de segurar na maçaneta e abrir a porta lentamente, como se tivesse medo do que o lado de lá pudesse revelar. Mas para sua surpresa, o outro lado era ainda mais bonito do que a passagem que tinha se aberto para Tactare. O campo tinha sido substituído por uma cidade movimentada, colorida, cheia do som de risos e conversas animadas. A rua que estava vendo tinha chão de paralelepípedo e lojas dos dois lados. Os toldos do comércio eram coloridos. Alguns com letras gordas e douradas pintadas na lona.

O sol estava se pondo no horizonte, o céu também não tinha nuvens. As pessoas continuavam a passar, mas nenhuma delas saiu pela porta, para alívio de Olivia, aliás, foi a primeira coisa peculiar que percebeu. Só depois que a pessoa fazia a passagem e se integrava ao cenário é que ele parecia capaz de engolir a casa inteira da garota, antes, era só como se estivessem olhando uma pintura em 3D que se movimentava.

Dessa vez Olivia não precisou que fechassem a porta para ela. Ela trancou a porta e encarou Julia.

A mulher estava muito mais nervosa do que os outros dois. Na verdade, seu estado de nervosismo era de dar pena. Ela se abaixou e se agarrou ao pescoço de Morgan e murmurou coisas novamente naquela língua estranha no ouvido do cachorro que parecia até estar ouvindo tudo atentamente de tão imóvel que ficou.

Passaram-se vários minutos antes que a mulher se levantasse e se colocasse de frente para a porta.

— Gostaria que você soubesse que adorei conhecê-la, Olivia. Você é parecida com a sua

avó quando ela era mais nova. Muito parecida por sinal. Mantenha esses cabelos ao natural pelo máximo de tempo que conseguir, eles são maravilhosos.

— Obrigada — disse a garota, sem saber o que mais era educado dizer diante de um elogio daqueles.

— Estou pronta, pode destrancar. — Naquele momento, Olivia não sabia, mas ainda ia ouvir aquela frase várias centenas de vezes nos próximos meses.

Quando destrancou a porta e a abriu novamente, a visão não foi nada bela. Ao contrário das duas cenas anteriores, a porta se abriu para um local onde também era noite. Era uma estrada de terra bem batida. Não havia vegetação ao lado dela, apenas árvores há muito tempo secas e enegrecidas por algum incêndio. Uma carruagem puxada por corcéis negros se aproximava ao longe.

Olivia olhou ansiosa para o rosto de Julia, mas não encontrou felicidade no semblante da moça. Pelo contrário, havia medo e insatisfação ali.

— Alguma coisa errada? — perguntou Olivia, assustada. Será que ela tinha feito algo errado?

— Nada errado. Nada que seja sua culpa, cara Olivia — disse Julia, como se fosse capaz de ler os pensamentos da garota.

A carruagem agora estava cada vez mais perto. Um cocheiro a pilotava carregando uma lamparina presa entre os pés. Os corcéis negros chegaram bem próximos à porta, mas não a ultrapassaram nem um pelo de bigode sequer.

O cocheiro exibiu um sorriso cheio de dentes amarelos para a mulher.

— Ah bela, Julia! Que noite mais agradável será essa. — A voz do homem era esganiçada e ele tinha um sotaque arrastado.

— Não precisa ir com ele se não quiser — disse Olivia, sentindo pena de Julia. Aquele sujeitinho parecia ser muito desagradável e certamente não era companhia decente para uma dama feito Julia.

— Preciso sim, Olivia. Isso você não conseguiria evitar nem se quisesse muito. Mas obrigada pelo chá e pelos biscoitos. Espero poder visitá-la novamente em breve.

Olivia assentiu.

Ela queria poder fazer mais pela mulher, mas não sabia o que mais fazer além de destrancar a porta para ela.

O cocheiro desceu da carruagem e abriu a porta para Julia entrar. Ele chegou até a oferecer a mão para ela subir a bordo, mas Julia recusou e lhe deu um safanão.

— Como quiser, linda dama — disse o cocheiro com um sorriso de orelha a orelha do qual Olivia não gostou nadinha.

Ambos se encararam por um momento. Olivia mantinha uma expressão fria no rosto, aquela que ela usava quando estava com cara de poucos amigos. Isso só fez o cocheiro gargalhar ainda mais e, sem que percebesse, a garota tinha batido a porta bem na cara daquele ser desprezível que ela nem conhecia.

Tremendo na tentativa de controlar uma fúria que ela não sabia explicar, Olivia trancou a porta e removeu a chave.

— O que está acontecendo aqui? — disse Lauren, de camisola, com os cabelos laranja armados e desgrenhados e os pés descalços. Ela olhou para a irmã, parada em frente à porta do ateliê com a chave na mão e Morgan ao seu lado e fechou a cara imediatamente.

— Você abriu essa porta de novo?

— Não tive escolha, precisei abrir para umas pessoas passarem.

—VOCÊ O QUÊ?! — gritou Lauren, e Morgan passou correndo por ela e foi se enfiar debaixo da cama de Olivia.

A garota teve que tapar a boca da irmã com uma mão e empurrá-la de volta para dentro do quarto. Lá fora um trovão ribombou no céu e clareou o ambiente, deixando a expressão de ambas visível por um segundo, antes que elas mergulhassem novamente na escuridão.

— Tive que ajudar três pessoas que apareceram no meio da noite. Elas estavam esperando encontrar a vovó, mas tiveram que se contentar comigo.

— Olivia, tem certeza de que você não adormeceu na poltrona?

— Vou te contar tudo o que aconteceu essa noite — disse Olivia, enfiando-se debaixo das cobertas na cama de solteiro da irmã. Ficaram ambas espremidas uma contra a outra enquanto Olivia Holly começava a contar sobre a noite mais estranha de toda a sua vida.

Capítulo quatro

As pinturas de Margareth

Ao contrário de Olivia, Lauren era bem mais cética do que a irmã. Quando ouviu tudo o que tinha acontecido na casa durante a madrugada, não ficou fascinada pelo mistério e tampouco achou curioso tudo o que Olivia lhe contou.

Para Lauren, receber pessoas estranhas em sua casa no meio da madrugada era assustador a ponto de gelar o sangue. Ela estava apavorada. Não entendia como a irmã poderia ver aventura onde ela só enxergava a morte de uma delas, ou de toda a família, por estranhos que surgiam de madrugada na casa das pessoas.

A menina não queria saber do ateliê e de seus segredos, não estava interessada em entender o que acontecia toda vez que aquela porta era destrancada e muito menos em saber onde as pessoas que tinham estado em sua casa tinham ido parar. Ela só queria garantir que ninguém mais entrasse na casa sem autorização e queria se certificar de que Olivia entendera que não podia simplesmente servir chá para estranhos na cozinha de sua casa como se fosse a coisa mais mágica do mundo.

Muitas vezes Lauren é que parecia ter dezoito anos e não quatorze. Ela era parecida demais com a mãe.

— Não dá para saber o que eles queriam. Você não conseguiu nem descobrir de onde eles eram. Aliás, você não descobriu coisa nenhuma sobre eles, só fez o que eles pediram.

— Eles não responderam às minhas perguntas. O que você queria que eu fizesse? Não dava para dizer não, sei lá, senti que eles estavam ansiosos para que eu abrisse o portal — defendeu-se Olivia. Já era de manhã e as duas ainda estavam no quarto discutindo enquanto se trocavam para descer para o café. Também tinham chegado à conclusão de que era isso o que o ateliê escondia. Um portal para um Outro Mundo.

Olivia aproveitou o silêncio e se olhou no espelho que ficava na porta interna do guarda-roupa. Estava com olheiras profundas, seus olhos também estavam um pouco vermelhos pela falta de sono. Ela ficou alguns minutos encarando aquele seu olho que tinha duas cores, dourado e azul, mais intrigada do que nunca. Seus cabelos tinham nós que o pente quase não estava dando conta de desfazer.

Atrás dela, Lauren estava impecável com seu jeans, uma camiseta branca e um cardigã amarelo. A cor contrastava fortemente com seus cabelos laranja bem lisos e longos. Lauren também tinha um olho com duas cores, mas a mistura do dela era castanho e verde. Ela vestia roupas coloridas demais e Olivia até desviou o olhar. Preferia suas roupas em tons de cinza e preto, por causa dos cabelos.

— De qualquer forma, vou ficar acordada com você essa noite. Caso mais alguém apareça, vamos explicar que não podemos fazer o que eles querem e vamos exigir que nos digam exatamente para onde vão quando a porta é aberta.

— Achei uma coisa bem engraçada. Quando perguntei a eles se eu deveria acompanhá-los eles só faltaram ajoelhar no chão e implorar para que eu nunca cruzasse a porta.

— Sabe de uma coisa, devemos chamar a mamãe e pedir para ela destrancar a porta e ver o que acontece. Ela morou nessa casa quando era adolescente, ela deveria saber se algo desse tipo acontecesse bem na casa onde ela viveu...

Ambas já estavam descendo as escadas em direção à cozinha. Podiam ouvir Heloisa batendo copos na pia. Ela tinha colocado Morgan para fora.

— Bom, eu acho que ela já teria dito alguma coisa se soubesse o que o ateliê esconde — disse Olivia, entrando na cozinha e sentando-se em uma cadeira de frente para a mãe, enquanto se servia de um pedaço de bolo e de uma xícara de café bem preto e sem açúcar para aguentar ficar acordada.

— Alguma de vocês fez chá? — perguntou Heloisa, de costas para as filhas.

— Eu fiz, ahn... não estava conseguindo dormir ontem, então resolvi fazer chá...

A desculpa não pareceu ter colado.

— Certo, mas por que havia três xícaras cheias na mesa hoje de manhã?

— Cheias? — Olivia ficou surpresa, afinal, tinha servido chá a Julia, Tactare e Set, mas os três tinham tomado toda a infusão, assim como ela.

— Sim, encontrei três xícaras cheias e uma vazia hoje de manhã...

Lauren olhou da mãe para a irmã, esperando que Olivia inventasse uma desculpa para aquilo, de repente não pareceu uma boa ideia dizer a Heloisa tudo o que estava acontecendo naquela casa, pois era loucura demais, algo inteiramente mirabolante que crianças seriam capazes de inventar por terem se mudado para um local do qual não gostavam. E as duas não eram mais crianças.

— Desculpe, deixei o chá esfriar enquanto lia, precisei esquentá-lo várias vezes e usei xícaras diferentes — Olivia sabia que era melhor assumir a culpa logo. — Pode deixar a louça aí que eu mesma lavo.

— Bem, era isso mesmo que eu ia pedir. Vou para Aurora ver se está tudo certo com a loja. Ainda tem algumas caixas para trazer para cá lá na garagem e preciso que uma de

vocês vá até o supermercado — disse Heloisa. — Vou pegar seus documentos para transferência no caminho e amanhã vamos ver a nova escola, tudo bem? — A última parte tinha sido dirigida a Lauren que precisaria trocar de escola no meio do semestre, o que não era nada agradável para qualquer pessoa. Lauren apenas assentiu, enquanto a mãe apanhava a bolsa de cima de um balcão. — Seu pai saiu cedo, foi resolver algumas coisas para a casa na cidade, mas não deve demorar muito.

Dessa vez foi Olivia quem assentiu. Ela não fazia ideia de onde ficava o supermercado, mas pelo jeito teria a tarde inteira para descobrir, pois sabia que Heloisa ficaria fora o dia todo. Quando se tratava da loja, ela simplesmente se esquecia do resto do mundo.

— Mãe, será que você não consegue abrir para a gente o ateliê da vovó antes de ir? A chave parece meio emperrada — mentiu Olivia, descaradamente.

Heloisa a encarou em dúvida por alguns segundos. Seu semblante chegou até a mostrar alguma coisa a mais do que dúvida, mas ela logo tratou de disfarçar as emoções.

— Vamos lá então.

Lauren saiu da mesa apressada, ainda mastigando um pedaço de bolo e com a xícara de leite com café em uma das mãos. Olivia entregou a chave para a mãe e ficou ao lado da porta, esperando apreensiva o que aconteceria quando Heloisa girasse a chave.

No entanto, nada aconteceu. Heloisa abriu a porta e entrou no quarto que não passava de um ateliê normal de pintura. O cômodo tinha muitas telas, várias delas em branco, algumas com pinturas inacabadas estavam sobre diferentes cavaletes. A janela mostrava uma boa vista do jardim e da rua e seria uma visão bonita, assim que Roger cuidasse do mato. O que mais impressionava no local eram os quadros terminados.

Todos eles tinham a assinatura de Margareth na base e a data em que tinham sido

pintados. Havia mais de uma centena de telas terminadas, todas alocadas em cima de uma bancada, ou empilhadas no chão. Algumas tinham a data muito recente, outras eram antigas, do tempo em que Heloisa ainda devia ser criança.

Pelo jeito, Margareth Holly não tinha vendido uma única tela que havia pintado e isso deixou Olivia e Lauren muito tristes, porque a avó era uma artista talentosa. Mas logo ficou claro o porquê dela nunca ter vendido nada. Enquanto olhavam uma a uma as telas, tanto Olivia quanto Lauren souberam que o que estava retratado ali eram os lugares que ela via quando abria a porta daquele quarto.

A maioria das pinturas era de lugares lindos, alguns até paradisíacos, mas uma grande parte também retratava locais escuros, lúgubres e melancólicos. Quem afinal ia querer sentir tristeza ao olhar para um quadro pendurado na parede? Olivia não entendia nada de arte, só de biologia, anatomia e exatas, mesmo sendo uma ávida leitora, o que não era literatura lhe escapava totalmente da compreensão.

Mas Lauren entendeu a avó até mais do que Olivia. Margareth não tinha se desfeito de nenhum dos quadros porque ela não sabia se veria o local que havia pintado novamente quando abrisse outra vez a porta de seu ateliê.

— Bem, essa aqui é mais uma tarefa do dia para vocês. Coloquem todas essas telas na garagem, vou carregar a picape e dar um destino para elas.

— Você vai jogá-las no lixo? — Olivia estava indignada, pois tinha total certeza de que era isso mesmo que estava passando pela mente de Heloisa.

— Pensei em deixá-las no depósito da loja. O novo morador da casa certamente não vai querer nenhuma delas.

— Do depósito da sua loja eles vão para o lixo na primeira oportunidade que você tiver.

Não vou deixar você fazer isso. — Olivia não sabia explicar, mas se os quadros eram importantes para Margareth, então também eram importantes para ela.

— Olha quantos quadros temos aqui! Você vai fazer o quê com eles? — Heloisa estava visivelmente sem paciência e sem tempo para discutir com as filhas.

— Não sei, vou procurar alguma galeria que os aceite, mas jogá-los fora nós não vamos.

— Faça o que você achar melhor, mas tire-os daqui. Estão acumulando poeira.

Sem dizer mais nada para as filhas ela desceu as escadas pisando duro, o som dos seus sapatos de salto alto ecoando pela casa velha. Heloisa era uma mulher muito dura às vezes, principalmente quando o assunto era Margareth. Não que as duas fossem brigadas, mas era nítido que no passado algo acontecera entre elas que tinha deixado aquela mágoa e frieza tão grandes em Heloisa.

— Olha esse aqui. É muito bonito. — Lauren tinha largado a xícara de leite em cima da bancada no canto esquerdo do cômodo e estava revirando as telas. Tinha achado uma em tons pastéis muito bonita, retratava uma paisagem de dunas e um castelo se erguia no canto direito da tela.

— Vovó pintou todos esses quadros e nunca mostrou para a gente — disse Olivia, soando magoada.

— Nós não vínhamos tanto aqui.

— É, mas ela podia ter ao menos dito que pintava.

— Ela não sabia que você queria fazer medicina, assim como nós não sabíamos que ela tinha problema do coração e que pintava esses quadros diferentes...

Olivia torceu o nariz. Sabia que Lauren estava sendo irônica, dentre todas as coisas que elas não sabiam sobre Margareth, os quadros eram a menor delas. As visitas de estranhos na

madrugada e o que o ateliê escondia de verdade eram fatos bem mais grandiosos do que aquilo.

— Você vai me ajudar a tirar essas telas daqui?

— Vou — disse Lauren e as duas começaram a separar as telas por tamanhos, mas depois começaram de novo, achando melhor montar uma ordem cronológica das pinturas. Havia uma mescla bem homogênea de paisagens belas e imagens horríveis. — Você também está se perguntando o porquê da mamãe não ver nada, por que ela encontrou o ateliê e nós não?

Obviamente Olivia estava se perguntando isso, porém, como elas poderiam explicar se não conseguiam nem ao menos explicar o que estava acontecendo naquela casa?

— Se vier mais alguém durante a noite, temos que arrancar algumas respostas. Ou nós descobrimos alguma coisa, ou nada de destrancarmos essa porta para quem quer que seja. — Lauren era um tipo osso duro de roer.

— Tudo bem, você banca a anfitriã. Serei apenas uma expectadora — disse Olivia.

As duas passaram o restante da manhã carregando as telas de Margareth para a garagem, porém, todos os quadros foram colocados nas caixas vazias da mudança das Holly, organizados cronologicamente. Olivia pegou um grande saco plástico transparente e cobriu as caixas. Também teve o cuidado de não deixá-las diretamente no chão.

Quando acabaram, as duas ainda foram terminar de guardar os pertences que tinham retirado das caixas para colocar as telas. Grande parte eram roupas de frio. Casacos, moletons, calças e jaquetas. Olivia separou um casaco vermelho em bom estado e um pulôver cinza. O restante eram utensílios de cozinha perdidos, objetos de enfeite que elas não faziam a menor ideia de onde colocar naquela casa.

Quando finalmente terminaram, perceberam que estavam famintas e não tinham

almoçado.

Na geladeira havia poucas opções. Uma torta de frango congelada acabou sendo a salvação das irmãs Holly.

A tempestade da noite anterior tinha derrubado algumas árvores na rua onde eles moravam, o serviço de limpeza de Lakewood ainda trabalhava para recolhê-las quando Olivia saiu com o Ford do pai para ir ao supermercado com Lauren. Roger tinha chegado com cara de poucos amigos e as filhas acharam que era mais sensato se não o incomodassem. Perder o emprego não tinha sido fácil para ele e, pelo jeito, ter se mudado para aquela cidade também não.

Depois de pedir informações algumas vezes, Olivia encontrou o caminho para o supermercado mais próximo. Eles estavam no início do inverno, apesar disso, quando olhavam para as altas montanhas no horizonte, já podiam ver seus cumes cobertos de neve.

Como os pais sempre trabalharam fora, não era novidade para Olivia ter que fazer compras para a casa. Ela e até mesmo Lauren achavam essa rotina normal. A garota pegou um carrinho de supermercado e começou a deslizar com ele pelo corredor, enquanto a irmã desaparecia alguns instantes e voltava sempre com alguma guloseima para colocar ali dentro.

Em mais ou menos quarenta minutos, elas tinham enchido o carrinho de enlatados, biscoitos, salgadinhos, iogurtes e legumes. Elas também compraram artigos de higiene e se dirigiram para o caixa com uma calma preguiçosa.

Para Olivia, Lakewood seria uma cidade que ela esqueceria assim que seus pais vendessem aquela casa, afinal, ela ia para uma universidade, mesmo que suas cartas de admissão ainda não tivessem chegado. Mas para Lauren talvez a vida ali durasse mais um

pouco. Por isso, ela observava atentamente as adolescentes de sua idade que acompanhavam as mães ou até as que entravam sozinhas na loja.

Em sua antiga cidade, Lauren tinha alguns amigos, mas não era o tipo de adolescente popular que vivia cercada de garotas lindas, magras e loiras. Com suas sardas e o cabelo surpreendentemente laranja, que só Olivia sabia bem como era ser assim, ela fazia de tudo para se encaixar ao ambiente. Mas gostava de fingir que não dava a mínima para ninguém.

Lauren ajudou Olivia a colocar as compras no porta-malas. As duas voltaram para a casa sem trocar nenhuma palavra e guardaram os mantimentos vagarosamente.

Olivia abriu um pote de *Nutella* e sentou-se em uma das bergères da sala de leitura. A irmã se jogou na outra e as duas dividiram o doce comendo-o a colheradas.

Quando Roger as encontrou ali, as duas estavam na penumbra, olhando para a rua através das altas janelas. O pote de *Nutella* já tinha acabado.

— O que vocês estão fazendo no escuro? Espiando os vizinhos é que não é! — perguntou ele, acendendo a luz, assustando as filhas, que tinham ficado esse tempo em silêncio, cada uma com seus próprios pensamentos. O humor de Roger parecia ter melhorado consideravelmente. Morgan também entrou na sala atrás dele, o rabo abanando de felicidade. Ele logo enfiou o focinho no pote vazio de *Nutella* e Olivia teve que tirá-lo do chão.

— Não percebi que já tinha escurecido — disse Olivia.

— Pois é, cadê a mãe de vocês? Ela ainda não voltou da loja?

— Não, ela disse que ia demorar — respondeu Lauren.

— Bem, então terei que contar a novidade só para vocês duas — disse ele todo pomposo. — Consegui um emprego como professor particular em uma escola no Centro.

Começo na semana que vem.

— Parabéns, pai! — disse Olivia, abraçando-o.

Lauren deu um sorriso amarelo para ele. Não queria estragar seu momento, mas também não podia deixar de perguntar:

— Achei que Lakewood fosse temporário. Até que vendêssemos a casa.

— Eu e sua mãe pretendemos que seja, mas até lá não há problema nenhum em ganhar um pouco de dinheiro — disse ele.

A cabeça de Morgan foi e voltou de Roger para as meninas várias vezes. Antes que elas pudessem dizer algo para responder a afirmação, foi ele mesmo que resolveu quebrar o gelo para Lauren.

— Vocês não me ajudam a fazer o jantar? Quando sua mãe chegar já vai estar tudo pronto só esperando-a.

Olivia lançou um olhar de pena à irmã, ela podia ir embora assim que sua carta de admissão chegasse, mas Lauren não e ela era a menos inclinada a ficar em Lakewood da família toda.

Capítulo cinco

Esperando madrugada adentro

O jantar foi espaguete à bolonhesa regado a muita *Coca-Cola*. Roger era péssimo na cozinha e quando convidou gentilmente as filhas para ajudá-lo, ele na verdade queria que Olivia cozinhasse. O problema era que a filha mais velha era só um pouco melhor do que ele pilotando um fogão. A arte de cozinhar pertencia mesmo à Heloisa. Mas quando ela chegou da confeitaria, por volta das sete da noite, e encontrou a mesa posta e o molho do macarrão cheirando por boa parte da nova residência da família, ficou mais do que satisfeita em não ter que preparar tudo sozinha.

Em Aurora, antes de Roger perder o emprego, a família tinha uma dupla de empregadas que cuidava da limpeza da casa e da cozinha.

— Acho que vocês vão ficar felizes, uma família aqui de Lakewood me telefonou hoje interessada em comprar a casa — ela foi logo dizendo, sem nem notar que o marido tinha uma novidade para compartilhar.

— Isso é ótimo, querida — disse Roger, segurando a mão dela de forma carinhosa. — Consegui um trabalho em uma escola particular até que a gente resolva essa situação aqui em Lakewood.

Heloisa deu um gritinho de alegria e levantou-se para dar um beijo rápido nos lábios do marido.

— Que notícia maravilhosa, querido! Sei o quanto você estava chateado por ter saído do

outro emprego...

A conversa ao redor da mesa continuou naquele rumo. Roger explicou como era a turma que ele pegaria, quais seriam seus horários e falou do salário. Heloisa contou como tinha sido o dia na loja. Tinha pegado uma encomenda grande de última hora para o final de semana. Era uma festa de aniversário de uma garota de quinze anos, o que significava que ela trabalharia até tarde nos próximos dois dias para dar conta de entregar o bolo e os doces a tempo. Fora isso, tinha passado na antiga residência só para checar se nenhuma correspondência tinha se extraviado com a mudança, e com isso ela estava falando sobre as cartas de admissão de Olivia na universidade.

— Querida, tem certeza de que você enviou tudo o que precisava para as vagas do curso de medicina?

— Tenho, mãe. — Mais do que ninguém Olivia estava sofrendo com o silêncio das universidades, não precisava que ninguém ficasse lhe lembrando de que nenhuma resposta tinha chegado pelo correio.

— E tem certeza de que eles não enviariam uma admissão on-line? Um e-mail? Hoje em dia é tudo por e-mail.

— Bom, se eles avisaram os candidatos por e-mail, devo ter sido reprovada, porque não recebi nenhum.

Heloisa percebeu o tom de ironia da filha, trocou um olhar com Roger e resolveu tentar uma abordagem diferente.

— Bem, você pode trabalhar comigo na loja sempre que quiser. A vaga está disponível para você — disse a mãe. Heloisa queria desesperadamente ver a filha formada em medicina, mas também ansiava por alguma ajuda na loja.

— Eu não tenho a menor vontade de passar o dia todo enfeitando bolos, mãe.

— Mas você poderia me ajudar em outras coisas, com o caixa, com a divulgação na Internet...

— Mãe, vamos esperar mais um pouco, tá legal? Se nenhuma universidade me aceitar, então vamos ver o que consigo arranjar — disse Olivia, deixando a mesa do jantar repentinamente.

Lauren terminou de comer em silêncio. Nem Roger ou Heloisa ousavam falar qualquer coisa enquanto ela ainda estivesse à mesa. Quando foi retirar seu prato, a mãe a liberou de lavar a louça.

— Pode deixar, querida. Eu coloco os pratos na máquina. Vocês já fizeram o jantar.

Lauren subiu com Morgan em seus calcanhares. O cachorro quase a derrubou na metade de escada e a menina o xingou alto, fazendo ele encolher as orelhas.

Encontrou a irmã estirada na cama, de barriga para cima com um dos braços sobre a cabeça.

— Você não devia se irritar tanto, com as suas notas, logo vão chegar até mais de uma carta de universidade.

— O que me deixa irritada é ela pensar que quero trabalhar com ela.

As duas continuaram conversando aos sussurros até ouvirem os pais subirem para o quarto. Era mais de onze horas da noite quando elas finalmente tiveram certeza de que eles estavam dormindo, depois de ouvir os roncos do pai.

Olivia e Lauren desceram as escadas, seus passos não fazendo o menor ruído no carpete grosso. Elas se acomodaram nas poltronas da sala de leitura. Dessa vez não estava chovendo e havia energia. As altas janelas da sala mostravam a rua, deserta e silenciosa.

Dava para ouvir o vento, que fazia a casa velha ranger por dentro, deixando o clima ainda mais assustador para Lauren.

Olivia abriu o livro de *Bram Stoker* novamente.

— Larga isso aí. Isso tudo já não é assustador o suficiente sem que você precise ficar lendo *Drácula*?

Olivia fechou o livro sem dizer nada e as duas esperaram caladas, olhando para a rua, ansiosas.

Não tardou para que algo chamasse a atenção delas. Dois homens apareceram no final da rua e caminhavam apressados em direção à casa. Eles já eram homens de meia idade. Um deles tinha o cabelo loiro feito areia e uma expressão dura emoldurada por um queixo quadrado, ele era alto, com o peito largo e braços e pernas cheios de músculos. Suas roupas faziam parecer que ele tinha saído de uma representação teatral de *Shakespeare*.

Já o outro tinha cabelos castanhos cortados bem curtos, era menos musculoso que o primeiro, mas se vestia tal como ele.

Lauren trocou um olhar assustado com a irmã antes que os dois batessem à porta da frente. O som das pancadas parecia ecoar na casa inteira e elas deram um pulo para atender à porta antes que os estranhos acordassem seus pais.

Quando elas chegaram até a porta, Morgan já esperava ali, abanando o rabo como se estivesse feliz.

Foi Olivia quem empurrou o cachorro e abriu a porta. A cabeça dela batia na altura da metade do peito do homem loiro e ele olhou para ela surpreso.

— Você não é Margareth... — ele foi logo dizendo, mas não pareceu confuso e nem triste por não encontrar a avó das garotas.

— Não, minha avó morreu. Agora nós moramos aqui.

Ele olhou para o companheiro meio em dúvida. Não sabia ao certo como proceder, mas ao ver o olho colorido da menina o outro falou por ele:

— É você que está cuidando da abertura da passagem agora?

— Você quer saber se nós podemos abrir a porta do ateliê para vocês? Sim, nós podemos, mas tem um preço.

As sobrancelhas dos dois se arquearam como se a afirmação tivesse sido um insulto ultrajante.

— Margareth nunca cobrou por nos ajudar. Na verdade, ela sabia que não podia cobrar, porque não podemos pagar por essa ajuda.

— Tenho certeza de que vocês podem pagar sim, é só nos contarem algumas coisinhas e então...

O homem loiro terminou de abrir a porta com violência. As irmãs Holly perderam o equilíbrio e caíram de bunda no chão.

— Vamos deixar uma coisa bem clara, vocês abrem a passagem e nós atravessamos — disse ele, entrando na casa sob os latidos furiosos de Morgan. O segundo homem o seguiu. Eles já pareciam conhecer a casa, pois atravessaram o hall e subiram as escadas sem cerimônia e nem se importaram em esperá-las.

— Acho que não demos sorte hoje. Esses não são o tipo de estranhos de quem vamos poder arrancar algumas respostas — disse Olivia, levantando-se e estendendo a mão para ajudar Lauren a sair do chão. A irmã parecia pregada de medo no assoalho da casa.

— Você está preocupada com respostas? Aqueles dois poderiam quebrar nossos pescoços sem nem fazer força e esganar nossos pais enquanto dormem.

— Pois é, por isso acho melhor nos livrarmos logo deles.

As duas subiram as escadas correndo, mas mesmo assim não se ouviu um som sequer de passos. Os estranhos esperavam formalmente parados em frente à porta do ateliê.

Olivia estava com a corrente da chave enrolada no pulso e se aproximou dos dois, um tanto incerta. Pelo jeito o homem moreno ia atravessar primeiro.

Eles nem sequer olharam para a garota enquanto ela encaixava a chave na fechadura e destrancava a porta, empurrando-a para que se abrisse.

Do outro lado surgiu um aglomerado de barracas, todas amontoadas em um terreno acidentado. O homem contraiu o maxilar, mas não disse uma única palavra em agradecimento. Fez a travessia mudo e Olivia fechou a porta carrancuda.

Ela lançou um olhar duro ao homem loiro e se deu conta de que eles nem haviam se apresentado. A indignação tomou conta dela. Essas pessoas não eram como Julia, Tactare e Set. Eles tinham sido gentis e amistosos. Aqueles dois eram carrascos e assustadores.

Como se tivesse percebido o misto de sensações que passavam pelo rosto de Olivia, o homem se voltou para as irmãs Holly, suavizando um pouco a expressão dura.

— Margareth era uma boa pessoa, se vocês são netas dela, é bom que tomem cuidado ao abrir essa porta para estranhos. Ser uma atravessadora é algo raro. Só encontrei Margareth em todo esse tempo e muitos outros também. Se vocês estão achando que nós somos tipos desagradáveis, esperem até Rupert aparecer.

Ao terminar de dizer essas palavras, o homem voltou o rosto para a porta, esperando que Olivia a destrancasse mais uma vez. A garota até abriu a boca para lhe dar uma resposta, mas Lauren segurou em seu braço e balançou a cabeça negativamente. A irmã estava ainda mais pálida do que já era e suas sardas se sobressaíam em seu rosto.

Olivia destrancou a porta uma segunda vez: surgiu um campo em guerra.

Capítulo seis

O que Margareth deixou

Olivia acordou um pouco mais tarde do que o habitual no dia seguinte. Percebeu que estava sozinha na casa pela ausência de sons cotidianos. Quando desceu para tomar café, encontrou o bilhete da mãe que tinha ido com Lauren até a nova escola. O pai também tinha saído para o novo trabalho.

A garota serviu-se de uma xícara grande de café preto, direto da cafeteira elétrica. Colocou duas colheres pequenas de açúcar, abriu a porta dos fundos para que Morgan entrasse e subiu para o seu quarto novamente. Antes de entrar, no entanto, fitou a porta do ateliê por longos minutos, pensando no que deveria fazer a respeito daquele mistério.

Como a discussão com a mãe ainda estava fresca em sua mente, a garota terminou de bebericar o café, tomou um banho rápido, lavou os cabelos, colocou uma camiseta velha cinza e desbotada, um shorts jeans, pegou o iPod da tomada, onde tinha ficado carregando, enfiou os fones nos ouvidos e pegou um livro de biologia para ler.

Ela tinha deixado a porta do quarto aberta. Sua cama ficava com a cabeceira voltada para o corredor e de onde estava a menina podia encarar a porta do ateliê da avó diretamente se abaixasse o livro que estava estudando.

Algumas horas se passaram, a manhã já estava no fim quando Olivia começou a ouvir os primeiros barulhos estranhos pela casa.

Morgan, que tinha ficado o tempo todo deitado no tapete ao lado da cama também levantou a cabeça e ergueu as orelhas. Primeiro ela achou mais seguro ignorar que tivesse percebido algo estranho, continuou com os olhos fixos na leitura, mas sua atenção já tinha sido desviada.

Passados mais alguns minutos, ela achou que tinha ouvido o som de risadas. Olivia estava com muito medo de erguer os olhos do livro e dar de cara com algo amedrontador, por isso ela aumentou o volume do iPod no último.

Estava ouvindo o novo álbum de *Lucy Rose*, uma de suas cantoras favoritas no momento. Morgan nem se mexia embaixo dela, mas ela podia sentir a tensão do cachorro. Percebeu quando os pelos das costas dele se eriçaram e quando seus bigodes tremeram antes mesmo que ele latisse e saísse correndo do quarto.

Olivia não podia ignorar aquele comportamento, mas bem que ela gostaria. Por isso, largou os fones e o livro e saiu atrás do cachorro.

Não tinha nem chegado aos pés da escada quando estacou de súbito, horrorizada. Dois meninos, que não deviam ter mais do que uns sete anos cada um, estavam acariciando as orelhas de Morgan na base da escada. A visão não era para deixá-la com medo, afinal, duas crianças tinham invadido a casa e estava apenas brincando com seu cachorro, mas havia algo errado com aqueles meninos, uma sensação estranha percorreu todo o corpo da garota.

O husky se deixava coçar como se os três já fossem velhos amigos e Olivia sentiu um arrepio todo frio e nauseante percorrer seu corpo inteiro. Ela se moveu devagar. Não sabia ao certo o porquê estava com medo de duas crianças. Elas eram totalmente diferentes dos visitantes noturnos que ela vinha encontrando.

Os meninos perceberam a presença dela e ergueram os olhos de Morgan para encará-la.

O olhar congelou Olivia no lugar. Ela já tinha dado dois passos para traz e estava com vontade de sair correndo o mais depressa possível daquela casa, quando uma das crianças a cumprimentou:

— Oi — disse um deles. Tinha uma voz musical e parecia bem tímido. — Você é a nova atravessadora?

Olivia levou alguns segundos para assentir. Eram os primeiros que não ficavam surpresos por ela não ser Margareth.

— Precisamos de ajuda. Será que você pode nos ajudar? — disse o outro menino, e Olivia percebeu que eles não tinham afinal a mesma idade, mas que com toda a certeza eram irmãos.

— Eu, ahn... hum... vocês precisam que eu abra a porta? — perguntou Olivia, engasgando para encontrar as palavras, mas supondo que eles também não quisessem nada mais do que os outros já tinham conseguido, atravessar, fosse lá para o lugar que eles iam.

Os dois meninos assentiram solenemente e começaram a subir as escadas, seus passos sendo absolutamente abafados pelo grosso carpete. Quando eles chegaram bem perto de Olivia, ela pôde notar mais claramente suas roupas. Os dois usavam macacões jeans e botinas de corrida. Um deles, ela achou que fosse o mais velho, segurava uma boina nas mãos.

— Como vocês se chamam? — questionou a garota, Morgan vinha logo atrás dos meninos, estava agora agitado e não parava de empurrar a mão de um deles para acariciar seu focinho.

Os irmãos riram do grande husky com gosto. Mais uma vez o som de suas risadas encheu a casa como se fossem sinos tocando e Olivia deixou de sentir medo.

— Eu sou Marcos e ele é Túlio.

— Bem, e como vocês vieram parar aqui?

Os irmãos trocaram aquele olhar, o mesmo que Olivia já tinha visto todos os outros visitantes trocarem, no entanto, eles costumavam se olhar assim quando a encontravam na porta e não Margareth.

— Soubemos que você estava ajudando com a passagem... — disse um dos irmãos, cheio de incerteza.

Como nenhum dos três conseguiu dizer mais nada, Olivia achou que já era hora de destrancar a porta do ateliê outra vez para ajudá-los.

A garota buscou a chave que tinha ficado em cima de seu criado-mudo e quando voltou encontrou os dois meninos parados de frente para a porta. Olivia sentiu um aperto estranho no peito, ela não sabia explicar o motivo, mas era o mesmo tipo de compaixão que ela achava que dispensaria aos seus pacientes.

— Bem, vamos lá... vocês vão precisar de duas passagens diferentes, ou uma só? — o tom da pergunta de Olivia tinha sido o mesmo que uma garçonete usaria se fosse perguntar como um freguês prefere o seu café.

— Só uma, vamos para o mesmo lugar — respondeu Túlio.

Olivia aquiesceu, eles se mexeram levemente para o lado, de modo que ela fosse capaz de destrancar a porta. Em seguida, a garota sentiu o leve clique na fechadura, quando a porta se abriu e mostrou um lugar exuberante, sem dúvida a paisagem mais bonita que ela tinha visto por aquela porta até agora.

Os três encararam boquiabertos um campo coberto de grandes girassóis que faziam todo o lugar parecer um tapete verde e amarelo. Ao longe, pássaros azuis voavam em direção a

uma fileira de árvores que se erguiam na linha do horizonte, com copas largas e de grossos troncos.

Em uma dessas árvores, uma mulher com uma longa trança de cabelos negros e um vestido rosa estava sentada em um balanço amarrado nos troncos, de braços abertos, esperando pelos dois meninos, que nem se lembraram de agradecer Olivia quando desataram a correr em direção à mulher.

Em todas as outras vezes que tinha aberto aquela porta, Olivia não tinha hesitado em fechá-la depois de atravessar os visitantes, no entanto, havia algo de diferente nessa imagem, das duas crianças brincando com a mulher, os risos musicais fazendo-se ouvir mesmo àquela distância.

Por isso a garota ficou ali, observando a imagem, atrás do batente daquela porta mágica que se destrancava para lugares extraordinários e inexplicáveis. Por mais que Olivia se esforçasse para entender o que estava vendo, ela não conseguia. Precisava revirar a casa da avó o quanto antes, para encontrar explicação, pois Heloisa pretendia se desfazer do casarão.

De repente, a ideia da venda daquela casa velha encheu seu coração de tristeza. Assim como Lauren ela não tinha gostado nenhum pouco de ter se mudado para Lakewood, mas a descoberta do ateliê secreto e todas as suas possibilidades, as visitas misteriosas no meio da noite e até durante o dia, faziam com que ela se afeiçoasse cada vez mais ao lugar.

Resolvida a entender o mistério, Olivia aproveitou que estava sozinha para revirar o lugar, na garagem não havia mais nada de Margareth, pois Heloisa já tinha retirado tudo o que podia dali e levado para longe. Entre as telas que ela e Lauren tinham retirado do ateliê verdadeiro, também não havia nada que servisse de explicação para o que acontecia dentro

daquela casa.

Olivia revistou cada canto dos armários da cozinha, olhou até mesmo nos fundos da despensa, nas prateleiras mais escuras, mas também não encontrou nada.

Passou uma boa meia hora revirando a cristaleira da sala de jantar. Quando chegou a vez dos livros na sala de leitura, a menina ficou por ali até a mãe chegar com Lauren. Olivia folheou livro por livro daquelas altas estantes.

Sem perguntar o que a irmã estava procurando, Lauren ajudou fazendo o mesmo: removendo cada livro de seu lugar, passando a mão no fundo da prateleira e folheando o volume em questão, esperando que algo caísse de dentro dele, a qualquer momento.

Mas nada disso aconteceu. Os livros não escondiam nenhum outro segredo que não fosse sua própria história.

Enquanto Heloisa preparava o jantar e conversava com Roger na cozinha, as irmãs Holly reviraram o maleiro, a parte de cima do guarda-roupa, o armário e o baú do quarto que tinha pertencido à Margareth, mas, assim como nos outros cômodos, não havia nada ali.

— Não é possível, tem que haver algo.

As irmãs estavam olhando no estrado, debaixo do colchão, que também não escondia nada além de ácaros, diga-se de passagem, quando Lauren perguntou o que tinha motivado a busca e Olivia lhe contou sobre a visita das crianças no final da manhã.

— Tem que haver alguma coisa. Como alguém passa por algo desse tipo e não deixa nada anotado? Um diário? Nada?!!

Lauren levantou-se do chão onde estivera ajoelhada e correu para o próprio quarto com o rosto todo vermelho e os cabelos desarrumados. Olivia a seguiu apressada, seus passos ressoando mesmo sobre o grosso carpete.

— Olha isso...

Ela atirou para a irmã a agenda de 1970 que elas tinham retirado da mesma caixa onde tinham encontrado a chave do ateliê. Lauren ficou com o maço de cartas presas por um barbante.

Enquanto Olivia folheava a agenda, não achando nada particularmente interessante em vários dos dias grifados, circulados e marcados, percebeu Lauren ofegar.

— O que foi? O que tem aí? — Ela se sentou no chão ao lado da irmã para poder ler junto.

— São cartas de amor...

— Para quem? — Olivia pegou a primeira carta, que a irmã já estava colocando por baixo na pilha.

— Para um tal de Abara... e tem as respostas dele também... — disse Lauren, tomando cuidado para não embaralhar as cartas, já que elas pareciam estar na ordem.

As duas uniram as cabeças para que pudessem ler juntas aos escritos em folha de seda. O papel era tão fininho, a caligrafia de Margareth era arredondada e ela apertava demais a caneta na folha, quase a ponto de rasgá-la, já a caligrafia de Abara era alongada e tombada para o lado direito.

14 de setembro de 1970

Querido Abara, não espero que vá vê-lo outra vez, mas não poderia deixar de contar como me sinto. Esses meses todos em que me visitou e as adoráveis conversas que tivemos abriu meu coração para um sentimento violento e doloroso. Sei que não deveria,

mas me apaixonei por você. Gostaria muito de poder vê-lo mais uma vez, para que pudesse olhar para esses lindos olhos azuis da cor do céu e lhe dizer pessoalmente como você foi especial durante todos esses anos.

Ninguém entenderia, eu também não entendo, mas compreendo que o amo e amarei para sempre.

Data indefinida, 1970 para Margareth

Minha Margareth, você foi a pessoa mais especial que encontrei certamente nessa e em outra vida. Não poderia falar com outra pessoa tudo o que falamos em nossas conversas.

Você diz agora que me ama, mas eu te amei desde a primeira vez que nos vimos, desde aquele primeiro encontro no jardim.

Desculpe não ter dito isso enquanto ainda tínhamos tempo. Não, me perdoe outra vez, na verdade, nunca tivemos tempo... ele jogou contra nós. Porém, não me permitiria deixá-la sem que soubesse que sempre foi o meu primeiro pensamento e tudo aquilo que mais ansiava.

15 de outubro de 1970

Abara, sinto sua ausência doer em minha alma. É tudo tão distante... tão triste e injusto... por que não tivemos tempo?

Data indefinida, 1970 para Margareth

Minha Margareth, também me pergunto diariamente por que não tivemos tempo. Gostaria de ter passado as horas ao seu lado na cama enquanto lia, de ter feito passeios ao ar livre com você... foi injusto e cruel o que aconteceu conosco... mas nenhum de nós poderia ter mudado nada.

2 de novembro de 1971

Caro Abara, nunca poderíamos ter ficado juntos, agora eu entendo que o tempo que nos foi dado já era mais do que merecíamos. Nosso amor é profundo, mas nunca poderia ter sido vivido. Eu tampouco poderia ter te ajudado e evitado esse sofrimento que nos acomete à distância abismal que nos encontramos um do outro.

Espero que você esteja bem...

Data indefinida, 1971 para Margareth

Minha Margareth, é claro que nosso amor é algo que não deveria ter acontecido, mas também é claro que o coração é livre para escolher quem ele bem entender e o nosso nunca foi igual ao das outras pessoas.

Também espero que você esteja bem...

Data indefinida, 1972 para Margareth

Minha Margareth, suas cartas eram um alento e agora já não as tenho mais. Quando as lia, era como se ouvisse sua voz e estivéssemos conversando como nos velhos tempos. O que houve com o seu amor?

3 de fevereiro de 1972

Caro Abara, nunca te esquecerei, mas gostaria que você encontrasse alguma paz...

Olivia e Lauren terminaram a última linha da carta da avó e se olharam encabuladas. Parecia que elas tinham feito algo de terrivelmente errado xeretando nas cartas de Margareth, ainda mais em cartas com aquele conteúdo tão apaixonado.

— Quando foi que o vovô morreu? — perguntou Lauren, acanhada.

— Em 1988...

— Então vovó estava tendo um caso com esse Abara em 1970...

Era o que parecia. Sua avó tinha se casado em 1958 e vivido 30 anos com o marido. Mas no meio desse tempo tinha existido esse tal de Abara, fosse ele quem fosse.

Capítulo sete

Atravessadoras

Depois da descoberta das cartas de amor de Margareth, Olivia e Lauren ainda discutiram por algum tempo sobre esse tal Abara. Elas tinham pedido a Heloisa o álbum de fotografias de família da avó e as duas ficaram a tarde toda revirando seu conteúdo com a mãe na sala de leitura.

Heloisa ocupava uma das bergères, Olivia a outra e Lauren estava sentada no chão, de frente para elas. Além do álbum de casamento da avó, Margareth guardava uma caixa de fotografias avulsas.

Enquanto a mãe ficava cada vez mais nostálgica e sentimental ao olhar para as fotos de família, Olivia e Lauren procuravam pelo tal Abara. Elas obviamente não tinham um rosto para procurar, mas estavam atrás de uma foto escondida atrás de outras, algo que sugerisse que ela tivesse se apaixonado por alguém antes de conhecer seu avô.

No entanto, as buscas se mostraram infrutíferas. Não havia nada fora do comum nas fotos de Margareth.

— Sabe se a vovó conheceu alguém chamado Abara? — perguntou Olivia, repentinamente, como se estivesse falando do tempo. Lauren olhou para a irmã com os olhos arregalados.

— Não que eu me lembre... por quê? — Heloisa encarou a filha, perfeitamente

consciente de que o interesse de Olivia não era mera curiosidade.

— Por nada, é que vi esse nome anotado em algum pedaço de papel que jogamos fora...

Heloisa não pareceu convencida, mas deixou o assunto de lado. Elas terminaram de olhar as fotos, não encontraram nada de alarmante e a tarde se arrastou sem novidades.

Com a rotina das aulas de Lauren na nova escola, o novo trabalho de Roger e Heloisa em Aurora, Olivia ficava boa parte do dia sozinha. A irmã só voltava para casa depois das quatorze horas. Mas a garota não ficava esse tempo todo sem alguém para conversar. As crianças vinham durante o dia. Elas nunca apareciam à noite, mas no fim da manhã era certo encontrá-las por ali.

Se Olivia estava no banho, no quarto, nos fundos da casa, ou até mesmo em cima do telhado: ela tinha encontrado um lugar perfeito para fumar sem que os pais sentissem cheiro de cigarro pela casa; Morgan era quem fazia as vezes de anfitrião e levava as crianças até a porta do ateliê.

Nenhuma delas esboçou surpresa por não encontrar Margareth, tampouco fizeram perguntas a Olivia. Elas só queriam atravessar a porta, ficavam felizes quando Olivia não as enchia de perguntas e desapareciam logo em seguida.

Ela e Lauren tinham entrado em um acordo de que as crianças eram inofensivas e podiam ser atravessadas, mas estranhos na calada da noite estavam terminantemente vetados. Por isso, durante toda a primeira semana de aula de Lauren, Olivia não destrancou a porta para ninguém à noite.

Morgan também ficou do lado de fora todos os dias, Lauren argumentou que o cão podia dar alarme caso alguém tentasse entrar à força na casa. O que também não aconteceu.

Porém, outras coisas estranhas começaram a ocorrer depois que as irmãs Holly se

recusaram a abrir a passagem para aquelas pessoas.

Enquanto Lauren tomava banho, a água acabou do nada e sua toalha, que ela jurava ter colocado no gancho ao lado do box, estava estendida sobre sua cama, o que a obrigou a sair do banheiro pelada.

Olivia, que dormia com os fones do iPod ouvindo música, acordava sobressaltada com o som de gritos e não fazia ideia se estava tendo um pesadelo, ou se algo macabro estava ocorrendo na vizinhança.

Frequentemente ela também ouvia o som de risos e quando descia no meio da noite para ver de onde vinha, Olivia se deparou mais de uma vez com o som de vozes ressentidas, até mesmo irritadas, do outro lado da porta e voltava para o quarto apressada.

Se alguém perguntasse o que tinha ocorrido de diferente naquele fim de semana, Olivia não seria capaz de lembrar. Os pais tinham ficado até tarde vendo um filme na TV da sala de estar, Lauren estava no quarto usando a Internet para falar com os amigos de Aurora e Olivia estava terminando *Drácula* na sala de leitura.

Perto da meia-noite, os pais foram dormir e Lauren também apagou a luz do seu quarto e foi deitar. Morgan tinha sido deixado do lado de fora. A garota o viu deitado em frente à porta dos fundos, enquanto fazia um pouco de café, já que pretendia terminar o livro naquela noite.

Olivia sentiu o cheiro forte do café encher a cozinha. Sentiu vontade de fumar, mas afastou os pensamentos do cigarro, já que ela só os acendia raramente e não era um vício que ela pretendia manter. A garota fuçou nos armários do guarda-louça da avó. Pegou uma xícara de louça de cor salmão, estava com uma linha trincada por dentro, mas ela não se importou. Bebeu a primeira xícara ali mesmo, de pé. Depois se serviu novamente e voltou

para a sala.

Os movimentos de Olivia eram sincronizados. A xícara estava apoiada em um dos braços da bergère, no outro braço a garota tinha passado as pernas, pois estava sentada toda torta. Vez ou outra ela precisava empurrar para cima os óculos em armação de tartaruga. O pé direito se movia de um lado para o outro, como se ela estivesse ouvindo uma música.

Ela estava bem relaxada, a leitura tinha feito com que ela se esquecesse de que tinha se mudado para aquela cidade que mal conhecia, já que tinha saído o mínimo possível de casa, tinha se esquecido até mesmo do ateliê e suas aberturas inexplicáveis para outros lugares e das visitas cada vez mais enigmáticas que vinha recebendo.

Estava tão absorta, que tomou um susto gigantesco quando Morgan entrou correndo e derrubou a xícara com um resto de café em cima de Olivia, na pressa de fazer festa com ela.

A garota pensou que seu coração sairia pela boca, tamanho foi seu susto. A xícara estava quebrada, sua perna melada e o livro de Margareth estava manchado. Mas a primeira coisa que Olivia disse ao cão não foi “Veja o que você fez”, mas sim:

— Como foi que você entrou? — disse, levantando-se, mas antes que pudesse cruzar a sala de leitura à procura de um pano para limpar a bagunça, a pessoa que surgiu na soleira da porta fez todo o sangue existente em seu corpo congelar.

Margareth Holly encarava a neta com um sorriso tímido nos lábios. Ela segurava um pano nas mãos e se adiantou, passando por Olivia para limpar a bagunça feita por Morgan. Mantinha a mesma aparência de que Olivia se lembrava, magra, com os cabelos mais brancos do que ruivos, usando um vestido de mangas compridas florido e um par de tênis *All Star* vermelho bem desbotado. Seus olhos eram bondosos, espertos e seu sorriso emanava calor.

— Muito feio fazer isso com as pessoas, Morgan — disse ela, sua voz saiu como a garota se lembrava, mas não fazia sentido, não podia fazer. — Não precisa se preocupar com o livro, deixe ele aberto que vai secar. — Margareth continuou dizendo. Depois que tinha secado o chão e a poltrona, a mulher sentou-se em uma das bergères e convidou Olivia a fazer o mesmo. — Venha querida, temos algumas coisas para conversar.

Olivia não saberia explicar depois como não saiu correndo. Também não saberia dizer por que obedeceu ao fantasma da avó morta e sentou-se ao lado dela. Porque era isso o que Margareth era, certo? Um fantasma, pois ela tinha morrido.

— Não precisa ficar com essa cara de espanto. Sou eu mesma e estou morta. Não vamos nos demorar muito com essa constatação. Reaja ao impacto, querida.

— Você é um fantasma? Meu Deus, estou vendo um fantasma... estou ficando louca. Lakewood está me deixando maluca... preciso ir logo para a faculdade...

— Olivia Austen Holly! Pare já com isso.

Ela se calou e respirou fundo, tentando focar no que a avó dizia, mas seu cérebro não parava de lhe dizer que aquilo simplesmente não era possível. Não podia ser.

— O que está acontecendo aqui? — Olivia exigiu saber, ainda aturdida.

— Bem, neste ponto espero que você já tenha imaginado.

Olivia engoliu em seco. Não era possível que esse tempo todo estivesse vendo fantasmas...

— Olivia, é melhor recuperar sua capacidade de raciocínio e prestar bem atenção. Teremos pouco tempo para conversar.

Como a neta respirou fundo várias vezes e controlou o tremor que vinha sentindo, Margareth achou que era viável continuar.

— Você é uma atravessadora. O que significa que abrindo a porta do ateliê é capaz de enviar as almas de pessoas que chegam até aqui, procurando exatamente por isso.

— Então todas essas pessoas que apareceram são realmente fantasmas? Eu estou falando, servindo chá... para fantasmas? — Olivia não queria acreditar que estivesse lidando com o sobrenatural todo esse tempo. Era demais para ela.

— São almas, Olivia. Fantasma é um termo muito rude. Não os trate assim e pare de me olhar com esses olhos arregalados, menina. — Margareth nunca tinha usado aquele tom de impaciência com a neta.

— Desculpe, mas até outro dia eu sabia que coisas estranhas estavam acontecendo, mas isso é muito mais do que estranho, é bizarro. — Olivia falava com as mãos, gesticulando loucamente, mas tentando manter a voz baixa, para não acordar os pais e Lauren... — Vovó, espera só um minutinho, vou acordar Lauren... ela não vai acreditar em mim depois... e ela viu essas pessoas, quase todas elas...

Olivia não esperou pela resposta de Margareth e subiu correndo as escadas, seus passos ressoando como pancadas secas. Ela entrou no quarto afoita e puxou os lençóis da cama da irmã.

— Levanta, anda, você precisa ver isso com os seus próprios olhos.

— O que é que você fez?! Me deixa dormir...

— Deixo coisa nenhuma, vem, Lauren... — Olivia estava puxando a irmã por uma perna e um braço e estava quase a derrubando da cama.

— Me solta, já acordei... — Lauren sentou na cama. Usava um pijama verde de flanela e ficou esfregando os olhos por alguns segundos. — Vou te matar se não for nada...

— Sério, você vai ver que não estou brincando.

Quando Lauren viu Margareth, no entanto, a reação foi melhor do que a de Olivia. A irmã caçula já tinha pressentido que não era normal aquela movimentação na casa durante a noite, sem que seus pais acordassem. As pessoas podiam parecer bem sólidas, mas seus passos não faziam barulho, elas não se tocavam e, de manhã, o chá que elas “bebiam” estava nas xícaras, intocado.

— PUTA QUE O PARIU... — Lauren deixou escapar, a exclamação não era uma dúvida, só uma constatação bem consternada de que, afinal, o que ela vinha imaginando era mesmo o que estava acontecendo.

— Isso não foi nada lisonjeiro, querida — disse Margareth. — Mas agora que estão as duas aqui, vamos logo ao que interessa?

Olivia sentou de frente para a avó e Lauren se empoleirou no braço da bergère da irmã.

— Vocês são atravessadoras. Minha casa, desde quando eu era criança e morava aqui, tinha esse cômodo em especial que se abria para outros locais... eu era menina quando percebi o que todas aquelas pessoas que me procuravam eram... bem, não foi fácil, estando sozinha, sendo apenas eu para fazer esse trabalho, pois é algo de que uma de nós não pode fugir.

Olivia e Lauren nem piscavam.

— Essas pessoas nunca me machucaram, nunca foram uma ameaça, mesmo que algumas vezes fossem hostis. No entanto, na noite em que morri uma delas me empurrou para dentro da passagem...

— Você está dizendo que uma dessas pessoas te assassinou?

Margareth assentiu, sombria.

— Não vamos mais receber ninguém à noite. Eu disse à Olivia — disse Lauren, muito

séria.

— É por isso que vim, vocês não podem se negar a atravessá-los. Este é o trabalho de uma atravessadora. Começou comigo e vai ficar na família enquanto existir alguma herdeira mulher viva que possua a heterocromia.

Olivia e Lauren se olharam fascinadas. Gostavam de seus olhos coloridos, assim como seus cabelos ruivos, tornavam-nas ainda mais diferentes das outras garotas, mas nunca imaginaram que esse fosse um pré-requisito para ver fantasmas.

— Mamãe vai vender a casa... Olivia vai para a faculdade...

— Então vocês terão que fazer algo a respeito. Se vocês saírem daqui, esses fantasmas vão atrás de vocês onde vocês estiverem... — Margareth estava começando a ficar inquieta. — Heloisa vai insistir com essa ideia até o final... mas digam a ela para se lembrar de Bianca.

— Quem foi Bianca? — as duas perguntaram ao mesmo tempo.

— Sua mãe sabe muito bem o que acontece nessa casa, ela só não quer ver e como vocês resolveram o problema antes que eu viesse, tudo ficou relativamente em ordem... até vocês começarem a deixar de receber as almas — Margareth respondeu, agora levantando-se e começando a subir as escadas. As irmãs Holly a seguiram.

As três pararam em frente à porta do ateliê. Margareth se voltou para as netas, seriamente.

— Vocês precisam tomar cuidado. Não sei quem me matou. Mas essa pessoa queria fazer com que as almas não tivessem mais como chegar ao outro lado. Fiquem alertas. Uma pessoa viva não pode atravessar essa sala quando ela se abre para algum lugar que não seja o ateliê... — A avó estava tentando ao máximo deixar as meninas preparadas. — Bem... seja

como for, o principal eu direi a vocês... quando Abara vier, não deixem que ele lhes roube o coração.

Lauren ficou rígida e Olivia prendeu a respiração.

— O Abara das cartas? — Olivia não conseguiu se conter.

— Então vocês as leram... sim, estou falando do Abara das cartas. Ele vai chegar para explicar tudo a vocês, assim como explicou a mim. Só preservem a distância... é doloroso se apaixonar por Abara. Agora, será que vocês podem me atravessar?

Tanto Olivia, quanto Lauren ficaram aturdidas com aquele pedido, como se tivessem se esquecido como destrancar uma porta.

Olivia entrou no quarto para pegar a chave que ficava em cima do criado-mudo. Destrancou a porta para a avó.

A imagem que surgiu foi de um mar calmo, a água parecia que ia inundar o corredor onde elas estavam a qualquer momento, não havia uma praia sequer à vista, nada. Só a imensidão azul.

— Vovó, você não pode entrar aí. — Lauren não queria dizer que a avó iria morrer se simplesmente pulasse no mar, porque ela já tinha morrido.

Mas Margareth já tinha feito a travessia e Olivia acabou fechando a porta assombrada.

As irmãs Holly deixaram-se cair em suas camas, ainda sem acreditar em tudo que tinham ouvido da boca de Margareth.

Nenhuma das duas queria dizer o que realmente estavam pensando. Essa história de atravessadoras era demais para ser digerida assim, facilmente. Heloisa precisava ser confrontada, o mais cedo possível. Se ela alguma vez tinha visto os fantasmas, quer dizer, as pessoas, que transitavam pela casa para fazer a travessia, ela devia ser capaz de explicar

como isso tinha começado.

Mas para Olivia, havia algo que não saía de sua mente. Ela estava prestes a receber as cartas de admissão de faculdades, não pretendia ficar em Lakewood mais do que o necessário e agora sua avó morta vinha dizer que se uma delas abandonasse a missão de atravessadora seria perseguida pelos fantasmas?

Aquilo sim era demais!

— Mamãe vai vender a casa — disse Lauren, como se tivesse adivinhado os pensamentos da irmã. — Ela quer voltar para Aurora. Por mais que papai tenha encontrado um trabalho aqui, ela não suporta essa casa.

— Acho que ela não gosta daqui exatamente por saber bem o que acontece no ateliê. — Olivia se enfiou debaixo das cobertas e fixou os pensamentos nas pessoas que ela tinha visto nos últimos dias.

Ela tinha pressentido uma estranheza óbvia nas crianças que tinha visto e isso explicava muito sobre as roupas mais estapafúrdias que algumas dessas pessoas usavam, parecendo até que tinham saído de filmes de época.

— Lauren... e esse Abara? — Olivia estava angustiada só de pensar naquele nome. — Vovó se apaixonou por ele...

— Liv, quando ele vier, vou ficar o mais longe possível, aquelas cartas não me pareceram nada legais, mesmo apaixonadas.

Olivia não comentou, pois para ela as cartas tinham sido exatamente o que eram, apaixonadas e muito românticas. Aos dezoito anos, Olivia não era nenhuma garota inocente, mas nunca havia se apaixonado, tinha passado a vida toda estudando, dera muito pouca importância para garotos.

No entanto, a expectativa de ver quem seria esse Abara era suficiente para fazê-la ter dificuldades para pegar no sono, mesmo sendo quatro horas da manhã.

Capítulo oito

Casa à venda

Como se o mundo conspirasse contra, o dia seguinte à visita de Margareth foi tumultuado pela presença dos primeiros interessados em comprar a casa. Heloisa deixou de ir para Aurora só para poder mostrar a propriedade para os futuros compradores, se tudo desse certo. Ela estava com um humor ótimo e deixou até que Lauren faltasse à aula, uma vez que a filha caçula não conseguiu acordar cedo na segunda-feira.

Os futuros compradores acordaram Olivia. Ela ainda estava na cama quando ouviu vozes no andar de baixo. Vestiu-se e desceu apressada. Lauren seguiu a irmã logo em depois percebendo que algo de anormal estava ocorrendo no andar de baixo, e pelo jeito não eram os fantasmas.

Roger e Heloisa mostravam a casa para um casal de meia idade, ambos bem gordos, a mulher chegava até a ter uma papada. Eles começaram a visita pela cozinha. E as irmãs surgiram no caminho.

— Essas são minhas filhas, Olivia e Lauren — disse Heloisa, abraçando as garotas pelos ombros.

Elas ficaram sabendo que a mulher gorda chamava-se Rubia, o marido era Martin, ambos moravam em Lakewood, mais no centro comercial da cidade, e estavam procurando uma casa grande e afastada para criar os filhos adotivos, dois garotos ainda pequenos que estavam na escola.

— Bem, essa é uma ótima casa, a cozinha é bem espaçosa, como pode ver. Os azulejos também são todos originais da década de 1930, quando minha mãe se mudou para cá. Os armários foram trocados, mas veja como o cômodo é lindo! — disse Heloisa, enquanto falava pelos cotovelos.

Lauren e Olivia se entreolharam preocupadas. Não era bem daquela maneira que elas pretendiam começar aquele dia. Elas tinham a intenção de interrogar Helô sobre a função de atravessadoras, porém, tinham sido interrompidas daquela forma nada agradável.

— A sala de jantar tem o teto alto, a laje está em perfeitas condições, todos esses móveis estão inclusos, as mesas e o armário são de madeira vitoriana. São todas peças maciças e muito resistentes.

Rubia e Martin ficaram impressionados com os móveis rústicos, mas lustrosos, de Margareth e Olivia achou que, para o bem de todos, era preciso intervir.

— Mas não foi nesse armário que tinha cupim? Você ficou louca com essa infestação que comeu até parte do assoalho da casa por baixo... — disparou Olivia, inventando tudo, claro, sem a menor vergonha.

— Cupim? Você não disse nada sobre cupim... — falou Rubia, desconcertada.

— Do que você está falando, Olivia? Pare com isso. Veja, não tem cupim nenhum. — Heloisa abriu o armário e levantou os tapetes para que os futuros compradores pudessem ver o chão firme e encerado de madeira.

O casal passou para a sala de estar. Um recôncavo da casa que mais se parecia com uma alcova, era o lugar da casa que Olivia menos gostava e não sabia o porquê. Sofás estavam dispostos no canto, o teto também era mais baixo, o que passava essa impressão de buraco. Não havia janelas, nem ventilação. Parecia-se com um porão, e até poderia ser, já que eles

tinham que descer quatro degraus em um corredor estreito para chegar até o cômodo. Uma TV nova tinha sido instalada pelos pais das Holly, além de dois sofás grandes e azuis, havia uma poltrona reclinável, uma mesinha de centro e dois quadros na parede atrás da TV, de frente para quem entrava.

Os quadros, obviamente, eram obras de Margareth e representavam um farol em ruínas e um café parisiense.

O casal pareceu gostar do que via. Olivia e Lauren estavam em desespero por dentro. Como assim apareciam compradores, logo no dia seguinte à visita de Margareth? Era coincidência?

Quando eles passaram à sala de leitura, Heloisa começou a matraquear sem parar sobre as estantes reforçadas para os livros, o lustre que tinha sido trazido da França no século dezenove, as bergères originais da Índia que seu pai, avó das meninas, tinha trazido da viagem de lua de mel, que o tecido era pura seda...

— É, mas tem uma mancha enorme de café bem aqui, pode vir ver. Provavelmente nunca mais vai sair... — disse Olivia e Heloisa seguiu furiosa em direção à poltrona constatando que havia mesmo uma mancha enorme ali.

— Bem, é a única mancha que existe, tenho certeza que o tecido pode ser recuperado... — ela começou a se explicar para o casal.

Roger, mais do que lançou um olhar de suspeita para a filha. Ele tinha percebido a intenção das duas, mas não conseguia entender os motivos, pois, para ele, ambas estavam loucas para voltar para Aurora.

O tour pela casa seguiu pelas escadas, em direção ao andar de cima. O primeiro quarto era justamente o ateliê. Heloisa respirou fundo e pediu a chave emprestada para as filhas.

Quando ela mostrou o quarto, era novamente um ateliê, bem limpo agora, já que as meninas tinham retirado tudo que estava ali antes.

— Sugiro que usem como escritório, não é muito bom para um quarto, é bem quente no verão.

Que desculpa mais esfarrapada!, pensou Olivia.

— Na verdade, minha avó foi encontrada morta aqui. Às vezes ela ainda aparece, sabe, como um fantasma e vem abrir a porta... — Olivia teve que se segurar para não rir, porque não era totalmente mentira e o casal arregalou os olhos bem assustado.

— Martin, acho que já vimos o suficiente, vamos? — pediu Rubia.

— Não, não, por favor. Não precisam sair assim. Vamos conhecer os outros quartos, venham... não dê ouvidos à minha filha... ela está apenas brincando...

— Mãe, eu não estou brincando...

Olivia e Heloisa trocaram olhares irritados. Estavam medindo forças. Ficou claro que ela sabia sobre o que a filha estava falando, mas não poderia dar o braço a torcer. Isso significaria abandonar toda uma vida se esforçando para não se lembrar de sua infância e adolescência, quando era acordada por pessoas que já estavam mortas e vinham procurar por ajuda.

— Por favor, vamos ver os jardins...

Heloisa e Roger acompanharam o casal para ver o lado de fora da casa. Lauren e Olivia ficaram paradas no corredor, em silêncio por um momento.

— Não vamos conseguir fazer isso toda vez que alguém vier ver a casa. Ou mamãe vai nos matar, ou vai simplesmente vendê-la... — disse Lauren, dando de ombros, mas a ruga de preocupação em sua testa parecia ter sido tatuada ali desde a noite anterior.

— Vamos ter que falar com ela, você e eu e contar sobre a vovó...

As irmãs acharam que assim que o casal interessado na casa fosse embora teriam uma conversa séria com Heloisa. A mãe certamente estaria furiosa e passaria um sermão nas duas, ocasião em que elas aproveitariam para arrancar dela tudo o que sabia sobre a casa, sobre o ateliê, os fantasmas e a morte de Margareth.

No entanto, o sermão não aconteceu porque Heloisa saiu com Roger assim que Martin e Rubia foram embora.

Como nem Olivia nem Lauren tinham muito o que conversar, a não ser o assunto que pretendiam tratar diretamente com a mãe, cada uma passou o restante do dia matando o tempo, até que os pais voltaram para casa no final da tarde. Lauren desceu para encontrar a irmã na sala de leitura.

— Vamos falar com ela agora? — perguntou à Olivia.

Lauren não precisou de uma resposta, pois a mãe surgiu na porta, Roger subiu para um banho, não sem antes lançar um olhar de pena para as filhas, como se não quisesse estar na pele delas por nada no mundo.

— Eu não vou fingir que não entendo o que vocês fizeram hoje de manhã, porque eu entendo bem. Mas vou avisar que não vai acontecer. Nós vamos vender a casa e vamos nos mudar daqui — disse ela, ainda encostada no batente da porta.

— Nós vimos a vovó. Ela se sentou bem aqui ontem à noite e nos contou que somos atravessadoras. Disse que não podemos fugir de quem somos, dessa responsabilidade e que se fizermos isso as almas dessas pessoas vão vir atrás de nós...

Heloisa travou o maxilar, certamente ela não estava esperando que o fantasma de

Margareth aparecesse para as filhas.

— Eu passei a minha vida longe daqui porque não queria ouvir falar dessas histórias, não queria ver essas pessoas. E é exatamente o que vocês duas vão fazer. Não me importo com o que minha mãe disse, com as perseguições e vocês também não precisam se importar. Se as ignorarem, elas irão embora e quando nos mudarmos, vão assombrar outra pessoa — a frieza de sua explicação chocou Olivia.

— Alguém pode ter matado a vovó... você nunca nos contou sobre nada disso e nos trouxe para morar aqui... — Olivia estava perdida, não sabia exatamente qual linha de argumento deveria usar com a mãe. — Além do mais, só uma atravessadora pode abrir a passagem.

— Nunca permiti que Margareth contasse essas coisas a vocês, mas pelo jeito ela achou que não precisava cumprir a promessa depois de morta. — Heloisa seguiu em direção às escadas. — Não quero mais ouvir sobre isso. Se eu não ouvi quando tinha a idade de vocês, não vou ouvir agora...

Ela deixou as filhas sozinhas e chocadas com sua reação.

— Como ela pôde? Como ela pôde dizer isso? — Olivia estava com tanta raiva que era capaz de socar a parede, seu rosto ficou muito vermelho e sua respiração parecia com a de quem tinha corrido uma maratona.

— Você sabe o que me preocupa, não é? Que essas pessoas passem a nos perseguir — Lauren sentiu um calafrio por verbalizar aquele pensamento. Desde o início ela tinha se mostrado totalmente contra a se envolver com a estranheza do ateliê.

— Eles estão mortos, não estão? Não podem nos fazer mal...

— Mas fizeram mal a vovó.

— Então vamos torcer para esse tal de Abara chegar logo e nos explicar tudo o que a mamãe está tentando manter longe da gente — disse Olivia, que obviamente tinha herdado a teimosia de Heloisa.

— Acha que ela não sabe sobre o Abara? Ela não vai deixar esse cara chegar perto da gente e esses fantasmas... — ela disse a última palavra como se tivesse falado um palavrão — eles vão continuar vindo, o que vamos fazer com eles?

— Você nada... eu vou continuar atravessando-os — decidiu Olivia, resoluta.

Capítulo nove

Abara

A terça-feira amanheceu cinza. O ar parecia estar carregado de uma tensão que extrapolava o céu prestes a desabar em tempestade em cima dos moradores de Lakewood. Para variar, Olivia estava sozinha em casa.

Checava os e-mails a cada dois minutos, apertando a tecla de atualizar. Desde a discussão com a mãe, as Holly não tinham recebido mais nenhuma visita no meio da madrugada. Olivia estava preocupada. Uma sensação estranha tinha surgido na boca de seu estômago. Era como se alguém estivesse com uma mão bem firme em sua garganta, só esperando o momento derradeiro para esganá-la.

A demora em chegar qualquer carta das universidades, somada ao fato sobrenatural de ser uma atravessadora, estava acabando com seus nervos. Enquanto olhava para a tela do notebook, fazia bolas com o chiclete. A casa repousava em um silêncio profundo. O estouro da bola e o som constante do notebook ligado eram os únicos ruídos da casa.

Geralmente, Olivia não se incomodava com o silêncio, mas hoje ele parecia fúnebre. Ela olhou para aquele quarto, seu olhar se detendo em objetos que ela conhecia bem, mas que agora estavam arranjados de forma diferente naquela casa. Duas camas de solteiro encostadas na parede, bem embaixo da janela simples de caixilhos brancos, muitas almofadas peludas de adolescentes. Uma prateleira instalada meio torta acima da cabeceira da cama de Olivia, a qual ela tinha abarrotado de livros de estudo e apostilas. A cama de

Lauren estava feita, com dois ursinhos de pelúcia, o panda Boris e a girafa Duna, alinhados em cima do travesseiro. Lauren conseguia ser muito organizada.

No armário que as duas dividiam, que estava com uma das portas aberta, era possível ver exatamente onde terminava a parte dela e começava a de Olivia.

O quarto ainda tinha um espelho de corpo inteiro em um dos cantos, com duas gavetas embaixo. A escrivaninha era de mogno, toda rebuscada e a cadeira preta, estofada em couro e de rodinhas.

Olivia estourou mais duas bolas do chiclete, colocou no buscador do *Google* a palavra atravessadoras e estava abrindo os links à procura de algum site que fosse capaz de explicar o que elas eram.

Ela já estava nesse processo de busca há mais de trinta minutos quando ouviu um estalo seco no corredor. Sabendo que nenhum barulho naquela casa era gratuito, ela se virou em direção à porta. Esperou, apertando a ponta do lápis no bloco de anotações, sem nem perceber que o fazia, até que a ponta quebrou, bem no momento em que ela ouviu outra vez o barulho.

Sentindo-se puxada, como se estivesse sendo atraída para o lado de fora, ela deu impulso com os pés e fez a cadeira deslizar até ficar de frente para a porta do seu quarto, que estava aberta, e era possível enxergar o corredor e a porta fechada do ateliê.

Olivia fez outra bola com o chiclete, mas dessa vez ela se estourou sozinha, grudando em todo o rosto da menina, enquanto ela ouvia a pancada seca uma terceira vez. O barulho vinha do ateliê, do lado de dentro.

— Não brinca... — ela sussurrou, levantando-se e pegando a chave do ateliê de cima do criado-mudo.

Apreensiva, Olivia se aproximou da porta, enquanto o barulho se repetia. Ela não era alguém capaz de conviver com a dúvida, mesmo sabendo o que acontecia em sua casa, a garota não conseguiria fingir que não estava ouvindo aquele ruído. Ela enfiou a chave na fechadura sem cerimônia, respirou fundo uma única vez e abriu a porta.

Margareth já tinha advertido as netas da chegada de Abara, mas ela jamais poderia ter preparado Olivia para encontrá-lo daquela forma, de pé, no meio do ateliê de sua avó. E não era só o fato de reconhecê-lo sem nunca tê-lo visto, mas ele ser um homem, não um rapaz ou um jovem como ela, mas um homem, na casa dos seus vinte e cinco anos, com cabelos castanhos escuros e levemente ondulados que caíam até a altura de seus ombros, uma barba desgrenhada de quem não se barbeava há quase uma semana, olhos incrivelmente azuis, escuros como a cor do oceano. Tinha ombros largos e seus um e noventa de altura, não era musculoso, mas seu corpo era bem definido e atlético. Ele a encarava encantado, mas ao mesmo tempo tímido, sensação que Olivia achou totalmente estapafúrdia, uma vez que aquilo era muito mais absurdo do que constrangedor.

— Você deve ser Olivia Holly — disse, usando sua voz grave, de fazer até os ossos de mulheres mortas derreterem.

Como a garota permaneceu calada, sem se lembrar de como era falar, ele continuou:

— Sou Abara... um amigo de Margareth.

O cérebro de Olivia pareceu descongelar. Pelo menos agora ela já era capaz de balbuciar.

— É... ahn... como... ham...

— Você está bem? Está meio pálida — disse ele, dando dois passos que cruzaram o ateliê para segurá-la delicadamente pelo braço.

Olivia sentiu o corpo inteiro estremecer, coisa que Abara não pôde deixar de reparar. Até aquele momento ela não tinha tocado em nenhuma das pessoas que tinham vindo para serem atravessadas.

O toque de Abara era morno, não frio como ela imaginava que fosse o toque de fantasmas. A mão dele também era macia e, de repente, a garota se deu conta de que estava completamente consciente do toque dele, que fazia sua pele formigar, como se tivesse ficado muito tempo anestesiada.

— Como você chegou aqui? — ela finalmente conseguiu encontrar as palavras para questioná-lo.

— Quando preciso treinar uma nova atravessadora, consigo fazer a passagem de volta — ele respondeu, pacientemente, deixando o ateliê, ainda com a mão no braço dela.

— Desculpe, Abara... — ela disse, testando o som do nome dele. — Mas minha mãe foi bem clara, não vamos continuar com essa história de atravessadora. Ela vai vender a casa.

A testa dele se enrugou.

— Vamos ter que contornar o problema, então.

— Você não entendeu. Minha mãe não quer saber sobre essa história de fantasmas, ou como Margareth os ajudava. Ela colocou a casa à venda e proibiu que eu ou Lauren ajudemos quem aparecer. — Eles estavam agora no meio do corredor. Ao olhar nos olhos dela, Abara parecia capaz de ver sua alma.

— Tenho certeza de que vamos conseguir inventar uma história convincente para que Heloisa me impeça de ficar.

Olivia riu. Era engraçado pensar em alguém tentando argumentar com Heloisa.

— De nada vai adiantar suas instruções quando a casa for vendida.

— Acho que também vamos conseguir mudar isso.

— Escuta, se você conheceu minha avó, deve conhecer minha mãe... ela não vai mudar de ideia e também não vai permitir que você transforme a gente em atravessadoras.

— Você já é uma atravessadora, Olivia. Só preciso te ensinar umas coisinhas.

O sorriso dele era de fazer as pernas virarem gelatina. O mundo de Olivia tinha virado do avesso de forma irreparável e ela ainda não havia se dado conta disso.

Quando Heloisa e Lauren chegaram, no final da tarde, encontraram Olivia e Abara sentados à mesa da cozinha. Os dois tinham passado algumas horas bem constrangedoras. Já fazia algum tempo que Olivia olhava para qualquer canto do ambiente para não se perder naqueles olhos azuis, enquanto ele não parava de encará-la, como se a estivesse decifrando.

Ao deparar-se com ele em sua cozinha, Heloisa ficou furiosa.

— O que é que você está fazendo aqui? — Pelo jeito ela já o conhecia, o enxergava e não gostava nada dele.

— Eu tinha que vir, você bem sabe — respondeu ele, todo paciente, contrastando com a fúria quase incontrolável de Heloisa.

— Saia da minha casa agora! AGORA! — esbravejou.

Abara levantou-se, era mais alto do que ela mais de uma cabeça. Gentilmente, mas de forma firme, pegou Heloisa pelo braço e levou-a para a sala no porão, para longe dos ouvidos das garotas.

Enquanto eles discutiam acaloradamente, Olivia contou para Lauren como tinha encontrado Abara e sobre o pouco que eles tinham conversado antes da chegada das duas. Lauren estava com os olhos arregalados, a situação estava saindo de controle, tornando-se

cada vez mais bizarra.

A discussão com Heloisa deixou Abara irritado. Os dois voltaram para a cozinha contrariados, pelo jeito os resultados do que tinham debatido não foram satisfatórios para nenhum dos dois.

— Essa criatura fica até quando ele achar necessário. Desde que ninguém interfira na venda da casa — sentenciou a mãe. — Lauren, você está estritamente proibida de se envolver nessa história de atravessadora. Não quero você perto dos dois. E quanto a você, Olivia... quando fizer sua escolha saiba que estará sozinha nisso.

Heloisa saiu pisando duro. Eles conseguiram ouvir seus passos por toda a casa até que ela bateu a porta de seu quarto.

— Bem, vou ficar com a sala de leitura. Como viram, a mãe de vocês permitiu gentilmente que eu fique na casa — ele voltou a sorrir de forma amigável.

Quando Roger chegou, perto da hora do jantar, ficou comprovado que ele não podia ver Abara. As irmãs Holly não sabiam o quanto ele estava por dentro daquele assunto sobre atravessadoras, mas Heloisa deve ter contado a ele alguma coisa, pois ele parecia saber sobre as coisas estranhas que aconteciam na casa mesmo que não estivesse nem um pouco interessado em se inteirar sobre os problemas sobrenaturais que rondavam suas filhas.

Porém, Olivia sentiu-se revoltada, pois a mãe sabia de muitas coisas a respeito do ateliê, dos fantasmas, daquela coisa toda sobre ser uma atravessadora e não estava disposta a dividir nada com ninguém.

Sentindo toda aquela tensão crescer em Olivia, Abara, que estava sentado ao lado dela à mesa de jantar, colocou a mão sobre a da garota para confortá-la. O gesto, no entanto, não foi bem recebido por ela, que retirou a mão, rispidamente.

Quando os pais se retiraram da cozinha e se dirigiram para a sala de estar, as Holly ficaram finalmente sozinhas com aquele estranho que tinha um visto de permanência indefinida na vida delas.

— Bem, sua mãe me proibiu de te envolver nesse assunto, Lauren, mas você não está proibida de ouvir. Agora, vamos a todas as perguntas.

— O que é uma atravessadora? O que acontece no ateliê quando a gente abre a porta? Quem são todas essas pessoas? — Olivia disparou as primeiras perguntas, rápida como se estivesse atirando dardos, provavelmente envenenados.

— Uau... — ele recostou-se na cadeira e juntou as mãos da forma que um professor faria. — Uma atravessadora é uma pessoa capaz de ajudar um fantasma a fazer uma travessia. A travessia consiste em diversas provações pelas quais essas pessoas passarão antes que finalmente encontrem o descanso após a morte. Cada vez que uma de vocês abre a porta, surgem os lugares para onde essas pessoas vão. Essas pessoas são naturalmente fantasmas, quem já morreu.

Olivia e Lauren acharam a explicação bem simples. Tinham deduzido aquilo sozinhas. Não tinha nada de religioso nela, mas não explicava tudo.

— Por que aqui? Por que uma de nós? — exigiu Olivia.

Abara a encarou demoradamente antes de responder.

— Só existe esse portal neste Estado. Vocês são únicas e essa casa é única em infinitos quilômetros ao redor. O que eu posso dizer é que tudo começou com uma garota, muitos séculos atrás, que tinha um olho de duas cores. Sua mãe não pode vender a casa. E se ela vender e o imóvel for derrubado, se for construída outra casa aqui, vai acontecer a mesma coisa. O portal não deixará de existir, mas é preciso uma de vocês para abri-lo.

— Você ouviu minha mãe, ela vai vender a casa.

— Vamos ter que fazê-la entender que não se pode mudar quem se é, nem se pode abandonar um legado desses. — Abara estava tão confiante, como se aquela conversa fosse corriqueira.

Naquela primeira noite, Olivia, Lauren e Abara não dormiram, assim como Heloisa. Os quatro ficaram revirando-se na cama, cheios de medos, dúvidas e ansiedade, no caso do rapaz. Heloisa não queria ceder, não queria toda aquela história de fantasmas invadindo sua vida, tampouco queria a filha, que tinha um futuro promissor pela frente, presa àquela casa velha. Ela não queria abrir mão da vida que tinha construído, assim como não queria que as filhas tivessem que fazê-lo.

Lauren se revirava nos lençóis de medo. Desde o começo ela tinha sentido aquela sensação de frio na espinha. Se ela pudesse dormir feito pedra todas as noites só para não ter que lidar com os mortos, ela o faria. Mas naquela noite estava encontrando dificuldades. Mesmo acordadas, as irmãs não tinham vontade de conversar a respeito.

Olivia trocava de lado na cama a cada cinco minutos. A apreensão dela, no entanto, não era em relação aos fantasmas. Já que ela tinha lidado bem com aquela situação sobrenatural, era ela mesmo que assumiria o legado das Holly. Quem estava tirando o seu sono era Abara. As palavras de Margareth e o conteúdo das cartas trocadas entre os dois não saíam de sua mente. Tinha sido um aviso bem claro e sério. Era óbvio que ela não estava apaixonada pelo estranho, afinal, não era possível se apaixonar por alguém em tão pouco tempo, muito menos por alguém que tinha acabado de voltar do mundo dos mortos. Mas também era óbvio que ele era lindo e todo aquele mistério era capaz de compor um charme irresistível a ele.

Já Abara, em seu colchão improvisado como cama na sala de leitura, encarava o teto sem ousar fechar os olhos. Sua condição de mortal era temporária. Assim que cumprisse seu tempo com as irmãs precisaria voltar para o Outro Mundo. Olivia Holly era muito diferente de Margareth, seu grande amor, mas era tão linda quanto a avó tinha sido. Ele sabia que teria que orientá-la a passar por tudo o que uma atravessadora tinha que passar e talvez algo mais. Fosse como fosse, se a garota lembrasse um pouco menos a avó tudo seria mais fácil.

O dia seguinte foi estranho. Heloisa passou por Abara, finalmente adormecido na sala de leitura, e não dirigiu a ele mais do que um olhar de desprezo. Roger não sabia como agir diante de tudo aquilo. Ele sabia sobre Margareth e aquela história de ela ser atravessadora, também sabia o que tinha custado a sua mulher apagar aquele passado. Tinha resolvido que ignorar era a melhor opção para não enlouquecer, pois pensar em fantasmas transitando em sua casa era demais para sua mente.

Lauren foi para a escola apressada. Não se sentia nada a vontade na presença de Abara e deu graças a Deus pelas aulas do colégio. Ao se ver sozinha com ele, Olivia sentiu o constrangimento se abater sobre ambos. Eles não sabiam ao certo como agir um com o outro, por isso, os dois começaram a falar pelos cotovelos sobre coisas importantes e também banais.

— Os portais para as atravessadoras existem em todos os Estados. Cada um tem o seu, localizado em um ponto específico. O nosso fica no Colorado, bem na casa da sua avó — explicou Abara.

— Ele sempre esteve aqui? — perguntou a garota, tentando entender.

— Não. Eles podem mudar de lugar, caso uma de vocês desista de ser o que é.

— Então eu posso desistir? Posso escolher não ser uma atravessadora? — Aquilo ia

contra a explicação que Margareth tinha dado às netas.

— Sim, mas ia viver atormentada pelos fantasmas. É um preço muito alto a se pagar — ele explicou. — Foi isso que aconteceu para que a família Holly se tornasse atravessadora. Alguém desistiu.

— Isso é muito interessante.

— Quando a pessoa desiste, o portal desaparece e se abre em outro lugar. Geralmente muito longe de onde estava antes, mas como eu disse, isso tem um preço.

Eles estavam sentados formalmente na sala de leitura. Olivia vestia um casaco cinza, jeans e seu par de *All Star Chuck Taylor* vermelho favorito. Abara usava uma jaqueta de couro por cima de uma camisa preta e jeans despojados, com os joelhos rasgados. Estava lindo, o que desconcertava Olivia completamente. Sua atenção ficava se desviando, imaginando como seria beijar aqueles lábios encarando olhos tão azuis... Olivia espantou o pensamento.

— Então existem muitas outras atravessadoras como eu — concluiu Olivia.

— Sim...

A resposta indecisa e evasiva deixou a garota desconfiada, havia uma relutância bem sutil ao responder.

— E existem muitos auxiliares de atravessadoras? — ela questionou.

— Tanto quando existem atravessadoras...

Olivia ficou pensativa por vários minutos. Não sabia se devia falar sobre o que Margareth contara a ela.

— Minha avó foi morta. De alguma forma, um desses fantasmas a empurrou para dentro do ateliê. Por que alguém faria uma coisa dessas? — ela estava se perguntando isso desde

que recebera a visita de Margareth.

Abara fitou os próprios pés por um tempo. Olivia se odiou por ser tão indelicada, não devia falar da avó de forma tão descuidada com ele. Ao pensar em Margareth ela não conseguiu deixar de se lembrar do aviso da avó.

— O que aconteceu com Margareth foi perturbador.

Ele não entrou em detalhes, levantou-se inquieto e começou a andar de um lado para outro na sala. Mergulhou em um silêncio profundo e encerrou as conversas por hora.

Com a presença de Abara o tempo todo na casa, Olivia estava se sentindo um pouco sufocada. Ele não parecia muito disposto a falar sobre Margareth e o que aconteceu entre eles no passado, na verdade, depois da menção ao nome da avó, Abara não parecia disposto a falar mais nada.

Forçada a sair de casa, diante daquele constrangimento mútuo, Olivia arranhou uma desculpa para ficar longe por algumas horas.

Pegou a caminhonete do pai e foi dar uma volta por Lakewood. Não tinha propriamente um local em mente para ir, estava só dirigindo e gastando gasolina. Chegou a parar no supermercado para comprar salgadinhos e várias barras de chocolate, assim como café, mas também não tinha uma lista de compras grande o suficiente para enrolar dentro da loja por um longo tempo.

Ela comprou uma escova de dentes e artigos de higiene para Abara. Depois, quando olhou para tudo aquilo em seu carrinho ficou se perguntando se ele usava esse tipo de coisa, pois afinal, ele tinha vindo de um lugar sobrenatural e inexplicável, certamente ele não devia precisar escovar os dentes.

Mesmo em dúvida, a menina manteve os artigos. Pagou as compras, colocou as poucas

sacolas no banco de trás do carro e resolveu dar mais uma volta na cidade.

Lakewood tinha um movimento calmo. Naquele dia em particular fazia um tempo ameno e as ruas estavam quase desertas. Olivia dirigia de forma displicente, não estava prestando muita atenção no que acontecia à sua frente, pois estava perdida em seus próprios pensamentos sobre tudo o que vinha ocorrendo em sua vida.

Exatamente por esse motivo ela nem se deu conta de que tinha avançado o sinal vermelho e só pôde sentir a pancada lateral ao ser atingida por outro veículo que vinha pelo cruzamento.

Capítulo dez

Noa

A pancada foi esmagadora bem ao lado do motorista. Olivia bateu a cabeça no volante e ficou totalmente desorientada. Ela mal percebeu que alguém tinha aberto a porta do carro do lado do passageiro e estava falando com ela. Sons de sirenes vibravam no fundo de sua mente. Ela piscou diversas vezes, estava tentando focar o rosto da pessoa que a ajudava.

— Você está bem? Não... Não, não se mexa!! — o rapaz dizia quando ela tentava soltar o cinto de segurança.

Mais alguns minutos e ela estava sendo atendida na parte de traz de uma ambulância. Aparentemente não tinha quebrado nada, mas ia precisar de uma tomografia, pois tinha um galo enorme na testa e um corte no supercílio.

O rapaz que a socorrera discara para Heloisa, que chegou ao hospital no final da manhã, aflita, com Lauren a tiracolo.

Noa Hart tinha ficado o tempo todo no hospital, esperando que os parentes de Olivia chegassem. Estava sentado em uma daquelas cadeiras de plástico azul horríveis e parecia visivelmente preocupado com o estado de saúde de Olivia. Ele tinha um par de olhos azuis límpidos e um rosto marcante, favorecido por um daqueles queixos com covinha. Seus cabelos eram bem pretos e lisos.

— Oi, você deve ser a mãe de Olivia. — Heloisa e Lauren tinham os mesmos cabelos

laranja da garota e chegaram afoitas à recepção.

— O que aconteceu?

— Ela avançou o sinal vermelho, não tive tempo de desviar. Foi tudo muito rápido — disse Noa. — Parece que não foi nada grave, mas mesmo assim quiseram trazê-la para cá para alguns exames.

Heloisa agradeceu e conversou ainda rapidamente com Noa antes de procurar pelo médico que tinha atendido a filha. Lauren ficou na recepção, totalmente esquecida em meio ao caos do ambiente.

— Sua mãe disse que acabaram de se mudar — o rapaz tentou puxar assunto. — Eu conhecia Margareth. Era uma boa pessoa.

Lauren olhou para ele sem saber o que dizer. O que deveria ser dito para um cara que acaba de atropelar sua irmã?

Achou melhor só assentir. Corria menos risco de dizer algo que não devesse.

— Então... estão gostando da cidade? — Noa estava se sentindo extremamente culpado. Nunca tinha batido o carro, tinha carteira de motorista desde os dezesseis anos e agora tinha acertado em cheio o carro de Olivia.

— Não é tão ruim — disse Lauren, a situação constrangedora se intensificando a cada minuto entre eles.

— Eu... acho que ... ahn... já posso ir... — disse ele, sentindo-se completamente estúpido. Anotou o celular em um pedaço de papel e entregou a menina. — Diga para sua mãe que se precisar de qualquer coisa pode me ligar.

Lauren assentiu mais uma vez e ele foi embora.

No final da tarde, quando as três voltaram para casa, Abara não estava. Heloisa achou a

ausência dele ainda mais estranha do que sua presença.

Enquanto Olivia recostou-se nos travesseiros, com o braço esquerdo bem firme em uma tipoia, pois afinal tinha quebrado alguma coisa, Lauren se empoleirou na cama dela para contar sobre Noa.

— Ele é muito bonito. Ficou tentando puxar assunto enquanto mamãe conversava com o médico. Você precisava ter visto os olhos dele. São os olhos mais bonitos que já vi.

Olivia riu e isso fez doer suas costelas, que tinham sido amassadas com a pancada, mas estavam intactas.

— Foi muito estranho. Eu estava distraída, mas não completamente cega. Tive a impressão que meu pé se forçou a pisar no acelerador...

Era mais uma sensação de que algo estava errado. Ela não conseguia explicar. Olivia também era uma motorista cuidadosa, do tipo que arranhava o carro, mas nunca tinha batido no automóvel de ninguém.

— Estranho deve ser ficar em casa sozinha com esse Abara. Ele me dá medo — disse Lauren e, como não podia deixar de ser, o rapaz apareceu no batente da porta do quarto de Olivia bem naquele instante.

— Soube do acidente. Está tudo bem? — ele perguntou, sem ousar entrar no quarto das irmãs Holly.

Alguma coisa no tom da voz dele sugeria que a pergunta era de preocupação genuína, mas então por que ela ainda estava com aquela sensação de que havia algo de errado ali?

— Não foi nada grave. Só uma concussão e um braço quebrado.

Ele assentiu em dúvida, afinal um osso quebrado sempre era grave, mas logo as deixou sozinhas.

À noite, Olivia teve que contar sobre o acidente para os pais mais uma vez. Roger tinha ficado muito chateado, pois a caminhonete era sua há pelo menos dez anos e ele a adorava, mas estavam todos aliviados que nada de grave tinha acontecido.

Olivia estava desmaiada sob o efeito de dois analgésicos diferentes para aliviar as dores do braço quando foi acordada por uma mão fria que segurava seu tornozelo descoberto. Ela teria dado um grito de susto, tido um ataque cardíaco, se não tivesse se acostumado com os fantasmas perambulando pela sua casa no meio da madrugada.

Era Julia outra vez. A garota estranhou ver um de seus primeiros visitantes tão cedo de novo, mas já tinha entendido que eles poderiam ir e vir mais de uma vez.

— Julia... — ela balbuciou, sentando-se na cama.

— Desculpe acordá-la, Olivia. Será que podemos comer alguma coisa e nos aquecer? — a voz de Julia era chorosa e a garota não ousou recusar. Ela ainda não sabia o que podia acontecer se recusasse um pedido de um fantasma e Julia parecia tão triste.

As duas estavam descendo as escadas quando foram surpreendidas por Abara. Ele estava subindo, não tinha visto Julia se esgueirar para o andar de cima. Pelo jeito não tinha ficado contente ao vê-la, já que travou o maxilar.

— Vejo que já andou apreendendo umas coisinhas — disse Julia, olhando de soslaio para Abara.

Olivia achou que não precisava responder. Ocupou-se em aumentar a temperatura do aquecedor e ferveu água para um café, pois, por mais que Julia não bebesse, ela precisava acordar.

Quando o aroma da bebida encheu a cozinha, Olivia sentou-se ao lado de Julia e em

frente a Abara.

— A propósito, você quer? — ela lembrou-se dos artigos de higiene que tinha comprado para ele.

— Posso parecer vivo, Olivia, mas não estou. Obrigado.

Ela deu de ombros e bebericou o café. Estava fervendo.

— Olivia, será que dessa vez não poderia me mandar para junto de Patrik? Estou tão triste. Sinto tanto a falta dele. Não aguento mais lugares frios e hostis.

Abara se mexeu desconfortável.

— O que aconteceu, Julia?

Olivia estava totalmente interessada e desperta agora. Queria ouvir a história de Julia, aliás, ela queria ouvir a história de todos eles.

Julia começou a narrar que tinha vivido um grande amor proibido no século dezoito, mas que ambos tinham sido mortos. Patrik em um combate de espada e Julia envenenada. Aquilo parecia tão *Romeu e Julieta* que Olivia ficou totalmente embevecida por cada palavra dela, nem percebeu que as horas da madrugada se passavam uma a uma, avançando pela noite.

Quando finalmente terminou, Olivia estava com os olhos cheios de lágrimas e Abara a encarava de forma inquisidora, com uma das sobrancelhas erguida.

— O que foi? Eu gosto de histórias românticas — defendeu-se Olivia.

— Achei que você não fosse do tipo que chora por uma simples história.

Julia lançou um olhar irritado para ele.

Finalmente tinha chegado a hora de Olivia atravessar Julia outra vez. Abara acompanharia bem de perto aquela experiência para poder dizer o que ela estava fazendo corretamente e o que estava fazendo de errado.

Mas, antes que a garota sequer abrisse a porta, Julia resolveu alertá-la.

— Tome muito cuidado, Olivia. As atravessadoras estão morrendo aos montes agora. Quero poder encontrar você aqui, se eu precisar voltar mais uma vez — disse Julia, abraçando a garota que ficou em choque.

— Como assim morrendo aos montes?

— Achei que Abara tinha lhe contado. Pelo menos uma dúzia de atravessadoras já morreu, assim como Margareth. Achei até que ele estivesse aqui por isso...

Julia agora parecia incerta, como se tivesse dito algo que não deveria.

— Acho que ele deixou escapar esse detalhe — Olivia o fulminou com o olhar, mas sabia que não era de Julia que ela precisaria arrancar respostas.

Por isso, a garota abriu a porta vendo surgir diante delas uma estação de trem enfumaçada. Julia emitiu um barulho resignado e fez a travessia acenando um até logo para Olivia antes de desaparecer de vista.

Quando a porta do ateliê estava novamente trancada, Olivia voltou-se para Abara que a encarava com uma expressão desolada.

— Quando é que você pretendia contar sobre atravessadoras estarem sendo mortas?

— Não tive muito tempo. Mas eu não achei que você precisasse saber logo no meu primeiro dia aqui — disse ele, na maior cara de pau.

— Então, tem pelo menos uma dezena de atravessadoras mortas e eu, que acabei de embarcar nessa, não preciso ser avisada, por que você acha que não preciso saber? — era a primeira vez que Olivia se revoltava com aquela situação.

Tinha encarado toda aquela coisa de fantasmas até muito bem até o momento. Achado até bacana estar envolvida em algo daquele tipo, mas bastava que comesçassem a esconder as

coisas dela para que a garota ficasse uma fera.

— As mortes não têm nada a ver com você.

— É claro que tem. Eu disse a você que suspeitava que alguém tinha assassinado Margareth e você ficou aí com essa cara de babaca e nem respondeu, quando além da minha avó ainda existe pelo menos mais uma dúzia de atravessadoras mortas. — Olivia estava falando bem baixo para não acordar os pais, ou mesmo Lauren, mas ela tinha vontade de gritar com Abara e arrancar seus olhos com as mãos.

— Você está dramatizando. Ninguém sabe se as mortes estão relacionadas. Nada de anormal aconteceu.

— Quer dizer então que é normal uma leva de atravessadoras caírem mortas, assim, da noite para o dia? Acho que vou recusar o trabalho então...

Abara se precipitou, tentou segurá-la pelo braço que não estava na tipoia, mas Olivia se afastou.

— Não encoste em mim! — ela sibilou e, por um segundo, pensou ter visto uma expressão de mágoa passar pelo rosto de Abara, mas ele logo voltou a exibir sua fisionomia impassível.

— Estava esperando o melhor momento para lhe pedir isso, mas pelo jeito ele não vai surgir tão cedo. Precisamos conversar seriamente — disse Abara, dando meia volta em direção à sala de leitura, esperando que Olivia o seguisse.

Revirando os olhos Olivia o seguiu, descendo os degraus sem provocar o mínimo barulho.

Abara estava parado de costas para ela, observava a rua pelas altas janelas da sala.

— Serei direto, preciso de sua ajuda.

— Isso você já disse — Olivia respondeu, ele ainda não estava olhando para ela enquanto falava.

Ele exalou um suspiro profundo antes de continuar:

— Raramente apareço para explicar as regras do Outro Mundo às atravessadoras. Na maior parte do tempo sou obrigado a vagar pelo outro lado. Não aguento mais isso. Preciso resolver essa questão — ele a encarou. Mesmo na penumbra em que estavam Olivia se sentiu fisgada pelo olhar caloroso dele. — Preciso descobrir quem me matou.

A garota engoliu em seco. Seu braço voltara a latejar. Ela nem ousou questionar se ele estava falando sério. Nos poucos dias de convivência com o fantasma, era a primeira vez que ele se mostrava envergonhado.

— Eu não estaria lhe pedindo isso se não fosse importante.

Olivia ainda levou um tempinho para encontrar novamente sua voz.

— Como você quer que eu faça isso? Você deve ter morrido há décadas!

Abara fechou a expressão. A garota suspirou, talvez tivesse sido indelicada.

— Não quis dizer que você parece morto há muito tempo. Na verdade, você está muito bem para quem já morreu. Quer dizer, você não está tão mal... olha, quando foi que você morreu? — ela sabia que deveria estar vermelha pelo embaraço, deu graças a Deus por estarem na penumbra.

Abara entendera perfeitamente o que ela estava tentando expressar. Ela o achava atraente, mas não queria admitir isso a ele.

— Morri há trinta anos.

— Trinta anos?! — ela explodiu, imaginando como ele estava achando que ela conseguiria descobrir um assassinato acontecido há trinta anos. Nem se ela fosse filha de

Sherlock Holmes, neta de Hercule Poirot ou parente da Miss Marple.

— Não é tanto tempo assim — Abara respondeu, tentando minimizar o susto que provocara na garota.

Olivia sentou-se em uma das poltronas, o braço na tipoia apoiado sobre seu joelho.

— Será que esses dias que você passou aqui não serviram para perceber que nem eu, nem minha irmã somos boas nisso?

— Você será apenas uma intermediária. Só posso deixar sua casa se puder lhe acompanhar, preciso que você me leve aos locais em que preciso estar.

Olivia o encarou de forma cética.

— E o que você está esperando encontrar? Rastros de sangue? Digitais após trinta anos? — ela não queria soar irônica, mas sabia que não havia como evitar.

— Quero encontrar alguma paz do outro lado.

As palavras foram sinceras e fizeram Olivia sentir-se mal. Mesmo que não conseguisse enxergar de que forma ela seria capaz de ajudá-lo, não poderia negar o pedido de Abara, mesmo que ele fosse cheio de mistérios e não contasse tudo a ela, ainda assim ela se sentia obrigada a ajudá-lo.

— Me dê um tempo, certo? Vou ajudar você, só preciso me sentir menos atropelada por um caminhão — ela respondeu, erguendo o braço engessado.

Com uma relação estranha como aquela entre mestre e pupila, Olivia passou a evitar Abara nos dias seguintes. Quanto mais ela pensava em ajudá-lo a descobrir como havia morrido, mais perdida ela ficava. Resolveu que não contaria nada do que ambos tinham conversado a Lauren. Ela lidaria com mais aquele problema imposto pelo legado de ser

uma atravessadora quando chegasse a hora.

Era uma quarta-feira, Olivia tinha passado a manhã toda trancada no banheiro, o que não foi muito agradável, mas ela sentou-se encostada na porta e ficou lendo até quase na hora do almoço. Quando finalmente abriu a porta, Abara estava de pé ali. Sua tentativa de evitá-lo não tinha dado muito certo.

— Ficou ai a manhã inteira, foi?

— Eu não tinha outro lugar para ir. Para ficar esse tempo todo ai dentro você deve estar com uma dor de barriga terrível — disse ele, deixando escapar um sorriso debochado.

Olivia o empurrou de lado para poder passar e o deixou falando sozinho enquanto pegava a bolsa e saía a pé para comer fora. Quando estava prestes a sair pela porta, Abara segurou-a pelo braço.

— Espere, você está com raiva, mas eu não sei o motivo. Se não quiser me ajudar é só dizer, eu ainda vou orientar você sobre o Outro Lado — disse ele.

— Vou ajudar, mas agora estou saindo para comer.

Ela não voltou a olhar para trás, mas ficou ouvindo-o chamar seu nome várias vezes. Quando já estava no meio do quarteirão, percebeu que um carro encostou. O motorista desceu o vidro.

— Olivia?

Da onde mesmo ela conhecia aquele rosto?

Claro, era o rapaz do acidente.

— Oi...

— Quer carona? Eu ia até sua casa ver se estava tudo bem.

Os dois ficaram mutuamente constrangidos sem saber explicar o motivo. No entanto,

aqueles olhos azuis tão claros fizeram com que Olivia aceitasse a oferta, mais do que o desejo de ficar longe de Abara.

A garota disse que estava com fome e que tinha saído à procura de um lugar para almoçar, por isso, eles acabaram indo parar no Summers. Olivia achou o lugar bem tranquilo, o movimento não era de enlouquecer. Ela pediu uma porção de fritas, uma Coca-Cola e um lanche com dois hambúrgueres e bacon.

— Sei que é indelicado comentar, mas não é todo dia que posso ver uma garota comendo assim — disse ele, em tom brincalhão.

Olivia estava mergulhando a batata frita no *ketchup* e parou no meio do caminho.

— Estou com fome, o que tem de errado nisso?

— Nada, justamente o fato de você não achar ter nada de errado.

Olivia continuou mastigando lentamente. Noa não devia conhecer muitas meninas legais, uma vez que não estava acostumado a ver garotas comendo fritas e lanches com hambúrgueres duplos com bacon.

— Como está o braço? — ele perguntou, colocando molho no próprio lanche.

— Bem dolorido, mas nada que me faça chorar feito um bebê — respondeu Olivia, ela se virava bem com a tipoia.

— Sinto muito, nunca me envolvi em um acidente em toda minha vida. Fiquei extremamente preocupado e culpado também.

— A culpa foi toda minha. Eu avancei o sinal. — Olivia deu uma golada na Coca-Cola, enquanto observava Noa se debater entre a vontade de acreditar que a culpa tinha sido mesmo só dela e algum outro sentimento que ela não soube identificar.

— Fala — disse ela, vendo claramente que ele tinha algo a dizer.

— É estranho. Essa sensação de que não foi só culpa sua — eles se encararam antes que ele continuasse. — Sei que você avançou o sinal e tudo, mas eu acho que podia ter evitado o acidente, acho que teria conseguido desviar, porque não estava correndo, mas parece que um imã me puxou na direção do seu carro... quer dizer, na sua direção... eu nem sei mais.

Olivia achou tão bonitinha a expressão desolada que ele deixou transparecer no rosto que foi obrigada a sorrir.

— Isso é um tipo de cantada aqui do pessoal de Lakewood? — ela perguntou baixo, em tom conspiratório.

Ele riu, mas depois também falou baixo e de forma muito séria.

— Não é. Não consegui parar de pensar nessa sensação de que havia algo mais errado do que uma garota avançando o sinal vermelho.

Olivia ficou séria, era exatamente essa a sensação que ela tinha tentando descrever para Lauren. De que seu pé tinha sido pressionado no acelerador para que ela avançasse o sinal. Ela devia contar isso para Noa?

Não, besteira. Ele estava sendo fofo depois de enfiar o carro na caminhonete do pai dela. Se dissesse algo desse tipo para ele, tinha certeza de que só conseguiriam alguns risos descrentes.

— Acho que você está só se sentindo culpado porque, como disse, nunca bateu no carro de ninguém — disse Olivia, tentando desconversar.

Ele pareceu disposto a deixar o assunto de lado. Passaram a conversar sobre a mudança das Holly, sobre a faculdade de medicina e coisas que ambos tinham em comum. Noa era encantador. Mantinha um jeito descontraído, como se estivesse totalmente à vontade ao conversar com uma garota desconhecida. Olivia não tinha muita prática na arte da paquera,

mas não era o tipo de garota que ficava absurdamente nervosa ao sair com um rapaz. Ela manteve a conversa leve e divertida, com comentários espirituosos sobre mudar de cidade, conhecer um lugar novo e não ter nenhum amigo por perto. Quando perceberam, as horas do dia tinham voado e já anoitecia.

Capítulo onze

Tour de Permanência

O almoço com Noa acabou sendo a única experiência que fez a mudança para Lakewood valer a pena. Ele foi atencioso, engraçado e Olivia teve a sensação de que ele passou a maior parte do tempo jogando charme, no final das contas. Talvez, mas só talvez, ficar encalhada naquela cidade não fosse assim tão ruim, mesmo que ela tivesse que lidar com almas de outro mundo vindo fazer a passagem bem no meio de sua casa.

Quando voltou para casa, encontrou Abara com a expressão fechada. A garota sentiu um frio estranho no estômago, um que não estava ali antes, enquanto ela estava na presença de Noa. Sem querer avaliar a fundo o significado daqueles sentimentos estranhos, Olivia foi procurar a irmã.

Lauren estava trancada no quarto e só abriu a porta para Olivia, depois de se certificar de que era mesmo a irmã do outro lado.

— Ele está com um humor terrível. Tentou puxar assunto sobre você o tempo todo, mas não dei muita abertura, então ele se conformou — disse Lauren, puxando a irmã para dentro do quarto e trancando a porta novamente. — Você saiu com o garoto do acidente, conta tudo!!

— Ele foi muito legal, mas não tem o que contar. Almoçamos juntos e batemos papo. Só isso. Juro.

Lauren fez cara de quem não estava acreditando.

— Mas ele é lindoooooooo! — disse a irmã, não exagerando em nada. — Acho que o Abara ficou morrendo de ciúmes.

— Ele não tem o direito de ter ciúmes de nada. Eu não pedi para que ele entrasse na minha vida. Não tenho nenhuma obrigação de ficar contando sobre meus passos para ele e também não quero esse cara grudado no meu pescoço o tempo todo. — Um arrepio percorreu o corpo de Olivia ao pensar em uma maior proximidade com Abara.

Depois do aparecimento de Abara e o acidente de Olivia, a rotina das irmãs Holly ficou completamente bagunçada. Heloisa saía cedo para Aurora e deixava Lauren na escola. Roger saía um pouco depois para o trabalho e precisava ir a pé, assim como Lauren também voltava a pé para casa depois da escola, por volta das duas da tarde.

Durante esse tempo, Olivia era obrigada a ficar sozinha na casa com Abara. Eles estavam se esforçando para construírem uma relação de amizade e confiança, ou pelo menos Abara parecia estar se esforçando.

Naquela tarde, ele estava na sala de leitura com Olivia e Lauren explicando mais detalhes sobre como funcionava o ateliê.

— Cada vez que uma de vocês gira a chave, estão jogando com o destino de quem vai atravessar. Não tem como escolherem conscientemente para onde vão enviar as almas que chegarem. — Olivia tinha se questionado sobre isso depois que Julia contou sua história trágica na última vez em que apareceu. — O fato de nenhuma atravessadora poder fazer a passagem é porque seu corpo físico não aguentaria, você o estaria deixando para trás ao entrar pela porta.

Olivia estava de costas para Abara, encarando os livros das altas estantes. Era difícil manter a mente longe dos locais que apareciam cada vez que ela abria a porta. A sensação que tinha era de que enlouqueceria se continuasse naquela casa, lidando com pessoas mortas por muito tempo. Ela estava enganada, Noa não seria suficiente para ela gostar do novo rumo que sua vida tinha tomado.

O irônico é que a única coisa boa tinha sido justamente o acidente. Depois de alguns dias, Noa havia se tornando uma presença constante em sua vida. Ele fazia questão de passar todos os dias à tarde na casa de Olivia, às vezes eles saíam para caminhar, outras ele entrava e aceitava um chocolate quente.

Nessas ocasiões, Morgan se mostrava extremamente feliz e estabonado e Abara desaparecia dentro do ateliê. Lauren se empoleirava na cadeira ao lado de Noa e o bombardeava de perguntas.

Até o momento tinham conseguido descobrir os seguintes fatos sobre sua vida: tinha vinte e dois anos, nenhuma namorada, os pais eram donos de um grande supermercado no centro da cidade, tinha uma irmã mais velha, já casada e com filho, adorava cachorros, ele mesmo tinha um Golden chamado Rufus. Praticava corrida todos os dias de manhã, por isso o porte atlético, estudava administração para poder tocar os negócios da família e não se ressentia nenhum pouco por isso.

— Gosto daqui, Lakewood é o meu lar. Não é tão ruim — ele respondeu, em um desses encontros.

— Não. Realmente não é — respondeu Olivia, ficando com as bochechas incrivelmente vermelhas, pois Noa era o motivo para ela achar Lakewood minimamente atraente como uma cidade para se viver.

Lauren percebeu que eles precisavam ficar sozinhos para se paquerarem. Ela pegou sua xícara de chocolate e lançou um olhar todo cúmplice a Olivia.

— Vou fazer o dever de casa — anunciou, saindo de fininho da cozinha.

— Vocês vão mesmo vender a casa? — Noa perguntou interessado.

— Meus pais querem. Mas só tivemos um casal interessado até agora.

— Não existe a possibilidade de vocês ficarem em Lakewood?

Olivia riu, ela até que gostaria de explicar sobre o ateliê e aquela coisa de que uma atravessadora não poderia se afastar do portal ou seria assombrada por fantasmas, queria contar que até outro dia ansiava desesperadamente pelas cartas de admissão de faculdades importantes. Mas não podia explicar nada disso a ele sem que Noa a considerasse louca.

— E o que Lakewood tem de tão especial para fazer com que a gente fique aqui? — ela brincou, achando mais fácil desviar-se de tópicos que podiam levar a explicações insanas.

— Eu acho que vou ter que mostrar a você. Não dá para entender se eu explicar — disse ele, todo misterioso.

— Tudo bem, então vamos fazer um *tour* de motivos para permanência. — Olivia não sabia nem de onde tinha tirado a coragem para fazer aquela proposta, mas quando percebeu já tinha dito.

— Fechado. Venho busca-la amanhã, na hora do almoço.

Ao dizer isso, Noa resolveu que já era hora de ir. Olivia fez cara de muxoxo, mas tratou logo de disfarçar o desapontamento, enquanto acompanhava o rapaz até a porta.

— Tenho um ou dois lugares que você acharia lindo — ele disse, virando-se e fazendo com que Olivia topasse com o nariz em seu peito.

A garota se afastou encabulada. Noa vinha agindo e dizendo várias coisas que a faziam

corar como se tivesse a idade de Lauren.

— Vou adorar conhecê-los — a menina conseguiu dizer, mesmo que aos sussurros.

Os dois trocaram um último olhar, antes que o rapaz fosse embora. Ao fechar a porta, Olivia encostou-se no batente e deslizou até o chão com o olhar sonhador.

— Ele realmente é muito fofo! — ela disse à irmã que reapareceu assim que Noa saiu.

— Fofo e lindo...

Bem nesse momento, como se estivesse só esperando Noa ir embora, Abara desceu as escadas e encontrou as duas irmãs suspirando. Ele fechou a cara, contrariado.

— Vocês deveriam estar mais preocupadas com os assuntos das atravessadoras, e não caindo de amores por alguém que vocês mal conhecem.

Olivia fechou a cara para ele. Abara também era bonito, de um jeito até sedutor demais para ficar transitando livremente pela casa dela, mas não passava a sensação de ser alguém confiável, por isso, desde o acidente e a inquietação constante que ela sentia ao estar ao lado dele, a garota tinha passado a evitá-lo ao máximo. Ela também sabia que a partir do momento que embarcasse na tentativa de ajudá-lo a descobrir como tinha morrido a aproximação dos dois não teria mais volta.

— E se eu não quiser me preocupar com isso? E se eu quiser viver minha juventude como uma pessoa normal, que não mora em uma casa em que almas penadas chegam durante a madrugada para fazer uma travessia para um lugar que nem faço ideia do que seja?!

Lauren, sentindo que viria uma briga das boas entre os dois, tentou sair de fininho do hall de entrada, mas não conseguiu. Olivia a fuzilou com o olhar que a pregou onde estava.

— Desculpe, mas você não tem uma escolha — disse ele, muito calmamente, com uma frieza que era de enervar até as pessoas com nervos de aço.

— Mas é claro que eu tenho uma escolha. Eu vou estudar, vou embora daqui, meus pais vão vender a casa. Noa é um cara legal que gosta de passar um tempo comigo. Por que eu preciso me dedicar aos mortos?

Abara aproximou-se de forma ameaçadora. Lauren nunca tinha visto eles discutirem dessa forma e, mesmo não gostando de Abara, também nunca sequer tinha imaginado que ele seria capaz de agredir Olivia, mas naquele momento ela achou que ele estava muito perto disso.

Lauren endireitou os ombros e se colocou ao lado de Olivia. Abara percebeu a postura defensiva das duas e recuou, como se tivesse pensado melhor.

— Se você acha que pode escolher... se acha que pode decidir não ajudar as almas que chegarem até aqui, pode fazê-lo. Mas então também não tenho mais nada a fazer aqui. Você pode lidar com tudo sozinha, quando as coisas piorarem.

O tom de ameaça não foi nada sutil, mas deixava claro que se ele fosse embora, elas teriam que se resolver sozinhas com os fantasmas que invadiam sua casa toda noite. E isso era algo que as duas não queriam.

No entanto, a promessa de Abara sobre ir embora não se mostrou verdadeira. No dia seguinte ele continuava ali, vampirizando pelos cômodos da sala.

Mas Noa apareceu para cumprir o combinado. Ele tinha pensado em um lugar perfeito para levar Olivia. Um lugar que tinha a certeza de que ela nunca tinha visto e nunca iria se esquecer. Ele apareceu com um casaco grosso de frio, porque estava chovendo, trazia um guarda-chuva preto aberto e aguardou pacientemente que Olivia pegasse um casaco para sair de casa.

Eles dividiram o guarda-chuva e Noa ainda abriu a porta do carro para que ela entrasse. Olivia não conseguia tirar da cara um sorrisinho besta, pois não estava acostumada a ser tratada de forma tão gentil, ainda mais por caras gatos como Noa.

Eles tomaram o rumo norte da cidade, a caminho das montanhas que a garota via todos os dias no horizonte.

— Como guia turístico, acho que você deve me explicar para onde estamos indo — disse Olivia.

— Como guia turístico só posso dizer que você nunca viu nada igual e vai ficar encantada — disse ele, desviando os olhos da estrada apenas por tempo suficiente para lhe lançar um sorriso estonteante.

Olivia tentou se conter, já que ele parecia tão decidido em fazer a surpresa. Os próximos vinte minutos de viagem transcorreram de uma forma confortavelmente tranquila, o silêncio era preenchido pela música que tocava no CD player.

Noa estacionou o carro e Olivia olhou ao redor. Estavam no alto de uma colina, mas bem longe dos cumes cheios de neve das montanhas do Colorado. A vista era realmente muito bonita, mas nada fora do normal naquela cidade. Olhando para baixo, ela podia ver a cidade, as casas bem diminuídas, porém, ainda assim longe de serem casinhas minúsculas.

— A vista é muito linda... — a constatação ficou carregada do “mas” que Olivia não disse. Não queria estragar o esforço de Noa em impressioná-la.

— Tem razão, mas não é o principal do *tour* — disse ele, pegando-a pela mão e começando a subir uma escadinha feita na pedra da encosta à direita de onde eles estavam.

Olivia nem tinha reparado naquilo. Como se a escada tivesse surgido magicamente do nada e não estivesse ali há uns cem anos, como parecia. Ela olhou para cima tentando ver o

que havia no final dela, mas não conseguiu enxergar de imediato.

Só depois de já ter subido muitos metros, a ponto de não ter coragem de olhar para baixo, é que Olivia viu o que se erguia logo mais. Seu queixo caiu de imediato e ela não conseguiu dizer nenhuma palavra.

Havia uma casa abrigada dentro da encosta. Do lado de fora eles só podiam ver as portas de madeira e grandes vidraças em formato oval que estavam bem no térreo, e outros dois andares com três janelas em cada e um sótão logo acima. Parecia uma daquelas casinhas de boneca fechadas, prontas para serem abertas pela dona e mostrar o interior que estava totalmente escavado na pedra.

— É maravilhosa... como isso é possível?

— Tem quase cem anos. Era um hotel para turistas, hoje é só a casa de Meg. Eu telefonei e disse que viríamos. Vamos poder entrar — disse ele. — O interior, as paredes, o teto, tudo é de pedra. Foi a família Walter que construiu a casa.

— Nunca vi um lugar tão bonito — disse Olivia, totalmente embasbacada.

Noa sorriu satisfeito. Os dois se dirigiram à porta, tiritando de frio. Ele tocou a campainha. Aguardaram alguns instantes, Olivia mal podia se conter.

Uma mulher na casa de seus quarenta anos atendeu a porta. Era a tal Meg de quem Noa falara. Ela os recebeu prontamente, tinha uma mesa incrível de almoço servida no mezanino para o casal.

— Vocês querem conhecer a casa primeiro? — ela ofereceu, ao passo que Olivia não resistiu.

Como esperado, quem construiu a casa se aproveitou das formações naturais de salões escavados na pedra. Não havia energia elétrica, a iluminação era toda feita de candelabros,

castiçais e lamparinas, já o banheiro também era todo em estilo rústico. Ele ficava no térreo, a água precisava ser carregada até a banheira e esquentada no fogão a lenha, que funcionava na cozinha do lado de fora da casa.

— Uau, é realmente maravilhoso. — Olivia suspirou com a decoração romântica dos quartos, mesmo sendo compostos por aquelas paredes rústicas.

Depois de conhecerem a casa, Meg os deixou a sós para almoçarem no mezanino. Tinha parado de chover.

Noa era realmente incrível, ele fazia Olivia rir, era agradável, atencioso e quando ele segurava suas mãos, ela sentia a eletricidade percorrer todo o seu corpo.

— Fica parada — disse Noa, no meio da conversa, alcançando o celular.

Olivia obedeceu, mas sua testa ficou marcada com a expressão de confusão diante do pedido.

— O que você está fazendo? — ela questionou, desconfiada.

— Tirando uma foto sua. Você está linda... pode voltar a sorrir, por favor...

Olivia suspirou inconscientemente. Como ele podia ser tão fofo? Olivia não era do tipo de garota que acreditava ou esperava pelo cara perfeito. No entanto, ali estava ela, diante de Noa.

— Você vai precisar me fazer rir... não sou muita boa com fotos.

— Certo, então vamos lá — ele ficou com o celular preparado para fotografar e começou a contar uma história engraçada. — Uma vez, eu ainda era garoto, trouxe uma menina por quem eu nutria uma paixão platônica para conhecer esse hotel. Ela achou tudo muito bonitinho, mas chegou uma hora que precisou usar o banheiro...

Olivia já estava rindo, pois sabia o que vinha pela frente.

— Quando ela viu que precisaria usar a força, teve um ataque e precisamos ir embora bem depressa.

— Meu Deus, imagino que nunca mais ela quis sair com você...

— Na verdade não, ela até quis me ver outras vezes. Mas fiz uma promessa a mim mesmo naquele dia. Nunca mais traria nenhuma garota fresca, patricinha e sem nada na cabeça para cá. Porque no fim daquele dia eu entendi que só valia a pena dividir esse lugar com alguém que fosse realmente especial...

Olivia desviou os olhos dos dele. Sabia que suas bochechas estavam corando. Sua mão estava sob a dele e ela tinha acabado de ouvir que era especial.

— Deixa eu ver como ficou essa foto — ela disse para desviar o assunto.

Noa passou o celular e ela ficou vários minutos checando a imagem, quando na verdade seus pensamentos estavam grudados no que Noa tinha dito.

Foi por isso que ela não percebeu ele sentar-se na cadeira ao lado da dela. Olivia ergueu os olhos surpresa, mas ele já a tinha prendido em seu olhar, segurou o rosto da garota Holly pelo queixo, acariciou a bochecha dela com o polegar, esperando que ela consentisse o que ele vinha ansiando há dias, na verdade, desde que tinham se envolvido naquele acidente.

Olivia não se mexeu, na verdade, ela nem ousava respirar. Estava trêmula, completamente consciente do toque de Noa.

O movimento que ele fez ao se inclinar para beijá-la pareceu durar uma eternidade e, quando ela achou que Noa o fazia de propósito, foi a garota Holly que colou os lábios aos dele.

A barba por fazer pinicou o queixo de Olivia de forma agradável e terna. Ela não era especialista em beijos, mas aquele era sem dúvida o melhor beijo que tinha dado em toda a

sua vida.

— Pronto, agora acho que você tem um motivo bem forte para ficar — ele brincou ao se separar da boca dela, sua testa ainda encostada na de Olivia, o nariz dos dois se tocando ternamente.

— Não diria que é forte, mas com certeza posso considerar a opção... — ela disse, recuperando o fôlego, porém, ela tinha certeza de que só pelo ritmo de seu coração batendo loucamente contra o peito, Noa sabia que ela só estava sendo irônica.

Ele riu e beijou-a outra vez.

Quem não gostou nada daquele início de relacionamento foi Abara. Nem mesmo o rapaz sabia identificar o que sentia. Ele tinha amado Margareth, mas Olivia era tão diferente dela, e ao mesmo tempo tão parecida fisicamente.

Ele afastou aquele pensamento da mente, enquanto espiava Noa deixar Olivia em casa, no final da tarde. Abara não estava ali para ficar de paixonite, não estava ali para se deixar ser envolvido por alguém como Olivia. Se envolver sentimentalmente com ela podia ser um risco para os planos que tinha em mente.

Capítulo doze

Ciúmes

— Você não está prestando atenção no que estou dizendo... — disse Abara, rispidamente, pela terceira vez naquela tarde, enquanto falava sobre as regras que uma atravessadora deveria seguir e os cuidados que precisava ter. Ele estava se cansando do fato de ela recusar sair de casa para visitar os lugares que precisava, caso quisesse mesmo descobrir sobre seu assassinato.

— Desculpe, Abara. Precisamos fazer isso agora? Vou sair com Noa — disse ela, farta de escutá-lo sem realmente ouvi-lo, levantando-se da cadeira e vestindo um sobretudo cinza felpudo e bem quentinho.

— Olivia, sei que não nos damos muito bem desde o início, mas você precisa aprender ou...

— OU O QUÊ? — ela se voltou contra ele de forma feroz e inesperada, o nariz dos dois quase se tocava. — Pare de me ameaçar... acabe logo com o mistério... diga o que precisa e vá embora...

— Eu ainda não posso ir embora...

— Por quê? O que te prende aqui?

Abara não soube explicar o que aconteceu a seguir. Talvez tenha sido porque Olivia era muito parecida com Margareth. Ou porque ele tinha visto Noa beijando-a ao deixá-la na

porta de casa no dia anterior, ou porque eles estavam realmente muito mais próximos fisicamente do que jamais tinham estado. O fato é que ele roubou um beijo de Olivia.

Não foi nada delicado ou carinhoso como o beijo de Noa, cheio de pedidos de consentimento. Abara segurou a garota pela nuca e forçou a boca de Olivia a se abrir para ele. Ela ficou tão chocada que não conseguiu reagir, mas depois do início tempestivo, o beijo se tornou terno e suave, Abara envolveu a cintura da garota com os braços e a apertou contra o seu peito. Olivia sentiu um clique estranho, como se algo tivesse sido acionado dentro dela. Uma memória sobre o toque de Abara. Ela o reconhecia, apesar de nunca tê-lo sentido. Mas então a garota pensou racionalmente e se deu conta de que estava beijando um fantasma. Muito corpóreo, mas mesmo assim um fantasma. Não que ela fosse capaz de perceber alguma diferença física, se comparasse o beijo de Abara ao de Noa, mas seu inconsciente estava lhe gritando que ela parasse com aquilo, pois ele estava morto, era um fantasma, não podia se envolver com o fantasma que tinha sido apaixonado pela sua avó.

— Você... nunca... mais... chegue perto... de mim... — ela ofegou, desgrudando-se dele, enquanto segurava a mão que tinha usado para esbofeteá-lo junto ao peito.

— Desculpe, por favor, Olivia, desculpe, não devia ter feito isso. — Abara tentou segurá-la pelos ombros enquanto falava, mas a garota se afastou assustada.

— Não devia mesmo. Não sei o que você realmente está fazendo aqui, mas pode ter certeza de que eu não sou a minha avó...

Sem dizer mais nada, Olivia saiu de casa batendo a porta na cara de Abara. Ele a viu partir e entrar apressada no carro de Noa que já a esperava.

Sentiu-se novamente impotente, preso pelas paredes daquela casa que o impediam de ir para qualquer lugar além daquela porta. Ele respirou fundo, sentia o toque dos lábios de

Olivia, macios e quentes, e o gosto da pasta de dente de hortelã.

Do lado de fora, Olivia praticamente pulou para dentro do carro de Noa. Estava com o rosto afogueado, mas no minuto que fechou a porta do carro e olhou para Noa, não soube explicar como, toda a raiva que sentiu ao ser beijada por Abara desapareceu e no lugar dela um sentimento estranho e desconhecido se apossou de Olivia. Algo que ela não era capaz de entender.

— Está tudo bem? — perguntou Noa. — Você parece nervosa.

— Está, está tudo bem... — ela respondeu, tentando sorrir para disfarçar a agitação que se escondia por debaixo da pele.

Noa suspeitou de que algo tivesse acontecido, mas não quis pressionar para que ela dissesse o que era.

Os dois tinham combinado de tomar um café e depois fariam mais um passeio misterioso, porém, dessa vez dentro da cidade.

Estava um frio cortante quando eles saíram do carro para entrar no pequeno estabelecimento cheio de cortinas com rendinhas e com o piso de madeira encerada que ressoava com o som dos saltos das botas de Olivia.

— Já chegaram cartas das universidades? — ele perguntou, tentando deixar o assunto em um tom bem casual, quase como se ele não estivesse morrendo de ansiedade para saber a resposta.

— Hoje na verdade foi o primeiro dia que não olhei na caixa de correios — ela respondeu, dando-se conta de quanto seu envolvimento com Noa tinha tirado a ansiedade da espera pelas aprovações das universidades. Era incrível o que um garoto bonito era capaz

de fazer com uma jovem. Olivia tinha uma casa cheia de fantasmas, uma tarefa surreal bem na sua frente, mas seus pensamentos estavam voltados para o garoto de olhos claros e bochechas coradas ao seu lado.

— Isso quer dizer que você não está mais desesperada para ir embora — ele brincou, entrelaçando os dedos da mão aos dela.

Olivia baixou os olhos, tímida, e brincou com uma mexa dos cabelos com a mão livre.

— Acho que nesse momento as cartas já devem ter sido enviadas, se não as recebi não devo ter sido aceita.

— Não deve ser o caso. Você parece ter estudado e se dedicado muito para conseguir uma bolsa.

— Bem, de todo jeito, mesmo que eu não tenha passado em nenhuma universidade, acho que não devo ficar na cidade por muito tempo. Meus pais estão tentando vender a casa de minha avó e isso ainda é uma realidade, por mais que eu goste de passar o tempo com você — o peso da iminente mudança era esmagador.

Se antes ela tinha jogado na cara de Abara que a mudança ia livrá-la do legado de atravessadora como algo positivo, agora ela não tinha mais certeza. Olivia não era o tipo de menina que largaria um futuro brilhante por causa de uma paixão, mas Noa se mostrava muito mais do que uma paixão passageira na vida da garota. Ele era atencioso, carinhoso, preocupado e romântico, como ela poderia virar as costas para ele e seguir sua vida sem pensar no que estaria deixando para trás?

— Como você decidiu fazer medicina? — Noa perguntou, fugindo do fato de que logo ela poderia ir embora de Lakewood.

— Ahn, eu sempre soube que queria ser médica — Olivia começou a explicar, mexendo

em sua bebida fumegante que tinha acabado de ser colocada em sua frente. — Sabe quando as crianças uma hora brincam de escolinha, depois se cansam e brincam de astronauta e no meio da brincadeira decidem que é mais legal brincar de pega-pega?

Noa assentiu já tendo passado pela experiência de experimentar mais de uma brincadeira ao mesmo tempo.

— Bem, comigo nunca foi assim — retomou a garota. — Eu sempre queria ser a médica, sempre queria curar todos os pacientes e se estava brincando sozinha as minhas bonecas passavam por uma consulta muito rigorosa que levava horas.

Noa sorriu. Era capaz de imaginar Olivia com um estetoscópio ouvindo o coração inexistente das bonecas enquanto fazia um diagnóstico imaginário, muito convencida de que estava salvando uma vida.

— Acho que isso quer dizer que você sempre soube quem era. Não é algo ruim. Poucas pessoas têm isso. Essa certeza do que querem tão jovens — ele disse, sem desgrudar os olhos dela.

— Fala por experiência própria?

— Ah, não. Com certeza não. Definitivamente eu não sou uma dessas pessoas. Bem, eu até gostaria de ser. Parece muito mais fácil quando se sabe quem se é e o caminho que quer seguir, mas eu nunca fui desse tipo. Eu passei pela fase do astronauta, jogador de beisebol, advogado e acabei aceitando o legado da família...

— Então assumir os negócios dos seus pais não é o futuro dos seus sonhos? — Olivia achava que ele estava satisfeito por permanecer em Lakewood, mas Noa parecia querer algo mais.

— Legados nunca são cem por cento legais, se me permite o trocadilho. Quando te

empurram uma bagagem que você não quer, por exemplo, é bem difícil.

— O que você está tentando dizer? Se pudesse faria o quê?

— Não sei, por isso ainda estou aqui — ele respondeu sincero, abrindo um sorriso acanhado. — Mas vamos parar de falar de futuro. Geralmente eu não costumo ser o tipo de pessoa que se preocupa com o que ainda não aconteceu.

— Estou sentindo que tem um porém no final dessa frase... — disse Olivia, encarando-o apreensiva com o que esse *mas* poderia significar.

— Ah, realmente tem...

Noa não continuou a frase. Olivia ficou esperando que ele terminasse o pensamento, mas ele estava mais interessado em observá-la atentamente, sem desviar o olhar, como se fosse uma competição de quem piscava primeiro.

— E então... — a garota questionou, desistindo e encarando a mesa.

— Então que eu passei a ser esse tipo de cara desde que uma ruiva avançou o sinal vermelho e eu bati com tudo em seu carro...

Olivia sentiu o rosto inteiro esquentar, o que significava que ela devia estar muito vermelha. Devido ao seu cabelo laranja, Olivia odiava corar. Ficava excessivamente afogada, como se tivesse corrido uma maratona, ou feito um esforço hercúleo.

— Bem, só para você saber, eu contava com as cartas de admissão da faculdade para dar o fora daqui o mais rápido possível e, de repente, esse silêncio todo é muito bem vindo — ela disse aos sussurros, como se falar mais alto pudesse lhe tirar o controle da voz.

— Tem certeza? Quando você saiu de casa mais cedo eu pensei que você estava bem irritada... — ele observou, sem querer pressionar mais.

— Tenho. Foi só um problema doméstico.

Lembrar de Abara parecia ter trazido uma nuvem negra bem para cima deles. Noa percebeu de imediato a mudança na expressão de Olivia e ficou curioso com o que poderia tê-la irritado tanto.

Eles terminaram o café, deram uma volta pela cidade e quando começava a anoitecer Noa deixou Olivia em casa.

— Tem certeza de que não quer ir ao cinema? — insistiu o rapaz mais uma vez.

— Tenho, deixei umas coisas pendentes quando saí e acho que preciso encará-las.

— Se precisar de qualquer coisa pode me ligar a qualquer hora — ele disse, preocupado de verdade. Deu um beijo na testa da garota, sem querer forçar a barra quando ela já parecia tão confusa.

Olivia entrou em casa fazendo o máximo de barulho que podia, assim todos já sabiam que ela tinha chegado, isso incluía principalmente Abara.

A mãe estava preparando o jantar, o pai estava no banho e Lauren usava o computador no quarto quando Olivia entrou.

— Viu o Abara? — ela perguntou, estranhando não tê-lo encontrado à sua espera.

— Na sala, com o nariz enfiado em um livro. Não trocou uma palavra com ninguém.

Olivia suspirou. Precisava encará-lo e achou melhor não adiar.

Ela o encontrou exatamente onde sua irmã dissera que ele estaria. Sentado em uma poltrona na sala de estar. Ficou parada encostada no batente da porta.

— Acho que precisamos conversar... — a garota disse, fazendo com que ele tirasse os olhos do livro e a encarasse.

Ele se levantou e caminhou até ficar de frente para ela. Porém, a distância que os separava era bem mais respeitosa do que quando ele a beijou a força.

— Desculpe pelo beijo. Sei que você não é Margareth, mas em alguns minutos eu realmente me esqueço disso — ela abriu a boca para interrompê-lo, mas Abara foi mais rápido e não se deixou ser cortado. — Nós precisamos mesmo acertar algumas coisas, Olivia. Lauren também vai precisar participar dessa conversa. Se você não quer que eu te esconda nada, então precisa estar preparada para ouvir o que ser uma atravessadora significa.

Olivia assentiu, estava com um mau pressentimento a respeito daquilo. Pelo jeito ela não poderia abandonar o seu legado. E como Noa mesmo dissera, nem sempre legados eram cem por cento legais. Ela teria que enfrentar o dela. Se esconder atrás de cartas de admissão de faculdade e da possível venda da casa não iam deixar as coisas mais fáceis, pelo contrário, só estava fazendo com que ela tivesse problemas para dormir, ou pior, que estivesse deixando os fantasmas realmente irritados.

— Acho que merecemos uma trégua — disse Olivia, cedendo e desarmando seu mau humor diante do rapaz.

— Fico feliz em ouvir isso. Não se preocupe com o beijo. Nunca mais vou fazer isso, mesmo que ver você com aquele cara me deixe louco de ciúmes.

Olivia engoliu em seco. Tudo bem, ela tinha percebido pelo beijo que Abara sentia algo por ela, mas não imaginou que pudesse ser algo além de uma atração, visto que ela era parecida com sua avó. No entanto, ali estava ele, admitindo que sentia ciúmes do envolvimento dela com Noa.

— Noa e eu... ahn... bem... Noa e eu... — ela limpou a garganta duas vezes tentando continuar, mas não sabia como explicar sua relação com Noa. Não eram propriamente namorados, mas sem sombra de dúvidas estavam se conhecendo.

— Olivia, não preciso saber nada sobre seu namoro. Eu só precisava que você soubesse como eu me sinto.

— Tudo bem, entendi.

Eles ficaram se encarando em silêncio.

— Então... O que você tem de importante para falar a mim e Lauren?

— Depois que Julia apareceu percebi que não deveria esperar mais. Vão surgir outros como ela, alguns um pouco mais insistentes, e você precisa estar pronta para lidar com mais essa tarefa... na verdade a mais importante em ser uma atravessadora...

— Uau, então quer dizer que tem algo mais importante do que abrir a passagem para os mortos? — ela brincou, tentando quebrar o clima tenso entre eles.

— Tem. Descobrir quem matou algumas dessas pessoas. Estou tentando explicar isso a você desde que cheguei. Assim como eu, chegarão outros fantasmas na mesma situação e alguns deles podem não ser muito pacientes.

Capítulo treze

Brincando de detetive

Olivia achou que não tinha entendido direito o que Abara queria dizer com a última frase. Como se já não bastasse receber todos os mortos do estado do Colorado em sua casa, então ela ainda teria que desvendar crimes?

Olivia Holly teve uma crise de riso.

Precisou sentar-se de tanto que sua barriga doía. Abara não sabia como agir diante da reação mais do que inesperada. Ele a encarava consternado.

— Desculpe, mas não vejo o que pode ser engraçado no que lhe disse.

— Como não? Você acabou de me dizer que eu vou desvendar assassinatos dos mortos que chegarem aqui precisando dessa ajudinha... isso é hilário...

— Olivia, por favor, não foi isso o que eu disse — ele estava se esforçando para ser paciente. Mas pelo jeito a garota não lhe dava uma trégua.

Era impossível ter uma conversa de mais de dez minutos com Olivia sem que ela começasse a rir, debochasse ou se irritasse com ele. Dessa forma seria praticamente impossível trabalhar com essa geração de Holly.

— Vá chamar Lauren. Prefiro explicar essa parte apenas uma vez — ele desistiu, suspirando pesadamente.

— Mas é claro que vou chamar minha irmã. Ela vai adorar saber que fomos promovidas a detetives paranormais.

Olivia deixou a sala ainda gargalhando. Voltou cinco minutos depois com a irmã confusa, que não entendia o que Abara tinha de tão engraçado para contar a ela. O rapaz respondeu ao olhar questionador de Lauren com um gesto indicando que ela deveria se sentar.

A menina ocupou um dos lados do espaçoso sofá e esperou até que Olivia se cansasse de rir.

— O que eu estava tentando dizer para Olivia é que ser uma atravessadora é mais do que simplesmente abrir a passagem para as almas que chegam até aqui — ele recomeçou, concentrando o olhar apenas em Lauren. — Uma atravessadora deve ser capaz de ajudar essa alma, se ela estiver atormentada e presa aqui ou no além por ter sido assassinada.

Lauren piscou várias vezes. Ele não podia estar falando sério...

— Isso não quer dizer que vocês vão resolver todos os casos de assassinato do Colorado. Muito pelo contrário. Vocês só terão que agir nos casos onde a alma estiver presa aqui porque não conhece a origem de sua passagem.

Como as Holly ficaram mais do que confusas com essa explicação, ele suspirou antes de continuar.

— Quando alguém é assassinado, na maioria das vezes, a vítima conhece seu algoz. Quando isso não ocorrer, quando a alma que chegar para atravessar não entender o motivo de ter sido morta, não ter visto o assassino, então vocês entram.

— Uau, você conseguiu deixar a coisa ainda mais surreal — disse Olivia, ainda com a vontade de rir presa à garganta. — Você está dizendo que vamos investigar um crime sem nenhuma base. O que você está achando que somos? Eu nem gosto muito de livros de detetive.

— Nem eu. Nunca li nada assim — apressou-se em dizer Lauren.

— Vocês estão achando que aparecerá um caso assim por semana na porta de vocês, quando na verdade podem esperar uns cinco em toda a sua vida...

— O que já é muito. Imagina, sem recurso, sem conhecimento, contando apenas com as lembranças de um fantasma, descobrir quem o matou? — Olivia estava começando a ficar perigosamente revoltada.

— É o seu papel. Assim como é seu papel entregar mensagens.

— Isso está ficando cada vez pior. Abara, como você espera que façamos essas coisas? Nossa mãe detesta essa história de atravessadoras! Ela vai vender essa casa, estou no ensino médio e Olivia vai para a faculdade! — Se Abara achava que lidar com Olivia era difícil porque ela era explosiva, lidar com Lauren era muito pior, porque ela era racional demais.

— Eu já disse a Heloisa, uma Holly é uma atravessadora, mesmo que não queira. Ela não pode negar isso. Não pode simplesmente vender a casa. Não pode negar o legado de vocês. Ela não tem esse direito.

— Você concorda que é muita coisa para aceitarmos? — disse Olivia, tentando ser razoável. — Sério, não estou dizendo isso para te enfrentar e ser mesquinha, como venho sendo esses dias, mas assumir esse papel acabaria com a minha vida!

— Esse papel é a vida de vocês. E deveriam agradecer por terem uma à outra e não estarem sozinhas nesse barco. A geração de vocês é a primeira a ter essa vantagem — disse Abara, sentando-se de frente para elas.

— Como você acha que vamos descobrir assassinos se não temos o menor dos conhecimentos sobre isso? — perguntou Lauren.

— Vocês basicamente farão pesquisas. Vão descobrir exatamente o que fazer quando a

hora chegar.

— É isso que você espera que eu faça por você? Que descubra quem o matou?

— Na verdade estou esperando isso há algum tempo, mas você tem andado ocupada com Noa.

Abara usou um tom brando de repreensão, mas mesmo assim Olivia se sentiu acuada, era como se ele estivesse forçando-a a ajudá-lo de todas as formas possíveis.

— Tudo bem, o que você precisa que eu faça? — ela acabou se rendendo, já que estava mergulhada naquela história de almas, teria que aceitar que ajudar Abara era uma de suas responsabilidades.

Estava chovendo, uma garoa chata que em poucos minutos era capaz de molhar bastante. Olivia estava abrigada debaixo de um guarda-chuva velho e meio torto. Abara estava ao seu lado, ambos do lado de fora da casa. O fantasma, era estranho chamá-lo assim, mas era o que ele era, estava reluzente, feliz de finalmente poder sair de casa.

Já Olivia não estava tão feliz. Tinha acordado cedo, não tinha mais café em sua casa, então ela estava sem sua dose fundamental de bom humor de manhã, mas algo havia mudado entre ela e Abara depois que ele a beijara. Algo a fazia querer ajudá-lo.

— Então... tem algum lugar em mente que você queira visitar primeiro? — ela perguntou.

— Na verdade tem. Se você não se importar, gostaria de ir até o cemitério.

Claro, fantasmas deveriam adorar cemitérios. Ela devia ter imaginado isso. Os dois fizeram todo o percurso a pé. Olivia estava sem carro. No caminho ela foi obrigada a entrar em uma cafeteria e pegar um copo grande de café, ou não sobreviveria até a hora do almoço se não tomasse uma dose cavalgar de cafeína.

Depois de uns quarenta minutos de caminhada eles chegaram aos portões gradeados que guardavam os túmulos e mausoléus de Lakewood.

Olivia empurrou as barras enferrujadas e entrou. Com chuva e tão cedo o lugar estava deserto. Ou Olivia achou que ele deveria estar, mas havia muitas crianças brincando e correndo por ali.

As risadas enchiam o ar, como se estivessem em um parque de diversões e não em um maldito cemitério.

Olivia prendeu a respiração, nunca tinha visto tantas crianças mortas em um só lugar. Por mais inofensivas que elas já tivessem se mostrado quando a procuravam para serem atravessadas, era estranho saber que tantas jovens almas vagavam por aquele lugar.

— O que elas estão fazendo aqui? — Olivia perguntou a Abara.

— Brincando, o que mais estariam fazendo?

Olivia ergueu uma sobancelha de forma inquisitiva. Mas Abara não respondeu, seguiu pela alameda principal e fez curvas fechadas em direção a um local que ele deveria conhecer bem.

A garota o seguiu por entre os túmulos. A chuva estava apertando. Os tênis dela já estavam ensopados por dentro, mas havia algo de sinistro e misterioso em seguir o fantasma que tinha sido o grande amor de sua avó por um cemitério.

Abara parou em frente a uma lápide simples de mármore branco que já estava amarelado pelo tempo. Uma foto mostrava o rapaz que ela estava vendo bem ali na sua frente.

“Amado filho, descanse em paz.”

Olivia avaliou o epitáfio e ficou incomodada. Quando ela morresse gostaria que as pessoas dissessem mais sobre ela. Sentiu pena de Abara. Ele morrera jovem, não tinha tido

tempo de fazer algo memorável para que alguém pudesse escrevê-lo em sua lápide.

Ele ficou parado ali por longos minutos.

— Sabe o que é mais engraçado? — ele disse e, pelo tom de sua voz, Olivia sabia que nada do que ele dissesse poderia ser realmente engraçado. — Eu nunca estive aqui realmente, nem mesmo quando morri. Quando enterraram meu corpo aqui. Nunca vim para cá.

Olivia piscou.

— Bem, eu não sei muito sobre os locais que os mortos visitam assim que acabam de morrer — ela respondeu, percebendo como não conhecia nada sobre o Outro Mundo, um mundo ao qual estava intrinsecamente ligada agora.

— Tem outro lugar que preciso ver também — ele disse, se afastando outra vez, serpenteando por entre as lápides.

Olivia o seguiu mais devagar, crianças fantasmas continuavam a correr pelo cemitério, mas não se aproximavam dela. Eram capazes de vê-la, isso a garota percebeu, mas a olhavam apenas com uma expressão de curiosidade.

Quando o alcançou novamente, Olivia ficou surpresa, achou que ele visitaria o túmulo de Margareth, mas o nome na lápide simples era Luísa.

O rosto de Abara estava duro, concentrado. Não era possível ver passar ali nenhum tipo de sentimento. Então ele percebeu a presença de Olivia.

— Ela me separou de sua avó.

A garota achou que suas sobrancelhas deveriam estar bem elevadas de tão surpresa.

— Preciso saber quem ela mandou para me matar... tenho quase certeza de que foi ela.

— Uau. Isso é bem interessante. Meu primeiro caso como detetive paranormal e tenho de

confirmar um assassinato passionai...

Abara a encarou com uma expressão de poucos amigos. Olivia se sentiu tola por fazer piada nesse momento. Ela devia brincar menos com a morte das pessoas.

— O que vai mudar se você souber quem o matou? — Ela já estava pensando sobre isso há algum tempo, mas não tivera coragem de perguntar ainda.

— Bem, talvez eu deixe de voltar para este mundo...

A garota se calou. Não entendia bem o trabalho de Abara. Ele dizia que estava ali para ajudar ela e Lauren a se tornarem atravessadoras, mas na verdade tinha seus próprios interesses para cuidar. Sem falar que ele não passava confiança, alguma coisa nele deixava um ar de mistério no ar.

— O que mais posso fazer por você hoje? — Olivia perguntou.

— Arquivo do jornal local. Você precisa ir até lá.

A garota assentiu. Pelo jeito ia caminhar pela chuva ao lado de um fantasma por todo o dia.

Olivia não reclamou, pelo menos uma vez fez o que Abara lhe pedia e voltou para o centro comercial de Lakewood onde ficava o pequeno prédio em que funcionava o Lakewood *Press*. Ela estava com as roupas úmidas, os cabelos também, seu nariz avermelhado lhe dizia que ela precisava se aquecer com urgência.

A recepcionista que trabalhava no jornal olhou-a atentamente antes de perguntar como poderia ajudá-la.

— Diga que precisa consultar os arquivos do jornal do ano de 1979 — ele sussurrou no ouvido dela.

— Ok, certo — Olivia disse para ele, esquecendo que a mulher estava esperando uma

resposta. — Ahm, eu gostaria de saber se posso dar uma olhada no arquivo de 1979.

— É alguma pesquisa da escola? — a recepcionista perguntou.

— Diga que é uma pesquisa sobre um parente perdido, eles sempre se comovem mais...

— sussurrou Abara.

— Jura? — Olivia deixou escapar alto. Como a mulher a encarava confusa, ela logo emendou sua desculpa. — Bem, na verdade é uma pesquisa sobre uma pessoa da minha família...

A recepcionista deu um telefonema. Conversou com um tal de Phill do outro lado da linha e perguntou a ele se uma garota estranha poderia subir para olhar o arquivo.

Depois de cinco longos minutos de espera, ela conseguiu sua permissão. Olivia sorriu meigamente e acompanhou a recepcionista pelo corredor estreito e apertado que levava ao segundo andar do prédio.

Uma porta foi aberta com estrondo e um gordinho, cabelos castanhos cortados no formato de uma cuia, usando um par de óculos fundo de garrafa, apareceu.

— Garota dos arquivos? — ele perguntou, apontando para ela.

— Isso mesmo.

— Por aqui.

A sala tinha cheiro de papel velho guardado. Mofo, poeira e algo adocicado. Também tinha cheiro de café velho.

— O que você precisa? Está procurando por algum fato específico da cidade?

Olivia olhou para Abara, que tinha parado bem em frente às estantes do arquivo, e esperou que ele lhe desse outra dica, mas o fantasma estava concentrado demais olhando etiquetas e ela teve de se virar sozinha.

— Das matérias publicadas no ano de 1979. Principalmente as da página policial.

A garota se sentiu estranha ao pronunciar aquelas palavras a um desconhecido, mas como ele não fez comentários, não deveria ser tão estranho alguém querer ver as informações.

Phill puxou uma das gavetas e apontou para Olivia.

— Fique à vontade. Só não misture os arquivos e não tire nada dessa sala. Fechamos às 20 horas.

Olivia assentiu e agradeceu a boa vontade.

Ela começou a correr os dedos pelas separações das fichas do arquivo.

— Quando você morreu? — ela perguntou a Abara.

— Outubro...

Olivia ficou um tanto sem graça. De repente ela estava prestes a descobrir detalhes de como ele havia sido assassinado e isso não era muito legal. Parecia invasivo, como quando você flagra alguém tomando banho, ou em um momento íntimo.

A garota puxou as pastas de outubro e novembro daquele ano. No início as matérias jornalísticas de 1979 não tinham nada de interessante, cobertura política local, eventos anuais da cidade, festivais, até que Olivia encontrou um documento sobre um rapaz assassinado, corpo encontrado no lago.

Ela puxou a folha plastificada e mostrou a Abara. Ele a segurou para ler o que dizia o texto:

“Autoridades locais encontraram o corpo em estado avançado de decomposição no lago Wen. Pelo relatório inicial da perícia, o corpo pertencia ao jovem Abara Harket, 26 anos, estudante de direito. A causa da morte parece ter sido um tiro de espingarda calibre 12 direto na cabeça. O corpo provavelmente estaria no lago há uma semana.”

Olivia engoliu em seco ao ler esses detalhes. Não conseguia imaginar uma morte mais horrível e, ainda por cima, terem levado todo esse tempo para encontrarem o corpo.

— Eu sinto muito — ela disse a ele, pois estava achando que tinha a obrigação de dizer alguma coisa.

Abara não respondeu, ele se concentrou em vasculhar as reportagens seguintes até o mês de novembro. Não satisfeito ele olhou o arquivo inteiro de dezembro, janeiro e fevereiro do ano seguinte.

Não havia nada que mencionasse quem era o assassino, o crime foi encerrado sem solução.

— Bem voltamos à estaca zero — disse Olivia, sentindo que a vinda deles ali tinha sido uma completa perda de tempo.

— Não, agora eu sei como morri e o dia em que isso aconteceu. Eu não conseguia me lembrar de nada.

Eles voltaram para casa em silêncio. Não havia muito o quê ela poderia dizer a alguém que deveria estar revivendo os momentos de sua morte.

No dia seguinte, quando Lauren saiu para o colégio, Olivia se trancou no quarto e ligou o computador.

Ela precisava encontrar outra pessoa como elas. Precisava encontrar outra atravessadora que pudesse explicar melhor o que elas faziam. Não podia confiar cegamente em Abara. Era um instinto que lhe dizia isso. Ter como “mentor” alguém que tinha surgido de um lugar completamente desconhecido, que não estava nem vivo, era demais para que ela acreditasse em cada palavra do que ele dizia.

Já que Margareth não tinha voltado a aparecer para que a neta pudesse perguntar a ela sobre tudo o que a inquietava naquela história de ser uma atravessadora, então Olivia encontraria outra pessoa viva que fazia o que ela estava destinada a ser.

As buscas na Internet se mostraram vagas e evasivas na primeira hora de pesquisa. A garota já estava cansada de descrições que só lembravam a situação em que as Holly estavam metidas e não tinha cara de relato verdadeiro do que ela já tinha presenciado.

No entanto, conforme as páginas iam surgindo a cada vez que a garota modificava a palavra chave, Olivia deparou-se com um blog pitoresco de uma tal de Cecília Coolk, a menina era da cidade de Nova Jersey e mantinha um relato atualizado na Internet de experiências muito semelhantes às vividas por Olivia e Lauren nas últimas semanas.

Olivia clicou na barra de contatos e resolveu escrever um e-mail para a garota. Resumiu basicamente que tinha se tornado uma atravessadora há poucas semanas e estava completamente às cegas com um rapaz que tinha feito a travessia de volta dos mortos apenas para lhe explicar o básico, que na verdade não tinha se mostrado tão básico assim, já que ela deveria ser uma espécie de detetive para os mortos.

Olivia tentou deixar o e-mail engraçado e leve, deixou seu número de telefone e disse que adoraria se elas pudessem até se encontrar, caso a menina achasse viável.

Quando clicou em enviar, ela sentiu um peso sair de suas costas. Pelo menos tinha encontrado uma outra pessoa que vivia algo tão absurdo quanto ela.

A resposta chegou algumas horas depois:

Esse é o primeiro e-mail que recebo de alguém próximo à minha idade que também é uma atravessadora! Estou S U R T A N D O!!!

É claro que terei o maior prazer em conversar com você. Sou atravessadora há dois anos, é o legado da família Coolk há sete gerações. Podemos nos encontrar sem problemas. Minha mãe fica responsável pela passagem quando eu estiver fora.

Quando você quer marcar?

Beijos coloridos,
Ciça

Olivia releu o e-mail mais duas vezes. A garota parecia bem articulada, por falta de palavra melhor para descrever o espírito daquela mensagem.

Porém, uma conversa com outra pessoa de carne e osso com experiência naquele assunto era empolgante.

A garota respondeu ao e-mail passando seu endereço, oferecendo estadia em sua casa, explicando sobre as pessoas que moravam com ela e mais algumas informações que Olivia achava cruciais para alguém disposto a sair do Estado para se encontrar com outra pessoa que nunca tinha visto.

Pelo visto, dizer que era uma atravessadora já as tornava amigas íntimas, de forma que Ciça, como ela parecia gostar de ser chamada, chegaria no próximo final de semana, como ficou decidido após a troca de mais algumas mensagens.

Agora, Olivia só precisava contar aos pais que teriam visita, e para Abara que ele não era mais sua única fonte de informações sobre o mundo das atravessadoras.

Capítulo quatorze

Cecília Coolk

Quando Olivia Holly encontrou Cecília Coolk no aeroporto Internacional de Denver ela esperava dar de cara com outro tipo de garota. Certamente a aparência de fadinha malvada de Cecília não combinava com o tom extrovertido dos e-mails que ambas tinham trocado. A garota era bem baixinha, usava um par de *All Star*, o que não ajudava a disfarçar sua pouca estatura, vestia jeans *skinny* e um moletom verde, seus cabelos batiam na cintura e eram daquele tom natural de loiro dourado meio cinza, seus olhos eram castanhos bem claros, ela era magra, de braços e canelas finas, mas tinha um abraço de partir os ossos quando apertou Olivia em um comprimento acalorado, típico de quem vivia na cidade de Nova Jersey desde que nascera.

— Estava tão ansiosa para te conhecer, você não imagina como isso é incrível, encontrar alguém da minha idade capaz de fazer o que fazemos — ela falava alto, gesticulando sem parar.

— É realmente incrível que você tenha topado vir tão rápido. Não ficou nem um pouco apreensiva? — Olivia a ajudava agora a carregar duas malas com rodinhas pela área de desembarque até o estacionamento, onde tinha parado o carro de sua mãe.

— Mas é claro que não! Eu não te contei, mas fui visitar uma senhora que mora no Kansas quando descobri sobre a passagem e foi um tédio sem tamanho, tanto a viagem quanto os dois dias que passei na casa dela. Quando você me disse que tinha um garoto do

outro lado morando na sua casa eu tive que vir correndo para conferir de perto... — ela foi dizendo, ainda daquele mesmo jeito extrovertido, como se elas já se conhecem há anos e não tivessem um assunto sobrenatural em comum.

Durante os vinte minutos de carro de Denver de volta para Lakewood, Ciça não parou de falar. Tagarelou sobre sua mãe, sobre como achava o máximo ser uma atravessadora, sobre as mudanças que precisou fazer em sua vida para assumir a tarefa, sobre os amigos fantasmas aos quais tinha se apegado, sobre as visitas mais assustadoras que tinha recebido e os tipos mais estranhos que apareciam na hora mais escura da madrugada.

Também falou das crianças, que transformavam sua casa durante o dia em um inferno, literalmente. Você não podia nem ir ao banheiro sem que um pestinha atravessasse a porta querendo que você abrisse a passagem o quanto antes.

— Você deve saber: lidar com as almas de crianças é muito pior do que lidar com as almas de adultos. Elas ficam o tempo todo fazendo travessuras e sabem ser bem assustadoras quando querem — tagarelava Cecília, sem parar.

Olivia apenas sorria e balançava a cabeça de modo afirmativo, como se soubesse exatamente sobre o que a garota estava falando, quando na verdade muitos daqueles detalhes ela nem fazia ideia.

Cecília ficou em silêncio pela primeira vez quando Olivia estacionou em frente à garagem de sua casa.

— Chegamos — disse ela, aproveitando a ausência de toda aquela conversa em seus ouvidos.

— Dá para perceber que essa casa é bem antiga. Tem mesmo a cara do lugar onde vive uma atravessadora.

— Preciso te avisar, Abara costuma ser bem irritante às vezes. Não temos um relacionamento muito bom e ele vai ficar uma fera com sua presença, vai ter certeza de que não confio totalmente nele.

Ela não sabia exatamente como explicar a situação de Abara. Ele estava ali por seus próprios motivos e também para ajudá-las, mas sempre que eles se falavam Olivia ficava com a sensação de que ele não estava sendo totalmente sincero, o fantasma escondia alguma coisa dela.

— Uau, você tem uma entidade morando com você! Isso é incrível!

As duas entraram na casa. Olivia ajudou Cecília com as malas. Naquele horário apenas Lauren estava em casa, de modo que a irmã caçula desceu para receber a outra atravessadora.

— Então você pode mesmo atravessar os fantasmas? Como nós? Isso é mesmo real? — Lauren foi logo dizendo, como se retomasse uma conversa antiga.

— É bem real e pelo jeito mais real do que vocês gostariam. Mas acalmem-se, agora que cheguei posso contar o que é importante sobre esse legado para que vocês aprendam a lidar com ele sem traumas.

Lauren olhou para a irmã e ergueu uma das sobrancelhas. Descobrir que podiam ver pessoas mortas já tinha sido um trauma bem grande.

Atraído pelas vozes no hall de entrada, Abara surgiu no batente da porta da sala de leitura.

Ele observou Cecília atentamente por trinta segundos, depois disso, Olivia percebeu que a postura do rapaz ficou tensa, seus olhos ganharam um brilho mais intenso.

— Cecília, esse é Abara. O rapaz sobre o qual lhe falei — apresentou a ruiva.

— Uau, para alguém que já morreu você é bem gato.

Abara ergueu as duas sobrancelhas de forma interrogativa, como se pedisse para que as irmãs Holly explicassem quem era aquela garota.

— Abara, essa é Cecília, ela também é uma atravessadora.

Estava claro que Abara já tinha pressentido que Ciça era uma atravessadora no momento em que pôs os olhos nela, o que ele estava pedindo silenciosamente era que Olivia explicasse o porquê a garota estava ali na casa delas.

— Ciça vai passar algumas semanas conosco. Vai me orientar melhor sobre o que é ser uma atravessadora — sentenciou Olivia, deixando bem claro que ela preferia pedir a ajuda de uma garota que ela nunca tinha visto na vida do que aceitar todas as coisas que Abara falava sem desconfiar dele.

— Fico contente, pois isso significa que vocês finalmente aceitaram que não podem fugir daquilo que são — ele respondeu, secamente.

— Ora, que ideia. Quem iria querer fugir de ser uma atravessadora? Foi a coisa mais legal que aconteceu em minha vida! — disse Cecília e ela estava sendo genuinamente sincera. — É emocionante lidar com fantasmas e crimes misteriosos o tempo todo...

Olivia já não estava mais prestando atenção ao que Cecília falava. Ela mantinha seu olhar fixo no de Abara enquanto a nova amiga contava sobre o que mais gostava a respeito daquele legado.

As irmãs Holly mostraram a casa para Ciça, acomodaram a garota no quarto delas, prepararam um lanche na cozinha e deixaram que Morgan fizesse festa com a loira baixinha o quanto quis. Tudo isso sob o olhar insondável de Abara, que nunca dizia nada, apenas balançava a cabeça de forma assertiva algumas vezes e sorria resignado caso Cecília

falasse alguma besteira.

Naquele primeiro dia em Lakewood, Cecília foi bem recebida pelos pais das Holly. Eles não sabiam que a garota estava ali por ser uma atravessadora, Olivia tinha dito a ela que preferia não contar exatamente tudo para eles no momento, já que os pais estavam empenhados em vender a casa.

No meio da noite, quando os pais das garotas já tinham se retirado para dormir, só estavam as três e Abara na sala de TV.

— A parte mais difícil em ser uma atravessadora é lidar com os casos de assassinatos não resolvidos — disse Cecília. Ela e Lauren tinham uma xícara de chocolate quente nas mãos e estavam bebericando a bebida.

Lauren tinha gostado muito da moça e estava encantada e embevecida por cada palavra que saía dos lábios de Ciça.

— Percebi que isso pode fazer parte de nossa rotina — ela disse, encarando Abara e o dia debaixo de chuva que ela tivera para levá-lo até os locais onde ele queria ir.

— Quando alguém é assassinado, mas a polícia ainda não desvendou o crime, essa alma fica impossibilitada de fazer a travessia até que o caso se resolva. Muitas vezes nós precisamos intervir, mas temos que agir de forma muito sutil, pois não podemos apresentar as provas para a polícia baseadas nos relatos de fantasmas. É uma arte ser uma detetive paranormal...

Olivia riu e Abara rolou os olhos para o teto, como se o que Cecília estivesse falando fosse uma besteira digna de risadas.

— Detetive paranormal? Você tem ideia de como isso soa?

Cecília manteve a expressão muito séria ao responder:

— Isso não é brincadeira, Olivia. Se uma alma não consegue fazer a travessia porque sua morte não foi resolvida, ela fica atormentando você. É nosso trabalho ajudá-los. Minha mãe só trabalhou dessa forma duas vezes, mas, mesmo assim, ela me ensinou tudo o que sabe. Se aparecer alguém que precisa de ajuda para descobrir quem o matou, não podemos rir... ou achar que é uma piada. Temos que fazer o nosso trabalho.

Olivia também ficou séria. De repente, ter Cecília em sua casa era algo assustador, pois a garota lidava com os mortos há um tempo, por isso, os respeitava de uma forma que as irmãs Holly ainda não conseguiam.

— Bem, pelo menos alguma de vocês leva a sério o meu problema — disse Abara, não conseguindo esconder o tom sarcástico.

— É por isso que você está na casa? Precisa descobrir quem o matou? — perguntou Cecília.

— Um dos motivos — ele respondeu taciturno.

— E como você resolve um crime desses, sem dizer para a polícia que contou com uma ajuda de outro mundo? — interrompeu Olivia, interessada em descobrir como funcionava na prática ser uma detetive paranormal.

— Você não conta. Simplesmente entrega tudo o que puder anonimamente. A não ser que queira acabar se comprometendo ou em uma camisa de forças — explicou Cecília.

— Pelo que entendi não é um trabalho nada fácil e ainda assim não teremos reconhecimento nenhum ao longo da vida — concluiu Olivia, demonstrando desânimo.

— Claro que teremos reconhecimento. Mas eles virão das almas daqueles que já morreram.

Cecília pousou a xícara na mesa de centro e encarou Olivia.

— Vocês não precisam se preocupar com isso. Minha mãe só atendeu duas almas assim durante todos os anos em que foi atravessadora. Não é como se todos os casos de assassinato sem solução fossem bater à sua porta.

— Claro, isso me deixa muito mais reconfortada.

Quase uma hora da madrugada apareceu o primeiro fantasma necessitando atravessar o ateliê.

As três já estavam de pijamas, conversando deitadas nas camas, quando ouviram Morgan ganir. Elas se levantaram e seguiram Cecília, que estava segura de que poderia demonstrar para as irmãs Holly que não havia nenhum motivo para sentir medo. Elas precisavam encarar a situação com naturalidade.

Cecília desceu as escadas seguida de Olivia e Lauren. Elas encontraram Abara na sala de leitura. Ele estava concentrado, de costas para elas, olhando a rua pelas janelas de vitrais altos. Ele nem se mexeu quando elas passaram, pois sabia muito bem quem era a pessoa que tinha acabado de chegar para atravessar o ateliê e sentiu um peso oprimir sua respiração.

Olivia e Lauren encontraram a avó na cozinha. Margareth estava conversando animadamente com Morgan e o cachorro abanava o rabo sem parar.

— Vovó! Não esperava que fosse vê-la outra vez — disse Olivia, achando muito estranho Margareth ter voltado para fazer a travessia.

Porém, ela só precisou de alguns segundos para entender o motivo de a avó estar ali novamente. A morte inexplicável de Margareth devia ser um daqueles casos raros em que a atravessadora é obrigada a desvendar quem tinha matado a pobre alma para ajudá-la a atravessar de uma vez para um lugar definitivo.

— Também não sabia que voltaria a vê-las tão cedo, queridas. Vejo que estão com companhia.

As apresentações foram feitas e Cecília ficou de repente muito formal, pois não era comum que uma atravessadora ficasse na presença de outra que já tinha feito a travessia.

Margareth conversou amenidades com as netas e com Cecília, até que a presença de Abara foi mencionada.

— Abara está aqui? Na minha casa? — Margareth parecia visivelmente desconcertada.

Pelo que as três conseguiram arrancar da mulher, Abara nunca tinha permanecido na casa. Quando ele surgia, era para fazer a travessia. Não para morar permanentemente ali.

— Onde ele está? Algo muito diferente deve ter acontecido para que ele viesse e pudesse ficar tanto tempo...

As três garotas acompanharam Margareth Holly até a sala. Ela parou no meio do cômodo e ficou encarando as costas de Abara. Ele não ousou se virar de imediato.

— Não pensei que o veria novamente — disse Margareth, muito consciente de todas as rugas e marcas do tempo que agora estavam presentes em seu rosto e não estavam lá da última vez em que eles tinham se visto.

Abara se voltou na direção dela. Seus olhos brilhavam de forma muito triste e ele sorriu pesaroso.

— Gostaria que não precisasse encontrar você dessa maneira, Margareth.

— O que aconteceu para você permanecer?

Lauren e Olivia sentiam que presenciavam um encontro muito pessoal, por isso ficaram grudadas no batente da porta, sem ousar respirar, para não serem notadas pelos dois.

— Eu apenas soube que precisava vir. Soube que precisaria ficar e quando encontrei

suas netas, percebi que elas precisavam de ajuda para entender sobre as atravessadoras.

De rente, Margareth foi tomada por uma fúria indescritível. Sua voz tremia enquanto ela se esforçava para pronunciar cada palavra de forma clara.

— Fique longe de minhas netas, Abara. Não encha a cabeça delas com as suas histórias. Não quero que Olivia cometa o mesmo erro que eu.

— Margareth, eu nunca poderia ter com Olivia... essa sua preocupação é infundada...

— Ora, infundada! Não me insulte, Abara. Eu sei o que você é... sei o que você quer e estou lhe avisando para ficar longe das minhas netas!

Nesse momento, Margareth encarou as garotas que assistiam a tudo do batente da porta.

— Eu já lhes avisei uma vez, falarei outra... Não confiem nele... e não se envolvam com esse crápula!

Abara curvou os ombros derrotado. Ele sabia que seu envolvimento passado com Margareth Holly não tinha acabado bem, mas nunca imaginou que ela cultivasse tanto rancor, mesmo depois da morte.

— Estou preso à sua casa, Margareth. Mas respeito suas netas e não tenho feito nada além de explicar o que é ser uma atravessadora para elas.

Margareth não respondeu ao comentário. Encaminhou-se para a escada e subiu os degraus apressada, quase como se não fosse uma idosa, mas uma garota apaixonada que tinha acabado de brigar com o namorado.

Olivia achou melhor seguir a avó. Lauren e Cecília ficaram na sala com Abara.

— O que aconteceu exatamente entre vocês, vó? — perguntou Olivia, quando encontrou Margareth parada na frente da porta do ateliê.

— Uma história que eu não quero ver se repetir com nenhuma de vocês. Mantenham

Abara longe... é o único conselho que posso dar.

Olivia ficou encarando a avó por alguns minutos. Ainda tinha muitas perguntas para fazer, mas Margareth Holly não diria mais nada naquela noite. Por isso, pela segunda vez, Olivia abriu o caminho para a travessia da avó, mas assim que viu o que a esperava por trás da porta do ateliê teve certeza de que veria Margareth outra vez em breve.

Capítulo quinze

Acontecimento sombrio

O dia seguinte amanheceu tempestuoso. Primeiro porque chovia torrencialmente, os trovões ribombavam no céu e provocavam sobressaltos às garotas que dormiam todas juntas no quarto das Holly. Segundo porque Heloisa e Roger acordaram as filhas com exclamações horrorizadas após encontrarem Morgan morto no quintal da casa.

Olivia e Lauren desceram as escadas já com lágrimas nos olhos. Morgan, o velho husky siberiano estava deitado nos degraus da varanda dos fundos da casa. Ele tinha um ferimento na barriga. Tinha sido cruelmente assassinado. As irmãs Holly não quiseram olhar para o amigo naquele estado. Lauren subiu correndo de volta para o quarto e se trancou lá pelo resto do dia. Cecília, que mal tinha chegado a conhecer o cachorro, estava apreensiva.

Por fim, Olivia acabou ajudando o pai a enterrar Morgan no jardim. Estava ensopada e suja de terra antes mesmo das dez da manhã. Heloisa acompanhava os dois trabalharem da porta da cozinha.

— E você ainda acha que o melhor é ficar nessa casa? — ela disse para a filha. — Sabe quantos cachorros foram mortos dessa forma aqui?

Olivia balançou a cabeça negativamente.

— Nenhum. Minha mãe podia lidar com os fantasmas sem deixá-los zangados. Mas nós não sabemos como fazer isso e Morgan sofreu as consequências.

Olivia sentiu seus ombros se retesarem. Queria protestar e dizer que a mãe estava errada,

mas a verdade era que ela vinha negligenciando há dias a travessia das almas e era bem possível que alguma delas fosse responsável pela morte do cão.

— No próximo final de semana teremos visita de mais um casal interessado na casa. Eu agradeceria se vocês não tentassem espantá-los como da última vez — ela sentenciou, enquanto pegava sua bolsa e as chaves do carro e ia para a confeitaria.

— Sua mãe tem razão. Nosso lar não é aqui. Não importa o quão importante seja esse legado das Holly, vocês não podem se envolver — disse Roger.

Olivia não disse nada. Cecília tinha escutado a conversa e também precisou segurar a língua para não responder o que estava pensando. As irmãs Holly não tinham como fugir. Não havia escolha. Elas não podiam simplesmente abandonar o portal e deixar de fazer a travessia.

Quando os pais de Olivia saíram, Abara surgiu na cozinha. Ele estava muito sério e parecia distante. Obviamente já estava sabendo sobre Morgan, mas não disse uma palavra. Apenas sentou-se à mesa e ficou observando as duas garotas tomarem o café da manhã tardio.

— Bom, deu para perceber que seus pais não querem levar adiante a ideia de vocês ajudarem as almas perdidas a encontrarem o caminho para casa — comentou a loira, mastigando uma torrada enquanto tomava um gole de café. — Acho que eles apenas não entenderam que não têm escolhas. Ou alguém assume essa tarefa, ou vocês todos vão começar a sofrer coisas piores do que o pobre Morgan sofreu.

Olivia sentiu até um calafrio quando ela disse isso.

— Hoje à noite vamos começar nossas lições — disse Olivia resoluta. — Não posso virar as costas para isso. Você me diz como devo fazer e vou pensar em uma forma de fazer

minha mãe entender.

— Se eu bem conheço a sua mãe, ela não vai entender. Quando Margareth ainda era viva ela já não entendia — disse Abara, quebrando o silêncio em que elas haviam mergulhado.

— Ela vai precisar entender — sentenciou Olivia.

No almoço, Noa apareceu para levar as garotas para comer fora e dar uma volta pela cidade. Cecília ficou encantada com o rapaz e não parou de trocar gracejos com ele um minuto sequer, enquanto atravessavam a cidade em direção à charmosa pousada que ele havia levado Olivia para conhecer em um de seus passeios do *tour* de permanência.

Cecília adorou o lugar, era difícil alguém no mundo não concordar que, a forma como a pousada tinha sido criada a partir da formação natural do grande rochedo em que ela ficava incrustada, não era uma forma de magia.

Noa foi agradável com Lauren e Cecília, a conversa fluiu fácil durante a refeição e Olivia se pegou imaginando quando ele tinha assumido o papel de namorado oficialmente. Pois era isso o que aquele encontro fazia parecer, que ambos eram um casal.

No final da tarde, Cecília e Lauren foram deixadas em casa e Noa aproveitou a última hora do passeio apenas com Olivia. Eles se sentaram em um banco do *Rock Mountain National Park*.

— Então, vai me contar quem é essa amiga que parece não saber nada sobre vocês e mesmo assim está de visita? — Obviamente ele tinha reparado que Cecília e as irmãs Holly não eram propriamente íntimas.

— Acho que não seria seguro lhe contar — Olivia não se imaginava dizendo a ele que aquele seu olho de duas cores servisse na verdade para ver fantasmas e que a casa de sua

avó guardava um portal para o mundo dos mortos.

Ele assentiu. Se ela não queria dizer, ele não ia insistir. Os dois ficaram ali, trocando beijos suaves até o pôr do sol. Noa a deixou em casa ao anoitecer e Olivia já sentia saudades dele antes mesmo de fechar a porta.

Estava apaixonada por aquele rapaz doce, inteligente e sincero. No entanto, alguma coisa a fazia sentir que não tinha o direito de ser feliz. Era como se um monstro invisível espreitasse na surdina e estivesse apenas esperando o momento perfeito para estragar a sua vida.

Heloisa tinha servido o jantar. Cecília e Lauren já estavam à mesa quando Olivia entrou na cozinha.

— Onde esteve? Estávamos lhe esperando para comer — questionou a mãe, aborrecida, mas segurando as críticas por causa da visita.

— Fui dar uma volta com Noa a sós — ela sentou-se ainda com o olhar apaixonado no rosto.

— Vejo que você começou a gostar de Lakewood — disse a mãe, como se não fosse uma boa notícia.

— Não é tão ruim quanto achei no início. — Olivia serviu-se de salada e remexeu os legumes e folhas no prato sem encarar a mãe enquanto respondia.

O restante do jantar prosseguiu com assuntos amenos. Heloisa não se sentiu à vontade para fazer nenhum comentário cáustico devido à presença de Cecília, o que Olivia agradeceu silenciosamente.

Depois de retirarem a mesa, enquanto os pais passavam um tempo em frente ao aparelho de televisão, as irmãs Holly lavaram a louça, mantendo uma conversa agradável sobre a

vida de atravessadora de Cecília.

— Não imagino como minha vida teria sido se não soubesse sobre meu papel na travessia das almas. Desde muito criança estou acostumada a ver os fantasmas — ela comentou, Cecília não tinha propriamente os olhos de duas cores como as Holly, mas pequenas manchas verdes em sua íris castanha caracterizavam a anomalia genética de forma mais branda.

— Bem, eles ainda me assustam um pouco. Não sei como puderam esconder isso da gente por tanto tempo. Vovó ficou sozinha nessa casa por anos, enquanto mamãe fingia que sua vida era normal e feliz. Nunca vou perdoá-la por não ter nos dito nada antes — respondeu Olivia, passando os pratos lavados para que Lauren os enxugasse.

Já passava da meia-noite quando apenas as três restaram acordadas na casa. Abara estava na sala de leitura, muito quieto, só observando a interação de suas *pupilas* com Cecília.

— Bem, vamos esperar pelas primeiras almas — disse a garota, sentando-se em uma das duas bergères que existiam na sala de leitura. Olivia ficou com a outra e Lauren recostou-se nos pés da irmã.

As três encaravam a rua através das altas janelas de vidro. O tempo estava mais ameno, sem anúncio de chuva e a rua permanecia deserta, sem movimento de carros.

Elas aguardaram pacientemente por quase uma hora até que a primeira alma aparecesse e, quando isso aconteceu, não foi como as garotas estavam esperando. O homem que chegou buscando a travessia pelo portal não veio pelo caminho corriqueiro, não foi visto pelas garotas. Elas perceberam que havia alguém dentro de casa por causa do barulho que veio da cozinha.

Sobressaltada, Olivia levantou-se da poltrona, foi até a porta da sala e acabou surpreendida por um homem alto, usando um sobretudo fora de estação. Ele parecia estar ensopado, o que era estranho. Tinha várias manchas no enorme casaco e a pele pálida, tal qual a de um cadáver. Também não tinha uma feição muito feliz. Na verdade, ele parecia estar sentindo dor, pois sua expressão tinha se congelado em uma careta nada encorajadora a conversas.

— A atravessadora? — ele inquiriu. Sua voz era rouca, áspera e forte.

Cecília saiu do torpor mais rápido do que as irmãs Holly. Ela tratou de fazer as honras da casa para mostrar às irmãs como elas deveriam agir.

— Nós três somos atravessadoras. Vou encaminhar o senhor para o outro mundo. Como se chama? — ela perguntou.

— Morten — ele respondeu, taciturno.

— Queira me acompanhar pelas escadas, Morten. É sua primeira vez aqui? — ela questionou, mantendo o tom o mais amigável possível, como se estivesse falando trivialidades com um amigo que tivesse encontrado no supermercado.

— Não, já estive aqui muitas vezes. Aposto que voltarei muitas outras também.

— Oh, desculpe-me. Deve ser um velho conhecido de Margareth então, a antiga atravessadora?

— Margareth não era uma amiga — ele respondeu, a voz grave reverberando pela casa.

Olivia não sabia como a mãe não acordava com as conversas que ocorriam no corredor do lado de fora de seu quarto. Cecília e o tal Morten tinham chegado até a frente da porta do ateliê.

Lauren e Olivia estavam nos degraus da escada, observando-os. Abara não tinha nem se

dado ao trabalho de segui-las.

— Bem, espero que tenha uma travessia segura e que encontre a paz — disse Cecília, abrindo a porta do ateliê com o uso da chave que Olivia tinha entregado a ela. Pelo jeito a última fala fazia parte de um roteiro, as irmãs Holly perceberam como ela foi dita de modo padrão.

O homem não agradeceu. Apenas encarou as três com um olhar gélido antes de atravessar para o outro lado: um lugar escuro, impregnado de uma névoa impenetrável.

Quando ele sumiu de vista do outro lado, Cecília fechou a porta e trancou-a novamente.

— Bem, esse foi assustador, mas incrivelmente fácil. Ele não queria conversa, não estava procurando consolo e também já sabia que estava morto. Quando isso ocorre é muito fácil lidar com eles, mesmo se derem um pouco de medo. O difícil são aqueles que ainda não sabem que morreram. Já tiveram algum desses? — a loira perguntou, enquanto as três voltavam para a sala de leitura.

— Nunca — disse Olivia. — Todas as almas já chegaram procurando por Margareth, elas sabiam exatamente o que fazer.

— Sempre existe a primeira vez. Costuma ser desconcertante ser o portador de tal notícia, mas acho que vocês vão se sair bem.

Abara apenas ouvia a conversa das garotas, imóvel e impassível. Não dava para saber se ele estava gostando ou não da presença de Cecília. Certamente não era o que ele esperava. Mas se algo podia ser dito a seu favor, ele também não estava dificultando a vida das irmãs Holly devido à presença da jovem.

Quase duas horas da manhã chegou a segunda alma. Dessa vez, Olivia e Lauren tiveram a experiência desagradável de informar a moça de que ela estava morta.

Era uma jovem bonita, de vinte e tantos anos. Não parecia nem um pouco morta. Ela chegou pelo caminho convencional. As três viram quando ela cruzou a rua e se colocou em frente à porta da casa de Margareth.

Foi Lauren quem abriu a porta. Olivia insistiu que a irmã devia aprender tanto quanto ela. A moça se chamava Louise. Estava vestida de forma casual, jeans e suéter.

— Desculpem, mas preciso de ajuda para chegar até minha casa. Estou vagando por este bairro há horas — ela disse, assim que Lauren abriu a porta. — Não me recordo de como foi que cheguei até aqui, mas sei que preciso estar em algum outro lugar. Só não sei que lugar é esse.

A moça sorriu de forma nervosa ao terminar de falar.

Lauren olhou para a irmã pedindo ajuda. Não sabia lidar com os fantasmas. Tinha muito medo deles.

Olivia veio socorrê-la.

— Por favor, queira me acompanhar, Louise.

A jovem seguiu Olivia até a sala de leitura. Ela ficou encabulada ao ver Abara. Como se de alguma forma o seu inconsciente soubesse que eles dois eram iguais. Não pertenciam mais àquele mundo. No entanto, a moça ainda estava confusa demais para notar a semelhança entre eles.

— Qual é a última coisa de que você se lembra, Louise? — perguntou Cecília, conduzindo a conversa dentro dos protocolos das atravessadoras.

— Eu estava em casa, no Michigan. Tinha chegado da escola, fiz o dever de casa e estava vendo um filme na TV. — A moça torcia as mãos de forma nervosa no colo enquanto falava. — Ouvi um barulho estranho vindo da porta da frente. Sei que vocês vão achar isso

muito esquisito, mas estou acostumada a coisas estranhas, sou uma pessoa diferente... minha família... bem, nós podemos ver os mortos...

Olivia, Lauren e Cecília congelaram, ao passo que Abara se moveu, de forma brusca na direção das garotas.

— Você o quê?! — questionou Olivia.

— Somos chamadas de atravessadoras, eu conduzo almas para o outro mundo, então quando abri a porta para essa pessoa... eu não sei o que aconteceu. Despertei no bairro de vocês e não entendo como vim parar aqui...

Cecília trocou um olhar de puro choque e terror com as irmãs Holly. Até Abara estava chocado.

— Louise, você morreu... nós três somos atravessadoras. Você veio para o Colorado, para fazer sua travessia... — Cecília falou aquilo de forma muito gentil.

A garota deixou a cabeça cair sobre o peito e começou a chorar baixinho.

Lauren e Olivia não sabiam como reagir, estavam assustadas e espantadas demais para dizer qualquer coisa, por isso permitiram que Cecília conduzisse a situação pela segunda vez naquela noite.

— Sentimos muito, Louise. Nunca imaginei encontrar outra atravessadora nessa situação — disse a loira, conduzindo a garota chorosa pelas escadas.

Lauren e Olivia não saíram do lugar. Abara acompanhou as outras duas pelas escadas. Cecília abriu novamente a porta do ateliê e o lugar que se mostrava também não era nada agradável. Louise fez a travessia ainda aos prantos. Ela mais do que ninguém entendia a situação.

— Não sei você... mas tenho certeza de que algo muito estranho acabou de acontecer —

disse Cecília, preocupada, ao fechar e trancar a porta do ateliê de Margareth Holly novamente.

Capítulo dezesseis

Assombrada em público

— Foi nossa presença. Somos três atravessadoras em uma única casa. É um número anormal, só isso explica o motivo da alma de Louise ter sido atraída do Michigan até o Colorado — explicou Cecília, já de volta à sala de leitura e à presença das irmãs Holly.

— As atravessadoras estão morrendo. O que está acontecendo? Abara, o que você sabe sobre isso? — Olivia se voltou contra o rapaz, ele não tinha se movido desde que se postara de frente para as altas janelas.

— Receio que eu não seja a melhor pessoa para explicar isso a vocês. Não entendo o que está ocorrendo — ele soava frio, quase como Olivia ao ter dito que não queria ser uma atravessadora dias atrás.

As três estavam assustadas. Depois de Margareth, aquela era a segunda atravessadora morta que aparecia naquela casa para fazer a travessia. Isso não podia significar uma coisa boa.

— O que está acontecendo, Cecília? Não podemos ignorar o que houve aqui — disse Olivia, preocupada.

— Vou ligar para minha mãe amanhã bem cedo. Talvez ela tenha alguma ideia do que esteja acontecendo.

Elas não conseguiram falar sobre outra coisa naquela noite. Quando amanheceu, elas não

tinham pregado os olhos. Tinham deixado Abara sozinho na sala com seu olhar frio e passaram o restante da noite tentando encontrar razões para as mortes inexplicáveis das atravessadoras.

— Uma coisa é certa, — falou Cecília, pronta para fechar os olhos e cochilar nem que fosse por poucas horas — o que fazemos só beneficia os fantasmas, não prejudica ninguém. Se está acontecendo algo para nos dizimar, então isso tem de estar vindo do outro lado. Do mundo dos mortos, não dos vivos.

Lauren não gostou nada daquela constatação. Ela ainda estava relutante em aceitar o legado de atravessadora. Era muito medrosa para lidar com almas que precisavam fazer a passagem para um lugar que ela não compreendia.

No entanto, as irmãs Holly tinham de admitir que fazia todo o sentido. Quando finalmente elas esgotaram todas as ideias que passaram por suas mentes sobre os motivos das mortes das atravessadoras, as três finalmente adormeceram.

O sono não serviu para restaurá-las. Olivia acordou logo no início da tarde e seu corpo doía como se ela tivesse sofrido outro acidente de carro. Para ajudar, Noa telefonou e a convidou para um cinema. Ela não estava no clima para um encontro romântico depois da noite passada, mas tanto Lauren quanto Cecília fizeram ela aceitar o convite, pois uma chance daquelas não se desperdiçava.

Noa chegou para buscá-la por volta das 18 horas. Ele tinha escolhido *Guardiões da Galáxia*, o que Olivia aprovou totalmente, pois os primeiros minutos já mostraram que seria um filme incrível, com uma trilha sonora adorável e, além do mais, a garota gostava de filmes de super-herói e de aventuras espaciais.

Durante a sessão, Noa e Olivia trocaram beijos delicados entre a pipoca e o refrigerante. Ele permaneceu o tempo todo com o braço por cima da poltrona dela, devia estar até com câibras. Não tinha como ela não estar completamente apaixonada pelo rapaz. Ele sabia ser tudo o que uma garota esperava. Sabia ser fofo, divertido, tinha bom gosto ao escolher filmes, comida e lugares para passeios incríveis.

Tudo estava perfeito, exceto a presença que se manifestou para Olivia na metade do filme. Um fantasma de um jovem atravessou as fileiras de poltronas lotadas de expectadores. Passou entre as cadeiras e os corpos dos presentes. A situação chocou bastante a garota. Ela já estava até mais acostumada a ver almas de outro mundo surgirem na casa de Margareth, mas em locais públicos era outra história.

Olivia se encolheu inconscientemente enquanto o fantasma avançava até o local em que ela estava sentada. Ele parou bem de frente para ela. Noa estava concentrado do filme e a garota tentou ao máximo fingir que não o estava vendo também.

— Você é a atravessadora? — ele questionou, foi surpreendente como sua voz saiu alta e clara em meio aos barulhos das explosões do filme.

Ela fingiu não ouvir. Como poderia responder a um fantasma tendo Noa bem ao seu lado? Ele ia pensar que ela era maluca!

— Não adianta fingir, eu sei que é você! Vejo no seu olho! — disse ele, agora mudando para um tom mais agressivo.

Maldita *heterocromia* hereditária. Ela encarou o fantasma do jovem rapaz que, aliás, não devia ter dois anos a mais do que ela mesma. Tentou sinalizar apenas com o olhar e alguns gestos com a cabeça que não podia falar, pois estava acompanhada, mas o jovem fantasma não entendeu o código.

— O que você está tentando dizer? Pare com isso, está parecendo retardada! — ele se zangou, devia achar que Olivia estava zombando dele.

Noa percebeu que algo estava acontecendo.

— Você está bem? — ele perguntou, inseguro.

Ela achou melhor aproveitar a deixa, o filme era ótimo e a companhia melhor ainda, mas se aquele fantasma irritante continuasse a perturbá-la, o encontro poderia acabar de forma muito constrangedora.

— Na verdade estou com uma enxaqueca insuportável, importa-se se sairmos agora?

Ela viu a decepção nos olhos de Noa e o fantasma à sua frente começou a proferir uma série de desaforos por permanecer ignorado.

— O outro lado está um caos entendeu? Preciso de alguém que resolva a situação!! Pare de fingir que não me ouve e vamos tratar de um assunto importante. Vocês não podem continuar morrendo e desaparecer da Terra — ele dizia, agora colocando-se ao lado de Olivia enquanto ela descia as escadas escuras guiada pela mão de um Noa muito preocupado.

— Quer calar a boca? — ela sibilou entredentes para o fantasma.

— O que você disse? — perguntou Noa, confuso.

— Oh, nada.

— Não me mande ficar quieto! Eu tive um trabalho danado para te encontrar. Aquelas duas que estão na sua casa não serviram de ajuda nenhuma. É você a nova atravessadora da casa! Tudo começou aqui e precisa terminar!

— Do que é que você está falando?! — Olivia estacou bruscamente, agora encarava o fantasma interessada.

Noa e ela estavam do lado de fora, nas bilheterias do cinema, e o rapaz fez novamente a pergunta se ela estava se sentindo bem.

— Estou perfeitamente bem... quer dizer, dor de cabeça terrível! Preciso voltar para casa, desculpe Noa.

Ela ainda encarava o fantasma petrificada, esperando que ele entendesse que ela aguardava uma resposta para sua pergunta.

— Agora você presta atenção, não é? Mas é o que estou dizendo, Margareth sabia de algo, o mundo dos mortos está um caos e precisa de ordem, ou as coisas vão piorar.

— O que Margareth sabia? Por que ela não comentou nada quando voltou para fazer novamente a travessia? — Noa segurava Olivia pelo pulso e com a outra mão media sua temperatura. Ele também estalava os dedos na frente do rosto dela para que a garota voltasse a prestar atenção nele, mas ela estava com o olhar voltado para o fantasma do jovem rapaz bem ao seu lado.

De repente, era Noa quem tinha ficado invisível para ela.

— Nós não sabemos, entendeu? Não conseguimos dizer o que está errado, mas podemos afirmar que alguma coisa não está em seu devido lugar. Você precisa consertar isso.

— Mas como eu posso consertar algo que não entendo?! Eu nem sei o que está acontecendo direito e você não está ajudando! — ela estava exasperada.

Noa tentava fazê-la voltar à realidade.

— Olivia, vou te levar ao médico. Você não está nada bem. Está dizendo coisas sem sentido e falando sozinha.

— Oi, o quê? Não estou falando sozinha... quer dizer... minha cabeça dói... muito — ela tinha a vaga sensação de que as coisas com Noa ficavam cada vez mais complicadas de se

explicar, principalmente se ela continuasse a falar com um fantasma bem na frente dele.

— Vou levar você ao centro médico.

— Não! Leve-me para casa! — ela pediu.

Ela entrou no carro dele frustrada. Sua noite perfeita tinha sido arruinada por aquele rapaz. Se ele estivesse vivo, Olivia tinha certeza de que seria capaz de matá-lo.

Como se fosse capaz de ler o pensamento da garota, o fantasma do jovem sentou ao lado dela no banco do veículo e tagarelou:

— Desculpe, sei que seu encontro parecia bem romântico e coisa e tal, mas estamos com um problemão no mundo dos mortos!

— Que ótimo!

— O quê? — Noa estava bem mais do que alarmado. Olivia estava se comportando como uma verdadeira desequilibrada.

— Oh, nada. Estou pensando alto.

— Olivia, fiz alguma coisa que te desagradou? O filme estava ruim? — ele lançava olhares ansiosos na direção dela enquanto dirigia para a casa de Margareth.

— Eu já disse, não estou legal... essa dor de cabeça está me matando...

— Tudo bem, mas você tem certeza de que não quer ir ao médico?

— Não, é apenas como se uma voz muito CHATA não parasse de tagarelar e martelar na minha mente!

— Tenha a santa paciência, — disse o fantasma, bem irritado — estou sendo solidário às outras almas. Estão todos entrando em pânico enquanto você tem encontros românticos com o bonitão aí.

A tortura durou mais cinco minutos, até que Noa estacionou de frente para a casa de

Margareth. Olivia saltou do carro apressada. Ela achou que conseguiria escapar de Noa, mas ele a seguiu até a porta da frente.

— Tem certeza de que está bem? — ele questionou, segurando-a pelos ombros.

— Vou ficar ótima. Eu te ligo amanhã — ela disse, desvencilhando-se dele com um beijo rápido e refugiando-se dentro de casa.

Ela praticamente bateu a porta na cara de Noa.

— Droga!!! Satisfeito? Agora ele vai achar que sou maluca! Tudo por sua causa! Não poderia esperar para conversarmos aqui? Como uma pessoa viva e uma morta perfeitamente civilizadas?

Cecília e Lauren foram atraídas pelo tom de Olivia. O jovem fantasma, que até agora nem tinha se apresentado, parecia estar achando a situação muito engraçada, por sinal.

— Quem é esse aí? O que está rolando? — perguntou Cecília, preocupada.

— Ele está me seguindo, fez Noa achar que sou maluca e falo sozinha — disse Olivia, exasperada.

— Se você estivesse em casa, eu não precisaria ter tido todo esse trabalho...

— Ora, mas para alguém que está morto e precisa da minha ajuda para continuar a sua viagem, você é um fantasma bem desaforado!

— Acho que precisamos nos acalmar por aqui — disse Cecília, tentando apaziguar os ânimos de Olivia e do fantasma desconhecido. — Qual o seu nome, rapaz? Conte para a gente a história desde o início.

O fantasma lançou um olhar irritado para Olivia. Ela evitava encará-lo de propósito, pois ainda sentia um ímpeto de matá-lo, se ele já não estivesse bem morto.

— Do outro lado está um caos. As almas não estão atravessando para lugares bons.

Todos estão sendo atirados no mesmo limbo e isso tem provocado uma revolta... — ele esperou algum retorno de Cecília e Olivia, mas como elas permaneceram caladas ele continuou. — Sabemos sobre as mortes das atravessadoras, várias de vocês que fizeram a passagem foram parar nesse limbo. Sentimos que tem alguma coisa fora do lugar, ou lá, ou aqui neste mundo.

Cecília tinha um semblante preocupado. Olivia e Lauren apenas tinham confirmado as suas suspeitas de que a avó não tinha morrido de causas naturais, mas não tinham a mínima ideia do que poderiam fazer com essa informação que o jovem fantasma repassava.

— E o seu nome? — questionou Cecília.

— Desculpem, esqueci completamente de que também preciso de uma ajuda para fazer a travessia de volta. Eu sou Mike e, antes que perguntem, morri em um acidente de carro.

Olivia arregalou os olhos impressionada. Na verdade, ela nunca tinha perguntado como os fantasmas que chegavam até ali tinham morrido. Achava que deveria ter alguma regra naquela coisa de ser atravessadora que considerasse a pergunta mal educada.

— Bem, obrigada por ter vindo nos ajudar, Mike. Ficamos muito satisfeitas com as suas informações e vamos buscar entendê-las da melhor maneira possível — disse Cecília, seguindo o protocolo. — Agora, se já estiver pronto para atravessar, vou levar você até o ateliê.

Mike ainda lançou um olhar na direção de Olivia. Era óbvio que ele não queria ter estragado o cinema dela, nem tê-la feito parecer maluca na frente do cara que ele suspeitava ser o namorado da moça, mas os mortos não podiam esperar.

— Ei, desculpe pela perseguição... — ele disse e, nesse momento, Olivia o encarou e fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Tudo bem, não tem problema — era claro que tinha problema, ela não sabia nem como começar a explicar para Noa o que tinha acontecido. Porém, sabia que o rapaz tinha feito um favor a elas.

Cecília o acompanhou até a porta do ateliê. Ao abrir a passagem para ele, a garota percebeu que do outro lado da porta o cenário era tão desolador quanto aqueles para quem ela tinha aberto a porta na noite anterior.

— Boa sorte do outro lado — disse a loira, fugindo um pouco do protocolo.

— Pois é, estamos precisando dela — disse Mike, fazendo a travessia com uma expressão derrotada.

Capítulo dezessete

Eu vejo gente morta

No dia seguinte, por mais que quisesse, Olivia não teve como fugir de Noa. Ele tinha ficado preocupado com a forma estranha com que a garota tinha agido e resolveu visitá-la para saber se estava tudo bem.

Lauren o recebeu, encabulada. A beleza de Noa a deixava tímida e ainda tinha o fato de que ele estava saindo com a sua irmã.

— Preciso falar com Olivia. Ela está bem? Ontem ela parecia tão estranha. — Lauren sentiu pena do rapaz. Afinal, ele realmente não tinha entendido nada da situação embaraçosa em que a irmã se metera.

— Vou chamá-la — disse, subindo a escada de dois em dois degraus.

Olivia desceu as escadas sozinha. Lauren tinha ficado no quarto para permitir que a irmã conversasse com Noa a sós. Ela conduziu Noa até a sala de leitura e eles se sentaram nas bergères, ambos estavam muito constrangidos, sem saber ao certo como começar a falar.

— Então... — Olivia não sabia bem por onde começar a explicar a Noa o que tinha acontecido na noite passada. Também não tinha conseguido pensar em nenhuma boa desculpa que justificasse ter agido feito uma louca.

— O que aconteceu ontem? — Ele perguntou sem rodeios. — Você não falava nada com sentido. Parecia que estava conversando com outra pessoa.

Olivia mordeu o lábio inferior antes de responder. Mas tomando coragem, ela soltou o ar que estava prendendo e resolveu dizer a verdade:

— Eu realmente estava falando com outra pessoa. O nome dele era Mike. Ele é um fantasma. Tá legal, é isso aí. Agora você já sabe, eu vejo gente morta!

Ela ficou vermelha. Sentiu o rosto todo corar por ter contado a ele a verdade. Uma verdade que tinha assombrando a sua vida desde que se mudara para aquela cidade.

Olivia estava esperando alguma reação de Noa. Estava esperando ele rir da cara dela, debochar, fazer alguma piada. Só não estava esperando que ele ficasse sério.

— Essa é a parte em que devo perguntar a você “Com que frequência?”— ele disse, referindo-se ao diálogo sinistro do filme *O Sexto Sentido*.

— Bem, não... A não ser que você queira mesmo saber. Não vou responder que é o tempo todo. Só durante a noite, principalmente depois das dez. Às vezes também durante o início da tarde, quando as crianças aparecem para fazer a travessia, mas com certeza não é o tempo todo.

Olivia estava rindo de nervoso. Ela estava contando algo grande para Noa. Um segredo de estado, a coisa mais importante que já acontecera em toda a sua vida, mas ele não tivera nenhuma reação. A não ser, é claro, achar que ela estava encenando uma cena de *O Sexto Sentido*.

— Olha, você não precisa me dizer se não quiser, só não precisa inventar uma história dessas.

Ele levantou-se da bergère e parecia bem disposto a sair.

— Não estou inventando. — Ela se levantou e puxou-o de volta para a poltrona pelo pulso. — Desde que eu e Lauren nos mudamos descobrimos que somos atravessadoras.

Margareth também era. É um legado de família. Vem junto com a anomalia dos olhos coloridos. Nós podemos ver os mortos, falar com eles e ajudamos a atravessá-los para o Outro Mundo.

Era Noa agora quem estava rindo.

— Eu estou falando sério. Não sei como contar isso para as pessoas. Você é a primeira para quem preciso dizer. Cecília também é uma atravessadora, ela veio de longe só para me ajudar a entender essa coisa.

— Você age feito maluca em nosso encontro e agora vem me dizer que vê fantasmas. Se quisesse se livrar de mim poderia ter encontrado um jeito mais fácil, Olivia.

— Noa, acredite em mim. Não estou tentando me livrar de você. Essa é a verdade. Minha mãe pode confirmar tudo. Ela sabe dessa história de atravessadoras. Ela detesta isso, por isso quer vender a casa.

Olivia estava começando a sentir o desespero bater. Se Noa não era capaz de acreditar no que ela dizia, o que era preciso fazer para provar que estava dizendo a verdade?

— Olha, para mim já chega. Se você quer bancar a doida, tudo bem.

Ele se levantou e dessa vez Olivia não conseguiu convencê-lo a ficar para ouvi-la. Caminhou a passos decididos até a porta de entrada e girou a maçaneta:

— Não sei o que tudo isso significa, mas não esperava algo assim de você.

Olivia tentou dizer algo, tentou mesmo dizer que sentia muito, que ele precisava acreditar nela, que ela só estava dizendo a verdade. Mas nenhuma palavra saiu. Noa escapou para o jardim e foi embora com o olhar ferido, como se tivesse sido traído e tratado como um otário.

Abara apareceu atrás dela e sua voz a assustou.

— Uma das regras em ser uma atravessadora é não contar para quem não pode entender sobre o ofício e o que você é capaz de fazer.

Olivia o encarou com raiva.

— Ele não acreditou em mim. Como pôde não acreditar em mim?

— Você prestou atenção no que disse a ele?

— Eu disse a verdade.

— Uma verdade que a maioria das pessoas julga absurda.

Olivia tinha vontade de socar Abara. Por que ele não tinha aparecido há alguns minutos para ajudá-la a convencer Noa?

— Agora ele acha que sou uma louca mentirosa.

— Acho que ele só acha você louca — disse o rapaz, um sorriso teimando em aparecer no canto dos lábios. Estava mais do que satisfeito com o desfecho da visita. Ele mesmo não poderia ter feito melhor para afastar Noa de Olivia.

— Abara, isso não tem a menor graça. É a minha vida, são pessoas com quem me importo. De agora em diante não poderei me relacionar com mais ninguém de forma normal? Como eu posso ter uma vida se não posso dizer a verdade para as pessoas sobre o que eu sou e o que eu faço?

— Noa deveria ter acreditado em você. Se ele gostasse mesmo de você, acreditaria em qualquer coisa que você dissesse.

Abara tinha o semblante sério e suas palavras foram sinceras. Ele achava mesmo que quando se ama alguém se deve acreditar em qualquer coisa que a pessoa disser, mas só estava sendo mesquinho com Olivia, vendo-a sofrer pelo desentendimento com o cara que estava muito próximo de se tornar um namorado.

— Ele nunca mais vai querer me ver.

— Isso pode até ser bom. Você precisa praticar a arte de ser uma atravessadora. Tem sido negligente com isso desde o princípio. Que tal começar a prestar atenção no que eu digo? — Olivia bufou frustrada e correu escada acima, bateu a porta do quarto com força.

Lauren estava recostada na cama e Cecília parecia preocupada com a leitura de um e-mail.

— O que foi? — a loira perguntou, assim que viu a cara com que a outra entrou no quarto.

— Conte para Noa que vejo gente morta e ele não acreditou em mim. Foi embora achando que sou maluca.

Cecília fez uma careta que poderia ter várias interpretações, mas certamente nenhuma delas significava que Olivia tinha feito a coisa certa ao contar para ele a verdade sobre o que elas eram.

— Minha mãe acabou de me enviar isso — ela apontou para a tela do computador. — Mais duas atravessadoras foram encontradas mortas. Uma no Brasil e outra na Rússia. Ela quer que eu volte para casa.

— Como isso foi acontecer? — perguntou Olivia, esquecendo completamente a situação embaraçosa com Noa. Ali estava um problema de verdade que ela precisava resolver e não tinha dado nenhum passo adiante.

— Minha mãe não deu muitos detalhes. Os contatos dela disseram que ambas as garotas eram jovens e foram encontradas mortas da mesma forma que Margareth, sua avó. — Cecília, que já era bem pálida, estava ainda mais branca, como se tivesse visto um fantasma, ou melhor, um fantasma bem feio.

— Isso não é nada natural, não é?

— Não. Se não descobrirmos o que está causando isso, podemos acabar sendo as próximas.

— O que você acha que pode ser? Eu não sei nem o que começar a pensar...

Lauren estava muito quieta, apenas ouvindo as duas conversarem. Até agora, só Olivia estava lidando com aquela história de ser atravessadora. Lauren tinha se afastado, não assumira o fardo para si, mas a verdade era que precisava. Afinal, também era uma Holly e naquele momento decidiu que Olivia não teria que lidar sozinha com a situação.

— Podemos vasculhar nas coisas da vovó de novo. Quem sabe não encontramos algo dela sobre as atravessadoras.

— Isso pode ser uma boa ideia. Minha mãe mantém um diário religioso sobre as pessoas que ela atravessa e tudo o que aconteceu de interessante em sua vida desde que descobriu que pode ver os mortos — disse Cecília. — Ela vive implicando comigo, dizendo que deveria começar um diário meu, mas acho que essa coisa de diário está bem ultrapassada, por isso mantenho um blog. Mesmo que as pessoas achem que ali só tem ficção.

— Não vi nenhum diário nas coisas da vovó — disse Olivia.

No entanto, não custava procurar outra vez. Ela afastou da mente o pensamento insistente de Noa achar que ela era uma mentirosa. Precisava se concentrar no motivo de as atravessadoras terem começado a morrer. Se não encontrassem respostas rápidas, suas vidas estariam em perigo.

Lauren vasculhou a garagem, onde as coisas de Margareth tinham sido colocadas, enquanto Cecília fez uma nova vistoria pelos cômodos do andar de cima. Olivia ficou com a

sala de leitura. Além dos livros, não havia muita coisa ou lugar para se procurar, mas ela se pegou imaginando que era exatamente o tipo de local seguro para se esconder um diário. Misturado entre os livros.

Alguns exemplares eram encadernados em couro ou tecido e podiam muito bem ser um diário. Por isso, Olivia apanhou cópia por cópia e abriu, delicadamente, aproveitando também para espanar a poeira. Ela detestava livros empoeirados.

Conforme a tarde avançava e ela não obtinha sucesso, seus pensamentos voltaram-se para Noa. Abara tinha ficado perambulando pela casa vendo as Holly e Cecília procurem em todos os cantos por algo que elas nem mesmo sabiam o que era. Tudo o que Olivia conseguia pensar era na feição de desapontamento de Noa.

Ela o magoara. Não sabia como consertar o que tinha feito.

Então, quando menos esperava, um dos livros se mostrou diferente. As páginas eram bem mais finas do que as dos demais e a capa era dura de papelão reforçado e de um rosa chiclete horrível, cheia de linhas douradas gravadas.

Ela o folheou com cuidado. Era sem dúvida um diário, da grossura do livro *A Ascensão da Sombra*, de Roger Jordan. Outras cinco encadernações idênticas estavam enfileiradas logo em seguida a esse.

Olivia sorriu. Quem sabe alguma coisa começasse a fazer sentido?

Capítulo dezoito

Os diários de Margareth

O diário de Margareth se mostrou uma peça muito útil de estudo. Listado de forma clara, havia dez regras importantes logo na primeira página:

1. Não ofender os fantasmas. (Depois da aparição do fantasma do cinema, esse conselho era meio tardio).
2. Não contar para outras pessoas sobre as atravessadoras. (Que Droga, ela já quebrara essa regra.)
3. Nunca atravessar a passagem. (Lauren estava mesmo certa!)
4. Não se apaixonar por pessoas mortas. (Bem, ela sentia um frio na barriga perto de Abara, mas não estava apaixonada por ele, tinha certeza disso.)
5. Não permitir que um fantasma fique por mais de um dia em sua casa sem fazer a passagem. (Abara era um fantasma e estava ali há semanas.)
6. Não manter em sua posse objetos de pessoas mortas. (Ok, isso ela podia cumprir.)
7. Não ignorar um pedido de um fantasma. (Ela estava ignorando Abara, será que isso estava provocando todos os problemas? Não, não podia ter relação.)
8. Não tomar banhos depois das 23h. (Que porcaria de regra era essa?!)
9. Não dormir com os pés descobertos. (Certo, outra regra estranha, mas entendível.)
10. Atender mesmo a alma mais horripilante que aparecer para a travessia. (Isso ela já vinha fazendo.)

Olivia riu ao terminar de ler a lista. Só podia imaginar que sua avó tivesse sofrido experiências desagradáveis em banhos tarde da noite e ao dormir com os pés descobertos para acrescentar aquelas regras aos mandamentos das atravessadoras. Fazendo o *cheklist* mental percebeu como não era capaz de cumprir as regras muito bem. Isso era algo que ela precisaria consertar.

Ela e Lauren não contaram para Abara sobre os diários e se juntavam para lê-los quando o dia estava quase amanhecendo. Cecília precisava voltar para o seu Estado, mas tinha decidido que ficaria com as Holly até aquele final de semana. Ela também estava muito intrigada com os registros de Margareth, principalmente quando as três encontraram a passagem que se referia a Abara.

Pelo que a avó contava no diário, ela tinha conhecido o rapaz quando ele ainda era vivo. Ambos tinham vivido uma paixão secreta, mas Abara tinha morrido de forma trágica, Olivia agora sabia como, apenas alguns meses depois do início do romance.

A Holly chegou a sentir pena do rapaz. Afinal, ele era jovem quando morreu e ela achava que ninguém merecia morrer jovem.

O mais intrigante foi saber que Margareth tinha recebido inúmeras ameaças da noiva de Abara, Luísa, a mulher enterrada no cemitério que ele fora visitar.

— Quer dizer que Luísa não ficou nada satisfeita ao saber que o noivo estava apaixonado por outra mulher... — disse Cecília, virando as páginas com cuidado.

— E quem ficaria? Pelo que encontramos, vovó e Abara pretendiam mesmo ficar juntos. Margareth já planejava deixar nosso avô e Abara terminou o noivado...

Elas seguiram lendo os relatos, cada vez mais entristecidas com aquela história trágica e

horrível que tinha marcado a vida da avó.

Quando Abara terminou o noivado e contou que estava apaixonado por outra mulher, Luísa jurou que eles nunca seriam felizes juntos. No final das contas, o desejo dela tinha se realizado, pois Abara morreu algumas semanas depois de se separar da jovem.

Elas continuaram desvendando as conjecturas de Margareth. As anotações sobre essa época da sua vida eram cheias de pensamentos confusos e sem precisão. Como se ela tivesse ficado perturbada com a morte do rapaz. O que não era de se estranhar.

Quando terminaram a leitura, a conclusão a que chegaram não foi nada boa. Lauren e Olivia se encaravam temerosas de expressar em voz alta o que tinham entendido de toda aquela história.

— Luísa matou Abara. Vovó sempre soube disso.

Como já era bem tarde, elas pegaram no sono e tiveram sonhos intranquilos, povoados de almas perdidas que chegavam sem ter para onde ir, ou se recusavam a partir.

O dia seguinte amanheceu cinza. Olivia acordou decidida a procurar por Noa para tentar explicar mais uma vez que não estava mentindo sobre ver fantasmas.

Ele precisava acreditar nela, mesmo que essa fosse uma das regras das atravessadoras que ela não poderia quebrar.

A menina tomou um café rápido, ainda sozinha na cozinha, pois a irmã e Cecília não tinham acordado. Abara pairava como um abutre ao redor dela, fazendo perguntas que ela não desejava responder.

— Vai sair tão cedo?

— Vou.

— Mas o que você pode ter de tão importante para fazer? O dia mal clareou... aliás, o

tempo não está bom para sair.

— Abara, desde quando eu preciso pedir permissão para você se quiser sair? — ela estava farta da presença do rapaz, ele era um inútil. Todas as coisas que contara sobre as atravessadoras tinham sido pela metade, sempre deixando uma informação importante de fora.

— Estou apenas preocupado, Olivia — o pior é que os olhos dele pareciam mesmo carregados de uma preocupação genuína. Mas a garota tinha outras preocupações em mente.

Sem responder, ela pegou as chaves do carro da mãe e deixou o rapaz encarando a cozinha vazia.

Olivia dirigiu até a casa de Noa. Sabia que naquele horário tanto ele quanto os pais estariam dormindo, mas ela não aguentaria esperar nem mais um minuto para que ele entendesse que ela não tinha usado aquela história absurda para afastá-lo de sua vida.

Ela estacionou em frente à casa e ficou dentro do carro pensando em como deveria agir a seguir. Tocar a campainha acordaria os pais dele, o que ela não queria. A casa era de apenas um andar, os quartos ficavam nos fundos da residência, mas Olivia não tinha ideia de qual janela era a do quarto de Noa.

A garota andou pelo terreno procurando uma passagem. Por sorte, a que dava para o quarto do rapaz estava com as cortinas afastadas, apenas fechada pelo vidro. Olivia bateu com os nós dos dedos várias vezes.

Noa despertou aturdido. No início ele não soube de onde estava vindo aquele som insistente, mas logo seus olhos se voltaram para a janela e ele viu os cabelos laranja de Olivia balançando desordenadamente pelo vento.

Ele levantou-se da cama desconfiado. Vestia calças largas de moletom e uma camiseta

branca de algodão. Estava mais lindo do que nunca, mesmo com os cabelos desgrehados e a cara um tanto inchada.

Ele abriu a janela incerto.

— O que está fazendo aqui? — A pergunta não foi propriamente rude, mas a entonação deixava claro que ele não desejava vê-la tão cedo.

— Eu preciso que você acredite em mim, não consigo seguir adiante se você ficar pensando que eu disse todas aquelas coisas porque queria te afastar. É ainda mais absurdo do que eu realmente ver gente morta. — Olivia não estava fazendo muito progresso.

— Olha, tudo bem se você quiser continuar afirmando que vê fantasmas, que faz a travessia deles. Sério! Tudo bem. Só não vamos continuar com isso, certo?

Os olhos da garota se encheram de água. Mas ela se recusava a chorar na frente dele. Engoliu as lágrimas antes de continuar:

— Noa, por que eu usaria isso para te afastar se estou apaixonada por você?

O rapaz a encarou demoradamente por um minuto inteiro. Ela ainda não tinha dito a ele como se sentia, esperava que a declaração fizesse com que ele acreditasse nela, mas obviamente não havia lógica alguma nesse pensamento.

— Eu não sei o que dizer a você. Não sei mesmo.

— Eu posso tentar fazer com que você acredite. Deve haver um jeito.

— Olivia, isso já passou dos limites.

— Não diga isso, você não percebe que é como se eu morresse um pouco cada vez que você duvida de mim? Por favor, não há motivos para eu inventar uma história dessas. — Ela tinha chegado ao fundo do poço. Estava se humilhando mais do que tinha previsto.

— Acho melhor você voltar para casa. — Ele se afastou da janela ao dizer isso.

— Noa, eu me recuso a terminar essa conversa assim. Você precisa vir comigo. Tem um lugar em que você vai perceber que não estou mentindo e não sofro de nenhuma doença psiquiátrica.

Ele apertou os lábios com força, claramente contrariado com o que estava acontecendo. Não sentia que a garota diante dele estava mentindo, mas também não podia acreditar no que ela dizia, pois era absurdo demais.

Fantasmas existiam? Ele jurava que não. Mas o olhar de Olivia dizia a verdade, ou pelo menos o que ela achava que fosse verdade.

— Aonde você quer ir?

— Troque de roupas. Estou lhe esperando no carro — ela disse, deixando de responder à pergunta que ele fizera de propósito, pois se contasse onde o levaria ele certamente se recusaria a sair de casa com ela.

Dez minutos depois, Noa estava sentado ao lado do passageiro no carro com Olivia. Ela dirigia pela cidade vagorosamente. Ainda era muito cedo, quase não havia carros pela rua. A garota deu duas voltas pelo parque, parecia um pouco perdida em relação a que direção deveria tomar, mas logo ela se decidiu e Noa ficou ainda mais alarmado quando ela estacionou em frente aos portões do cemitério.

Ela só podia estar de brincadeira, não é?

— Você tem ideia de como isso é macabro e esquisito? — Ele perguntou, literalmente exasperado que a situação tivesse ficado ainda pior.

Já Olivia estava certa de que o melhor lugar para encontrar um fantasma era ali, já que ela não sabia a que horas eles apareceriam em sua casa, precisava encontrá-los para provar

a Noa que ela não estava mentindo.

— Eu só lhe peço alguns minutos. Sei que você não quer acreditar em mim...

— Eu quero acreditar, mas não dá!

— Sei que você não consegue acreditar, — ela corrigiu — mas sei que vamos encontrar algumas almas do outro lado e vou dar um jeito de fazer com que vocês consigam se comunicar.

— Espera, você me trouxe até o cemitério para que eu me comunique com um fantasma?!

— Isso, vamos dar um jeito de resolver como o processo será feito, mas você só vai acreditar em mim quando conseguir falar com alguém que já morreu... Noa, por favor, em nome dos momentos legais que passamos juntos desde que nos conhecemos, você precisa acreditar.

Ele ficou estarelecido, ainda dentro do carro. Se fosse qualquer outra garota que tivesse falado o que Olivia dissera, qualquer outra garota que viesse com aquela história maluca de poder ver fantasmas e ainda por cima esperar que ele também os visse, bem, Noa já teria ligado para os pais da menina e a deixado no primeiro hospital mais próximo. Mas ele não conseguia fazer isso com Olivia.

Talvez fosse porque ele estava apaixonado e quisesse mesmo acreditar no que ela dizia, por mais maluca que a história fosse. Ou talvez porque ele sentia que ela não era de mentir e não a imaginava capaz de inventar algo tão estapafúrdio só para se afastar dele.

O fato é que ele cedeu. Cedeu ao pedido de Olivia Holly e resolveu que alguns minutos dentro de um cemitério tentando se comunicar com pessoas mortas não era tão ruim assim se fosse para ele finalmente entender o que estava acontecendo. Se é que ele entenderia alguma coisa.

— Tudo bem, eu vou entrar com você. Mas se essa história ficar ainda mais bizarra do que já está eu vou contar aos seus pais o que está acontecendo.

Olivia sorriu frustrada, Heloisa ficaria fascinada em ouvir que a filha estava contando os segredos da família para garotos por quem ela estava apaixonada.

— Combinado — ela aceitou, pois no momento, era a melhor oferta que Noa poderia oferecer.

Os portões do cemitério tinham acabado de ser abertos pelo coveiro que tomava conta do lugar. O homem encarquilhado achou estranho que dois jovens estivessem ali tão cedo. Não era um lugar promissor para encontros, por isso, resolveu que ficaria de olho nos dois à distância.

Olivia e Noa entraram pela alameda principal e caminharam vagorosamente pelos túmulos, lápides e mausoléus. Eles permaneceram em silêncio. Olivia estava olhando para todos os lados, procurando literalmente por uma alma penada que estivesse vagando por ali.

Já Noa encarava o final da alameda sem esperanças de que o fato de estarem ali poderia elucidar aquela confusão.

Então, quando ele menos esperava, Olivia o chamou. Ela estava parada entre dois túmulos e olhava para frente, como se visse alguém lá longe. Alguém que não estava ali, diga-se de passagem.

— Vamos para aquele lado — ela informou, achando melhor não dizer a ele que estava vendo um senhor de idade pairando entre os túmulos no final de um dos blocos do cemitério.

Noa apenas a seguiu, sem saber mais o que deveria fazer ou dizer.

Quando se aproximaram o suficiente para que o fantasma os visse, Olivia sentiu um formigamento estranho na base do pescoço.

Ela olhou para Noa e ficou apreensiva de fazer o que estava pensando em fazer, mas não tinha outra escolha. Ela precisaria passar por louca mais um pouco para que ele acreditasse nela de uma vez por todas.

Capítulo dezenove

Contra as regras

— Olá! Sou Olivia, uma atravessadora — disse ela, sem ter a mínima ideia de como deveria puxar assunto com um fantasma.

Noa parou ao seu lado, o olhar ainda mais preocupado, ele se recusava a acreditar que a garota estivesse brincando, pois não era nada engraçada a situação, mas também não conseguia admitir para si mesmo que ela era capaz de ver gente morta.

— O que você está fazendo?

— Amizade. Você não o vê? — Olivia estava desesperada, não sabia mais o que fazer para que Noa acreditasse nela, se aquilo não funcionasse, então ela teria mesmo que desistir.

No entanto, algo estranho aconteceu. Noa deu dois passos para trás, a expressão em puro assombro. Em um segundo ele estava olhando para Olivia que falava sozinha, no outro, um velho se materializou bem ao lado deles, o que o fez quase ter um ataque cardíaco.

Olivia percebeu que ele estava vendo algo. Ficou radiante, seu plano estava funcionando. O fato de ter contado a Noa sobre o ofício de ser uma atravessadora era capaz de tirar a névoa da visão de qualquer um. Olivia não tinha como saber isso naquele momento, mas uma das habilidades das atravessadoras era fazer outros também verem fantasmas, contando sobre sua existência e falando com um deles.

— O senhor pode falar seu nome? Pode dizer a ele que está morto? — A euforia do

momento não a deixava muito educada.

— Garota, o que você pensa que está fazendo? — Questionou o velho, a carranca fechada, grave, como se Olivia estivesse cometendo um crime hediondo.

— Preciso que meu amigo aqui entenda que posso mesmo ver gente morta, que eu os ajudo a fazer a travessia para o Outro Mundo — ela falava muito depressa, ao olhar para Noa viu que os olhos dele estavam muito arregalados, será que ele estava com medo?

Era isso, essa era a expressão que Olivia via no rosto do rapaz, medo. De todas as emoções que ela poderia ter imaginado para aquele momento, nunca pensou que Noa fosse ter medo dos fantasmas.

Mas ali estava ele, claramente muito assustado com a realidade que tinha acabado de se deparar.

— Como... como? O quê? — Ele permaneceu balbuciando coisas sem sentido por mais alguns minutos.

— Você não devia ter feito isso! Violou a ordem das coisas! Essa era uma regra muito rígida — disse o velho, visivelmente contrariado com a situação.

— Eu sei, eu li as anotações da minha avó, mas isso era preciso. Noa precisava acreditar em mim — Olivia respondeu, ainda não sabia nada sobre aquele fantasma que vagava pelo cemitério, mas só o que importava era que seu plano tinha dado certo e agora Noa sabia que ela não era louca e nem estava inventando toda aquela história.

— Você condenou esse rapaz! Tem ideia do que fez?

— Perdão, não entendi... o que isso pode ter de tão grave? — Olivia estava começando a suar frio, já que aparentemente ela tinha feito algo muito errado, muito errado mesmo.

— Existe uma razão para que os vivos não nos vejam. Eles não estão prontos para espiar

e saber que o Outro Mundo existe, mas agora esse jovem teve uma experiência que coloca sua vida em risco. Você nunca deveria ter forçado essa visão. — O velho saiu andando, procurava se afastar o mais rápido que podia daqueles dois, afinal, um vivo ser capaz de ver um fantasma era algo que dava azar até no mundo dos mortos.

— Ei, espere, não pode ser algo tão ruim o que fiz. Eu só precisava que ele acreditasse... que outra forma eu tinha? — Olivia deixou Noa ainda estarecido e parado feito estátua no meio do cemitério e seguiu o velho homem por entre as lápides.

— Ah, garota. As regras são feitas para manter a ordem. Se todo mundo pudesse nos ver seria um pesadelo. Não estaríamos verdadeiramente mortos. Não se viola a ordem das coisas dessa forma. — Agora ele estava irritado, como se a insistência dela de que não tinha feito nada demais pudesse amenizar a situação.

— Eu coloquei a vida de Noa em risco? Com quem eu me desculpo? — Ela sabia que podia consertar, fosse o que fosse que tivesse feito de tão grave era possível consertar, desde que ela falasse com a pessoa certa.

— Não existe ninguém com quem você possa falar, garota. Volte para casa, saia daqui e leve o rapaz com você. Se os deuses forem bons, esse garoto ainda vai viver alguns anos, mas do contrário, saiba que a culpa é sua.

Olivia ainda tentou segui-lo para argumentar, questionar o que ele dissera, mas o velho desapareceu da mesma forma que tinha surgido: do nada.

Então ela se voltou para Noa. Ele agora estava sentado em um túmulo. Continuava balbuciando coisas sem sentido. Olivia o pegou pelo braço e o conduziu para fora do cemitério. Ele pareceu despertar do transe ainda antes de deixarem os portões.

— Você não estava mentindo... — ele disse, ainda tentando encontrar palavras para

descrever o que estava acontecendo.

— Como eu poderia? Isso é surreal demais para se mentir.

— Aquele homem, quem era?

Eles tinham alcançado o carro agora. Noa abriu a porta e entrou.

— Eu não sei, ele não quis me dizer o nome.

Ela não tocou no assunto de que tinha violado uma regra forçando aquele encontro e ao fazer com que Noa visse o fantasma que vagava pelo cemitério. Não havia razão para preocupá-lo ainda mais, pois ele estava visivelmente chocado.

— Como isso aconteceu?

— Eu lhe disse, assim que nos mudamos, eu e Lauren descobrimos que o ateliê de minha avó não era o que parecia. Mas sim uma passagem para o Outro Mundo. Quase toda noite recebemos os fantasmas em nossa casa, eles fazem a travessia e nós abrimos a passagem. — Definitivamente aquela conversa era extremamente surreal para ter com Noa, mas pelo menos agora ele acreditava nela, não estava olhando-a como se ela tivesse enlouquecido, ou como se estivesse mentindo.

— Então Lauren também pode vê-los?

— Eu disse a você. É um legado de família. Minha mãe também pode, mas se recusa a ser uma atravessadora. Não quer que sua vida fique presa nesta cidade. — Bem, certamente ela tinha conseguido fugir da responsabilidade quando Margareth estava viva, mas agora alguém tinha que assumir a tarefa, se não seria ela, então suas filhas estavam fadadas àquele destino.

— Uau, é muita coisa, muita coisa para se assimilar.

Olivia estava dirigindo de volta para a casa dele. Destinou um olhar culpado a ele.

— Eu sei, não queria ter contado nada disso. Mas naquele dia no cinema, bem, um fantasma ficou me enchendo e fez com que parecesse que eu estava falando sozinha. Acredite, eu não teria contado nada se não precisasse. — A sensação de que tinha feito algo errado se avolumava em seu interior. Era como se ela soubesse que de alguma forma inexplicável o fato de Noa ter conseguido ver o fantasma era um claro sinal de azar.

Noa ficou alguns minutos pensativo, tentava assimilar toda aquela história absurda. Nunca em sua vida poderia imaginar que chegaria o dia em que acreditaria em fantasmas.

— Você falou algo sobre um cara, um fantasma que está na sua casa...

— O nome dele é Abara. Ele foi apaixonado pela minha avó. Chegou logo depois que eu e Lauren descobrimos sobre essa coisa de atravessar as almas. — Tentar explicar a presença de Abara na casa era muito mais difícil do que aquilo, mas por hora, as informações eram suficientes.

— E a garota que está visitando...

— Cecília também é uma atravessadora. Entrei em contato com ela pela Internet, acredite se quiser, ela tem um blog sobre isso.

Enquanto Olivia falava, Noa apenas assentia, como se as explicações fizessem algum sentido para ele, o que não fazia, mesmo ele sabendo que tudo aquilo era real.

— E o que você vai fazer a respeito? E agora? — Ele perguntou, querendo entender qual era o objetivo de tudo. O que acontecia depois de se descobrir que era uma atravessadora? O que vinha a seguir?

Olivia entendeu onde ele queria chegar, mas não sabia a resposta para aquela pergunta. Muita coisa estava em jogo, era sua vida, sua faculdade longe daquela cidade, seu futuro inteiro de repente tinha ficado preso em uma vida que ela não tinha escolhido para si

mesma.

— Eu não sei. As atravessadoras estão morrendo de forma misteriosa. Por enquanto eu e Cecília estamos apenas sondando o que está acontecendo, mas acho que precisamos encontrar as respostas para isso primeiro. Se não estivermos seguras, precisamos descobrir o motivo.

Era verdade, Abara estava relutante em dar mais informações a elas, mas o fato é que tinham feito a travessia de uma atravessadora dias atrás e que a situação era séria o suficiente para incomodar os fantasmas no Outro Mundo. Se todas as atravessadoras morressem, quem estaria esperando para atravessá-los para o destino final?

Olivia estacionou em frente à casa de Noa. Mas ele não saltou do carro imediatamente. Ficou ali, encarando a rua, pensativo.

— Sabe, tudo isso foi demais para mim. Imagino que também seja algo muito difícil para você e sua irmã... — Pobre Noa, ele estava visivelmente abalado. — Gostaria de ter uns dias para pensar sobre essa coisa toda...

Olivia sentiu o corpo todo se contrair em tensão.

— Pensar?

— É, não me leve a mal. Só não esperava por algo desse tipo. Tudo o que eu acreditava acabou de ser levado pelo ralo. Preciso de um tempo para me acostumar com o que você é.

A garota sentiu o rosto esquentar de raiva. Ele estava pedindo um tempo no namoro patético que tinham só porque ela era capaz de ver gente morta? Sério que um fantasma no cemitério tinha provocado tanto medo nele que o faria recuar?

Olivia engoliu todas as respostas que queria dar a ele naquele momento. Ela tinha quebrado uma regra importante só para provar a ele que estava falando a verdade e o que

recebia em troca? Um pedido para se afastar? Pois era isso que Noa estava pedindo. Ele estava dizendo que queria um tempo sozinho para poder pensar.

— Pense o tempo que quiser — ela disse amarga, dando partida no carro outra vez, para sinalizar que estava pronta para que ele saísse.

Noa desceu sem dizer mais nada. A garota engatou a primeira e tratou de sair dali o mais rápido que podia. Voltou para casa dirigindo em tão alta velocidade para o padrão de Lakewood que teve certeza de que poderia ter sido parada por uma viatura da polícia, se existisse mais de duas na cidade e elas não ficassem o tempo todo no estacionamento da delegacia.

Ela entrou em casa furiosa, batendo portas e fazendo muito barulho. Cecília e Abara vieram ver o que estava acontecendo. Eles estavam sozinhos em casa e pela expressão da nova amiga ambos tinham discutido.

— Ei, por onde andou? Estou querendo falar com você — disse Cecília, puxando Olivia pelo braço e arrastando-a em direção a porta de entrada.

A ruiva quis protestar, afinal, tinha acabado de chegar e queria uma xícara de café forte e quente, mas Cecília parecia muito empenhada em arrastá-la para fora.

Abara ficou apenas observando, taciturno.

Quando as duas se afastaram o suficiente da casa para não serem ouvidas, a loira falou em tom conspiratório:

— O diário de sua avó tem algumas passagens bem sinistras. Eu e Lauren estávamos analisando as anotações quando nos deparamos com algo realmente sinistro.

Olivia engoliu em seco. Já tinha sido bem estranho saber sobre a vida amorosa de Margareth através de suas cartas românticas e a história que agora ela sabia que ela e Abara

tinham vivido.

— Tenho a impressão de que não vou gostar do que você vai dizer...

Cecília apertou os lábios ainda mais.

— Margareth e Luísa tiveram uma discussão dias antes de ela se matar. Sua avó registrou no diário. Luísa jurou que Margareth nunca seria feliz e que ela pretendia se vingar de sua família.

Fazia sentido. Abara achava que a noiva tinha mandado alguém matá-lo, mas será que ela vinha assombrando sua avó esses anos todos? Será que um fantasma poderia ter poderes suficientes para provocar a morte de alguém? E mesmo que tivesse, isso só explicava a morte de Margareth, mas outras atravessadoras também estavam morrendo, logo, Luísa não poderia ser a resposta para tudo.

— Bem, talvez a gente possa descobrir o que aconteceu de verdade se perguntarmos para essa tal de Luísa — sugeriu Olivia.

— Você enlouqueceu? Quer invocar um fantasma que morreu cheio de ódio da sua família?

— Eu não preciso temer os mortos. Sou uma atravessadora, eles precisam de mim.

Capítulo vinte

Invocando os mortos

Era um domingo de manhã, Heloisa e Roger tinham saído, passariam o dia todo em Aurora. Olivia, Lauren e Cecília ficariam com a casa só para elas. O que era perfeito para o que as garotas tinham em mente. Bem, para ser sincera, era o que Olivia tinha em mente. Lauren e Cecília tinham se mostrado contra aquela ideia de invocar fantasmas desde o início. Uma coisa era ser uma atravessadora e precisar lidar com as almas penadas que apareciam em suas casas para fazer a travessia. Outra bem diferente era chamar os fantasmas do além para baterem um papo. Ainda mais se o tal fantasma fosse o de alguém que elas desconfiavam que estava matando as atravessadoras.

Mas Olivia tinha resolvido que aquela era a forma mais prática de resolverem a situação de uma vez por todas. A garota imprimiu uma página da Internet que ensinava como se fazia a famosa brincadeira do copo, para invocar os mortos. Estendeu uma toalha branca no centro da sala de leitura, colocou as palavras *Sim*, *Não* e *Sair* em volta da toalha, um copo transparente no meio e todas as letras do alfabeto cortadas separadas em cartolina foram dispostas ao redor do copo, formando o famoso círculo.

Enquanto organizava tudo isso, Cecília e Lauren ficavam cada vez mais aborrecidas. Elas achavam que era loucura. Antes de saberem que eram atravessadoras, nunca fariam aquela brincadeira, pois não acreditavam nela. Agora que já tinham visto como o Outro Mundo era real e como as almas realmente apareciam precisando de ajuda, invocá-las

daquela maneira parecia algo muito errado, um desrespeito.

No entanto, nada do que dissessem faria Olivia mudar de ideia. Ela estava resolvida a dar um fim naquela história.

Abara apareceu no final da manhã, viu o cenário montado para a brincadeira do copo na sala de leitura e ficou furioso. Sabia muito bem o que aquilo significava.

— O que vocês pensam que estão fazendo? — ele questionou Olivia, que tinha fechado as cortinas da sala para a luz do dia não entrar e estava buscando velas na gaveta da cozinha.

A garota Holly o encarou irritada. Não sabia o que deveria dizer a ele, Cecília seria contra confrontá-lo com a verdade de que tinham descoberto informações sobre a ex-noiva morta dele. Porém, a garota já estava farta de toda aquela negativa de informações, dos joguinhos de palavras não ditas e resolveu que aquele era o momento de dizer às claras o que pretendia.

— Parece que sua noiva, Luísa, pode ter algo a ver com a morte das atravessadoras. Pensamos que perguntar para ela seja a melhor opção para descobrir a verdade.

Os olhos de Abara, tão dourados e calorosos, ficaram grandes de medo e espanto. Nunca poderia imaginar que Olivia tivesse uma ideia tão maluca quanto aquela.

— Você enlouqueceu? Essa brincadeira pode trazer mais problemas do que respostas. Invocar um fantasma é algo totalmente diferente do que ter um deles precisando fazer a passagem em sua casa. Quem chega até aqui por vontade própria não está interessado em ficar, só quer atravessar. Se você invocar um deles, não tem garantia de que ele irá embora! — Abara tinha vontade de segurar Olivia pelos ombros e sacudi-la para que ela voltasse à razão, mas sabia que tocar na garota não era uma boa ideia, não depois do beijo forçado que

dera nela.

— Tenho certeza de que posso lidar com o fantasma de uma garota de coração partido. Pois foi isso o que você fez a ela, não? Partiu seu coração? Ela descobriu sobre sua traição com Margareth e o que aconteceu depois? — Olivia sabia que dizer aquelas palavras daquela forma a tornava cruel, mas Abara não era o tipo de cara que confessava a verdade se não tivesse sido encurralado. — Fico imaginando como isso aconteceu...

Abara inflou de ódio. Olivia não tinha ideia do que estava dizendo. Ela não sabia de nada, mas já tinha julgado que ele era o grande vilão da trama, o que não era nem de longe a verdade.

— Invocar Luísa não é uma boa ideia, Olivia. Aliás, é a pior que você já teve. Não faça isso, eu lhe imploro.

Olivia sentiu que ele estava sendo sincero. Estava visivelmente abalado com o que ela pretendia fazer, mas não havia escolha, para a garota aquela era a única forma de arrancar a verdade daquela história.

— Se você não concorda, pode ir embora. Vá para onde você costuma se esconder quando as coisas ficam feias... — ela estava se referindo ao fato dele desaparecer por horas, geralmente quando ela mais precisava falar com ele ou questioná-lo.

Abara desistiu de argumentar. Ficou no canto da sala de leitura, como um abutre à espreita. Já que ele não podia convencê-la de que estava cometendo um erro, pelo menos poderia ficar por perto, caso as coisas saíssem do controle, como ele achava que sairiam.

— Não se esqueça de que eu avisei você. Invocar os mortos pode não trazer exatamente a alma com quem você quer falar, outra pessoa pode aparecer — ele advertiu, taciturno, não sabia com o quê estava mais preocupado, com o fato de Luísa aparecer para descontar sua

raiva de décadas em Olivia, ou com outras almas ruins que pudessem se aproveitar da brecha que a Holly estava abrindo em sua casa.

Lauren e Cecília acompanharam a discussão caladas. Elas concordavam com Abara, mas dizer isso na frente de Olivia era pedir para serem expulsas da sala, então preferiram ficar quietas para poderem ajudar, caso as coisas fugissem do controle.

Olivia posicionou as garotas ao redor do círculo. Seguiu as instruções do papel e apagou todas as luzes, mergulhando a casa na penumbra. Então a garota começou a entoar a oração que tinha encontrado na Internet. Um simples *Pai Nosso*, seguido de uma *Ave Maria*.

Cecília e Lauren rezaram junto. Elas estavam relutantes, não queriam fazer a brincadeira, que na verdade não era uma brincadeira, era algo bem sério, mas não conseguiram ficar olhando Olivia iniciar aquilo sozinha.

Quando as três terminaram a oração, ficaram encarando o copo transparente no centro do círculo. Era a partir dali que a coisa se tornava duvidosa, ou intensa para alguns. Olivia estendeu o dedo indicador e o colocou em cima do copo. Cecília e Lauren hesitaram, mas acabaram cedendo e fazendo o mesmo. Abara não respirava, pois estava morto, mas se ainda fosse capaz de fazê-lo estaria prendendo a respiração de tensão. Ele nunca tinha ficado tão preocupado em toda a sua vida. Olivia estava fazendo algo tremendamente irresponsável e ele sabia que só sua presença poderia evitar que algo de muito ruim acontecesse.

As três ficaram com o dedo indicador em cima do copo. Estavam transpirando de nervoso. Então Olivia resolveu perguntar:

— Tem alguma alma aqui?

Abara cerrou os punhos. Sabia exatamente o que estava por vir.

O copo se mexeu lentamente até a palavra *Sim*. Olivia encarou as duas garotas. Depois seus olhos se encontraram com os de Abara. Ele permanecia sério, incrivelmente preocupado, do outro lado da sala.

Olivia se encheu de coragem para continuar perguntando. Sua boca estava muito seca.

— Estamos procurando Luísa Brett, você a conhece? — Olivia usou o nome inteiro da noiva de Abara, Cecília tinha encontrado tudo sobre ela nos jornais antigos da cidade.

O copo nem sequer se moveu. Continuou apontando para a palavra *Sim*.

Lauren engoliu em seco. Se ela fosse dizer para a irmã como estava apavorada, sairia correndo da sala o mais rápido que suas pernas permitissem. Mas sabia que agora que tinham começado o jogo ela não poderia sair, a não ser que os fantasmas permitissem.

— Você é o fantasma de Luísa? — Olivia perguntou, insegura.

O copo começou a se mover, lentamente pelo círculo. O dedo das três garotas mal o tocava, o que as deixava ainda mais aterrorizadas. Abara já sabia para onde o objeto apontaria e se mexeu desconfortável, não querendo avançar na direção das garotas, pois não conseguia sentir que tipo de alma estava ali com elas. Tinha medo de que sua presença pudesse piorar ainda mais a situação.

O copo apontou para a palavra *Não*.

— Olivia, vamos encerrar isso. Não foi uma boa ideia — disse Cecília, sentindo os pelos de seu braço direito ficarem todos arrepiados.

Mas Olivia não estava pronta para encerrar o jogo sem nenhuma resposta.

— Luísa está com você aqui? — Olivia tornou a perguntar, destemida, mas insegura.

O copo começou a se mover outra vez, de volta para o *Sim*.

Nesse momento o corpo de Abara ficou rígido. Ele olhou para todos os cantos escuros da

sala à procura de sinais de onde os fantasmas presentes poderiam estar, mas não conseguia vê-los.

Olivia também olhou ao seu redor, preocupada. Se ela podia ver os fantasmas, por que não conseguia enxergar estes que estavam ali agora.

Então o copo começou a se mover sozinho, sem que nenhuma das três tivesse feito outra pergunta.

Primeiro ele apontou para as letras lentamente, mudando letárgico de uma letra para outra. V. O. C. E. S.

Olivia estava anotando as letras em um bloco, para não se perderem. Agora seu dedo nem sequer encostava no copo, que se movia mais rápido e sozinho.

V. A. O.

M. O. R. R. E. R.

Lauren gritou, colando-se à Olivia. Alguma coisa tinha encostado nela. Abara permaneceu estático, não sabia se sua interferência ajudaria ou pioraria a situação.

De repente, os vidros das altas janelas da sala de leitura estouraram, fazendo cair uma chuva de cacos de vidro em cima das três.

Elas se abaixaram para proteger os rostos, mas Lauren saiu correndo.

— Lauren, volte! — gritou Olivia, as regras eram claras, ninguém podia sair do jogo sem que a alma permitisse.

Abara segurou a garota pelos ombros no batente da porta. Ela tremia, mas ele assegurou que tudo ficaria bem.

— Volte para lá, encerrem isso...

Lauren se arrastou engatinhando até o local onde o copo ainda se mexia, mas ninguém

estava mais anotando as palavras.

Os braços de Cecília e Olivia estavam cortados. Agora, a luz fraca do meio da tarde nublada entrava pelas janelas e iluminava a sala, no entanto, toda a luz do mundo não faria o cenário ao redor delas ficar menos assustador.

As velas que Olivia tinha colado acesas nos extremos da sala tinham se apagado.

Cecília pegou o bloco de anotações de Olivia e começou a prestar atenção ao que as letras indicavam.

N. U. N. C. A.

P. A. Z.

M. A. R. G. A. R. E. T. H.

A. T. R. A. V. E. S. S. A. D. O. R. A. S.

V. O. U.

A. R. R. A. S. T. A. L. A. S.

I. N. F. E. R. N. O.

Lauren gritou novamente ao ver as palavras que se formavam. Ela sentiu um solavanco e foi arrastada por uma mão invisível para o meio da sala. A garota bateu com as costas nas estantes de livros e perdeu o ar. Olivia correu até a irmã.

— Deixe-nos em paz! Queremos sair! — gritou Cecília, agora assustada de verdade com o rumo que situação tomava.

O copo mexeu-se rapidamente até a palavra *Não*.

Então, Olivia fez a pergunta que nunca deveria ter feito, principalmente em um jogo que mexia com almas de outro mundo.

— *O que você quer?!*

O copo ficou imóvel pela primeira vez em muitos minutos. Olivia e Lauren estavam abraçadas, encostadas na estante de livros, do outro lado do círculo. Apenas Cecília permanecia próxima ao copo para acompanhar seu movimento.

Então, parado na porta, Abara pôde vê-la. Luísa, usando um vestido esfarrapado, os longos cabelos loiros e sujos todo emaranhados, seu rosto contorcido, ela estava curvada na direção do copo movimentando-o para transmitir sua mensagem.

S. U. A.

V. I. D. A.

— NÃO!!! Não vamos entregar nossas vidas! — Cecília gritou, lendo em voz alta o que ela tinha dito.

Os rostos das três embranqueceram de medo. Abara avançou em direção a Luísa. Só então ela pareceu vê-lo. Não tinha se dado conta da presença dele ali. A garota esfarrapada se endireitou e encarou o noivo pela primeira vez em muito tempo.

— Abara... — A voz era quase inaudível, mas no momento em que ela pronunciou o nome dele, Olivia e Cecília puderam ver o fantasma que tinham invocado.

O rosto de Luísa estava deformado, um grande buraco de bala podia ser visto na parte detrás de sua cabeça. Ela certamente tinha se matado com um tiro. Seu corpo magro dentro daquele vestido sujo e rasgado parecia raquítico. Os cabelos eram longos, mas estavam tão emaranhados que mais lembravam um ninho de ratos.

Olivia sentiu seu peito apertar. Luísa olhava para Abara, tinha se esquecido delas, mas ainda exercia poder sobre a sala.

— Deixe-as sair — disse Abara, avançando em direção a ex-noiva.

— NUNCA! — a garota gritou, e avançou em direção a Olivia e Lauren.

O medo que ambas sentiram foi aterrador. Nunca imaginaram que aquilo pudesse acontecer, nem no pior cenário daquele jogo, elas apenas fecharam os olhos, com muito medo de encarar a garota enlouquecida que se atirava na direção delas.

No entanto, Abara segurou Luísa pelo pulso. Sua mão queimou ao impedi-la, pois ela estava muito além de onde ele podia mantê-la.

Cecília começou a murmurar outra vez uma oração em latim que sua mãe tinha lhe ensinado para lidar com as almas mais difíceis. Luísa voltou seu rosto na direção da garota e gritou com ela algumas palavras sem sentido.

Abara saiu da sala de leitura carregando a ex-noiva pelo braço. Luísa se debatia e tentava se segurar no corrimão da escada, nas paredes da casa. Ela não queria sair. Mas ele foi forte, ele a segurou com força, levou-a até a porta de entrada e a atirou para fora.

Então Cecília apareceu no batente da porta e disse em alto e bom som:

— Eu te proíbo de entrar na casa de uma atravessadora! Você não é bem-vinda!

Luísa estacou no batente da porta. Centímetros separavam o rosto dela do de Cecília.

O medo era aterrador. A garota se afastou da porta, incapaz de fechá-la, pois não sabia se o fantasma que estava ali iria embora, ou ficaria no jardim para sempre.

Olivia e Lauren vieram ver o que tinha acontecido.

— Ela vai embora... — disse Abara.

Em alguns minutos, o fantasma de Luísa desapareceu completamente.

Todos eles se largaram no chão, logo no hall de entrada. As garotas ainda estavam mudas de terror. Não sabiam o que dizer, Abara tinha sentido tanto medo quanto elas. Sabia o que estava acontecendo, sabia desde que viera auxiliar Olivia e Lauren com seu legado de atravessadoras, mas jamais imaginou que o ódio de Luísa pudesse ser tão grande, jamais

imaginou que a situação estivesse tão terrível.

Ele encarou Olivia, preocupado. Pela primeira vez precisariam ter uma conversa sem meias-palavras e verdades não ditas. Eles precisariam falar sobre o que estava realmente acontecendo.

Capítulo vinte e um

Uma amarga verdade

Tinha anoitecido. O dia escureceu de forma preguiçosa, sem se dar conta de que mergulhava Olivia, Cecília e Lauren em uma penumbra de provocar calafrios. Elas ainda estavam assustadas com o que tinha acontecido depois de realizarem o jogo do copo. Abara tinha o cenho franzido, como se estivesse pensando seriamente no que precisaria dizer a elas.

Agora ele não poderia mais esconder a verdade, por pior que ela fosse. Ele sabia que era uma questão de minutos até Olivia exigir que ele apresentasse uma explicação para o que havia ocorrido ali em sua sala e antes, quando ele e Margareth se apaixonaram.

Abara sabia que esse momento chegaria desde que atravessou o ateliê de volta para o mundo dos vivos. Ele só não podia imaginar o seu grau de envolvimento. Seria muito mais fácil se Olivia não fosse incrivelmente parecida com Margareth, seu grande amor. Ele teria ensinado as Holly o que precisava ensinar, teria explicado a elas o fundamental no papel que passariam a desempenhar e depois já poderia ter ido embora.

No entanto, Olivia o segurava ali. Ele nunca deixaria que ela soubesse. Não depois de seu beijo ter sido tão mal interpretado. Mas não conseguia ir embora, não quando sabia que as vidas dela e da irmã corriam perigo. Ele precisava resolver a situação, pois era grande parte do problema que ela tinha.

Quando os ânimos das garotas melhoraram e todo o torpor do acontecido mais cedo

passou, Olivia desceu para a sala com Lauren e Cecília e fez sinal para Abara acompanhá-las.

Ele soube que tinha chegado o momento. Precisaria contar sobre seu passado trágico a elas e sobre o que acontecera a Luísa.

Olivia sentou-se com as pernas cruzadas no sofá e se enrolou na manta que ficava no encosto. Lauren e Cecília ocuparam as poltronas.

— Abara, não podemos continuar com os mistérios, você precisa nos contar o que aconteceu...

Ele já esperava por isso. Respirou fundo, como se tomasse fôlego. Sabia que precisaria desencavar detalhes de uma história antiga que ele pretendia esquecer, mas já não era mais possível.

Ele ficou encostado no batente da porta, não chegou a encarar nenhuma delas nos olhos enquanto começava a falar:

— Conheci Margareth quando já estava de casamento marcado, ela mesma já era casada. Eu dava aulas de literatura na cidade, tinha vindo passar o verão em Lakewood, quando nos apaixonamos. Sabe, nós realmente pretendíamos ficar juntos, eu pretendia desmanchar o noivado e Margareth deixaria o avô de vocês. Viveríamos nosso amor... mas Luísa descobriu tudo. Ela fez uma cena, jurou que eu nunca seria feliz, que se vingaria de Margareth. Algumas semanas depois, eu morri. A única pessoa em que consigo pensar que poderia ter pagado para alguém me matar é ela. — Abara estava deixando muitos detalhes de fora, achou que as Holly não estavam interessadas em ouvir o quanto ele e Margareth se amavam, tudo o que tinham prometido um para o outro e, principalmente, como ele morrera ou tudo que precisara fazer para se tornar um orientador de atravessadoras. Mas estava

enganado, Olivia precisou morder a língua para não perguntar a ele como aquilo tinha ocorrido. Porém, ele mesmo continuou a falar, de forma que ela não teve a chance de perguntar.

— Eu descobri que Margareth atravessava os mortos, que eu ainda podia falar com ela. Achei que estávamos finalmente livres, ou pelo menos eu estava. Mesmo estando morto, ainda conseguia vê-la, nos correspondíamos por cartas, nosso amor ainda viveu por algum tempo. No entanto, Margareth foi obrigada a atravessar Luísa por um tempo. Ela estava longe de fazer sua travessia definitiva para um lugar bom, portanto precisava voltar várias vezes para ser atravessada, e Margareth ficou com medo do que ela poderia fazer se descobrisse que ainda mantínhamos nosso amor vivo, mesmo depois da morte. Margareth me afastou e, com o tempo, Luísa deixou de aparecer para ela...

As Holly ficaram esperando que ele continuasse, pois sabiam que aquilo não podia ser tudo. Havia mais sobre aquele triângulo, coisas realmente escabrosas que ele ainda omitia.

— E por que ela voltou agora? Ela pode ter feito algo para a minha avó? — questionou Olivia.

Abara contraiu o rosto, era agora que o que ele pretendia contar o deixava em maus lençóis.

— Não é simples explicar isso. Do outro lado também há regras. Algumas das almas não gostam muito delas. Elas fariam qualquer coisa para reverter sua condição, voltar a viver nesse mundo.

Todos os pelos do braço de Olivia se arrepiaram.

— Como é possível que alguém que já está morto volte à vida? — A garota não conseguia assimilar essa possibilidade.

— Não sabemos se isso é verdade, mas boatos que correm entre as almas dizem que se algum de nós entregar a vida de muitas atravessadoras, que são as guardiãs do portal, será agraciado com uma nova vida neste mundo.

Olivia, Lauren e Cecília engoliram em seco. Fazia sentido as atravessadoras terem começado a morrer, fazia sentido que a ex-noiva mal amada estivesse tentando voltar a viver. Abara não estava nada confortável em contar aquilo para elas.

— E você sabia disso esse tempo todo? Sabia que Margareth foi morta por sua noiva e não contou para gente? — Olivia tinha certeza de que estava certa, Abara não era alguém em quem ela poderia confiar.

— É uma probabilidade, não temos certeza se Luísa fez mesmo isso. Eu ainda não sei quem ela contratou para me matar depois de todo esse tempo — ele respondeu, de olhos baixos, sem saber o que mais poderia dizer a elas.

— E decidiu que não precisávamos saber de tudo? Mesmo que estivéssemos no topo da lista de assassinatos de sua noiva fantasma? — Olivia se sentia traída.

— Achei que estando aqui pudesse mantê-la longe, como de fato ocorreu. Mas não sabia como contar isso a vocês. Por minha causa, Margareth está morta... sou responsável por isso. Não queria falhar com vocês também.

Lauren não conseguia nem sequer encará-lo. Era claro que ele as enganara, por motivos próprios.

— Você falhou, Abara. Falhou em ser nosso mentor e falhou em fazer com que confiássemos em você.

Olivia deixou a sala sem olhar nos olhos dele. A irmã e Cecília a seguiram para o quarto, onde ela bateu a porta e deitou na própria cama, sem saber o que deveria pensar de toda

aquela história.

Elas tinham um fantasma vingativo atrás delas e não faziam a mínima ideia de como sairiam daquela situação.

Abara pareceu entender que as irmãs Holly não estavam interessadas em conversar com ele, ou no que mais ele pudesse ter a dizer a respeito. Elas só queriam ficar livres dele, mas ele ainda relutava em deixá-las. Não sabia o que Luísa ainda pretendia, mas tinha medo de que ao se afastar da casa a garota fantasma pudesse aproveitar para fazer com as Holly o mesmo que fizera a Margareth.

Explicar a Heloisa o motivo de todos os vidros das janelas da sala de leitura estarem quebrados não foi fácil. Não podiam nem culpar uma tempestade, pois não havia chovido recentemente. Ficaram encarando os próprios pés enquanto sua mãe esbravejava sobre não conseguir lidar com aquela história de atravessadoras. Estava farta dos segredos que sua mãe guardara a vida inteira estarem invadindo sua vida neste momento.

Dois homens chegaram ao final da tarde do dia seguinte para colocar novos vidros nas janelas. Enquanto os estranhos trabalhavam, Olivia e Cecília ficaram sentadas no degrau mais alto da escada, conduzindo as almas de crianças que não paravam de entrar pela porta.

Elas não podiam deixar de se perguntar como os funcionários da vidraçaria não percebiam que algo sobrenatural estava acontecendo bem às costas deles.

As crianças chegavam aos pares, enchendo a casa de risos musicais, às vezes arrepiantes. Em determinado momento da tarde, os trabalhadores pareceram ter percebido algo, pois pararam no meio da sala, com o vidro suspenso, e olharam para trás assustados, como se tivessem ouvido o grupo de quatro crianças que acabara de subir as escadas rindo

e correndo.

Olivia seguia logo atrás, tinha acabado de encher sua xícara de café bem forte. As garotas tinham ficado acordadas a noite anterior toda. Não sabiam o que pensar a respeito da história de Abara. Mas não podiam mandá-lo embora, isso elas concordavam.

Cecília também desistiu de deixar as Holly até que toda aquela situação estivesse resolvida. A garota já tinha dado longos telefonemas para a mãe e contado que era necessário que ela tomasse cuidado, pois havia uma entidade que estava tentando acabar com todas as atravessadoras.

Quando as crianças pararam de surgir, Olivia desceu para ver como a sala de leitura tinha ficado com os vidros novos. Sua mãe escolhera vitrais coloridos, já que fora obrigada a trocar o vidro antigo. O tempo estava aberto e alguns raios de sol incidiam diretamente nos vitrais, deixando um arco-íris pela sala. A garota achou a visão linda, mesmo que suas recordações daquela sala nunca mais fossem as mesmas, pois fora aterrorizante o que acontecera com a brincadeira do copo.

Os funcionários da vidraçaria já tinham partido. Abara surgiu na porta e ficou encarando Olivia, ele queria lhe dizer muitas coisas.

Diferente do esperado, a garota não o repeliu dessa vez. Sentou-se no banco estofado que ficava logo abaixo da janela. Abara permaneceu de pé, encarando-a demoradamente.

— Você não é o que eu esperava — ele disse, sua voz soando rouca, mínima.

Foi a vez de Olivia encará-lo. Será que ele estava lhe criticando? Pois era muita cara de pau. No entanto, ele seguiu falando:

— Você pode não ter gostado de mim desde o começo, pois certamente Margareth já tinha alertado vocês sobre mim. Mas eu observei você. Todos esses dias. Sei como você

gosta do seu café, seus livros preferidos desta estante, o quanto você tem estudado para medicina, como você gostava de Morgan... — ele engasgou, percebendo como deveria estar soando para ela. — Como você gosta de Noa, que você não usa maquiagem, que prefere camisetas confortáveis e tênis...

Ela se levantou enquanto ele falava. Estavam frente a frente, muito próximos. Abara sentia que o primeiro beijo que ele roubara dela tinha sido errado. Esse era o momento perfeito para se beijarem, mas já a tinha irritado com um beijo sem consentimento. Prometera que nunca mais a beijaria.

Mas quem deu um passo à frente e o beijou dessa vez foi Olivia. A garota não soube explicar o que a fazia colar seus lábios aos dele. Pois era claro que não havia uma explicação lógica para ela beijá-lo. Achava que estava apaixonada por Noa, achava que Abara tinha sido a ruína de sua avó e, afinal, ele estava morto. Tinha feito a travessia.

No entanto, o beijo foi perfeito. Ela sentiu um *clique*. Como se de repente toda aquela situação ficasse clara, se rearranjasse de forma que agora fazia sentido. O beijo de Abara era quente, cálido e delicado. Nada parecido com o beijo que ele havia lhe dado semanas antes.

Quando eles se separaram, Abara não conseguiu desgrudar os olhos do rosto dela. O que tinha acabado de acontecer entre eles?

Olivia também estava se perguntando o mesmo, mas não era capaz de encontrar uma resposta satisfatória em sua mente cheia de pensamentos se atropelando.

Você gosta de Noa.

Está beijando o namorado de sua avó.

Isso é muito esquisito.

Ele está morto.

Ele é uma espécie de fantasma, certo?

Ela não podia namorar um fantasma!

Ele ainda tinha uma noiva vingativa no mundo dos mortos!

O que ela estava pensando?

Nenhuma daquelas dúvidas e constatações importava. Ela sentia algo mais por Abara, desde o momento em que o vira, mas tinha se recusando a acreditar nisso, por todos os motivos acima listados.

Como ainda não sabia como agir, ela o beijou de novo, só para testar se o sentimento era o mesmo, se não havia evaporado enquanto ela repassava uma lista de motivos para não deixar nada acontecer entre eles.

Abara ficou ainda mais impressionado. O beijo de Olivia era muito diferente do de Margareth. Ele não podia evitar comparar, elas eram fisicamente muito parecidas. A memória que ele guardava da avó dela era de uma moça jovem, ruiva e linda, como Olivia. No entanto, ele sentia que não era só o fato da semelhança física que o atraía para Olivia. Era sua personalidade, seu comportamento.

Eles se separaram de novo.

— O que está havendo? Você precisa me explicar o porquê disso — ele não conseguiu evitar a pergunta.

— Eu não sei o que está havendo. Mas desse beijo eu gostei — ela disse, sabendo que não teria como lidar com uma paixão aguda por ele em meio a todos os problemas que eles já estavam enfrentando.

Abara entendia que não devia pressioná-la. Já estava muito feliz por terem se beijado e

que ela não o tivesse escorraçado de sua casa depois do que ele contara sobre Luísa.

Luísa.

Ela seria um problema. Um problema com o qual ele teria de lidar e pelo qual era responsável.

Precisaria encontrar uma forma de proteger as irmãs Holly dela. Não podia deixar que ela fizesse mal a outra mulher por quem ele se apaixonara.

Não importava que tecnicamente ele estivesse morto e não pudesse viver de fato um amor com uma pessoa viva, mesmo essa pessoa sendo uma atravessadora.

Olivia enfim se afastou. *O que ela estava fazendo?*

Porém, sentiu que tinha acabado de dar um passo sem volta para o seu coração. O que não era nada inteligente, nada mesmo.

Capítulo vinte e dois

Marcado para morrer

Noa tinha ficado bastante impressionado ao ver seu primeiro fantasma. Ainda mais depois de Olivia ter lhe contado que ela era uma espécie de ajudante de almas penadas a passarem para o Outro Mundo.

Fazia alguns dias que não se viam, mas o rapaz não parava de ver gente morta, onde quer que olhasse. Se ia ao supermercado, um senhor idoso o acompanhava. Se entrava em um café, adolescentes mortos o surpreendiam com suas cabeças abertas por buracos de bala. Se estava sozinho em sua casa, uma jovem o observava sempre da porta de seu quarto. Ele só podia estar enlouquecendo.

Os últimos dias tinham sido uma tortura. Ele simplesmente não conseguia ficar sozinho. Não conseguia ir a lugar algum sem que essas almas o estivessem acompanhando. Mas sentia medo mesmo era da moça que o observava. Ela não tinha uma expressão serena. Parecia que estava com raiva, raiva dele, o que ele não entendia.

Agora, tocava a campainha de Olivia na esperança de que ela fosse capaz de ajudá-lo a se livrar daqueles *mortos*. Não queria ficar sendo assombrado para sempre, só porque agora sabia que os fantasmas eram reais.

Olivia abriu a porta na defensiva. Os últimos acontecimentos colocaram a reação de Noa ao que ela lhe contara em segundo plano, mas a garota ainda estava incrivelmente chateada com ele.

— Oi — ela disse, sem graça.

— Oi. Preciso de sua ajuda — Noa foi logo dizendo, afinal, não podiam perder tempo com uma formalidade que não existia entre eles.

Olivia o deixou entrar, pois percebeu como ele parecia nervoso, mas foi só o tempo de pegar um casaco para saírem. Ela não queria Noa de papo com Abara, não depois de ter beijado o rapaz-defunto.

Noa dirigiu até o café de costume, sempre olhando pelo retrovisor, ou para o banco traseiro. Nenhum fantasma tinha aparecido, ainda.

Quando se acomodaram nas poltronas estofadas e pediram dois cappuccinos, Noa achou que era seguro contar a ela o que estava acontecendo.

— Olivia, sei que não reagi muito bem em nossa última conversa. Mas desde que voltei para casa depois daquele dia no cemitério não parei de ver fantasmas. Eles chegam do nada, ficam me rodeando, acho que estão me cercando, ou estou ficando paranoico. — Ele estava nervoso. Havia olheiras debaixo de seus olhos azuis. Parecia abatido.

— Está sendo assombrado? — ela questionou, sem precisar, pois era claro que ele estava.

— Você pode fazer alguma coisa? Pode atravessá-los e pedir que me deixem em paz?

De repente, Noa não era o mesmo cara por quem ela sofria uma *queda*. Ele transpirava profusamente e parecia uma criança assustada.

— Desculpe, não imaginei que contando a verdade a você pudesse lhe trazer esses problemas. Mas eu deveria ter sabido. Sou nova com essa coisa de ser uma atravessadora, mas vou descobrir como ajudá-lo.

Ele estendeu a mão pela mesa para segurar a dela, mas a garota a afastou, por puro

reflexo.

Noa ficou confuso, mas recolheu a própria mão para junto de seu corpo novamente.

— Sabe, tem uma garota, um pouco mais velha do que a gente, é ela que está realmente me deixando assustado. Ela está sempre com raiva, fica me espreitando. Parece que está só esperando uma oportunidade para tentar algo contra mim. — Ele tomou fôlego antes de continuar. — Eu não sei nem se fantasmas podem nos ferir, mas sinto que ela me odeia...

Olivia sentiu seu sistema de alarme interno disparar.

— Como ela é, esse fantasma de que está falando?

Noa pareceu não entender o que ela estava perguntando. Ele não tinha reparado em todos os detalhes, evitava olhar para ela a todo custo, como se ignorá-la fosse o segredo para mantê-la afastada.

— Alta, magra, vestido sujo, cabelos loiros, longos, bem longos, chegam até a cintura, mas estão cheios de nós, emaranhados, olhos fundos, raivosos, negros. Pele clara...

Ele parou, não era capaz de descrever melhor esse fantasma, mas só ao fazê-lo já sentia todo o sangue de seu corpo gelar, calafrios percorriam sua espinha.

— Ah, Noa. Eu sinto muito, mas receio que não tenha algo bom para lhe contar.

Olivia passou a meia hora seguinte dizendo a ele o que estava acontecendo de fato em sua casa. Contou tudo sobre Abara, Margareth e a noiva vingativa dele, Luísa. Pela descrição, a garota estava achando que era o mesmo fantasma que o estava assombrando. A preocupação era evidente no rosto da Holly. Se Luísa sabia sobre Noa, certamente não era um acaso. Ela estava tramando algo.

Ele não sabia se os fantasmas poderiam ferir, mas Olivia sabia. Luísa, de alguma forma, conseguira matar Margareth, ou a havia persuadido a entrar no ateliê. Se ela fizera isso a

sua avó, especialista em almas de outro mundo, podia muito bem fazer coisa pior com Noa.

Ótimo, pensou Olivia.

Como se não bastasse estar na mira de um fantasma, agora Noa também se tornava uma vítima em potencial.

O que ela faria?

Não dava para ignorar. Se o fantasma de Luísa pretendia se vingar, Noa seria uma forma para atingi-la. Ela não poderia deixar que algo de ruim acontecesse a ele por sua culpa.

— Vamos dar uma volta. Se aparecer algum fantasma para te assombrar eu vou saber — ela disse.

Noa assentiu, pagou o cappuccino dos dois e foram para o estacionamento. Logo na saída ela percebeu o corpo do rapaz se retrair. Dois homens, ambos vestidos de forma estranha, com calças de sarja e sobretudo, vinham na direção deles.

Os fantasmas não disseram nada, ficaram ali, rondando Noa, naquela presença agourenta. Olivia se adiantou e se apresentou, como faria a alguém vivo.

— Oi, eu sou Olivia Holly, sou uma atravessadora, vocês podem vir até minha casa para fazer a passagem à noite.

Ambos os homens ficaram olhando de um para o outro, sem entender como Olivia era capaz de falar com eles.

— Como você faz isso? Pode mesmo ajudar? — um deles perguntou, seriamente.

— Claro que sim, é só irem até minha casa. Não precisam assombrar Noa, aliás, por que vieram procurá-lo e não a mim? — Ela perguntou.

Os dois homens ficaram com as expressões ainda mais sérias, se é que isso era possível. Como Olivia continuou encarando-os, eles não tinham outra opção a não ser responder a

pergunta da garota.

— O seu amigo vai morrer... ele está marcado — um deles disse.

Noa sentiu o chão sob seus pés sumir e Olivia deve ter arregalado os olhos de medo.

— Como vocês podem dizer isso? — Olivia estava ainda mais assustada do que Noa.

Os fantasmas se entreolharam preocupados, como se soubessem que não deviam ter dito nada a eles.

— Bem, ele carrega a marca. O relógio está bem acima da cabeça dele. Você não vê? — Disse um dos rapazes.

Olivia encarou Noa atentamente, tentando entender o que eles estavam dizendo. Relógio? Onde?

Então, para seu horror, ela viu surgir um cronômetro bem acima da cabeça de Noa e havia menos de vinte e quatro horas de vida para ele.

— O que foi? Você viu? Eles estão falando a verdade? — Ele estava mais do que aterrorizado. Aquela história tinha ido longe demais.

— Fique calmo, vamos voltar para a minha casa para entender isso direito.

Olivia e Noa se afastaram dos fantasmas e dirigiram apressadamente de volta para a casa da garota. Desceram do carro ainda mudos, sem conseguir dizer nada um ao outro. Olivia entrou e encontrou Cecília e Lauren na cozinha. O pai delas estava na sala de leitura corrigindo trabalhos de escola, sentado em uma das poltronas.

As duas garotas se levantaram para cumprimentar Noa quando ele chegou à cozinha, mas perceberam que alguma coisa estava errada ali, até que Cecília bateu o olho acima da cabeça do rapaz, onde o contador continuava escoando os minutos, e arregalou os olhos, surpresa.

Cecília apertou o braço de Olivia.

— Pois é, acabei de ver também. Tivemos uma conversa estranha com dois fantasmas e eles disseram que a vida de Noa está contada.

Eles passaram os minutos seguintes explicando para Lauren e Cecília sobre as assombrações que Noa andava vendo e como ele estava ficando paranoico. Contaram sobre a garota que ele via e parecia querer feri-lo e, depois, sobre o aviso dos fantasmas dizendo que ele estava marcado para morrer.

— Não pode ser apenas porque eu contei a ele sobre nós — disse Olivia, mortificada. — Isso tem a ver com Luísa, precisa ter... não posso ter causado isso.

— Bem, de alguma forma as duas coisas parecem relacionadas. Ele não é um atravessador, não poderia ver os fantasmas. Acho que uma das principais leis de nosso ofício foi violada — respondeu Cecília, não sabia como amenizar a situação, era melhor dizer o que pensava, mesmo que sua nova amiga se sentisse ainda mais culpada.

— Temos que impedir que algo aconteça. Noa, você vai ficar conosco até amanhã. Quero estar do seu lado quando esse conta-giros zerar. Não vou deixar que nada aconteça à você — Olivia disse resoluta.

— Vocês acham que essa garota virá atrás de mim? Essa que matou a avó de vocês? — A voz dele era um fiapo de som, de repente, ter se envolvido com Olivia lhe provocava náuseas, desejou nunca ter aparecido para ver se ela estava bem depois do acidente.

— Não sei o que pensar, Noa. Mas talvez um amigo nosso saiba.

Noa não conhecia Abara. Por isso foi difícil para Olivia explicar que um garoto morto estava vivendo em sua casa como seu guia na arte de ser uma atravessadora. Se ele já estava apavorado, ficou ainda mais amedrontado ao encontrar Abara frente a frente.

Abara tinha acabado de sair do ateliê e encontrou seu rival no quarto de Olivia, com Cecília e Lauren sentadas encolhidas em uma das duas camas.

— Precisamos de sua ajuda, Abara — disse Olivia, tentando não deixar seu pensamento voltar correndo para os beijos que trocara com ele no dia anterior.

A garota repetiu mais uma vez a história de Noa. Abara ficou preocupado. Seu cenho se franziu imediatamente quando Olivia descreveu o fantasma do qual Noa sentia mais medo. Ela não sabia como tiraria Noa daquela situação. Mas a culpa estava se tornando cada minuto mais esmagadora em seu estômago.

— Você o marcou. Ao contar a ele o que ele não podia saber, você o marcou. Agora o fantasma de Luísa pode afetá-lo. — Abara explicou sucintamente.

— Mas podemos reverter isso, não? Se ficarmos com ele, conseguiremos impedir que ela lhe faça mal?

Abara pensou por alguns instantes. Ele não sabia se conseguiriam mudar o que estava determinado para o futuro de Noa agora. Mas obviamente poderiam tentar deixá-lo em segurança. No entanto, se conseguissem impedir que ele encontrasse a morte no momento em que o conta-giros zerasse, nada impedia que o relógio da morte reagendasse o momento em que Noa faria a passagem para o Outro Mundo.

Era uma situação única. Abara, já tendo experiência com o mundo dos mortos há algum tempo, nunca tinha se deparado com uma situação daquelas. E ainda havia Olivia, sabia que ela não se perdoaria por ter provocado a morte de alguém.

— Abara, precisamos impedir! Por favor, eu faço qualquer coisa que você me pedir! Qualquer coisa! — Implorou Olivia, despertando desejos nada nobres em Abara.

— Vou pensar em alguma coisa. Vamos conseguir ajudá-lo — ele disse, encarando os

olhos de cores de diferente da garota sem piscar. — Mas vou cobrar esse favor — ele terminou dizendo, o que fez com que Olivia sentisse um arrepio percorrer todo o seu corpo.

Heloisa e Roger foram informados de que Noa ficaria com eles naquela noite. Olivia e Cecília inventaram uma sessão de filme e pipoca para a noite e enfrentaram um jantar constrangedor. Heloisa sabia que a filha vinha se encontrando com o garoto que batera em seu carro, não era boba, sabia que estava rolando algo entre eles. Era a primeira vez que ela conhecia um namorado da filha, por isso não fez objeção. O fato de Abara não ter aparecido para se juntar a eles no jantar também deixou o humor dela muito melhor. Mergulhou-a em uma doce ilusão de que talvez os problemas com fantasmas e almas penadas estivessem ficando para trás.

Depois do jantar, Olivia e Lauren lavaram a louça e eles se instalaram na sala no porão. Ligaram a TV para disfarçar, e zapearam os canais até encontrarem um que estava passando *Matrix*. Deixaram o volume alto o suficiente para os pais das Holly acharem que eles estavam mesmo vendo o filme, mas não tão alto que os impedisse de conversar entre si.

Abara apareceu quando Roger e Heloisa foram dormir. Ele ainda não tinha pensado em nada que fosse capaz de salvar a vida de Noa.

O relógio indicava que eles tinham doze horas até que o rapaz ficasse sem tempo. Era enervante ver os minutos escoarem rapidamente, diminuindo aquele tempo.

Mas, naquela noite, Olivia precisava preparar o rapaz para algo ainda mais surpreendente. Ela precisava deixá-lo calmo, pois, em algumas horas, os fantasmas começariam a chegar para a travessia e isso poderia ser demais para os nervos de Noa.

Cecília preparou chá de hortelã para todo mundo. Precisariam de café também, mas naquele momento era melhor oferecer chá a Noa.

— Noa, preciso lhe avisar. Durante a noite faço a travessia daqueles que chegam até aqui. Hoje você vai ver muitos fantasmas, está preparado?

Ele se encolheu diante da informação. Como se não bastasse tudo o que estava passando, ainda teria de lidar com mais fantasmas.

— Tudo bem. Acho que não dá para ficar muito pior do que já está — ele disse, sem a menor ideia de que sim, podia ficar muito pior do que estava.

Quando as primeiras almas apareceram, à meia-noite, Noa se empertigou, tentando reunir o que lhe restava de coragem para observar o que as irmãs Holly faziam afinal.

Ele ficou sentado na sala de leitura, acompanhado de Lauren, que tinha sido incumbida de permanecer ao lado dele. Viu quando dois velhos chegaram, ambos usando camisolas de hospital. Percebeu como Olivia e Cecília os receberam, amigavelmente, com respeito.

Ele não quis ver o que acontecia quando elas abriam a porta do ateliê. Achou que fosse brincar com a sorte observar o Outro Mundo, quando ele estava com os minutos contatos na vida.

No entanto, o sentimento de que afinal atravessar fantasmas não era tão ruim não durou mais do que algumas horas. Eles teriam uma surpresa bem desagradável ainda naquela noite. Uma surpresa que lhes mostraria como a situação poderia piorar muito, em pouco tempo.

Capítulo vinte e três

Madrugada dos Mortos

Por volta das quatro da madrugada, o número de almas diminuiu. Eles estavam todos sozinhos na sala de leitura, Olivia tinha acabado de atravessar um casal de idosos. Abara não parava de lançar olhares preocupados à garota.

— Será que foram os últimos? — Lauren perguntou, estava tensa, seu sexto sentido de atravessadora lhe dizia que as surpresas da noite ainda não tinham acabado.

— Espero que sim — Olivia respondeu, olhando para os minutos que pairavam sobre a cabeça de Noa, pouco menos de uma hora.

Eles estavam todos intrigados, apesar de muitas almas terem passado por ali durante a noite, nenhum problema ocorreu e a falsa sensação de tranquilidade estava fazendo com que eles se sentissem ainda mais nervosos. Afinal, se Noa tinha menos de uma hora de vida, algo estava se aproximando para levá-lo para o Outro Mundo.

Eles não demoraram muito a descobrir. Pelas janelas, conseguiram ver se aproximar uma centena de almas. Estavam todos se encaminhando na direção da casa das Holly.

As atravessadoras trocaram um olhar preocupado, esperando que Abara fosse capaz de explicar o motivo de tantos fantasmas juntos.

No entanto, ele próprio não sabia. Mesmo com as portas fechadas, não havia meios de impedir que uma alma entrasse na casa. Olivia se preparou para recebê-los. Cecília e Lauren ficaram ao seu lado e Noa permaneceu sentado, apreensivo.

As almas começaram a se aglomerar ao redor da casa, mas não fizeram menção de entrar. Olivia espiou pela janela. Os rostos dos mortos a encaravam, pareciam estar com raiva.

— Por que eles não entram? — Ela perguntou, sua voz tremendo de nervosismo.

Abara espiou o lado de fora, sua expressão estava fria e séria. Então, sem aviso, os fantasmas começaram a entrar na casa, aglomerados, todos muito juntos. Eles deixaram o ambiente pesado. Subiram as escadas até a sala de leitura em formação maciça. Ficou impossível contabilizá-los.

— Como podemos... — as palavras de Olivia morreram antes de saírem completas. Ela pretendia perguntar como poderia ajudá-los, mas antes que pudesse terminar seu raciocínio, os fantasmas praticamente invadiram a sala e os cercaram.

— O que está acontecendo? — Cecília perguntou.

As almas avançaram sobre eles, mãos geladas os empurrando para o corredor do ateliê. Lauren entrou em pânico e começou a gritar. Os pais das Holly acordaram e saíram do quarto assustados, estacaram emudecidos no batente da porta. Heloisa era capaz de ver todas as almas se acumulando e empurrando as atravessadoras e os dois garotos em direção ao ateliê.

Ela tentou impedir, tentou chegar até Olivia e Lauren, mas tudo aconteceu no tempo de uma batida do coração. Em um minuto, Noa e Lauren estavam com as costas coladas na porta do ateliê, acucados pelas centenas de almas presentes. No minuto seguinte a porta se abriu e ambos desapareceram por ela.

Os fantasmas pareceram atropelar Cecília, Olivia e Abara. Até que Luísa apareceu, completamente transtornada, olhos injetados de fúria. Ela agarrou os ombros de Olivia e a forçava na direção da porta do ateliê, para atravessar a garota.

Olivia fez força ao contrário, tentando se desvencilhar a todo custo. Ao redor das duas, os fantasmas mantinham o cerco fechado para que Abara ou Cecília não conseguissem se aproximar.

— Eu vou te mandar para onde estive esses anos todos... — Luísa disse, seu hálito podre resvalando pelo rosto da atravessadora.

Olivia se debateu e tentou empurrar a garota morta a todo custo, mas era incrível como um fantasma tinha força.

Ela estava começando a sentir falta de ar, pois as mãos de Luísa apertavam diretamente seu pescoço.

— Me largue! Eu não fiz nada a você... — arquejou Olivia, seu corpo já estava quase do outro lado da porta do ateliê.

— A sua avó fez, e vocês todos vão pagar por ela!!

Olivia estava lutando para respirar, lutando para se ver livre daquela garota morta que a perseguiu sem motivo racional.

Então Abara e Cecília conseguiram vencer a horda de fantasmas e cada um segurou Luísa por um dos braços. Eles precisaram de força para arrancar a ex-noiva de Abara de cima de Olivia, mas finalmente conseguiram empurrá-la pela porta aberta do ateliê. Cecília bateu a porta e girou a chave em seguida.

Todos os outros fantasmas ficaram aturdidos, como se tivessem se recuperando de um transe. Olivia caiu sentada com as costas na porta do ateliê. Heloisa se aproximou em desespero.

— Onde está Lauren? Cadê a minha filha?

Eles se deram conta do que tinha acontecido. Os fantasmas haviam conseguido empurrar

Lauren e Noa para o outro lado. Eles estavam no mundo dos mortos.

Heloisa gemeu em desespero.

Olivia se recuperou e encarou os outros fantasmas, ainda apreensiva. O que eles fariam agora? Iam atacá-los outra vez? Mas as almas pareciam estar perdidas, como se com a ausência de Luísa eles tivessem se esquecido dos motivos de estarem ali.

— De onde vocês vieram? O que querem aqui? — Olivia perguntou irritada, se precisasse, ela colocaria cada um deles para fora de sua casa. Só não sabia como.

As almas demoraram alguns minutos para entender o que estava acontecendo e para que uma se prontificasse em responder. Quem começou a falar foi um homem velho, de sobretudo cinza.

— A garota nos obrigou.

Abara, Cecília e Olivia sabiam que ele estava falando de Luísa.

— Vocês sabem para onde ela foi? Sabem o que ela queria? — Foi Abara quem perguntou.

— A garota fica na cidade escura... nem mesmo nós estamos condenados a descer tão fundo.

Olivia encarou Abara esperando que ele explicasse as palavras do velho.

— O Outro mundo tem diversas camadas. Eles estão dizendo que Luísa está em um lugar ao qual poucas almas têm acesso.

— Foi para lá que ela mandou Lauren e Noa? Eles estão vivos? — Olivia estava com uma sensação de desespero na boca do estômago. Sabia que as atravessadoras nunca poderiam fazer a travessia vivas.

— Eles têm apenas algumas horas de vida... — respondeu o velho.

Olivia encarou todos eles determinada.

— Eu vou buscá-los, sei que posso encontrá-los.

Abara segurou-a pelo braço.

— Você morreria também antes de achá-los.

Olivia estava entrando em pânico. Sua irmã e Noa tinham sido arremessados para o outro lado, o lado dos mortos. Ela precisava encontrar uma forma de ajudá-los. Não podia deixar que Luísa vencesse, não podia deixar que aquilo acabasse daquela forma, não com sua irmã!

Heloisa estava chorando encolhida contra a parede. O pai da Holly a abraçava e tentava entender o que estava acontecendo, ele não fora capaz de enxergar os fantasmas, nem a luta de Luísa contra Olivia.

— Eu não me importo em morrer, mas preciso tentar ajudá-los.

Um dos fantasmas, um jovem de cerca de dezoito anos, com roupas de motoqueiro, deu um passo a frente.

— Tem outra entrada — ele disse, sem ser específico, sua voz tremendo de nervoso.

Olivia o encarou alguns minutos antes de entender o que ele estava tentando lhe dizer.

— Como assim, outra entrada?

O rapaz olhou de Abara para Cecília e de novo para Olivia.

— Tem uma entrada por onde as pessoas que ainda não morreram podem passar, fica no cemitério.

Olivia encarou Abara.

— Por que você está me olhando? Isso é novidade para mim também.

— Você está morto! Esse tempo em que passou vagando por cemitérios não foi capaz de fazê-lo descobrir esse lugar?

Abara não se sentiu ofendido, mesmo sabendo que poderia. Resolveu que era mais proveitoso direcionar as perguntas para o fantasma do que responder a Olivia.

— Essa passagem dá mais tempo aos vivos do outro lado?

O fantasma assentiu.

— Ela se abre para camadas mais superficiais da vida após a morte.

O cérebro de Cecília já estava encaixando as peças.

— Lauren e Noa certamente não estão na cidade escura onde Luísa fica, eles foram atravessados vivos. Devem ter ido para as camadas mais superficiais do outro mundo, leva um tempo para que você morra de verdade.

— Eu quero ir até lá. Vocês precisam me mostrar essa entrada.

Andar por cemitérios já tinha se tornado uma rotina na vida de Olivia Holly e, se ela sobrevivesse a essa noite, se tornaria algo corriqueiro. Abara, Cecília e ela tinham percorrido as ruas da cidade vazia e silenciosa junto a três outros fantasmas, que tinham se apresentado como Nora, Filippi e o velho Augustus.

Em outra situação, Olivia e Cecília teriam ficado fascinadas em poder conversar com as almas e descobrir mais sobre o outro mundo, mas no momento eles tinham mergulhado cada um em seu próprio silêncio.

Olivia estava se culpando. O desenrolar dos acontecimentos tinha sido tão rápido que ela não conseguira ajudar Lauren ou Noa. Eles deveriam ter esperado algo daquele tipo. Noa estava com o tempo contado no mundo dos vivos e Lauren certamente fora arrastada junto a ele.

Ela não podia deixar que ambos se perdessem nas infinitas camadas do mundo dos

mortos. Não quando isso estava acontecendo por causa de um fantasma enciumado que não aceitava que o amor de sua vida a tinha deixado por outra mulher décadas atrás.

Luísa tinha dito que Margareth tinha feito coisas a ela. Olivia não estava disposta a deixar que sua irmã, ou mesmo ela, pagasse pelos erros cometidos no passado.

E ainda havia a presença de Abara, quente e sólida ao lado dela. Mexendo com seu sistema nervoso inteiro.

Olivia estacionou o carro de Heloisa em frente aos portões fechados do cemitério da cidade. Ela chocalhou as grossas correntes. Não teriam como entrar por ali, precisariam pular o muro.

Abara achou melhor não exibir sua vantagem de atravessar paredes naquela situação. Acompanhou as duas garotas pela lateral dos muros. Olivia entrelaçou as mãos e içou Cecília primeiro. A garota era pequena e esguia, quase não pesava. Ela passou as pernas pelo muro e saltou do lado dentro.

Olivia olhou ao seu redor, pensando em quem a içaria. Abara se aproximou, entrelaçando os dedos.

— Só consigo manter contato físico por poucos segundos. Suba — ele disse.

O apoio para os pés de Olivia era bem sólido e ela ficou surpresa. Eles já tinham se tocado e até se beijado, mas a garota Holly sempre sentia que estava mais tocando em uma conexão do que em alguém fisicamente. Aquilo era diferente.

Ela se debruçou sobre o muro e saltou para o lado de dentro. Abara, Nora, Augustus e Filippi já a esperavam.

— Ser um fantasma tem algumas vantagens, então — ela conseguiu zombar, ainda recuperando o fôlego.

— É por aqui... — disse Nora, guiando todos eles cemitério adentro.

Olivia tinha de admitir, não gostava de andar em meio a lápides sabendo que a qualquer momento uma *alma penada* poderia saltar sobre eles. Não gostava nada de poder ver o outro mundo tão nítido como via o mundo dos vivos.

Mas ela não podia mais perder tempo recusando ser quem ela nascera para ser.

O cemitério estava encoberto por uma névoa perolada. Em alguns pontos era difícil enxergar as lápides e os caminhos por onde andavam. Nenhuma outra parte da cidade estava sob neblina, apenas ali, e calafrios percorriam o corpo inteiro de Olivia e Cecília.

Eles contornaram um gigantesco mausoléu, certamente construído por alguma família rica da cidade, e saíram em uma área com um salgueiro imenso plantado no centro do que se parecia com uma praça, completamente deslocada. Havia bancos de pedra ao redor do salgueiro, como se alguém viesse mesmo se sentar debaixo de sua sombra no meio de um cemitério.

— Que coisa mais estranha para se encontrar no meio de um monte de túmulos! — Olivia disse.

— Algumas pessoas gostam de aproveitar o silêncio e a sensação de paz de cemitérios — disse Nora, olhando por cima do ombro enquanto falava. — É verdade, vejo várias pessoas se sentarem nesses bancos na parte da tarde.

Cecília e Olivia trocaram um olhar preocupado, não gostariam de conhecer uma dessas pessoas tão cedo.

— Estamos chegando? — Perguntou Olivia, querendo saber da outra passagem que haviam lhe prometido.

Nora e os outros dois fantasmas andaram mais uns dez metros e estacaram. A neblina agora tinha se tornado muito mais espessa, muito mais densa. Não era possível enxergar o que havia na frente.

Qualquer coisa poderia se esconder naquela névoa.

— Vocês só precisam atravessar a neblina... — a mulher disse, fazendo Olivia soltar um gemido. É claro que teriam de atravessar a neblina maldita! Claro que teriam que entrar ali dentro sem saber o que esperar e sem conseguir enxergar um palmo à frente do nariz.

— Tudo bem. Preciso trazer minha irmã e Noa de volta — ela disse, enchendo-se de uma coragem que ela nem sabia que possuía até pouco tempo atrás.

Noa e Cecília permaneceram ao seu lado e, quando ela deu um passo em direção à névoa, ambos a seguiram.

Capítulo vinte e quatro

Promoção

Olivia e Cecília deram um passo de cada vez dentro daquela névoa estranha, Abara as seguia de perto, um pouco mais atrás.

Nenhum deles conseguia ter ideia do que poderia estar a sua frente, até o chão parecia estranho, como se estivessem pisando em terra fofa, ao mesmo tempo em que parecia não terem nada debaixo de seus pés.

Olivia sentiu o suor gelado escorrer por suas costas. Ela usava um pulôver cinza e o ar estava frio à sua volta, mas o nervosismo a fazia transpirar.

Então, subitamente, o nevoeiro começou a se dissipar, mostrando que estavam em um túnel escuro, uma luz bruxuleante se aproximava.

— Você tem alguma ideia do que pode ser aquilo que está vindo em nossa direção? — Ela perguntou para Abara.

Ele negou com a cabeça, engolindo em seco.

Então a luz ficou mais forte, quase os cegando. Uma velha encarquilhada segurava uma lamparina. Ela abaixou a fonte de luz para que pudesse olhar para o rosto das visitas.

Cecília e Olivia ficaram arrepiadas. A mulher tinha as bochechas chupadas para dentro, os olhos leitosos e quase não possuía cabelos.

Usava um vestido longo de lã verde musgo, suas mãos pareciam garras, com enormes unhas sujas de terra.

— Vocês não deveriam estar aqui — a voz da velha era horrível, parecia um resfolegar de um animal ferido, um chiado.

— Minha irmã e um amigo foram enviados para cá por engano. Vim para levá-los de volta — Olivia foi logo dizendo, sendo prática, pois não podia perder tempo no mundo dos mortos.

A velha estalou a língua e começou a andar na direção em que tinha vindo pelo túnel.

Olivia encarou Abara e Cecília sem saber se deveria ou não segui-la, mas percebeu que não havia alternativa. Ela só podia seguir em frente.

Os três acompanharam os passinhos ligeiros e sem equilíbrio da velha por vários metros. O túnel se tornava cada vez mais estreito e claustrofóbico, mas era reto, sem curvas ou reentrâncias, ou seja, eles não poderiam voltar para trás, não se quisessem encontrar Lauren e Noa.

A velha parou em frente a uma enorme porta de madeira. Colocou a lamparina em um suporte e abriu a porta, permitindo que os três entrassem.

Olivia estava esperando qualquer coisa, menos uma sala aconchegante, cheia de poltronas e um sofá macio, altas estantes abarrotadas de diários, uma lareira crepitante e chá já servido em três xícaras, em uma bandeja de louça branca e impecável.

— Sentem-se, não é todo dia que os vivos entram aqui — ela disse.

Olivia estava agitada. Ela não queria perder tempo com conversa fiada ali, pois o tempo era valioso para salvar a vida de Lauren, mesmo que ela não tivesse ideia de como a encontraria.

Abara sentou-se e Cecília o imitou. Olivia permaneceu de pé ainda por alguns segundos, mas recebeu um olhar raivoso da velha que parecia ser cega, mas a encarou como se

enxergasse que ela estava de pé e impaciente.

— A ordem de algumas coisas está comprometida aqui desse lado — ela começou a dizer, seus lábios ressecados e muito finos bebericando o chá que ela mesma tinha servido. — Mas vocês não são culpados por toda a confusão.

— Bem, talvez não toda ela, mas somos responsáveis por duas pessoas vivas terem vindo parar aqui — Olivia respondeu.

— Isso não há como negar. Você condenou o rapaz. Ele vocês não vão conseguir levar de volta.

Olivia engoliu em seco. Seu estômago pesou de forma esmagadora. Ela entendia como tinha metido os pés pelas mãos.

— O garoto sabe demais sobre as atravessadoras e nosso mundo. Você não deveria ter contado a ele, mas está feito. Não adianta chorar o leite derramado — a velha não demonstrava o menor sentimento por Noa.

— Certamente deve haver algo que podemos fazer, digo, eu causei tudo isso. Eu não tinha ideia que ele poderia morrer se soubesse que fantasmas existem e que sou uma atravessadora — enquanto falava, Olivia torcia as mãos de nervoso.

— O rapaz é inegociável, ele não pode ficar perambulando entre os vivos sabendo como funciona o outro lado.

Cecília estava começando a se mexer desconfortável na poltrona. A mulher, a sala, o fato de terem atravessado uma primeira camada do mundo dos mortos. Ela tinha quase certeza de que não estavam na presença de uma mera velhota cega, enrugada e desdentada.

— Desculpe, senhora. Você sabe muito sobre as nossas confusões, mas não sabemos quem a senhora é...

A velha fixou os olhos leitosos na garota loira.

— Acho que vocês podem não gostar muito de mim quando eu me apresentar...

Abara travou o maxilar e Olivia ficou sem entender a referência.

Como nenhum dos três disse mais nada e o silêncio estava começando a ficar incômodo, a velhota abriu o jogo.

— Eu sou Beth, a Morte.

Olivia deve ter arregalado os dois olhos, Cecília arfou e Abara ficou impressionado. Mesmo sendo um fantasma ele nunca tinha encontrado a própria Morte do outro lado. Os três ficaram mudos, encarando a mulher.

— Quando eu conto isso às pessoas elas costumam ter alguma reação — disse a velha, aborrecida.

Olivia tentou recuperar a fala, mas nada saía. Era como se, de repente, sua mente não conseguisse mais formar pensamentos coerentes. Ela já tinha se familiarizado com os fantasmas, com o fato de eles existirem e serem pessoas que tinham morrido. No entanto, não tinha parado um minuto sequer para pensar na Morte, que ela seria palpável, uma velha encarquilhada, mas que era capaz de imitar gestos e trejeitos humanos.

— Ahn... é uma honra conhecê-la, dona Morte — disse Olivia, sem saber qual era o comportamento social esperado para aquela situação.

— Pode me chamar de Beth, não preciso do meu título aqui.

Cecília encarou Olivia, intensamente. Elas precisavam perguntar alguma coisa para a Morte, precisavam na verdade perguntar várias coisas, e Cecília era a pessoa que mais estava curiosa. Como tinha mais tempo como atravessadora, ela já ouvira sua mãe contar histórias sobre a Morte e como ela ceifava almas e as levava para o outro mundo, decidindo

a hora de cada pessoa deixar o mundo dos vivos.

Mas nunca imaginou que pudesse encontrar a entidade frente a frente.

— Desculpe nossa falta de jeito, Beth, mas estamos bem impressionadas. Dizem que só é possível encontrar a senhora quando estamos morrendo, então, certamente o fato de estarmos aqui é um mau sinal? — Cecília acabou perguntando temerosa.

A velhota colocou a xícara sobre a mesa e encarou os três de forma muito severa.

— É um péssimo sinal. Vocês são todos uns grandes tolos! Era para estarem choramingando por estarem na minha presença — ela disse, sem saber se deveria rir da confusão deles, ou se sentir ofendida.

— Beth, deve haver alguma coisa que eu possa fazer para consertar toda essa bagunça, que me permita encontrar minha irmã e meu amigo... — agora que sabia em frente a quem estava, Olivia estava pronta para implorar.

A velha encarquilhada levantou-se e andou até parar de frente para a lareira. Ela ficou encarando o fogo. Eles não tinham mais certeza se ela era mesmo cega, mas o fato é que sua sombra era sinistra. Fisicamente ela podia até se parecer com uma velha, enrugada e assustadora, mas ainda assim humana, no entanto, a sombra que se projetava atrás dela pela luz que irradiava da lareira mostrava uma figura totalmente diferente, com chifres enormes na cabeça, milhares de espinhos nas costas magras e um corpo encurvado, com uma corcunda gigantesca.

Observando a sombra, Olivia se arrependeu de basicamente prometer que faria qualquer coisa para salvar Lauren e Noa.

— Tem algo que eu quero que vocês façam para mim... — sua voz chiada saiu penosa, como se ela tivesse esperado esse tempo todo para perguntar.

Abara segurou Olivia pelo pulso, um alerta silencioso para ela não cair na armadilha da Morte. No entanto, a garota Holly estava disposta a fazer qualquer coisa para consertar seus erros.

A velha morte se voltou para eles e encarou Olivia diretamente.

— Estou velha, como podem ver, cansada do meu ofício. Mas preciso de uma substituta. Só há uma forma de isso acontecer... uma atravessadora, poderia ser *promovida*.

A forma como Beth disse aquelas palavras não foi bacana. Um frio intenso percorreu todo o corpo da garota Holly.

— Nem pensar! Isso está fora de cogitação. Não vou deixar isso acontecer! — Disse Abara, revoltado, pois ele entendia muito bem o preço que Olivia pagaria caso aceitasse aquela barganha.

Olivia entendeu o que a Morte estava pedindo. Aquilo era surreal demais, primeiro os fantasmas, depois a passagem em sua casa, agora isso? Ela realmente deveria ter tido um ataque de esquizofrenia!

— Você quer que eu a substitua?

— Não! VOCÊ NÃO VAI FAZER ISSO!

A velha lançou um olhar furioso para Abara.

— Não é uma condenação, querida. Quem assumir o papel da morte vai continuar vivendo entre os vivos. Mas vai cuidar daqueles que estão com o tempo contado. Não é agradável. Mas é a única forma de eu devolver sua irmã.

Olivia encarou Abara e Cecília assustada. Aquilo não podia estar acontecendo. Tinha achado muito legal a história do ateliê abrir passagens para lugares diferentes, depois tinha se deparado com os fantasmas e ficado impressionada como legado das atravessadoras, ela

nem bem tinha aceitado esse papel quando tudo mudara drasticamente graças a uma ex-noiva furiosa do fantasma por quem sua avó se apaixonara.

— Olivia! Não aceite nada. Não faça isso. A morte está tentando enganar você. Isso nunca foi feito antes. Esse acordo não existe. Ela o está forjando! — disse Cecília.

— Por que eu? Por que agora? Por favor, se você tem coragem de me oferecer um acordo desses deve pelo menos me contar a verdade...

A velhota encarou Olivia com uma expressão que poderia significar piedade, mas certamente era outro tipo de sentimento que ela não conseguiria explicar.

— Tem ideia de como é penoso ser a Morte por séculos inteiros? Eu não quero mais essa função, mas ninguém deixa simplesmente de ser a Morte. Só uma atravessadora poderia me substituir, mas vocês nunca pisam deste lado. E eu preciso de vocês vivas. Preciso que aceitem a promoção de boa vontade... é tudo muito simples.

Olivia engolia cada vez mais com dificuldade. Sua garganta estava ficando tão seca que seria capaz de machucar.

— Noa também! Eu aceito, se eu puder levar Noa de volta também — disse Olivia, sabendo que estava aceitando algo que nem compreendia, mas se era o preço que pagaria pelos seus erros, então tudo bem.

— DE JEITO NENHUM! VOCÊ NÃO VAI FAZER ISSO! NÃO VOU DEIXAR!

— Não consigo revogar o tempo do garoto — Beth insistiu.

— Então espere outra atravessadora vir para cá por livre e espontânea vontade.

Se a morte achava que sabia negociar, então Olivia também mostraria que sabia ser dura. Era preciso. Ou ela saía dali com os dois, ou não sairia, simples assim.

Beth, ou melhor, a própria Morte, ficou vários minutos olhando para as chamas, como se

ponderasse se cedia à vontade de Olivia ou se deixava a oportunidade de se livrar do trabalho de ceifar almas.

— O garoto viu coisas demais desse mundo. Tem certeza de que quer levá-lo de volta?
Olivia assentiu.

— Tudo bem. Os dois sairão daqui, como você espera. Vamos ao acordo?

A velhota caminhou pela sala toda serelepe, nem parecia ser tão velha e encarquilhada mais. Era visível o quanto ela queria passar para frente o ofício nada agradável que tinha.

Beth estendeu uma folha parda toda amassada diante de Olivia. Havia uns quinze nomes ali, cada um escrito com uma caligrafia diferente, fora os nomes nada mais estava escrito na folha.

— O que é isso? — Olivia perguntou, apreensiva.

— O contrato. Os nomes são de outras Mortes.

A garota Holly leu os nomes mais uma vez. Os garranchos pareciam ter sido escritos com sangue.

Como se fosse capaz de ler a sua mente, a velha entregou uma pequena adaga toda ornamentada em prata para Olivia e uma pena.

Não adiantaria nada relutar e nem continuar alimentando o desejo de sair correndo dali o mais rápido que suas pernas permitissem para nunca mais pisar naquele lugar. Era melhor acabar com a agonia de uma vez por todas. Ela furou o dedo com a adaga, passou a pena no sangue que escorria e escreveu seu nome no pedaço de papel.

A velha recolheu a folha radiante. Colocou uma das mãos nas costas de Olivia e a conduziu em direção à lareira crepitante.

— Muito bem, Olivia. Agora só falta uma parte. Você precisa cumprir o desafio para que

os cães do outro mundo aceitem os seus serviços! — Antes que Olivia pudesse perguntar que desafio era esse e reclamar que aquela parte não tinha sido explicada antes, a velha empurrou Olivia direto para as chamas da lareira.

A garota gritou. Primeiro porque pensou que fosse virar churrasquinho em uma lareira acesa no mundo dos mortos, segundo porque fora arremessada como um objeto qualquer.

No entanto, o fogo não a atingiu. Lambeu sua pele sem queimá-la. Ela percebeu que girava no vazio, não via mais a sala aconchegante onde havia sido convidada a ser a próxima Morte pelos próximos séculos em troca de salvar sua irmã e Noa.

Cecília e Abara ficaram chocados com a atitude da velha.

— O que você fez com Olivia? Para onde a mandou?! — Ele exigiu saber, assustando a velha, que achou melhor responder, para sua própria segurança.

— Ela desceu algumas camadas para cumprir o desafio da promoção, mas não se preocupe, ela vai se sair muito bem.

Abara encarou Cecília com os olhos reluzindo em fúria.

— Volte para o cemitério agora, é só seguir o túnel pelo caminho que viemos. Não espere nem mais um minuto aqui. Eu vou atrás de Olivia — ele disse.

Cecília já estava assentindo e partiu em disparada de volta pelo túnel que tinham usado para chegar até ali. Ela sentia cada músculo do seu corpo tremer.

Capítulo vinte e cinco

Um novo destino

A luz estava cegando Olivia. A garota semicerrou os olhos coloridos, tentando enxergar alguma coisa a sua frente, mas era iluminação demais, como se tivessem acendido um holofote em sua cara.

Ela deu dois passos incertos para frente e o brilho diminuiu, gradativamente. Estava em frente a um portão de ferro, com grades brancas e salpicadas de ferrugem. Um gigantesco muro completamente coberto por ervas daninhas se estendia a perder de vista. O portão estava aberto, como se a convidasse a entrar.

Ela ficou parada em frente a ele por vários minutos. Do lado de dentro, só conseguia ver árvores que despontavam em meio à neblina. Era quase tão cerrada quando a névoa que atravessara no cemitério, no entanto, nesse lugar, a sensação que tinha era completamente diferente. Ela estava se sentindo bem, em paz.

Era um sentimento contraditório, uma vez que ela se lembrava bem de que tinha sido arremessada dentro da lareira pela Morte.

No entanto, de alguma forma inexplicável, seu medo e nervosismo se dissiparam. Olivia respirou fundo por alguns minutos e resolveu que só descobriria o que estava fazendo ali quando finalmente cruzasse o portão.

Porém, ela também sentia que quando o fizesse selaria o acordo com a Morte. Não haveria mais volta. Não haveria mais nada.

A garota Holly mexeu os pés, mesmo relutante. Segurou uma das grades do portão e terminou de empurrá-lo. O mato que chegava até seus joelhos estava seco, e a luminosidade que imperava no local era dourada, aconchegante.

Olivia caminhou lentamente, observando as ruínas que se apresentavam. Pareciam ter feito parte de uma grande construção, talvez até um palácio, que fora corroído pelo tempo. Ela pegou uma tira de capim nas mãos e começou a desfiá-la enquanto andava, seus passos faziam um som agradável ao amassar a grama seca.

Depois de alguns minutos, ela pensou ter ouvido pássaros. Ficou surpresa. Não imaginava que o mundo dos mortos, ou o Outro Mundo, como os fantasmas o chamavam, fosse daquela forma, pacato, bonito e tão iluminado. Estava esperando alguma das imagens horríveis que ela vira pela porta do ateliê, mas não fora o que encontrara.

Enquanto seguia em direção à maior parte da ruína que ainda parecia estar resistindo em pé, a garota refletiu sobre as coisas que tinham acontecido nas últimas horas.

Ela tentara ajudar Abara e deixara o fantasma de Luísa ainda mais furioso. Lauren e Noa tinham sido punidos pelos seus erros como atravessadora. Ela nem bem tinha entendido direito tudo o que era esperado dela naquela função e agora estava no caminho de se tornar a próxima Morte.

Olivia nunca havia pensado na morte antes de sua avó morrer, ou mesmo antes de começar a ver fantasmas. Ela queria ser médica, sabia que lidaria com a morte diariamente, mas antes de receber nos braços o legado da família, pensava na morte como uma consequência. Algo inesperado, inevitável.

Nem mesmo quando começou a atravessar as almas pelo ateliê imaginou que a Morte cumpria um papel sólido no caminho daqueles que chegavam até sua casa.

Mas agora ela estava a um passo de se tornar a próxima Morte. Era maluco demais. Qualquer pessoa poderia surtar e não ser capaz de encarar os fatos com racionalidade, mas Olivia era diferente. Ela era prática e, além disso, adorava aventuras, era fã de um mistério. Só nunca imaginou que em poucos meses sua vida se tornaria como um dos livros de fantasia que ela tanto lera ao longo dos anos.

Não importava o que acontecesse, ela só queria que sua irmã e Noa não fossem prejudicados. Eles tinham toda a vida pela frente, eram jovens, não mereciam pagar pelos erros que ela cometera por não ter levado a sério desde o início o que era ser uma atravessadora.

Olivia começou a subir os degraus que a levariam para dentro das ruínas da maior construção que tinha visto até o momento.

Assustou-se quando uma mulher usando um vestido branco de seda surgiu na sua frente. Ela era muito bonita. Tinha cabelos cacheados castanhos e olhos azuis límpidos. Sorria placidamente, esperando Olivia se aproximar. Estava parada no batente de uma porta, pronta para recebê-la, a garota imaginou.

A mulher não deixou Olivia com medo. A garota não estava esperando encontrar ninguém por ali, mas também não poderia se dizer surpresa. Nada mais seria capaz de surpreendê-la.

— Olá, Olivia. É um prazer conhecê-la — pelo jeito a mulher sabia não só o seu nome, mas era melhor não perguntar como.

— Olá, quem é você?

— Eu sou Irina — disse a mulher ainda sorrindo. Olivia a alcançou e as duas seguiram andando lado a lado agora. — Você sabe por que está aqui?

— Bem, encontrei uma velha que me prometeu que eu só levaria minha irmã e Noa de

volta para o mundo dos vivos se eu aceitasse ser a próxima Morte.

Irina assentiu, parecendo satisfeita.

— Sou eu que vou transformá-la. Você deixará de ser mortal e passará a ser o anjo da morte. Compreende o que isso significa?

Olivia engoliu em seco. Cada vez que ela achava que tinha se acostumado com a esquisitice da situação, ela piorava e ficava ainda mais surreal.

— Não exatamente...

— Não me cabe explicar a você o trabalho da Morte, será algo que você aprenderá assim que assumir o cargo. No entanto, basta dizer que você precisará de algumas habilidades especiais para gerenciar todas as almas das pessoas que tiveram seu tempo esgotado no mundo dos vivos. Por isso dizemos que a Morte também é um anjo.

Elas chegaram ao centro de um pátio onde era possível ver o céu e as copas de muitas árvores. Havia um batente de porta de marfim, muito parecido com o Arco do Triunfo da França. Elas ficaram paradas em frente a ele.

— Sua vida vai mudar completamente. Ser a Morte é o trabalho mais difícil que existe. Acredite, há um motivo para Beth não o querer mais. Você tem certeza de que está disposta a assumir esse cargo?

— Existe algum outro jeito de eu levar Noa e Lauren embora desse mundo sem precisar aceitar a oferta de Beth? — Olivia perguntou.

— Não. Beth tem poder para decidir quando a vida de alguém chegou ao fim. Esse é o trabalho dela. Sua irmã e Noa já estão aqui, a única pessoa que pode revogar essa estadia é Beth e ela não quer mais ser a Morte... então...

— Então eu tenho de aceitar o cargo.

Irina assentiu, solidária.

— Muito bem. Você precisa atravessar o arco. Não voltaremos a nos ver tão cedo. Quando atravessá-lo, vai saber exatamente o que terá de fazer. Boa sorte, Olivia — a mulher disse, abraçando-a gentilmente.

A garota respirou fundo. Já tinha perdido as contas de quantas vezes tinha enchido os pulmões de ar, quando na verdade estava se enchendo de uma nova dose de coragem para continuar encarando as maluquices que estavam acontecendo com ela.

A garota atravessou o arco.

Primeiro ouviu gritos. Caos, dor, lamentações, súplicas. Sentiu sua cabeça rodar e foi acometida por náuseas. Era como se cada dor ou pedido de misericórdia passasse pela sua mente. Ela estava sozinha, sem ninguém a sua volta, mas era como se estivesse no meio de uma multidão e todos pediam por piedade.

Olivia abriu os olhos, era como se ao atravessar o arco tivesse se deslocado para alguma espécie de vazio. Estava sozinha, mas ainda assim ouvia todas aquelas vozes.

Então ela entendeu. Eram todas as pessoas vivas no mundo que ela ouvia. As pessoas que estavam esperando pela Morte.

O choque quase a fez gritar, arrancando os cabelos em desespero. Ela já imaginava que Beth estava empurrando a ela um trabalho ingrato e horrível, mas não estava preparada para o quanto. Aliás, nada teria sido capaz de prepará-la para aquilo em toda a sua vida.

As vozes foram ficando mais baixas, quase murmúrios, quando ela foi se acalmando. A cada vez que puxava o ar para os pulmões, sentia que estava se transformando, que não era mais uma garota de dezoito anos que estava ávida para ir para a faculdade e fugir do interior para onde tinha sido obrigada a se mudar. Não era mais a garota que poderia curtir

dias de sol ao lado de Noa, um rapaz encantador e por quem ela havia sofrido uma paixão aguda, não era mais uma irmã que estava ali para ajudar com o dever de casa, com as histórias de coração partido, com as injustiças escolares. Não era mais uma filha, a mais velha, a mais estudiosa, que sempre enchia seus pais de orgulho. Não era mais nada, a não ser a responsável por terminar a vida de alguém.

Olivia chorou enquanto essas transformações ocorriam dentro dela. Suas lembranças permaneciam intactas. Ela ainda se lembrava de como era ser Olivia Holly, mas de repente, não era mais apenas ela mesma.

As vozes sumiram, como se uma estação de rádio tivesse sido desligada. No entanto, ela estava ouvindo alguém cochichar, prestou bastante atenção a isso, tentando entender as palavras, e quando conseguiu sentiu-se feliz pela primeira vez desde que sua casa tinha sido invadida por uma horda de almas penadas.

Era a voz de Lauren falando alguma coisa. Mas ela ainda não conseguia entender, precisou se concentrar muito mais. Era mesmo a sensação de estar sintonizando um rádio. Até que as palavras da irmã entraram em sintonia e passaram a ser entendidas.

— Vamos continuar andando. Vamos encontrar a saída. Só não pare de andar, Noa.

— Estamos perdidos. Todas essas pessoas ficam olhando para a gente como se fôssemos apetitosos, não estou gostando disso...

Olivia precisava saber como localizá-los. Ela precisava encontrá-los e não apenas ouvi-los. Irina disse que ela saberia o que fazer quando atravessasse o arco, mas ela não sabia. Não tinha nenhuma ideia.

Então o cenário ao redor de Olivia começou a mudar. Como se ela estivesse saindo do vazio, se transportando lentamente para o local de onde as vozes de Lauren e Noa vinham.

Ela sentiu seu corpo perder a forma, sentiu como era se transformar em um átomo e apenas isso, sentiu seu corpo se expandir de novo, suas células se juntarem outra vez para lhe dar um corpo.

A experiência foi aterradora. Ela tinha se transformado apenas em consciência em uma questão de minutos.

Pelo jeito, as esquisitices de ser a Morte não iam parar de acontecer tão cedo.

Ela viu onde estava. Uma rua enlameada, com calçamento de pedra. Muitas pessoas transitavam por ali, apressadas, cambaleantes, sozinhas, em grupo, mas todas seguiam na mesma direção: em frente.

Olivia ficou na ponta dos pés. Não era muito alta, tinha um metro e sessenta e cinco, mas não foi difícil localizar os cabelos laranja de sua irmã mais a frente.

Ela começou a abrir caminho entre as pessoas que insistiam em andar aglomeradas, mas nem precisou se esforçar muito.

— Com licença, preciso passar, por favor, com licença — disse, esperando que precisasse se esforçar para conseguir espaço, mas as pessoas já se distanciavam dela imediatamente, como se ela tivesse alguma doença contagiosa que eles não quisessem pegar. E depois, quando ela passava por eles, ficavam todos colocando a mão na frente da boca para cochichar.

— Lauren!! Noa!! — Ela gritou.

A irmã e o rapaz olharam para trás surpresos. Eles estacaram e o restante das pessoas continuou passando por eles. Olivia se atirou contra o pescoço da irmã quando a alcançou, e a abraçou apertado.

— Achei vocês! Achei vocês! — Ela não parava de repetir enquanto abraçava Lauren e

Noa.

No entanto, os dois perceberam que alguma coisa estava errada. Perceberam como o restante das pessoas estava olhando para Olivia e sentiram um arrepio percorrer seus corpos.

— Como você nos achou? Como veio parar aqui? — Perguntou Lauren, e os três foram para o calçamento, ficando longe do caminho do restante dos fantasmas.

Olivia não tinha muito tempo para explicar exatamente tudo o que acontecera, não queria dizer que tinha se transformado na nova Morte. Era muito para se assimilar. Mas contou a eles o básico, que havia encontrado uma mulher muito velha que tinha lhe proposto um acordo para que ela pudesse levar os dois de volta.

— Que acordo, Olivia? Você não deveria ter feito nenhum acordo com alguém no mundo dos mortos!

— Tudo bem, está tudo bem, de verdade. Agora vamos sair logo daqui...

Eles começaram a abrir caminho na direção contrária. A presença de Olivia, que de alguma forma já devia ter uma marca bem nítida do que tinha se tornado, era o que fazia com que andar contra a maré de pessoas fosse fácil, simples até.

O percurso era enorme, parecia que aquela rua não tinha mais fim, até que chegaram a uma porta que as irmãs Holly conheciam muito bem! Era a porta do ateliê, vista pelo lado de dentro.

Eles ficaram os três de frente a ela. Olivia não estava com a chave, mas girou a maçaneta e a imagem do corredor de sua casa surgiu.

Ela ficou aliviada, pelo menos a velha Beth não tinha mentido. Ela ia conseguir tirar Noa e Lauren dali.

— Vão, atravessem vocês primeiro — ela pediu.

Noa atravessou mais do que aliviado. Ele ainda estava torcendo para tudo aquilo não passar de um sonho do qual ele fosse acordar mais tarde, mas sabia que era real. No entanto, contanto que ele não tivesse mais um contador de minutos pairando em cima de sua cabeça e não ficasse mais no meio dos mortos, estava tudo ótimo.

Lauren não atravessou de imediato. Ela sabia que algo muito errado tinha acontecido para que ela pudesse atravessar de volta dessa forma simples.

— Olivia, você vem? — A garota perguntou, preocupada.

No entanto, Olivia Holly não teve nem tempo de responder, pois uma mão gelada agarrou seu pulso e a fez desaparecer, daquela mesma forma nada confortável que ela havia acabado de experimentar.

— Corra! — Ela conseguiu dizer para irmã.

Com o coração apertado, achando que talvez nunca mais veria sua irmã, Lauren atravessou a porta e a fechou atrás de si.

Capítulo vinte e seis

Acerto de contas

Era claro que, além de se tornar a nova Morte, Olivia também precisaria lidar com um fantasma obcecado por ela. Não tinha vivido nada estranho demais nas últimas horas, não é mesmo? Claro que precisaria resolver essa última questão!

Olivia percebeu que estava outra vez no cemitério de Lakewood, só não tinha conseguido entender se o cemitério estava no mundo dos vivos ou dos mortos. Luísa a encarava furiosa, pelo jeito ela tinha percebido que a garota Holly não era mais uma simples mortal a quem ela poderia aterrorizar e até mesmo matar.

— Você trapaceou! Não era para ter acontecido assim! — Ela gritou descontrolada, mas sem ousar dar um passo sequer para mais perto de Olivia.

— Do que você está falando?

— Era para eu ter me vingado de vocês todas! Primeiro sua irmã, depois você!

Luísa começou a andar pelo cemitério sem rumo certo. Olivia estava começando ficar preocupada, mesmo que agora ela fosse a Morte, Luísa era um fantasma, ela não sabia o que fazer com ela.

— Eu não tenho culpa do que aconteceu entre você e Abara! Eu nem era nascida — ela argumentou, uma tentativa inútil de dialogar com um fantasma furioso.

— A sua avó teve! A sua família vai pagar por isso.

Olivia suspirou resignada. Estava se perguntando quando a noite ia terminar, quando

Abara apareceu. A garota o encarou com um pouco de ódio. Já estava bem difícil lidar com o fantasma enciumado de Luísa sem que ele aparecesse para atrapalhar.

— Você está bem? — Ele perguntou abraçando Olivia, para piorar ainda mais a raiva de Luísa. Depois, ele se voltou para a ex-noiva e disse: — Deixe ela em paz! Deixe todos eles em paz, ouviu? Isso já durou tempo suficiente. Você já causou muitos estragos, você me matou! Não foi o bastante para você?

Luísa o encarou penalizada, como se apenas as palavras de Abara tivessem sido capazes de feri-la.

— Eu não matei você... — ela murmurou mortificada.

— Mas mandou alguém me matar! Eu li sobre o que aconteceu comigo naquela noite! Eu não lembrava, mas agora eu sei! Foi você que mandou me emboscarem!

A expressão de Luísa ficou cada vez mais estranha, como se de repente ela não estivesse mais entendendo nada do que estava acontecendo ali.

— Eu não fiz isso — ela disse, agora havia pranto em sua voz.

— Deixe de ser mentirosa. Você não conseguiu aceitar o fato de eu ter me apaixonado por Margareth e não quis que fôssemos felizes. Você mandou me matarem antes que ela pudesse deixar o marido para viver comigo! — Pelo jeito, aquela era a primeira vez que Abara e Luísa se encontravam depois de mortos e tinham muita roupa suja para lavar.

Olivia se sentia cada vez mais desconfortável. Presenciar a discussão não era o que ela mais desejava no momento. Só queria voltar logo para o mundo dos vivos e se certificar de que Noa e Lauren tinham mesmo chegado em segurança a sua casa. Mas estava presa entre dois fantasmas ressentidos.

— Eu não fiz nada disso, Abara. Eu nunca mandaria matarem você! Eu também não me

matei, não tirei minha própria vida...

Abara a encarava confuso e cético ao mesmo tempo. Olivia também não estava entendendo muito bem. Se ela não era a pessoa que tinha enviado um assassino para acabar com a vida de Abara, então quem teria feito isso?

— Você não entende... todos esses anos eu achei que você sabia, mas você não entende...

— lamentou-se Luísa.

— Não entendo o quê? — Ele questionou irritado.

— Foi Margareth quem mandou matar você. Foi ela quem me matou!

Olivia parou de respirar por alguns minutos. Achou que não estava ouvindo bem. Talvez esse tempo no mundo dos mortos tivesse distorcido sua audição. Sua avó tinha matado duas pessoas? Impossível. Elas não se conheciam profundamente, mas sua avó tinha sido uma atravessadora a vida inteira. Ela nunca tiraria a vida de uma pessoa. Ela não faria isso! Faria?

— Você está mentindo... — dessa vez foi Olivia quem acusou, recuperando a voz.

— Você mesma a atravessou. Viu o local para onde a enviou. Acha mesmo que ela teria ido para um lugar daqueles se não tivesse cometido um crime terrível?

Olivia engoliu em seco. Ela se lembrava muito bem quando Margareth aparecera pela primeira vez. Ficara mortificada por enviar a avó para um lugar daqueles, escuro e vil. No entanto, essa história ainda não poderia ser verdade.

Olivia vira as cartas que Abara e sua avó trocaram. Eram cartas de amor, apaixonadas. Sua avó amara Abara, não poderia ter encomendado a morte dele.

Mas uma voz insistente dentro dela não parava de apontar o quanto era estranho que Abara tivesse insistido em manter contato após sua morte, enquanto Margareth se afastara.

Além disso, havia toda a raiva incompreendida que ela demonstrara sentir por ele quando avisou as netas para não confiarem no fantasma.

— Eu não posso acreditar nisso! Minha avó não faria isso...

— E por que não? Ela era uma atravessadora! Ela nos controlou! Ela nos separou e nunca foi punida.

Olivia sentou em um dos túmulos. Suas pernas estavam fracas, aquilo era ainda pior do que ser transformada na própria Morte.

— Tem alguma forma de encontrarmos Margareth agora? De perguntarmos isso a ela? — Olivia questionou, com toda a calma que conseguiu reunir dentro de si.

— Você é a Morte agora, garota! Tem poder sobre todos nós! Chame-a e veremos!

Olivia ficou surpresa. Pelo jeito ela teria muito o que aprender sobre o que se transformara. Ela focou seu pensamento na avó, na imagem que se lembrava.

Não precisou fazer muito esforço para Margareth surgir entre dois túmulos. Ela ainda parecia bondosa e calma, uma fortaleza em meio ao caos, mesmo confusa, ela encarou Olivia horrorizada. De alguma forma já sabia o que havia acontecido com a neta e avançou em sua direção para tomá-la nos braços.

No calor do abraço da avó, sim, ela emanava calor, mesmo sendo um fantasma, Olivia não conseguia imaginar Margareth cometendo os crimes dos quais Luísa a acusava.

— Querida, no que você se meteu! Você atravessou o ateliê? Trocou de lugar com Beth? — Ela questionou enquanto acariciava os cabelos de Olivia.

A garota Holly se afastou. Precisava terminar logo com a dúvida.

— Vó, o que você fez? Você mandou matar Abara e Luísa? — A garota perguntou sem rodeios.

Margareth olhou para trás, onde estavam Abara e a ex-noiva de pé, esperando pela resposta.

Ela voltou a encarar Olivia, como se buscasse saber quais seriam suas chances de negar o que realmente tinha feito tantos anos atrás.

No entanto, sabia que o tempo de mentiras tinha terminado. Ela não poderia mais negar, não para Olivia. Ninguém conseguia mentir para a Morte.

— Eu cometi um erro quando era jovem...

Olivia se afastou ainda mais dela, incrédula. Ela estava mesmo confessando?

A expressão de dor que cruzou o rosto de Abara foi ainda mais terrível. Como se ele estivesse sendo assassinado de novo, dessa vez com uma punhalada nas costas.

— Você... — ele não conseguiu terminar de perguntar se ela tinha sido capaz de matá-lo.

— Por que você fez isso, Margareth?! — Olivia não queria mais chamá-la de vovó. Não queria ter nenhum parentesco com a mulher que estava a sua frente nesse momento.

— Porque eles não terminariam o noivado. Os pais de Luísa pretendiam forçar Abara a se casar. Eu descobri isso algumas semanas antes. Ele andava relutante em me contar o que estava acontecendo, mas eu descobri. — Ela encarava o chão enquanto contava aquela história. — Então eu os separei...

Olivia estava sentindo o estômago revirar. Se tivesse comido algo nas últimas horas, certamente teria vomitado.

Abara não queria encará-la. Ele tinha passado a vida inteira apaixonado pela mulher que planejava a sua morte.

Luísa parecia mais calma agora que Abara descobrira a verdade. Como se as palavras de Margareth a tivessem libertado. Olivia não sabia o que fazer. Muito menos o que dizer.

Os quatro caíram em um silêncio inquieto por vários minutos.

— Eu quero ir embora daqui, Luísa. Onde estamos? — Perguntou Olivia, cansada de toda aquela confusão.

— No mundo dos vivos, no cemitério real.

Olivia assentiu. Sendo assim poderia voltar caminhando para casa. Quando ela começou a se mexer em direção à saída, Luísa disse:

— Você tem que resolver isso... não pode simplesmente ir embora!

A garota Holly estacou. Resolver? Mas os três já estavam mortos! O que ela poderia fazer a respeito?

Abara pareceu saber o que ela estava pensando.

— A Morte realiza o primeiro julgamento, Olivia. Ela decide a primeira pena que as almas precisam pagar...

Olivia sentiu seu estômago se contrair com mais força. Ótimo, estava ficando cada vez melhor o acordo que fizera com a velha Beth.

Ela encarou a avó por longos minutos. Longos mesmo.

— Para onde ela atravessava você, Luísa? — Olivia perguntou, friamente.

— Para a cidade escura. Uma das camadas mais inferiores do outro mundo... — ela viu como Luísa se arrepiou só de dizer aquilo.

— Margareth está condenada a ficar nesse mesmo lugar, sem jamais sair de lá, mesmo que for para ser atravessada outra vez. Vai passar mil anos nesse lugar.

Margareth Holly ofegou. O queixo caído, desconcertada com a sentença. No entanto, ela não ousaria pedir piedade a neta.

— Você pode atravessar para um bom lugar, Luísa. Um lugar para ser feliz no Outro

Mundo...

O fantasma de Luísa esboçou um sorriso pela primeira vez e Olivia pôde ver como a moça fora bonita em vida.

Só restara Abara, que a encarava com determinação. E ele, o que ela faria com ele?

— O que você sabe sobre o trabalho da Morte? — Ela perguntou.

— Bastante coisa. Muita mesmo, e o que eu não souber, posso perguntar para as outras almas.

Olivia sorriu, ele estava ansioso pela proposta que estava por vir, pelo destino que ela pretendia lhe dar, e estava infinitamente grato pelos acontecimentos terem se desenrolado daquela forma, Olivia nem podia imaginar o quanto.

— Acho que vou precisar de um instrutor, para me explicar tudo sobre como ser uma boa Morte.

Apesar de toda a loucura da noite, eles sorriram um para o outro.

Abara assentiu, mais do que disposto a assumir esse papel. Ele já tinha orientado muitas atravessadoras ao longo dos anos. Poderia dar conta de explicar a Olivia o que ela teria de fazer como a Morte.

Então, sem dizer mais nada e sem olhar para trás para ver a avó uma última vez, Olivia Holly deixou o cemitério andando a passos lentos, como se estivesse apreciando a caminhada.

Ela nem percebeu o frio intenso que fazia, nem o fato de que não estava usando um casaco grosso o suficiente, mas apenas um pulôver e botas. Não prestou atenção em todas as outras almas que estavam espalhadas pelas lápides e ficaram olhando ela deixar o local.

Ela só queria ir para a casa, só queria saber se Noa e Lauren estavam bem. Só queria que

a noite acabasse e que ela pudesse dormir para sempre.

Ela ainda não sabia que uma nova parte da sua vida estava começando. Não fazia ideia de todas as confusões que estavam por vir.

Capítulo vinte e sete

Em casa

Quando entrou em casa, Lauren e Heloisa estavam abraçadas e sentadas juntas em uma das bergères. Heloisa levantou imediatamente ao ver Olivia atravessar a porta e a abraçou apertado.

— Você voltou! Ah, meu Deus, você voltou!! — Heloisa não parava de dizer enquanto apertava a filha nos braços.

Noa estava sentado na outra poltrona, conversando com Cecília. Ele parecia bem. Abatido e cansado, mas não havia mais um contador de tempo em cima de sua cabeça. Ele ficaria bem.

Depois de explicar tudo o que havia acontecido aos pais, a Lauren, Cecília e Noa, Olivia se sentia esgotada. A manhã já estava no fim quando Olivia finalmente conseguiu dormir, ainda sem mudar de roupas. Ela se enroscou em seu edredom e achou que nunca mais seria capaz de acordar, de tão exausta que estava.

Porém, se achou que dormir seria algo simples, sem problemas, a garota estava muito enganada. Nas primeiras horas ela até conseguiu mergulhar em um sono sem sonhos, no entanto, logo ela passou a ver pessoas que não conhecia, jovens, velhos e crianças, pessoas que ela sabia que teria de ir buscar.

No início ela não deu atenção para os sonhos, ou pelo menos não sentiu nada ao perceber que eles estavam se desenrolando em sua mente adormecida. Continuou olhando para aquelas pessoas sem entender direito quem elas eram e o que ela teria de fazer, mas tendo a

certeza de que ela precisaria encontrar um a um e comunicar a eles que sua hora no mundo dos vivos tinha chegado ao fim.

Quando começou a entender que todas aquelas pessoas, todas elas, deveriam morrer em breve, Olivia começou a sentir desespero durante o sono e se viu presa em um pesadelo. Ela não queria aquilo, não mais do que tinha desejado ser atravessadora.

Mas não havia mais volta. Lauren e Noa estavam sãos e salvos ali por causa dela, não havia como fugir do acordo que assinara com sangue.

Ela despertou com as roupas grudadas no corpo de tanto suor. Estava um pouco desorientada, precisou de alguns minutos para perceber que estava em seu quarto, em sua cama.

Olivia levantou, escovou os dentes, pegou uma toalha e foi para o banheiro para tomar um banho. Enquanto a água quente caía sobre seu corpo, ela sentiu o peso dos últimos acontecimentos escorrendo para o ralo. Mas era uma sensação ilusória. Ela sentia um formigamento estranho por todo o corpo que sabia não estar sendo provocado pela água escaldante.

A garota enrolou-se em uma toalha e saiu do chuveiro, colocou uma *legging*, uma camiseta branca e sapatilhas confortáveis, e desceu para encontrar os outros.

Noa e Cecília ainda estavam dormindo tortos nas poltronas. Lauren estava na cozinha com Abara, e Heloisa e Roger estavam conversando no jardim dos fundos.

— Mamãe e papai estão falando sobre não poderem vender a casa — Lauren contou com pouco entusiasmo. — Mamãe acha que pode ser perigoso para nós duas se abandonarmos o ateliê e a passagem.

Olivia estava faminta, passou manteiga em um pãozinho de minuto e começou a mastigá-

lo, mas percebeu que o alimento não tinha mais sabor. Era como se ela estivesse comendo isopor. Ela cuspiu a meleca mastigada em um guardanapo.

— Eca! Que horrível!

Abara a encarou pesaroso.

— Algumas coisas vão mudar agora, Olivia. Comer será uma delas.

A garota o encarou embasbacada. Comer era uma das coisas de que mais gostava. Suspirou resignada. Não deveria ficar reclamando da comida sem gosto agora, pois tinha certeza de que ser a Morte lhe traria experiências muito piores do que apenas engolir um pão sem gosto.

Cecília e Noa se juntaram a eles, atraídos pelo barulho da conversa.

— Foi uma noite e tanto — disse a garota loira, enchendo uma xícara de café preto. — Quando eu contar o que aconteceu aqui para a minha mãe tenho certeza de que ela ficará de queixo caído. Nunca soubemos muito sobre a Morte. As atravessadoras a tratam como uma visitante indesejada, sem ofensas.

Olivia deu de ombros. Não estava ofendida. Estava era perdida. Sem saber como deveria agir. Mas estava ainda mais constrangida por estar perto de Noa.

— Você está bem? — Ela perguntou a ele.

— Estou. Obrigado, por tudo o que você fez. Sei que não foi pouco.

Olivia sorriu. Tinha a sensação de que não veria Noa tão cedo depois que ele fosse embora. Ele tinha se assustado demais com todas as maluquices que rodeavam a família dela. Não podia culpá-lo. Ele tinha sido uma ótima companhia e um bom amigo. Ela até achara que estava apaixonada por ele, mas agora sabia que não tinha passado de uma paixão.

— Espero que as surpresas tenham acabado — disse Olivia, testando o gosto do café, por incrível que pareça, o café ainda tinha gosto de café para a Morte. Ela se sentiu minimamente aliviada por aquilo. — Não estou muito interessada em ver um fantasma, mesmo dos mais inofensivos, neste momento.

Cecília estava pensando em algo sobre o papel de atravessadora das irmãs Holly.

— Lauren vai precisar ser a próxima atravessadora agora. E talvez vocês tenham um problema se você continuar morando aqui. Os fantasmas não gostam muito da Morte, afinal é ela que os deixa nessa condição...

Olivia não tinha pensado nisso. Como ela poderia permanecer na casa, sendo que os fantasmas que chegassem para atravessar a passagem estariam ali por sua causa? Ela não tinha pensado em quase nada antes de aceitar a promoção. Simplesmente se tornara uma outra coisa sem saber o que isso implicaria de mudança em sua vida.

— Você viu onde Beth morava? Você já deve ter herdado a casa neste momento.

— Aquele buraco no qual entramos atravessando a passagem do cemitério? Aquilo não era uma casa, era apenas uma sala de estar!

— Foi só o que Beth permitiu que nós víssemos. A casa da Morte é um lugar temido pelos fantasmas — Abara se sentou, pois estava prestes a começar a contar uma história — Logo nos meus primeiros anos como um fantasma, vi muitos de nós tentarem invadir a casa em busca do dossiê e das fichas dos próximos a morrer. Muitas vezes eles queriam evitar a morte de um parente ou ente querido. Acontece com a maioria dos fantasmas, essa vontade de entrar lá e vasculhar tudo. É um dos primeiros impulsos de qualquer alma que deixou a vida. Certamente ninguém conseguiu fazer isso até hoje. O lugar é muito bem trancado.

Olivia, Cecília e Lauren estavam impressionadas. Era como se tivessem contado a elas

que podiam ver fantasmas outra vez. Cada vez que pareciam entender mais o mundo bizarro ao qual foram atiradas, ele ficava ainda mais surreal.

Noa, no entanto, estava mais do que disposto a ir embora. Para ele aquela história de mortos, fantasmas, outro mundo já tinha dado o que tinha que dar.

Enquanto os quatro conversavam, ele pegou seu casaco, que estava pendurado no encosto da cadeira, e saiu de fininho, para que só sentissem sua falta quando ele já estivesse longe, afinal, não queria ser obrigado a ser sincero e dizer que pretendia manter o máximo de distância das irmãs Holly depois de tudo o que passara.

— Então eu tenho uma casa só para mim agora em algum lugar do Outro Mundo?! — Continuou Olivia, em tom de brincadeira. Ela percebera a saída de Noa, mas não quis dificultar as coisas para ele.

— Sim. No mesmo lugar em que entramos para encontrar Beth.

Olivia sentiu os pelos do braço se arrepiarem. Perguntou-se pela milésima vez se seria capaz de se acostumar com as coisas estranhas que ouviria ou teria de fazer algum dia.

— Bem, acho que eu preciso ir até lá, não é mesmo? Preciso descobrir como ser a Morte... afinal, se as pessoas morrem todos os dias, já devo ter algum trabalho acumulado — ela disse, ainda em tom de brincadeira.

Durante o resto do dia Olivia continuou sentindo o formigamento em sua pele. Seus pais foram até a imobiliária tirar o anúncio de venda da propriedade e Cecília fez as malas para voltar para sua casa. Elas se despediram no aeroporto sentindo que talvez não voltassem a se ver tão cedo. Mas prometeram uma a outra manter contato, mesmo que Olivia fosse a Morte e Cecília uma atravessadora. Elas ainda poderiam ser amigas. Ela não sabia se a Morte tinha amigos, a julgar por Beth, não, mas ela sabia que se tinha um poder daqueles

nas mãos, faria coisas diferentes com ele.

No fim do dia o formigamento em sua pele já tinha se tornado uma coceira insistente, que começava a provocar brotoejas. Abara percebeu a reação e insistiu que deveriam procurar pela nova casa de Olivia, antes que algo pior acontecesse, ele não fazia ideia das consequências de não realizar o seu ofício.

Mais uma vez Olivia Holly entrava no cemitério na calada da noite. Abara a seguia de perto, mesmo assim, ela não esperava que fosse voltar a pisar ali tão cedo.

Queria pelo menos um tempo para se acostumar com a ideia do que se tornara agora, mas pelo jeito era querer demais.

Eles encontraram a abertura que os fantasmas haviam lhes mostrado. Olivia não queria entrar ali outra vez por nada no mundo, mas respirou fundo para encarar o que estava por vir.

Abara estava logo atrás dela. Eles avançaram pelo túnel que se encontrava do mesmo jeito, escuro e apertado. No entanto, quando chegaram perto da porta que tinham cruzado para entrar na sala de Beth, perceberam que o local havia mudado.

Agora não estavam mais diante de uma simples porta, mas de um portão enorme de grades pretas que cercava uma mansão sombria e agourenta, construída com telhado de lajotas pretas e madeira escura.

Todas as janelas estavam fechadas, incluindo as cortinas que eram amarelas. Não havia um jardim nem nada antes de se chegar aos degraus da varanda de entrada, apenas cascalho marrom.

Abara indicou os portões para Olivia, para que ela os abrisse. A garota o fez com facilidade. Nada estava trancado, ou pelo menos não estaria para ela.

— Isso é bom. A casa reconhece você como proprietária — ele disse hesitante, ainda do lado de fora. Não sabia se seria capaz de entrar ali, já que era um fantasma.

Ao perceber que ele não a seguia, Olivia perguntou:

— Você não vem?

Ele deu um passo vacilante para o lado de dentro e, como nada aconteceu, sentiu-se aliviado.

Olivia já estava abrindo a porta de entrada, que assim como o portão estava destrancada.

Com as luzes apagadas e todos os móveis cobertos por lençóis brancos, a garota quase morreu de susto. O lugar era assustador e ela nunca poderia morar ali, sendo a Morte ou não.

No entanto, depois de acender as luzes, sua visão do local mudou completamente. A casa era até aconchegante no quesito decoração. As paredes eram pintadas de uma cor creme agradável e tinham uma faixa de papel de parede de flores rosas bem delicadas. Os móveis estavam cobertos por lençóis, e as cortinas eram de um amarelo horroroso, mas o restante era bem bonito. O piso era de madeira encerada e clara, ao contrário da madeira que revestia a casa por fora.

A sala de entrada era imensa, ampla do tamanho de um salão de bailes. Uma lareira apagada estava no canto direito rodeada de poltronas cobertas por aqueles lençóis, uma mesa de centro pequena com pés em formato de garras acomodavam o aparelho de louça para o chá, talvez o mesmo em que Beth tivesse servido a bebida a eles.

Uma escadaria espiralada de madeira estava bem no Centro do cômodo, levando ao andar superior, mas Olivia ainda não tinha visto todo o andar de baixo.

Encontrou uma ampla sala de jantar com uma mesa muito longa, com vinte e uma

cadeiras, uma cozinha toda branca, com armários também de madeira clara.

Um vestíbulo onde poderiam ser guardados casacos, chapéus e guarda-chuvas, além de uma sala imensa que parecia ser a biblioteca, com a diferença de que as prateleiras altas não estavam abarrotadas de livros, mas sim de arquivos que podiam ser puxados por gavetas móveis.

O formigamento desapareceu assim que Olivia entrou naquela sala. Pelo jeito era ali o escritório da Morte. Ela e Abara percorreram a sala inteira, olhando alguns objetos. O fantasma evitou tocar em qualquer um dos arquivos. Não tinha ideia de até onde poderia ir ali dentro.

— Vamos olhar o andar de cima — disse Olivia, ultrapassando Abara.

Havia dez quartos na mansão. Todos eles com seu próprio banheiro. As camas eram de dossel com cortinas transparentes e os móveis ali em cima não estavam cobertos com lençóis, como se quem tivesse colocado o tecido estivesse com muita pressa para cobrir tudo no andar de cima.

— Por que tantos quartos? — Olivia perguntou. — Até parece que a Morte vai dar uma festa ou receber tantos hóspedes!

Abara riu. Nunca imaginou que um dia veria como aquela casa era por dentro. Muito menos que passaria de um mero auxiliar de atravessadora para ajudar a Morte. Ele não conhecia muito sobre o ofício da ceifadora de almas. Precisaria aprender o quanto pudesse para que continuasse ao lado de Olivia.

Pois, quando não tivesse mais nenhuma utilidade, ele teria de fazer a travessia de novo. Agora que ele sabia que fora Margareth a responsável por seu assassinato, que fora submetido à maior desilusão de vida após a morte, ele tinha certeza de que a próxima vez

que fizesse a travessia seria para um bom lugar, um no qual pudesse ficar para sempre.

Mas não era o que Abara desejava. Aliás, só o fato de ter se apaixonado por Olivia não transformara a descoberta da verdade sobre sua morte em algo tão doloroso. Ele queria mais do que tudo continuar ao lado dela, mesmo que tivesse que aprender e a se relacionar com outros seres que ele não tinha o menor desejo de chegar perto.

Em um dos quartos, um caderninho do tamanho da palma de uma mão estava aberto e chamava a atenção. Olivia o apanhou receosa e, antes que conseguisse olhar todas as páginas, viu um nome ser rabiscado ali por uma mão invisível.

— Anabel Frances — ela leu, entendendo o que precisaria fazer, sabendo até para onde deveria ir, antes mesmo de erguer os olhos da página. — Ah, não. Eu vou mesmo ter que recolher a alma dessas pessoas...

Olivia sabia que não havia como fugir, mas de alguma forma, ver o nome e entender o que ela deveria fazer, tornava aquilo mais real do que nunca.

Capítulo vinte e oito

Tarefa difícil

Olivia desceu as escadas ainda com os olhos pregados na folha do caderno que lhe mostrava o nome da alma que deveria buscar. Ela só não sabia como faria isso.

Então um barulho de uma pancada seca, como se algo pesado tivesse caído sobre o chão de madeira, se fez ouvir, sobressaltando a garota. O som vinha da cozinha. Quando ela se aproximou a passos vacilantes para espiar, um homem baixinho, roliço, com tufos brancos de cabelos do lado da cabeça e o topo completamente careca, olhos porcinos e negros, um bigode branco com as pontas espetadas, vestido com um terno amassado, mas ainda assim estiloso, se apresentou.

— Olá, Olivia. Seja bem-vinda! Eu sou Herb, o mordomo.

A garota o encarou fixamente por vários minutos, achando que não havia compreendido direito. A Morte tinha um mordomo? Abara estava de pé atrás dela e estava tão surpreso quanto a Holly.

— Ahn, tudo bem — ela disse, tentando disfarçar a sua surpresa. — Eu recebi um nome... ahn, de alguém que devo visitar... eu ahn... — ela não sabia como perguntar diretamente a ele o que deveria fazer.

Mas pelo jeito ele entendeu sem que ela precisasse especificar o seu problema.

— Você pode usar a porta da despensa sempre que estiver em casa e precisar ir buscar alguém — Herb esclareceu, indicando a porta de correr.

Olivia o encarou com dúvida. Não tinha achado o local adequado, certamente naquela casa imensa deveria existir outra porta que ela pudesse usar como portal para realizar seu trabalho, mas achou melhor não discutir.

Caminhou a passos vacilantes até ela, sem saber ao certo o que teria de fazer quando encontrasse a mulher que precisaria ir buscar.

— O seu amigo não vai poder ir junto — ele disse, assim que Abara se mexeu com o intuito de seguir Olivia.

— Ele pode ficar aqui, não é? Tudo bem se ele esperar? — Depois das histórias dos fantasmas que tentavam invadir a casa da Morte, Olivia estava apreensiva, não sabia se a presença de Abara quebrava alguma regra que ela ainda não conhecia.

— Certamente ele pode — respondeu Herb, todo solícito.

Então Olivia atravessou a porta, mergulhando mais uma vez naquela escuridão e no vazio que não a deixavam ver onde era o teto, o chão e o que havia ao seu redor.

Quando Olivia abriu os olhos novamente, estava no hall de entrada de uma casa mergulhada na penumbra. Faixas de luz entravam pelas persianas fechadas e a garota não conseguia distinguir muita coisa. Caminhou a passos vacilantes na direção de onde supôs ficar a sala de estar. Não sabia se deveria se anunciar, ou pedir licença por entrar na casa de alguém sem ser convidada. De repente ela entendeu como aquilo era estranho. Entrar na casa de alguém para levar sua alma embora. Muito esquisito.

Olivia encontrou a mulher encostada no sofá da sala, com o corpo dobrado e a mão no peito como se sentisse dor. Elas se encararam e se reconheceram imediatamente. De alguma forma inexplicável, Olivia sabia que aquela era Anabel e a mulher sabia que estava diante da Morte.

Então, em uma fração de segundo, tudo mudou. A mulher saiu correndo, saltando por cima do sofá. Olivia levou alguns segundos para entender que Anabel estava fugindo dela, e com sucesso.

A garota saiu correndo atrás da mulher, atravessou o gramado do vizinho, pulou uma cerca, correu pelas ruas de um bairro residencial tranquilo e pacato, mas perdeu Anabel de vista logo no início da perseguição. Ela não estava esperando por nada do tipo. Nunca imaginou que alguém pudesse correr da Morte.

Ela estava sentindo um misto de sensações, alívio, por não ter precisado ceifar a alma da mulher, e raiva, pois tinha falhado logo na sua primeira missão. Ela ainda não sabia se existia um centro de fiscalização do trabalho da Morte, mas certamente alguém cobraria dela pelo trabalho não concluído.

Olivia olhou ao seu redor mais atentamente, quando desistiu de vez de correr atrás da mulher. As casas estavam silenciosas e a rua sem movimento, porque ainda era muito cedo. O dia deveria ter acabado de clarear.

Ela olhou as placas dos carros para ter ideia de onde estava, pois nem isso sabia. Os veículos eram todo de Atlanta. Olivia soltou um suspiro baixo. Então era isso? Ela tinha mesmo a capacidade de se materializar onde fosse necessária.

A descoberta seria incrível, se a garota não estivesse tão confusa com o seu novo papel. Nem bem tinha aprendido todas as regras sobre ser uma atravessadora. Aliás, ela tinha quebrado uma regra básica, que colocou a vida de Noa em perigo. Tudo tinha sido culpa sua. Como poderia dar conta desse trabalho, que era ainda mais importante e cheio de mistérios?!

A garota andou sem rumo pelo que lhe pareceu mais de uma hora. Ela não sabia como

voltar para a casa onde Abara esperava. O mordomo tinha lhe dito que atravessar a porta a levaria aonde ela precisava, mas não tinha explicado como ela voltava.

Olivia fez de tudo para se concentrar, visualizar novamente a casa, a cozinha de onde tinha partido. Foram necessárias várias horas e as roupas ensopadas de suor frio para que ela conseguisse sentir aquele puxão, a fisgada que acabou levando-a de volta para a casa.

Abara e Herb esperavam apreensivos e pareceram aliviados ao vê-la surgir. Porém, logo repararam na expressão carrancuda da garota que contou a eles o que tinha acontecido. O fantasma ficou sem saber o que deveria comentar, mas o mordomo não se fez de rogado.

— Que azar, senhorita Olivia. Encontrar uma fugitiva logo na primeira missão é muito azar — ele disse em tom de condescendência.

— Como assim uma fugitiva? — Olivia se largou em uma das poltronas da sala, fatigada e aborrecida. Pelo jeito desempenhar o papel da Morte seria ainda mais difícil do que ela imaginara.

— São os Perierat, pessoas cujo tempo de vida terminou, mas que conseguiram fugir da Morte. Um problema bem grande, se quer a minha opinião.

— Problema? Estou encrocada porque não consegui fazer o meu trabalho? — Olivia estava mesmo preocupada que existisse alguém acima da Morte que logo apareceria para lhe cobrar a sua responsabilidade.

— Bem, eu não diria que seja esperado que as pessoas fujam da Morte. Isso espalha o caos nos dois lados, tanto no mundo dos vivos, quanto no mundo dos mortos.

A garota engoliu em seco. Não fazia ideia de com que estava lidando.

Mesmo que se sentisse cansada, Olivia não estava com sono, parecia que nunca mais

seria capaz de dormir na vida. Abara percebeu a frustração e impaciência da garota.

Nem ele entendia direito qual seria o seu papel ao lado de Olivia, uma vez que ele próprio não conhecia todas as respostas que ela precisava, mas de uma coisa ele tinha certeza: não queria ficar longe dela.

O fantasma se aproximou da garota e a envolveu em seus braços, deslizando uma das mãos pelos cabelos dela.

Olivia sentiu a diferença no toque deles. Antes, quando eles se beijaram no mundo dos vivos, a sensação tinha sido diferente, mais fria, agora era como se ambos fossem iguais. Ela conseguia sentir todas as terminações nervosas de seu corpo se ativarem ao toque de Abara.

Ele pressionou seu corpo contra o dela e a beijou ternamente. Estava mais do que disposto a fazer aquilo, desde que ambos tinham descoberto a verdade sobre o passado de Abara e Margareth naquele cemitério.

A garota não recuou, nem pensou em impedir o beijo. Ela estava sozinha, com uma responsabilidade que não entendia, condenada a arrasar a vida de pessoas, talvez pessoas que ela gostasse. Ter Abara ao seu lado era a única coisa que a impedia de enlouquecer totalmente.

O beijo foi interrompido pelo toque da campainha: alto, estridente, de fazer o sangue gelar.

— Mas quem é o maluco que está visitando a Morte? — A garota deixou escapar, surpresa com o fato de estar recebendo visita naquele lugar.

Herb certamente já tinha aberto a porta, pois era possível ouvir vozes na entrada.

Olivia e Abara foram ver quem era e deram de cara com um homem e uma mulher, ambos

extremamente bem vestidos.

Ele era grisalho, alto, de rosto bondoso, olhos azuis e um sorriso que lhe pareceu franco. Usava um terno cinza bem cortado e impecavelmente passado. Ela estava com um vestido vermelho sangue, até os joelhos e de gola alta, os ombros magros e pálidos estavam à mostra. Tinha olhos castanhos e cabelos pretos. Os lábios estavam pintados de vermelho, assim como o vestido. Ela não parecia nada amigável.

— Por aqui, senhor e senhora Gibbs, por aqui — dizia Herb, conduzindo as visitas até a sala de estar.

Sem saber direito quem eram aquelas pessoas e o que elas faziam ali, Olivia e Abara não tiveram alternativa a não ser segui-las.

O homem e a mulher foram logo se sentando, cada um em uma ponta do sofá, sem cerimônia. Olharam para Olivia parada no patente da porta e a mulher ergueu uma sobrancelha.

— Vamos, garota. Sente-se. Temos algumas coisas para conversar.

Olivia ficou sem jeito. Era uma sensação estranha, estava se sentindo uma intrusa na casa que agora deveria ser sua. Eles nem sequer notaram a presença de Abara, ou fingiram não reparar.

— Você deixou um Perierat escapar hoje — começou a mulher. Olivia tinha certeza de que isso ia acontecer, certamente aqueles dois eram seus superiores no mundo dos mortos. — Os Perierats estão se tornando um problema para nós. — A mulher estendeu um caderno de couro negro na direção da garota, que levou alguns segundos para entender que a mulher queria que ela olhasse o material. — Existe um desequilíbrio que precisa ser reparado com o máximo de urgência e discrição.

A garota continuava sem entender metade das palavras que estavam lhe dizendo.

— Você precisa encontrar os Perierats, é a sua prioridade. Todo o trabalho de ceifar almas está suspenso até que eles sejam encontrados e mandados para o mundo dos mortos. Você entende o caos que isso vai acarretar?

Olivia engoliu em seco pela segunda vez em pouco tempo.

— Bem, na verdade não... as pessoas só vão deixar de morrer por um tempo, é isso?

A mulher revirou os olhos, suspirou exasperada e olhou para o homem em busca de forças para continuar a explicar àquela garota ignorante tudo o que precisava.

— Beth foi uma trapaceira em tornar você a Morte sem lhe explicar o básico. Isso precisa ser remediado. — A mulher estralou os dedos e, de repente, Beth, a velhota, apareceu sentada bem no meio do homem e da mulher no sofá.

Ela estava confusa, olhou ao redor assustada e então entendeu, ao reconhecer o casal que estava ao seu lado.

— Beth vai lhe contar o que é preciso saber, Olivia. Como deveria ter feito desde o início. E por ter feito uma barganha sem autorização com você, está condenada a permanecer para sempre nessa casa, sem poder sair para lugar algum, até que você tenha plenos conhecimentos sobre o seu novo ofício.

Olivia achou que Beth fosse virar uma fera, afinal, ela só se metera nessa porque a velhota estava louca para deixar de ser a Morte, no entanto, Beth ficou caladinha, sem nada a dizer.

— Eu sou Joceline, a guardiã da última passagem. Esse é meu marido Albert. Somos os seus superiores.

Olivia assentiu, não sabia o que responder. Não quando as coisas eram colocadas

daquela maneira. Quando duas pessoas castigavam uma terceira na sua frente, não havia muito o que poderia ser dito.

— O trabalho que precisamos que você faça é de suma importância. Não pode ser adiado e nem negligenciado. Se os Perierats continuarem enganando a Morte, os vivos e os mortos vão sofrer. Não podemos deixar que a situação saia do controle.

Olivia assentiu apressada uma segunda vez, percebendo que era a resposta que a mulher desejava.

Então, rápido e sem aviso, assim como eles haviam chegado, Joceline e Albert Gibbs foram embora, deixando o caderno de couro nas mãos de Olivia e muitas perguntas sem resposta.

Quando o homem e a mulher saíram da casa, Beth voltou a ter voz e a ser uma velha reclamona.

— Onde já se viu! Eu servi por mil anos ou mais, e quando finalmente estou descansando em uma rede, aqueles dois me arrancam de lá e me enviam de volta para essa casa! É um ultraje! — Ela dizia, arrastando as sapatilhas encardidas até a biblioteca, como se estivesse em casa, o que de fato ela estava, pois Olivia ainda não estava pensando na casa da Morte como sendo a sua própria casa agora. — Herb, traga dois bules de chá e biscoitos! Ande! Mexa o seu traseiro e trabalhe!

O mordomo, que tinha assistido a tudo calado, de pé em um canto em que quase não era notado, olhou para Olivia e disse:

— Eu devo avisá-la de que ela não é mais a dona da casa, ou você mesma se encarrega disso?

Olivia sorriu resignada. Pelo jeito Herb e Beth não eram melhores amigos.

— Leve o chá para a gente, Herb. Acho que talvez nós vamos precisar dele — disse a garota, seguindo Beth até a biblioteca.

A velha já estava sentada em uma das poltronas com uma cara de poucos amigos, mastigando a própria língua e emitindo estalinhos desagradáveis.

— Muito bem, garota — ela foi logo dizendo, assim que Olivia entrou, seguida de Abara. — Para lhe ensinar tudo o que eu sei, vou precisar contar a minha história. Pegue papel e caneta, pois não pretendo contá-la duas vezes. Um dia você vai precisar contá-la a alguém também.

Olivia ficou na dúvida se fazia ou não o que a velha estava dizendo. Mas assim que Herb chegou com o chá em três xícaras, aparentemente Abara seria capaz de beber chá no mundo dos mortos, a garota soube que Beth tinha mesmo algo importante para contar.

A garota pegou um bloco de anotações que estava sobre uma das mesinhas espalhadas em torno das prateleiras e uma caneta. O que ela estava prestes a ouvir, provavelmente mudaria um pouco mais o seu futuro.

Capítulo vinte e nove

Como eu cheguei aqui

Meu nome é Olivia Holly, eu sou a nova Morte e minha irmã, Lauren, é uma atravessadora. É difícil contar como cheguei até aqui, mas agora você já sabe. Eu relutei em aceitar quem eu estava destinada a ser, relutei em aceitar o legado das atravessadoras e quebrei muitas regras no curto período de tempo enquanto estava aprendendo a lidar com as almas que eu deveria atravessar para o Outro Mundo.

Eu tenho permissão para ir aonde quiser. Posso visitar Lauren e meus pais sempre que quero, mas às vezes, quando acho que faz apenas alguns dias que não os vejo, chego para descobrir que já se passaram meses desde minha última visita. O tempo precisa ser vigiado. Eu preciso vigiá-lo.

Tenho uma lista de fugitivos que preciso encontrar. Esse é um trabalho do qual eu não posso me esquivar. Aprendi como aparecer e desaparecer de lugares, aprendi onde fica cada cômodo dessa casa e aprendo todos os dias com os arquivos dessas pessoas que fugiram da Morte.

Abara continua aqui, sempre presente para me ajudar. Se não fosse por ele, talvez eu não pudesse suportar o dever que devo desempenhar. Beth também está sempre aqui, ela não pode deixar essa casa. A cada dia ela encontra algo que esqueceu de me contar sobre

o ofício.

Mas nós duas sabemos que ela foi condenada à casa porque fez uma barganha ilegal comigo, quando eu mais precisava de ajuda para impedir que Lauren e Noa morressem por meus erros.

Noa... quando penso nele sinto saudades. Eu me apaixonei verdadeiramente por todas as possibilidades que Noa me daria, mas estraguei tudo ao contar a ele mais do que ele poderia suportar. Agora sei que ele está bem, de uma forma estranha sei que só vou precisar buscá-lo quando ele tiver noventa anos, até lá, não quero aparecer para estragar a calma e a ordem que ele reencontrou depois de ter feito uma viagem experimental pelo mundo dos mortos.

Cecília e outras duas atravessadoras, Bia e Beck, me visitam com frequência. Ser a Morte me dá algumas regalias, como receber as visitas que eu quiser. Ciza me apresentou às suas amigas e conversar com elas é o que me impede de enlouquecer.

Desde a visita de Joceline e Albert, eu tenho me concentrado em buscar os fugitivos. Os Perierats, como eles os chamam. Confesso que, o que no início pareceu apavorante, se tornou um desafio.

De uma forma que eu não entendia antes, sei que todos têm o seu tempo de vida contado. Temos uma série de coisas a serem realizadas no mundo dos vivos, e quando terminamos nossa lista de tarefas inconscientes, o nosso tempo acaba.

A Morte, no caso eu, só tem a missão de buscar essas almas, fazê-las entender que o tempo acabou e ceifa-las. Então, elas são encaminhadas para as atravessadoras e fazem a travessia para o lugar que merecerem. É um processo, quase automático, não fosse por esses fugitivos.

Beth estava cansada do serviço principalmente por causa deles. Ela não dava mais conta de encontrar todos os que viviam se escondendo dela. Eu fui uma presa fácil para que ela se visse livre, mas agora entendi que ninguém é totalmente livre de seu destino.

Do caderno de couro negro, literalmente um caderninho negro, eu já encontrei três nomes das centenas que se aglomeram pelas folhas. Uma mulher de oitenta anos que vivia em uma montanha, um rapaz de vinte e seis anos que escapou de mim quatro vezes em acidentes extremamente violentos, e uma moça que se curou de doenças graves.

Encontrá-los foi especial. Eles relutaram muito em partir, em deixar o mundo dos vivos. Os Perierats são almas muito agarradas à vida na Terra. De uma forma ou de outra esses fugitivos têm os seus motivos para continuarem me evitando. Eles querem mais tempo, mais tempo com os que amam, mais tempo para realizar coisas que ainda desejam, mais tempo para aquele jantar que nunca marcam, mais tempo com filhos, mais tempo com o mundo dos vivos, que pulsa cheio de energia.

Mas eles só estão com medo de que não haja nada do outro lado. Eu tenho lhes assegurado de que há muito do outro lado. Coisas que nem mesmo eu ainda sei, e olha que agora sou a Morte, faço parte do tipo do Outro Mundo.

Encontrar alguns Periarets, às vezes, é mais fácil do que outros. No entanto, tem um nome, o de um casal que já encontrei duas vezes e ambos fugiram novamente antes que eu pudesse levá-los para o Outro Mundo. Eles são os mais determinados a continuarem vivos, isso eu sei.

Conheço a ficha deles inteira. Talvez isso tenha sido um erro. Beth disse para que eu não olhasse demais os registros das almas que eu devo buscar. Ela tem medo que eu acabe sentimental demais em alguns casos. É possível ter uma enorme empatia em alguns

casos, quando a história de vida da pessoa é muito interessante. Ler os registros minuciosos pode ainda lhe dar a falsa sensação de que você os conhece, de que os conhece a vida inteira, e se não se policiar, acaba deixando surgir um senso de amizade que só atrapalha o serviço.

Esse casal, eles me fizeram sentir isso. Tenho buscado um a um os nomes da lista, mas esses dois eu sempre acabo adiando, sempre protelo mais um tempo.

Talvez no fundo eu nem queira levá-los. Não queira fazer mal a eles. Eu sei que não deveria estar pensando neles agora. Sei que não deveria ficar me perguntando o que eles farão com o tempo extra que estão usando.

Mas é inevitável. Eu penso neles o tempo todo. Como se eles fossem uma curiosidade. Um experimento que sou assistindo.

Joceline e Albert têm acompanhado meu progresso de perto. Eles não podem nem sonhar que eu estou evitando ir atrás desses dois. Se soubessem, certamente eu seria punida.

Descobri recentemente que ter acesso ao registro de vida e morte das pessoas me dá uma série de poderes. Eu posso adiar algumas datas, eu posso conceder mais tempo.

Mas tem de ser algo que eu decida fazer por merecimento, e é algo que não pode ser feito a qualquer um, muito menos quando eu bem entendo.

Estou considerando dar esse tempo a esses dois. Eles acabaram de se conhecer, sabe. São muito jovens e apaixonados. De certa forma, sempre que eu espio a história deles, lembro do que aconteceu a Abara, Luísa e Margareth.

O problema é que eu não posso conceder mais tempo a dois fugitivos. Esses são os únicos que não podem ganhar um minuto a mais da Morte, pois já roubaram o máximo de

tempo a mais que lhes era permitido.

Eis que a minha vida não tem sido fácil. Estou sentada em frente a uma casa amarela, esperando uma mãe e uma garotinha saírem de carro. São duas fugitivas. Eu as encontrei e preciso levá-las agora. Pelo menos sei que elas são de Lakewood, Lauren vai recebê-las e atravessá-las com carinho para um bom lugar.

Essa agora é quem eu sou. Se alguém escapar de mim nos próximos séculos, vai contar às pessoas que a Morte tem cabelos cor de fogo, olhos de duas cores e veste uma camiseta do Nirvana e All Star azul Chuck Taylor.

Mas, estou contando isso a vocês para pedir ajuda. Existem pessoas aos montes por aí que escaparam quando não deveriam escapar.

Acidentes onde quase todos morreram, doenças incuráveis que desapareceram, o fato de não estarem no local em que deveriam estar e escaparem de uma tragédia. Todo mundo conhece alguém assim.

Se você conhece alguém, ligue no telefone abaixo.

As pessoas não podem fugir de mim, assim como os mortos não podem andar livremente pelo mundo dos vivos.

Meu nome é Olivia Holly e, quando eu aparecer para buscá-lo, lembre-se de ser gentil e de que só estou fazendo o meu trabalho.

FIM

Nota da Autora

Comecei a escrever *As Atravessadoras* em 2014. Antes de concluir esse livro terminei outros dois, até que o final das irmãs Holly finalmente saiu. Eu sempre deixava o final das irmãs Holly para depois, porque, no fundo, eu sabia no que Olivia se transformaria para salvar a vida da irmã.

Eu gosto muito de Olivia e Lauren, espero que tenha conseguido fazer com que você também goste delas. Talvez seja porque eu e minha irmã dividimos um quarto no qual escutamos barulhos estranhos até hoje e, de alguma forma, quis resgatar esse tipo de relação familiar.

Alguns livros não são fáceis. Esse foi particularmente difícil. Gosto bastante das possibilidades que ficaram abertas. Foi um dilema encerrar a trama, gostaria que vocês soubessem, pois eu queria contar o restante, a parte em que Olivia passa a procurar os fugitivos, mas então não haveria mais sentido em o livro se chamar *As Atravessadoras*, algo que imaginei desde o início.

Então decidi mostrar tudo o que levou Olivia até esse momento final. O restante pode vir com o tempo, ou pode não vir. De toda forma, vocês sabem o que ela está fazendo no momento e estão avisados para correr caso encontrem uma ruiva com os olhos de duas cores.

Espero que tenham se divertido até aqui, com mais esse livro. Muito obrigada por lerem minhas histórias.

Até o próximo livro,

Mariana Lucera

Contato da autora: <https://www.facebook.com/mariana.lucera>

